



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ARTES

ADRIANA GABRIELA SANTOS TEIXEIRA

**IABÁ EM MIM,
IDENTIDADES, AFETIVIDADE E FLUIR:
COSMOPERCEPÇÕES DE UMA PERFORMANCE GIRA-MUNDO**

***IABÁ IN ME,
IDENTITIES, AFFECTIVITY AND FLOW:
COSMOPERCEPTIONS OF A “SPIN-WORLD” PERFORMANCE***

Campinas

2024

ADRIANA GABRIELA SANTOS TEIXEIRA

**IABÁ EM MIM,
IDENTIDADES, AFETIVIDADE E FLUIR:
COSMOPERCEPÇÕES DE UMA PERFORMANCE GIRA-MUNDO**

***IABÁ IN ME,
IDENTITIES, AFFECTIVITY AND FLOW:
COSMOPERCEPTIONS OF A “SPIN-WORLD” PERFORMANCE***

Tese apresentada ao Instituto e Artes da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Artes da Cena, área de Teatro, Dança e Performance.

Thesis presented to the Arts Institute of the University of Campinas in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor in Performing Arts, in the area of Theatre, Dance and Performance.

Supervisora/Orientadora: Profa Dra. Gina Maria Monge Aguilar.

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO/TESE DEFENDIDA PELA ALUNA ADRIANA GABRIELA SANTOS TEIXEIRA, E ORIENTADA PELA PROFA. DRA GINA MARIA MONGE AGUILAR.

Campinas

2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Artes
Sílvia Regina Shiroma - CRB 8/8180

T235i Teixeira, Adriana Gabriela Santos, 1986-
labá em mim, identidades, afetividade e fluir : Cosmopercepções de uma
performance gira-mundo / Adriana Gabriela Santos Teixeira. – Campinas, SP :
[s.n.], 2024.

Orientador: Gina Maria Monge Aguilar.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),
Instituto de Artes.

1. Dança. 2. Feminismo negro. I. Monge Aguilar, Gina Maria, 1977-. II.
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Artes. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: labá in me, identities, affectivity and flow : Cosmo perceptions of a
spin-world performance

Palavras-chave em inglês:

Dance

Black feminism

Área de concentração: Teatro, Dança e Performance

Titulação: Doutora em Artes da Cena

Banca examinadora:

Gina Maria Monge Aguilar [Orientador]

Adriana Moreira Silva

Osvanilton de Jesus Conceição

Larissa Sato Turtelli

Paula Caruso Teixeira

Data de defesa: 25-07-2024

Programa de Pós-Graduação: Artes da Cena

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-6935-067X>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7301451455176935>

Folha de Aprovação

COMISSÃO EXAMINADORA DA DEFESA DE /DOUTORADO

ADRIANA GABRIELA SANTOS TEIXEIRA

ORIENTADOR(A): PROFA DRA GINA MARIA MONGE AGUILAR

MEMBROS:

1. PROF(A). DR(A). GINA MARIA MONGE AGUILAR
2. PROF(A). DR(A). ADRIANA MOREIRA SILVA
3. PROF. DR. OSWANILTON DE JESUS CONCEIÇÃO
4. PROF(A). DR(A). LARISSA SATO TURTELLI
5. PROF(A). DR(A). PAULA CARUSO TEIXEIRA

Programa de Pós-Graduação em (Artes da Cena do Instituto de Artes da Universidade
Estadual de Campinas.

A ata de defesa com as respectivas assinaturas dos membros da comissão examinadora encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

DATA DA DEFESA: 25.07.2024

Eu sou uma com a força da natureza.

*Enquanto não há circunstância de paz, danço o ser eterno não
circunstancial atravessando o existir.*

*Bênçãos Mães Criadoras e Mantenedoras da Vida, de minha Consciência
Negra, forças da natureza, raízes de nobreza, Iabás, Ìyamís.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço às Grandes-Mães, Ìyamís, a Olorum, às Iabás, aos Orixás, ao meu Orí, a toda a ancestralidade Africana, Afrodiaspórica, Afroindígena e demais raízes que caminham e caminharam comigo este caminho desafiador. Agradeço a todos os seres divinos, a toda partícula sagrada, em forma de natureza, em todas as suas diversas formas, em forma de natureza humana, que me nutrem, ensinam, in.formam, compreendem, amparam, inspiram, orientam e me conduzem a conhecer a mim, ao mundo e a mim no mundo e para além dele. Agradeço à Unicamp, à Capes, à Univesp pelo apoio institucional recebido e através das bolsas que auxiliaram a realização desta pesquisa, e à Secult-BA pelo apoio através de editais de mobilidade e intercâmbio artístico e cultural que possibilitaram a experiência e o compartilhamento de aspectos importantes desta pesquisa em outros países. Agradeço à grande Arte querida, à Criação e a todas as pessoas – família, amizades, afetos, professoras e professores, colegas, orientadoras, banca, participantes das giras e todes que cruzaram meus caminhos - que com amor contribuíram com este trabalho, e também àquelas que não puderam atrapalhá-lo e me oportunizaram aprender a ser ainda mais forte em minhas sensibilidades. Reconheço e honro este caminho. Agradeço por ter caminhado até aqui.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), através da concessão de Bolsa de DSE CAPES/Print N° 88887.468444/2019-00 e Bolsa CAPES PROEX - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Este trabalho é raiz, flor e fruto da jornada da autora em sua relação com as Iabás, vivenciada através de viagens, andanças, danças, encontros e desencontros, em meu território íntimo e interior, meu universo poético, corpo-expandido, emoções, psique e transcendências, e no território físico exterior-mundo, em ramagem com estudos do Feminismo Negro. Centrei o olhar na performance cênica ritual afro-feminina, como prática de descolonização, buscando manter o corpo aberto à reflexão, à operação de mudanças e à criação de uma interlocução com a ressignificação simbólica e corporificada de subjetividades, tecendo pontes para a compreensão das interseccionalidades de marcadores sociais, através da sistematização corporificada de narrativas, saberes situados e revisitados da cosmogonia das mães ancestrais africanas, através de oralituras e escrevivências. Conectada à Prática como Pesquisa e ao processo criativo de encenação, desenvolvi ainda, práticas, experimentações e intervenções através da “Gira para as Iabás”, Orixás femininas, que referendam as mães ancestrais. Concebendo a celebração destas forças femininas como um escopo em que é possível perceber lugares e qualidades de presença possíveis em uma performance cênica ritual, dando assim desenvolvimento ao estudo desta linguagem e as poéticas aí latentes em diversos contextos. Localizo a própria caminhada da pesquisa como performance- ritual de memória, tecida por encontros afrodiaspóricos. Nestes trajetos compartilhei e recebi saberes e corporais através das Giras, prática central da pesquisa, compreendendo-me como corpo-iabá, corpo-terreiro, em uma Gira-mundo, corpo celebrativo que nos encontros do ir e vir, do girar e do se abrir, se recorda, se faz e refaz, no espaço-tempo mundo, angariando sensorialidades, afetividades, materialidades, e inspirações que remontam a vida: travessia encorpada por saberes ancestrais.

Palavras-chave: Gira-mundo, Dança, Performances Afrofemininas, Corpo-Iabá. Feminismo Negro, Giras, CAP (Creative Articulations Process).

ABSTRACT

This work is the root, flower and fruit of the author's journey in her relationship with the Iabás, experienced through travel, wanderings, dances, meetings and disagreements, in my intimate and interior territory, my poetic universe, expanded body, emotions, psyche and transcendences, and in the physical territory outside, the world, in conjunction with studies of Black Feminism. I focused my attention on Afro-feminine ritual scenic performance, as a practice of decolonization, seeking to keep the body open to reflection, the operation of changes and the creation of a dialogue with the symbolic and embodied resignification of subjectivities, weaving bridges for the understanding of intersectionalities of social markers, through the embodied systematization of narratives, situated and revisited knowledge of the cosmogony of African mothers, through "oralituras" e "esrevivencias" written by embodied knowledge experiences. Connected to Practice as Research and the creative process of staging, I also developed practices, experiments and interventions through the "Gira para as Iabás", female Orixás, which refer to ancestral mothers. Conceiving the meeting of these feminine forces as a scope in which it is possible to perceive possible places and qualities of presence in a ritual scenic performance, thus providing development for the study of this language and the poetics latent therein in different contexts. I locate the research journey itself as a performance-ritual of memory, woven by Afrodiasporic encounters. On these paths, I shared and received knowledge and vital bodies through the Giras, a central practice of the research, understanding myself as an iabá-body, a terreiro-body, in a Gira-mundo (Spin-world), a celebratory body that in the encounters of coming and going, of spinning and opening, remembering, is made and remade, in the space and time, world, gathering sensorialities, affections, materialities, and inspirations that go back to life: a full-bodied journey through ancestral knowledge.

Keywords: Spin-world, Dance, Afrofeminine Performances, Corpo-Iabá. Black Feminism, Giras, CAP (Creative Articulations Process).

LISTA DE FIGURAS

Figura1, <i>Iabás</i> . Pintura da Autora, Adriana Gabriela.	P.23
Figura 2, Performance <i>Saudação às Águas</i> , Grenoble, França, 2020. Foto por Tamara Leal	P. 24
Figuras (3,4,5,6) do vídeo-performance <i>Caminhos de Rosa</i> , Foster Park, Londres, 2020. Filmagem por Paola Beauty, Prints de imagem feito pela autora.	P. 24 e 25
Figura 7, <i>Sankofa</i> . magem extraída do site: https://segredosdomundo.r7.com/sankofa-significado-simbolo/	P.27
Figura 8, <i>Xangô Mirim</i> . Pintura da autora, Adriana Gabriela.	P.32
Figura 9, <i>Exú, O cavaleiro andante</i> . Pintura da autora. Adriana Gabriela.	P. 43
Figura 10, <i>Obaluaê</i> . Pintura da autora, Adriana Gabriela.	P. 44
Figura 11, <i>Iemanjá</i> . Pintura da autora, Adriana Gabriela.	P. 45
Figura 12, <i>Choveu uma meninice Oxumaré</i> . Pintura da autora, Adriana Gabriela.	P. 45
Figura 13, <i>Iyá oro miô</i> . Pintura da autora, Adriana Gabriela.	P. 51
Figura 14, <i>Nanã</i> . Pintura da autora, Adriana Gabriela.	P. 52
Figura 15, Foster Park, Londres 2020. Imagem da Autora.	P.54
Figura 16, <i>Senhoras do Pássaro da Noite</i> . Imagem da autora, Adriana Gabriela.	P. 61
Figura 17, Luanda-Angola, 2019. Foto por Deisiane Barbosa.	P.67
Figura 18, <i>coleção Oxum</i> . Pintura da autora, Adriana Gabriela.	P.78
Figura 19, Mapa Mental, Londres, 2020. Pela autora, Adriana Gabriela.	P.81
Figuras 20, 21 e 22. Fotografias e colagens de percurso, (20) <i>Water</i> , (21) <i>Womb</i> , (22) <i>Way</i> , Londres, 2020. Imagens pela autora, Adriana Gabriela.	P. 81
Figura 23, Londres 2020. Imagem pela autora.	P. 82
Figuras 24 e 25. Londres 2020. Imagens pela autora.	P. 89
Figuras 26 e 27, Londres 2020. Imagens pela autora.	P. 92
Figuras 28, 28, 30 e 31, Londres 2020. Imagens acima, pela autora.	P.93
Figuras 32, 33, 34 e 35, Londres 2020. Imagens pela autora.	P.95
Figuras 36 e 37, Londres 2020. Imagens pela autora.	P.96
Figuras 38, 39, 40, 41, 42 e 43, Londres 2020. Imagens, pela autora.	P.97

Figura 44, Jardim, Londres, 2020. Imagem pela autora.	P. 98
Figuras 45, 46, 47 e 48, Cabaças, Londres 2020. Imagens, pela autora.	P. 98
Figuras 49, 50, 51 e 52, Londres 2020. Imagens pela autora.	P. 99
Figura 53, Tecido, Luanda 2019. Imagem pela autora.	P. 99
Figura 54, Paris, 2020. Imagem pela autora.	P. 99
Figura 55 e 56, pôr-do-sol, Barão Geraldo. Imagens pela autora.	P.100
Figura 57, Baía de Todos os Santos, Salvador-BA, 2019. Imagem pela autora.	P.101
Figura 58, Baía de Todos os Santos, Salvador-BA, 2019. Imagem pela autora.	P.101
Figura 59, abaixo-direita, Baobá na Ilha de Luanda, Figura 60, esquerda, Tenda de Luzía, Luanda, 2019. Imagens pela autora.	P.105
Figura 61, <i>Colagem</i> , à Direita: Ilustração – Magia do Dendê; ao Centro: Cabaça; à Esquerda: Cora. Imagens e Colagem pela autora.	P. 106
Figura 62, <i>Colagem</i> , à Direita: Gira em CDMX; ao Centro: Mugunzá; à Esquerda: Loja Afro. Imagens e Colagem pela autora.	P. 107
Figura 63, <i>Colagem</i> , registros de caminhos em Londres, 2020. Imagens e Colagem pela autora...P.107	
Figura 64, <i>Resistência poética</i> , Londres, 2020. Imagem pela autora.	P. 110
Figura 65, Paris, 2020. Imagem pela autora.	P. 111
Figura 66, <i>Gira pessoal</i> , Londres, 2020. Imagem pela autora.	P.112
Figuras 67 e 68, Poesia Ilustrada da autora. Imagens pela autora.	P. 114
Figura 69, Espaço de cerimônias, Aldeia Mati Txana Mukaia, Acre, 2022. Foto pela autora.	P. 116
Figuras 69 e 70, imagens de cerimônia na Aldeia Mati Txana Mukaia, Acre, 2022. Imagens pela autora.	P.117
Figura 72, Imagens criativas de um corpo-semente em relação vital. Diário de campo, 2019. Imagem pela autora.	P. 120
Figura 73, Colagem, <i>Nós</i> , Luanda, 2019. Imagens e Colagem pela autora.	P.120
Figura 74, Luanda, CCBA, 2019. Imagem por Deisiane Barbosa. ...	P.121
Figura 75, Ilustração do Poema <i>Alma Feminina</i> da autora. Imagem pela autora.	P.163
Figura 76, Foster Park, Londres 2020. Imagem pela autora.	P.170
Figura 77, Gira, CCBM – CDMX, 2018. Foto por Laiana Vieira.	P.173

Figura 78, Gira no Centro Cultural do Brasil no México, CDMX, 2018. Foto por Laiana Vieira.	P.175
Figura 79, Gira no Centro Cultural do Brasil no México, CDMX, 2018. Foto por Laiana Vieira.	P.176
Figuras 80 e 81, Gira no Centro Cultural do Brasil no México, CDMX, 2018. Imagens por Laiana Vieira. ...	P.177
Figuras 82 e 83, Elementos Poéticos-Rituais: Gira CCBM, CDMX, 2018. Imagens por Laiana Vieira. ...	P.178
Figuras 84 e 85, Elementos Poéticos-Rituais: Gira no Centro Cultural do Brasil em Angola, 2019. Imagens por Deisiane Barbosa.	P.178
Figuras 86, 87, 88, 89, Gira, Centro del Imagen, Exposição Amefricanos, CDMX, 2018. Imagens por <i>Centro del Imagen</i>	P.179
Figura 90, preparação do altar e momentos iniciais de diálogo da Gira, Centro del Imagen, CDM, 2018. Imagem por <i>Centro del Imagen</i>	P. 180
Figuras 91 e 92, Gira, Pátio, Centro del Imagen, CDMX, 2018. Imagens por Mirella Ferreira.	P.180
Figura 93, Barracão Terreiro do Gantois, finalização de uma mesa com a Feminária Musical em partilhas acadêmicas sobre arte e gênero no III ENNA (Encontro Novembro Negro nas Artes). Imagem, autoria do evento, III ENNA. ...	P. 181
Figura 94, Bosques de Coyoacan, CDMX, 2018. Foto por Mariana Berlanga.	P.183
Figura 95, Bosques de Coyoacan, CDMX, 2018. Foto por Mariana Berlanga.	P. 184
Figura 96, Bosques de Coyoacan, CDMX, 2018. Foto por Mariana Berlanga.	P.185
Figura 97, Preparação para vaporização do útero, Londres 2020. Na imagem, eu, recipiente com água e ervas, incenso, cabaça, vela, uma xícara de chá, diário e almofadas para apoiar as pernas. Imagem pela autora.	P.188
Figura 98, <i>Femininas Poéticas Rituais Sagradas</i> , Barracão Terreiro do Gantois, III ENNA. Imagem, autoria do evento, III ENNA.	P.191
Figura 99, Barracão Terreiro do Gantois, com a Feminária Musical, III ENNA. Imagem, autoria do evento, III ENNA.	P.191
Figura 100, Espaço Cultural Vovó Conceição_Terreiro da Casa Branca, Salvador, 2019. Imagem por Paulo de Castro.	P.195
Figuras 101 e 102, Espaço Cultural Vovó Conceição_Terreiro da Casa Branca, Salvador, 2019. Fotos por Mirella Ferreira.	P.196
Figuras 103, Espaço Cultural Vovó Conceição_Terreiro da Casa Branca, Salvador, 2019. Imagem por Paula de Castro.	P. 196

Figuras 104, 105 e 106, abaixo, Espaço Cultural Vovó Conceição_Terreiro da Casa Branca, Salvador, 2019. Imagens por Paula de Castro.	P.197
Figura 107, Pôr do Sol e Baobá na Ilha de Luanda, Angola, 2019. Foto da autora.	P. 198
Figura 108, <i>FloreScer</i> , CCBA, Luanda, 2019. Foto por Deisiane Barbosa.	P.202
Figura 109, <i>FloreScer</i> , CCBA, Luanda, 2019. Foto por Deisiane Barbosa.	P.203
Figura 110, <i>Lançamento de livro</i> , CCBA, Luanda, 2019. Imagem por Deisiane Barbosa.	P. 204
Figuras 111, 112 e 113, <i>A poesia em todo Ser</i> , CCBA, Luanda, 2019. Imagens por Deisiane Barbosa.	P. 204 e 205
Figura 114, Oduduwa Templo dos Orixás, Mongaguá-SP, 2018. Imagem por uma outra visitante do templo (nome desconhecido).	P.206
Figura 115, Calendário, Oduduwa Templo dos Orixás, Mongaguá-SP, 2018. Imagem pela autora.	P.206
Figura 116, Festival das Ìyamís, Cortejo, Mongaguá-SP, 2018. Print de vídeo, print feito pela autora.	P. 209
Figura 117, Cortejo, Festival das Ìyamís, Mongaguá-SP, 2018. Print de vídeo, print feito pela autora.	P.210
Figura 118, Sinalização na entrada do Foster Park, 2020. Imagem pela autora.	P. 222
Figuras 119 e 120, Foster Park, Londres 2020. Fotos pela autora.	P.229
Figura 121, Diário, Opening/Abrindo, DSE, Londres, 2020. Imagem pela autora.	P.237
Figura 122, Diário, Situating (Situando), Delving (Investigando), DSE, Londres, 2020. Imagem pela autora.	P.237
Figura 123, Diário, Raising (Ascendendo), Anatomazing (Anatomizando), DSE, Londres, 2020. Imagem pela autora.	P.238
Figura 124, Outwarding (Externalizando), DSE, Londres, 2020. Imagem pela autora.	P.238
Figura 125, Manifestação pelo Chile. Paris, 2020. Foto pela autora.	P.240
Figura 126, rua em Paris, 2020. Imagem por Santiago Silo.	P.245
Figura 127, 128, 129 e 130, Manifestação <i>Black Lives Matter</i> (Vidas Negras Importam), Londres, 2020. Fotos pela autora.	P. 246 e 247
Figura 131, <i>The Broadway Theatre</i> , Catford_Londres, 2020. Foto pela autora.	P. 249
Figuras 132 e 133, <i>The Broadway Theatre</i> , Catford-Londres, 2020. Fotos pela autora.	P. 250
Figuras 134 e 135, Londres, 2020. Fotos pela autora.	P.251
Figura 136, <i>Estrela brilhante no caminho sagrado</i> . Pintura da autora, Adriana Gabriela.	P.259

Figuras 137, 138, 139, 140, 141, 142 e 143, do vídeo <i>Caminhos de Rosa</i> , Londres, 2020. Imagens, prints feitos pela autora de vídeo filmado por Paola Beauty.	P. 274 e 275
Figura 147, Colagem de imagens de caminhos e de um tecido que ganhou em Luanda, Londres, 2020. Imagem e Colagem pela autora.	P.276
Figura 148, Rainha Nzinga, Luanda, 2019. Imagem por Manuela Barbosa.	P. 287
Figura 149, Rainha Nzinga, Luanda, 2019. Imagem por outra pessoa em visita ao museo (autoria desconhecida). ...	P. 289
Figura 150, <i>Dama dos Ventos</i> , pintura da autora, Adriana Gabriela.....	P. 289
Figura 151, <i>Iansã</i> , Pintura da Autora, Adriana Gabriela.	P.290
Figuras 152, 153, 154 e 155, experimentações em dança com Iansã. Imagens-prints de vídeo-dança da autora.	P. 291
Figura 156, <i>Oxum</i> , pintura da autora, Adriana Gabriela.	P. 295
Figura 157, Cuves de Sassenage, Grenoble/ França, 2020. Imagem por Tamara Leal.	P. 296
Figuras 158, 159 e 160, Cuves de Sassenage, Grenoble/ França, 2020. Imagens por Tamara leal.	P. 297 e 298
Figura 161, abaixo, Cuves de Sassenage, Grenoble/ França, 2020. Imagem por Tamara Leal.	P.299
Figura 162, Gira-pessoal, São Paulo, 2019. Imagem da autora.	P. 302
Figura 163, Gira-pessoal, Londres, 2020. Imagem da autora.	P.302
Figura 164, <i>Ibiri de estrelas</i> , Pintura da autora, Adriana Gabriela.	P. 303
Figura 165, Performance com outros artistas, projeto “Close to There”, Cachoeira-BA, Fev. 2020. Imagem da produção.	P.306
Figura 166, Imagens do Clipe <i>De um céu cinza</i> , São Paulo, 2019. Print do videoclipe, pela autora.	P. 308
Figura 167, Imagens do Clipe <i>De um céu cinza</i> , São Paulo, 2019. Print do videoclipe, pela autora.	P. 309
Figuras 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174 e 175, imagens do Clipe <i>De um céu cinza</i> , São Paulo, 2019. Imagens- Prints do videoclipe, pela autora.	P. 310 e 311
Figuras 176 e 177, abaixo, Imagens de <i>Fases</i> . Imagens da performance-poética, por Caroline Paternostro.	P. 311
Figura 178, abaixo, conjunto-colagem de imagens da utilização dos tecidos em Oficinas realizadas pela autora, Espaço Cultural Pierre Verger, Salvador-BA, 2014, Imagens/Colagem acima pela autora.	P. 312

Figura 179, imagem da utilização dos tecidos em Oficinas realizadas pela autora no Espaço Cultural Pierre Verger, Salvador-BA, 2014. Imagem pela autora.	P.312
Figura 180, Vivência no CCBM, Cidade do México, 2018. Imagem por Laiana Vieira.	P.313
Figuras 181 e 182, Performance com outros artistas, projeto “Close to There”, Cachoeira-BA, Fev. 2020. Imagens pela produção.	P. 314
Figuras 183, Performance com outros artistas, projeto “Close to There”, Cachoeira-BA, Fev. 2020. Imagem pela produção.	P. 315
Figuras 184, Performance com outros artistas, projeto “Close to There”, Cachoeira-BA, Fev. 2020. Imagem pela produção.	P. 316
Figura 185, Ilhéus-BA, 2021. Imagem por Mariana Cabral.	P.319
Figura 186, Palavras de Participantes, Gira em CCBM, CDMX, 2018. Imagem pela autora.	P. 344
Figura 187, Palavras de Participantes, Gira em CCBM, CDMX, 2018. Imagem pela autora.	P. 345
Figura 188, Palavras de Participantes, Gira em CCBM, CDMX, 2018. Imagem pela autora.	P. 346
Figura 189, Palavras de Participantes, Gira em CCBM, CDMX, 2018. Imagem pela autora.	P. 347
Figura 190, Palavras de Participantes, Gira em CCBM, CDMX, 2018. Imagem pela autora.	P. 348
Figuras 191 e 192, Palavras de Participantes, Gira em CCBM, CDMX, 2018. Imagens pela autora.	P. 349
Figuras 193 e 194, Palavras de Participantes, Gira em CCBM, CDMX, 2018. Imagens pela autora.	P. 350
Figura 195, Palavras de Participantes, Gira em Espaço Cultural Vovó Conceição, Salvador-BA, 2018. Imagens pela autora.	P. 351
Figura 196, Palavras de Participantes, Gira em Espaço Cultural Vovó Conceição, Salvador-BA, 2018. Imagens pela autora.	P. 352
Figura 197, Palavras de Participantes, Gira em Espaço Cultural Vovó Conceição, Salvador-BA, 2018. Imagens pela autora.	P. 353

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO 1. “O INÍCIO, O FIM E O MEIO”	21
1.1 EU EM MIM, ÌYAMÍS	21
1.2 EU SOU FILHA DE IABÁ.....	23
CAPÍTULO 2. BEIJAR A TERRA: PERFORMANCES AFRO-FEMININAS DE DESCOLONIZAÇÃO.....	54
CAPÍTULO 3. GIRA MUNDO.....	67
3.1 METODOLOGIA CIRCULAR: GIRANDO, VAGUEANDO, EXPANDINDO RAÍZES E REGISTRANDO FRAGMENTOS ATÉ ENCONTRAR UM SENTIDO	80
3.2. MEMÓRIA, PERFORMANCE E REENCONTROS DIASPÓRICOS: OS ESPAÇOS, OS TRAJETOS, OS TRÂNSITOS, AS MATERIALIDADES CRESCENTES (POR ONDE A VIDA INTUITIVAMENTE ME LEVOU: A PESQUISA COMO UM CAMINHO DE ATIVAÇÃO DE MEMÓRIAS ANCESTRAIS)	101
CAPÍTULO 4. POR UMA EPISTEMOLOGIA POÉTICA.....	122
4.1 EDUCAÇÃO, VOZES, ESCRITA E CRIAÇÃO: O QUE NOS DIFICULTA SER, DIZER E FAZER?.....	122
4.2 DIÁRIOS DE BORDO: DECOLONIALIDADE E EPISTEMICÍDIO (DE POÉTICAS): UMA QUESTÃO QUE TEIMA EM APARECER!	130
4.2.1 <i>Diário 1: Tum Tum Tum ... Sobre a linguagem poética de um órgão decolonial</i>	131
4.2.2 <i>Diário 2: Sobre títulos e pertencimento</i>	136
4.2.3 <i>Diário 3: A Volta Ritual: Superstições Científicas sobre o primitivo e o intelecto</i>	138
4.2.4 <i>Diário 4: Sobre a Perseguição aos Corpos Negros Femininos</i>	141
4.2.5 <i>A Mariposa Negra</i>	145
4.2.6 <i>Escritas sob o voo de uma coruja</i>	162
CAPÍTULO 5. GIRA MENINA: QUE EMPODERAMENTO É ESSE?.....	163
5.1 PRÁTICA, MOVIMENTOS E AMBIÊNCIAS: EXPERIMENTAÇÃO E NEGOCIAÇÃO DE PRESENCAS EM UM ESPAÇO-TEMPO DE LIBERDADE	169
5.2 ABRINDO A GIRA: EXPERIÊNCIAS DE SE ABRIR, SER SOBRETUDO LIVRE	173
5.3 POÉTICAS DO ALÉM-MAR: MEMÓRIAS DE MAR E DE BAOBÁ.....	198

5.4 TEMPLO ODUDWA DOS ORIXÁS.....	205
5.5 SANDUÍCHE PANDEMICO: BLACK LIVES MATTER; PRIMAVERA, JARDINS E BOSQUES... ..	211
5.5.1. Metodologia CAP, (Ground Form, Dual Awareness).....	222
CAPÍTULO 6: CORPO- IABÁ	259
6.1 . A VOZ E O CORPO TECIDOS NA GIRA	260
6.2 MOJUBÁ, POMBA-GIRA	274
6.2.1. Ponto de convergência em uma Encruzilhada de Três: Arte, Sagrado e Ciência.....	276
6.2.2. Vem dançar em meu Terreiro	279
6.2.3. Eu vou encontrar com ela.....	281
6.3. POESIA LIVRE – ENSINANÇA ANTEPASSADA: A VOZ DAS MAIS VELHAS	283
6.4. EPARREY IANSÃ.....	289
6.4.1. Corpo bélico e protetor de Iansã: Bate pés e afasta morto, enfrentamento dos obsessores internos e externos, curando passos e coração	290
6.5. ORA IE'IE' OXUM!	295
6.6. SALUBA NANÃ: O QUE NANÃ ME CONTOU	302
6.7. ODOSSIBA MAMÃE IEMANJÁ!	305
6.7.1. Quem dança na beira do mar é sereia: ganhando corpo e aprendendo poéticas do mar. Entre performance e Espectros Sagrados.....	307
6.8 CANÇÃO DE AGRADECIMENTO.....	317
7. CORPO DE FECHAMENTO DOS TRABALHOS	319
8. RELICÁRIO DE PALAVRAS	331
9. GLOSSÁRIO.....	332
10. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	335
11. ANEXOS	343

INTRODUÇÃO

A escrita desta tese vai e vem atravessada por narrativas e reflexões raciais e femininas, de modo não linear, de acordo ao fluxo da memória. A linguagem transitará entre a formalidade e a informalidade, experimentando sensivelmente e poeticamente com forma e conteúdo, atravessando sendas autobiográficas e autoetnográficas refletidas em contextos coletivos e que, porventura, podem vir a te ocasionar algum tipo de incômodo. Sugiro que tome um tempo de reflexão para se perguntar o porquê algo te incomodou. Te convido a se abrir à dinâmica espiralar aqui proposta e fluir através deste texto, encontrando as conexões necessárias no *tempo das palavras*. Estas, as palavras, foram dançadas antes de serem escritas. Delas ecoam vozes que possuem seus próprios ritmos e melodias cognitivas.

As vozes aqui contidas são vozes principalmente compartilhadas para minhas irmãs de cor, todas aquelas que estão buscando se empoderar de si e por si mesmas, que estão buscando referências de caminhos para continuarem a florescer suas exuberantes vidas, para creditarem fé ainda mais em si mesmas. Nós somos caminhos. Somos estrada e jornada para as que vem, assim como foram para nós todas que falaram e foram antes. Isso nós já sabemos. Importante é valorizar esse caminhar que é só seu, mesmo sendo de muitas, é só seu. E isso, tem muita força de ser e muito propósito, maiores até do que possamos compreender. Confie em sua arte, confie em você. Somos filhas, somos mães, somos elos da Criação. Através de nós, muitas outras, outres, também dizem. Circulamos, e impulsionamos outras vias de circulação, sanguíneas, pela veia da vida, somamos uma teia, Caminhantes criaturas da Criação.

As vozes aqui contidas também são para as/os/es curiosos, para *todes* que desejam navegar em processos não-centrais, em formas de pesquisar *de corpo e alma*, com alma, com almas! Que estejam trajando o bem e desejem se inspirar, dito assim para afirmar manifestações justas e felizes.

As vozes aqui contidas são também para retificar preconceitos, para desobssediar referências inapropriadas, para expandir leituras de mundo. São para um arco-íris de seres, de diferentes pessoas que por algum motivo aqui chegarem e se permitirem refletir sobre seus lugares sociais, sobre suas próprias performances existenciais, através do caminho que vivi e do cosmos que pude sentir.

As vozes aqui contidas são sobretudo exercícios de liberdade e, como tais, afirmam a liberdade na mais elevada consciência criativa e responsiva do existir.

Para aqueles encharcados de preconceitos, más intenções ou de presunção, também há o caminho de retornar ao começo, de recomeçar, se assim quiser ir, ao centro fundamento - coração, intenção na ação justa e benevolente - pois aqui está sacramentado e só há de entender quem precisar.

As buscas, a nível de produção de conhecimento, atravessa a inquietude com relação aos modos de produção e validação do conhecimento acadêmico, principalmente no que diz respeito aos modos de escrita e fontes do saber afrodiaspórico em artes, bem como da necessidade de ganhar mais autonomia nos processos de produção artística e perceber e articular os potenciais de cura, estético e ético da produção criativa do saber através das mãos ancestrais afro-brasileiras. Busquei criativamente pelas forças que me compõe, me sustentam e me mantém, recriando, através destas buscas, expandir meios de partilhar bem-viver.

A tese foi organizada em 7 partes. Introdução, 5 capítulos e o Corpo de Fechamento dos Trabalhos (conclusão).

A primeira é esta Introdução.

No Capítulo 1, busquei contextualizar questões relativas ao *lugar de fala* e os desafios, as afetividades e poéticas que florescem a partir deste reconhecimento, situar alguns dos espaços sagrados que fundamentam saberes e experiências vivenciadas, bem como situar a ciência do axé como epistême do sul e território de resguardo de saberes e modos de vida diaspóricos.

No Capítulo 2, estão organizados materiais sobre o campo no qual a pesquisa se desenvolve, e a costura através das vozes dos feminismos, da história, da performance, e da psicologia do sagrado, que atravessam o entendimento das performances afro femininas e a cosmogonia das mãos ancestrais como campo decolonial. Os termos Descolonizar e Decolonial, sobre os quais se debruçam vasta teoria, são utilizados aqui dentro de um mesmo escopo, no qual, para além de marcar temporalidade e afirmação ou não da possibilidade de “des” configurar uma colonialidade vivida, diz de ações corporificadas no âmbito da performance artística e da dança, que vivificam e emergem memória de contextos e saberes afrodiaspóricos na atualidade. São utilizados conforme melhor soa sensivelmente e intuitivamente a intenção das

palavras nas experiências e reflexões prático-teóricas vividas no corpo. Busquei situar aí também a busca pela voz e pela escrita poética e corporificada como fundamentais à revelação de um corpo mais condizente e amigo dos saberes em gestação.

No Capítulo 3 se desenrola narrativas e percursos metodológicos, bem como percursos e narrativas performáticas de memória que atualizam trajetos e encontros afrodiaspóricos.

No Capítulo 4 estão tecidos também trajetos e reflexões sobre o campo decolonial e o epistemicídio que envolve corpo/voz, identidades, pertencimento, livre expressão e seus tensionamentos, movendo o corpo e impulsionando a voz para um saber que se faz, se percebe e se cria através de uma epistemologia poética.

No Capítulo 5, busquei abordar práticas da pesquisa e a costura destes trajetos e entendimentos como redes que compõe a própria caminhada da pesquisa como performance-ritual de memória, tecida por encontros diaspóricos. E a abordagem do que vem como vislumbre envolver a arte em gira e dança como perspectiva de empoderamento feminino em sororidade/dororidade¹ de despertar e florescer. Neste capítulo está compartilhado experiências das Giras e o corpo celebrativo que nos encontros do ir e vir, do girar e do se abrir, se recorda, se faz e refaz, no espaço-tempo mundo, angariando sensorialidades, afetividades, materialidades, e inspirações que remontam a vida que é travessia encorpada por saberes ancestrais.

No Capítulo 6, *Corpo-Iabá*, intentei compartilhar alguns materiais criativos nascidos da relação íntima com as Íabás e as entidades da Pomba-Gira e das anciãs pretas-velhas que são também memórias de antepassadas precursoras da vida, de sabedorias e das liberdades. Neste espaço estão reflexões sobre os atravessamentos que vivencio na dança que é também comunhão com cada uma e todas elas em suas expressões míticas personificadas por fragmentos do imaginário cultural e social, mas para além disso é corpo que baila a natureza das poéticas que a própria relação com as Iabás fez crescer e se revelar dentro de mim, no corpo total que sou, memória de tempo e gerações, e sobretudo, memória de vida e de muito amor nascida e renascida no limpar das emoções, no ampliar das visões do universo interno e externo ao eu/mim/Íyamí.

¹ https://www.geledes.org.br/dororidade-e-dor-que-so-as-mulheres-negras-reconhecem/?amp=1&gclid=Cj0KCQiAh8OtBhCQARIsAikWb6_KoVCRaxkLjuG8Z1QytsZUbe_szc46KdvoAzqUWk2QMKjQM92ZoCgaAi1VEALw_wcB, Acessado em 10 Dez. 2023

A última parte é o Corpo de Fechamento dos Trabalhos, que como Gira, Abre, Movimenta e tem o seu ciclo de assentamento de aprendizados e de finalização.

Nessa Gira há honra a todas as pessoas que partiram durante o desenvolvimento deste trabalho. Muitas corpos de mulheres negras e homens negros que atravessaram suas histórias através dos noticiários, ou não, em muitas outras histórias de vida, inclusive nesta aqui, me lembrando de forma triste da importância que é estar na pós-graduação e compartilhar reflexões sobre racismo e sexismo, inclusive como denúncia e desafio à práticas de racismo estrutural institucional, que, sutis ou escancaradas – tudo depende de quem vê – continuam a existir. A passagem de algumas delas cruzaram de forma calma ou tempestuosa as experiências que eu vinha tecendo, por estarem de acordo a naturalidade dos ciclos ou a brutalidade de ações humanas. Muita paz e luz a Marielle Franco, a Mãe Stella, a Makota Valdina, a Mãe Bernardete... a todas as pessoas que estiveram nas trincheiras e na dianteira do sustento de propostas de vidas negras, indígenas, diversas, plurais... muita paz, muita luz. Voz é som, presença é luz. Ecoam na sintonia do tempo, fazem o dia nublado crescer o sol ao amanhecer.

Ao final da tese temos materiais que apoiam e auxiliam a compreensão de palavras, do que foi e do que está sendo compartilhado no corpo deste texto, e você pode consultar o glossário sempre que precisar.

Você pode consultar sua respiração também, sempre que precisar. É assim que eu te convido para seguir, em bem-estar e respirando. Um ótimo fluxo de energias vitalizantes. Axé!²

² Axé: palavra de muitas conotações e denotações: energia vital; bênçãos; nome usado para se referir à religiões afro-brasileiras ...

CAPÍTULO 1: “O início, o fim e o meio”³

Para começar, eu vou te contar uma história.

1.1 Eu em mim, Ìyamís...⁴

Tudo começou antes de mim, antes de você, antes de inventarem os deuses e, até mesmo, antes do mar ser águas acima de um chão profundo. Nesse princípio, redondo e feminino, a terra, de quando tudo ainda era una, remonta a seu intestino, a seu ventre, a seu visceral coração. No seio do ventre de tudo, um gole de sangue cósmico pingou de além a além e, de lá, escura como a noite que não existia, fez-se vida à imensidão. Uma mãe nascia, do elo com o tempo, da forma sagrada do próprio ventre da vida. A mãe das mães, das mães, das mães, mãe primeira, fecunda muitas em uma. Elas são as que primeiro cantaram, as que primeira cozeram, as que primeiro pariram, as que primeiro alimentaram... elas são as que primeiro caminharam pela terra e, abriram, semearam e abrigaram leituras de vida, memórias de trajetos, nos solos, através das solas de seus pés. Pés de anciãs. Também são elas as que primeiro atravessaram os portais da morte, por elas mesmas criados, como regeneração aos portais da vida, portuários partos e partidas, na refração maior entre a sombra e a luz. Foi nesse escuro iniciático, permeada de noite, noite agora já criação reluzente como onisciência, que um dia dormi e um dia acordei. Eu me levantei, com as mães, do verso fundo de meu escuro.

A minha mente sabia produzir palavras de generosidade, sabia produzir palavras de dedicação, a minha mente sabia que conhecia uma parte programada do mundo. Mas foi no calor de paixões desconhecidas, em um oculto vislumbre que só meu coração conhecia quando mirava o mar, na iminência precipitada de lançar-me em voo, quando expurgos quase

³ Curiosamente, quando fui nomear este primeiro capítulo, me saltou à memória o verso “o início, o fim e o meio” da canção, *Gita*, de Raul Seixas. Como um dos aprendizados das práticas desta pesquisa foi a importância das memórias de canções que “de repente” chegam à lembrança e as mensagens que elas trazem, como sopros, confiei ser importante que este capítulo fosse aberto com este verso emblemático da canção. Não por acaso, e sim por sincronicidade, o texto que escrevi “Eu em mim, Ìyamí”, e que segue a continuidade do capítulo 1, é também um diálogo com a força numinosa e fonte criadora da vida, assim como Raulzito, que embora utilizando referências cosmogônicas indianas (que amo), também remete e reflete sobre sua busca e encontro, a partir de suas andanças *pelos quatro cantos do mundo*, até que em sonho, pode finalmente receber mensagens dessa força da vida, dessa fonte da criação. Para saber mais, sugiro a leitura deste pequeno texto em: <https://www.letras.mus.br/blog/gita-raul-seixas-significado/> (acessado em 18 de dezembro de 2023)

⁴ Este conto foi selecionado na chamada “Raízes de Baobá, Coleção Divindades Femininas”, realizada pela Editora Cartola-SP. Compõe o livro *Raízes de Baobá, Divindades Femininas*, Cartola Editora - SP, 1 edição, 2023. Onde encontrar: <https://www.martinsfontespaulista.com.br/raizes-de-baoba-1049299/p> etc.

diários de lágrimas já me liquefaziam, que as vi em mim, Ìyamís. Eu pisei ao solo amplificada de raízes. Na casa interna dos meus sonhos, nas imagens em vigília e inconsciente: pássaros, mariposas, cabaças, caxixis, poções de cunho lamacento, verdes, vermelhos, brancos e negros... também azuis, violetas e amarelos seres, formas, movimentos, espectros de luzes. Luzes, que, em meio a enjoos de processos emancipatórios e parturientes de uma outra eu em mim, brotavam como esperanças, na entrega de tudo que fazia à terra, em devoção. Em minhas saias alvas, bordadas em flor, lavadas e acarinhadas por alfazema e raminhos de alecrim, as vi, refletidas em revelações de formas funfun⁵, desenhadas por uma caneta esferográfica ancestral que só meus olhos podiam ver, no rezo que fazia de pés no chão. Eu nunca mais fui a mesma em mim, elas em mim, Ìyamís. Quem sou? Sou parte da noite e carrego o sol no orí⁶. Tenho amplidão de ser uma mulher nobre. Sou uma raiz venal, mais atlântica que o próprio planeta. Eu sou uma mulher negra.

Eu
sou
uma
mulher
negra.

Um dia, antes de despertar para ser eu, estive afetivamente despreparada, fui roubada por magias que não eram nobremente negras como eu. Me desfiz. Fui apropriada por energias, sentidos e formas estranhas a mim. Mas, no tudo que sou, e no tudo que é o amor, e a vida e a morte e o renascimento circundante em cada gota de meu sangue, ressoou através do vento, soprado bem de longe do horizonte – de lá, d’onde a primeira em mim nasceu, terra- africana-mãe – uma voz, que era luz, que era sonho e trajeto, era estrada, caminho da noite ao amanhecer. Nestes tempos de me tornar, fui madrugadas e madrugadas, cruzei e recruzei memórias contadas por elas em mim, Ìyamís. Das penas de dor, cozi asas, virei águia, enxerguei de mais além perante a sabedoria sagrada. Corujei a mim. Dancei com as entranhas das minhas tranças, desvendando e reinventando as reentrâncias de tudo que aprendi. Foi nesse solo profundo, de quando o mar nem era águas, que passei a reexistir. Quem sou eu? Eu sou a sua mãe. Eu sou a tua vida e a sua despedida. Sou o teu seio, o teu suor, o teu sangue,

⁵ Funfun: Vide Glossário

⁶ Orí: Vide Glossário

sou tua saliva. Sou teu coração batendo em sagração. Eu sou teu alimento, teu corpo, teu tempo, tua proteção e correção, sou aquela que te ascende, que te expande, sou aquela cujo nome é preciso ter respeito e devoção para pronunciar, sou quem te orienta e quem virá te apagar, para nascer brilhantemente outra vez no colo da terra.

Quem sou eu?

Eu sou uma autora...

Eu sou uma mulher negra...

Eu sou mãe primeira,
da humanidade, genitora...

Eu sou uma criadora...

Eu, em mim, Ìyamís...

1.2. Eu Sou Filha De Iabá

*“Eu sou filha de Iabá, Iabá é minha mãe, Ó rainha do tesouro
Odociaba no fundo do mar”⁷*

Figura1, Iabás.



Pintura da Autora, Adriana Gabriela.

⁷ Ponto de Umbanda

Figura 2, Performance *Saudação às Águas*, Grenoble, França, 2020



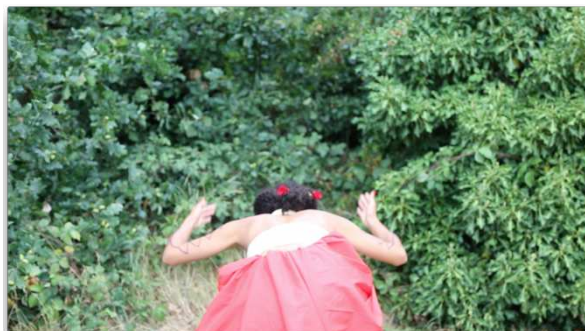
2

Foto por Tamara Leal

Figuras abaixo (3,4,5,6) do vídeo-performance *Caminhos de Rosa*, Foster Park, Londres, 2020



3



4



5



6

Filmagem por Paola Beauty, Prints de imagem feito pela autora

O que ficou em você da história contada anteriormente?⁸ Algo dela ressoa em sua própria vida? Já tinha ouvido falar das Íyamís? E das Iabás? Pois bem, elas são grandes forças femininas, divindades Iorubá⁹, afrobrasileiras, com as quais eu tenho caminhado antes e durante todo o projeto de pesquisa deste doutoramento. A elas saúdo e a elas agradeço a cada passo de meu trançado, traçado encaracolado, espiralado, de viver, ser e me fazer continuamente uma mulher que nutre, zela e celebra a vida em todas as suas marés e estações. Elas são grandes-mães, e como mães, me ensinaram muito, limpando, ampliando, orientando, abrilhantando a foz da minha consciência.

⁸ Referente à história contada no Capítulo 1, Item 1.1, *Eu em mim, Iyamís...*

⁹ A linguagem que tenho utilizado me referindo às Íyamís e às Iabás é da cultura Iorubá. Em outras culturas, outros são os referentes.

Saúdo também as mães, as Iyá¹⁰, como Mãe Stella, Makota Valdina e Equede Sinha, que além da dedicação de sua energia e tempo de vida ao Axé, e toda a transmissão oral que ancoraram, deixam também registrados saberes e axé através de suas palavras escritas em livros e registradas em vídeos, com as quais eu pude me encontrar e me fortalecer além de suas presencialidades físicas, e compreender a importância de honrar esta pesquisa como parte de um desejo materno e ancestral desde Iyás mais antigas como mãe Aninha, de “ver seus filhos de anel no dedo, pés na terra, servindo aos Orixás” (Santos, 2010, p. 13), um desejo de que a oportunidade de acesso à instrução e a ascensão social do povo de santo¹¹ caminhassem em consonância com o cultivo do axé, saber que leva a quem cultiva essa relação espiritual a também conhecer *seu lugar no mundo*, que passa pelo saber “como se posicionar em relação aos demais e em relação às diversas circunstâncias em sua volta” (Santos, 2010, p. 14). Eu me senti parte deste todo quando li algumas das histórias contadas por Mãe Estela, me senti incentivada a prosseguir na jornada acadêmica. Me encontrando também integrada às reflexões de bell hooks em seu artigo *Intelectuais Negras*, sabendo que esta trilha árdua se interpõe como necessidade para desafiar e ir além dos condicionamentos de papéis sociais de desvalor:

Ao longo de nossa história como afro-americanos nos Estados Unidos surgiram intelectuais negros de todas as classes e camadas da vida. Contudo a decisão de trilhar conscientemente um caminho intelectual foi sempre uma opinião excepcional e difícil. Para muitos de nós, tem parecido mais um “chamado” que uma escolha vocacional. Somos impelidos, até mesmo empurrados, para o trabalho intelectual por forças mais poderosas que a vontade individual. (Hooks, 1995, P. 465)

E é através de **narrativas** que também prosseguirei, buscando remontar experiências fundantes e também alguns trajetos de vida, revistos e ressignificados mais uma vez através do espelho d’água de minha memória e de um olhar lançado posteriormente como reflexão, a compor uma autoetnografia¹² na qual minha personalidade expressa pontos de vista sobre

¹⁰ Vide Glossário

¹¹ Vide Glossário

¹² “Para Grant (2014), pesquisas autoetnográficas desempenham um papel importante na antropologia: expõem partes de características culturais que as pessoas vivem, mas não costumam falar. Falam sobre o não dito, defendendo contra certas invisibilidades e silenciamentos, ao mesmo tempo em que ressaltam a importância da narração, em especial da narração pessoal (...)” (Gama, 2020, P. 190)

contextos sócio-culturais, espirituais e criativos atravessados por olhares raciais e de gênero.¹³ “De acordo com Ellis e Bochner (2000), a autoetnografia é um gênero autobiográfico de escrita e pesquisa que apresenta múltiplos níveis de consciência, conectando o pessoal ao cultural, expondo frequentemente um *self* vulnerável.” (Gama, 2020, P.190)

A autoetnografia escorrega, evita definições simplistas. É a colisão entre as ciências humanas e as artes, as teorias e as emoções, a “performatividade” – o que acontece agora – e a performance – o que já aconteceu (estudo feito) – é a presença do corpo do(a) pesquisador(a) na linha de frente da pesquisa, no momento da criação (texto ou a performance/apresentação) (Brilhante; Moreira, 2016, p. 1100).

Seguirei através de uma escrita que denominei **Escrita Sankofa**. Sankofa foi como um amigo que fiz em Luanda passou a me chamar após eu ter compartilhado com ele alguns olhares sobre a história e sobre este símbolo africano de um pássaro que olha o passado em busca de conhecimento e entendimento sobre o vivido, as errâncias, as virtudes, lançando olhar sobre a sabedoria e a herança cultural dos antepassados, para uma melhor perspectiva sobre o amanhã. O Sankofa é um ideograma que pela forma de duas formas justapostas (a cabeça e o rabo) lembra e é simbolizado como um coração¹⁴. Ele foi utilizado de inspiração para confecção de arabescos metálicos que até hoje são muito conhecidos em nossa arquitetura, dentre outros usos. Sankofa fundamenta-se em mim como sabedoria ancestral de coração. É um símbolo ao qual tenho muito apreço e que também me acompanhou nos caminhos por onde passarinho, como Sankofa, como ser de asas e, em transfiguração, ora também mariposeando, ora corujando... sempre semeando, polinizando e - sem deixar escapar a sonoridade das palavras - quando preciso, polemizando.

Figura 7, *Sankofa*

¹³ “Cabe ao artista-pesquisador contemporâneo valorizar o “discurso alternativo”, pessoal e experiencial (Fortin, 2012, p. 134), integrando-o no contexto acadêmico. Isto não significa criar mais um discurso hegemônico, mas sim em fomentar um fluxo relacional conectivo entre experiência, discurso e contexto que atravessa vida, arte e pesquisa.” (Fernandes, 2014, P. 84)

¹⁴ Sankofa, em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/acoes-e-programas/Sankofa.pdf>, acessado em 22 de dezembro de 2023



15

Nas palavras de Tiganá:

A corda da memória abarca tudo o que nos antecede e tem relação com as nossas vidas, bem como permite que o acontecer e o devir sejam o instante da lembrança. Aliás, memória, em kikongo, é *ntima* – mesma palavra empregada para coração; do mesmo modo como, nos desenhos etimológicos latinos, ‘saber de cor’ é ‘saber de coração’. Deste modo, toda memória pulsa no tempo, sangra, dilata-se, comprime-se e é **emblema de afeto e interioridade. As palavras, as frequências, a sonoridade, as quais vibram na nossa escuta, conduzem-nos a um lugar, esteticamente, insondável; tão tangível e imagético, quanto imaterial, longínquo, antepassado e da ordem do porvir** (kolo kikwiza), sempre que nos reportamos a um complexo desdobramento-origem de identidade negra no Brasil. (Santana, 2018, P. 119, grifos nossos)

A escrita é ato que evoca trajeto, em minhas várias vozes e formas de falar, mobilizada por propulsões criativas e também pela necessidade crítica de abordar questões complexas que acompanharam toda pesquisa e buscar iluminar entendimento que possa trazer alguma leveza sobre elas. Noutras vezes, o texto é um espaço de **manifestação** minha e de outras que falam comigo e também através de mim, vozes de outras autoras que abriram caminhos são trazidas para este corpo de escrita para serem outra vez lembradas na costura do fio da história que nós mesmas estamos retecendo, pois muito foi contato sobre nós a partir de uma perspectiva subalterna e cronológica de marcos eurocêtricos, e por muito tempo não pudemos dizer abertamente como gostaríamos de dizer, narrar, contar, nossa própria história, por meio de nossa *afrografia*, através da qual a palavra é encarnada em um corpo-narrativa.

Complexo, poroso, investido de múltiplos sentidos e disposições, esse corpo, física, expressiva e perceptivamente é lugar e ambiente de inscrição de grafias do conhecimento, dispositivo e condutor, portal e teia de memórias e de idiomas performáticos, emoldurados por uma engenhosa sintaxe de composições. (Martins, 2021, p. 79)

¹⁵ Imagem extraída do site: <https://segredosdomundo.r7.com/sankofa-significado-simbolo/>

Nisso, eu fui um através. Fui atravessada e atravessei. SanKofa, pássaro que sou, hoje compartilho estes trajetos de ontem, sementes de um amanhã. Algumas sementes, aprofundi, outras não, seguem sendo nutridas ao sabor da vida e do tempo. Não forço nada, nem poderia fazê-lo. Desejo que estejam em territórios férteis. De forma literal, distribui algumas sementes de Baobá que trouxe de Luanda entre pessoas e territórios, que eu senti que tinham coração para plantar. Amigues e colegas de Salvador, Chapada Diamantina, Acre, São Paulo, França... em geral as pessoas as recebem como um grande tesouro, e são, para mim elas são. Se na história do Pequeno Príncipe, de origem europeia, ele teme o enraizamento dos Baobás que, segundo aquela narrativa, destrói planetas e também põe em risco a vida da sua fonte de afeto, a rosa, aqui a carga simbólica é outra, integrada em um mesmo solo rosas e Baobás, e deseja que essas raízes se expandam, que sementes de memória ancestrais africanas encontrem mais e mais força para se expandirem através dessas sementes. Quem sabe algumas enraízem e possam futuramente frutificar novas histórias de Baobá.

Para começar a continuar vamos ir e vir através do tempo, e desejo contar a você como a arte e a espiritualidade se encontram em minha vida. Mas antes, escutemos bell hooks¹⁶, à qual também saúdo e agradeço por ser uma pensadora com a qual dialogo, venho me aprofundando e me dá suporte através de suas narrativas há bonitos anos, saudando também a mim mesma, que sou você, em uma reverência de autoamor, e pela persistência em seguir por caminhos não dados, mas sustentados por todas que foram também confiantes em ver estrada através de escuros:

É por isso que penso ser importante mulheres negras no ensino superior escreverem e falarem sobre nossas experiências e estratégias de sobrevivência. (...) Quero que elas saibam que não estão sozinhas, que os problemas que surgem e os obstáculos criados pelo racismo e pelo machismo são reais – realmente machucam -, mas não são insuperáveis. Talvez estas palavras tragam consolo, aumentem a coragem delas e renovem seu espírito.” (Hooks, 2019, P. 136-137)

“É crucial que aqueles de nós que resistem e se rebelam, que sobrevivem e têm sucesso, falem aberta e honestamente sobre nossas vidas e a natureza de nossas lutas pessoais, **os meios pelos quais resolvemos e reconcilhamos contradições**. Não é uma tarefa fácil. Nas instituições educacionais onde aprendemos a desenvolver e fortalecer nossas habilidades de escrita e análise, também aprendemos a pensar, escrever e falar de uma maneira que

¹⁶ Educadora e muito mais, se posicionava politicamente recusando uma intelectualidade egóica com seu pseudônimo grafado em letra minúscula.

tira nossa atenção da experiência pessoal. Porém, se quisermos alcançar nosso povo e todas as pessoas, se quisermos permanecer conectados (especialmente aqueles de nós cujas origens familiares são pobres e de classe trabalhadora), devemos compreender que o relato da história pessoal de alguém fornece um exemplo significativo, uma forma de as pessoas se identificarem e se conectarem.” (Hooks, 2019, P. 166, grifos nossos)

Pois bem, a jornada de onde frutifica estes escritos nasceu bem antes do doutorado propriamente dito iniciar. Tem início pelas voltas do ano de 2011, quando transicionava de carreira profissional e me dedicava à arte que sempre e tanto amei. Foi neste mesmo período, entre práticas e cursos de teatro, dança e outras experiências criativas, que o universo espiritual, ao qual sempre fui sensível, começou a se apresentar para mim em novas formas e aprofundamentos.

Mas voltemos no tempo um pouquinho mais. Eu não cresci sob nenhuma prática constante de doutrina religiosa específica, mas fui batizada em uma igreja católica, ocasionalmente ia a algumas igrejas em cerimônias de amigos e familiares, como em casamentos, conheci o espiritismo ainda criança tendo acompanhado meus pais em alguns centros, assim como, de pequena, fui levada em rezadeira, e vi cobreiro¹⁷ sarar da mão de uma criança com reza feita com *folha de maria preta*¹⁸.

Da casa onde morava, também ouvia os tambores do ‘Terreiro de seu Passinho’ rufarem de longe. Nunca cheguei a ir lá, mas observei algumas vezes o *povo de santo* passar em vestes brancas em dias de festa. Ouvia os buchichos dos adultos de minha grande família, (tive mais de 20 tios juntando paterno e materno), não hostilizavam, mas raramente alguém era assumidamente visitante de casas de umbanda e de candomblé. Ainda assim, cresci tomando banho de folha como uma das medidas que minha mãe zelava para afastar a moleza em momentos de enfermidades, e fui uma das sete crianças em um caruru¹⁹ feito por uma tia,

¹⁷ Na escuta de minha infância, cobreiro era o nome popular para infecções e dermatites que provocam erupções na pele, por vezes identificadas como originadas por picadas e xixi de insetos como a aranha, ou pelo contato com parasitas presentes por exemplo nas fezes de animais de estimação. É também uma doença identificada como causada pelo Vírus Varicela-Zóster (VVZ), o mesmo que causa também a Catapora. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/h/herpes#:~:text=Herpes%2C%20ou%20cobreiro%20%C3%A9%20uma,toda%20a%20vida%20da%20pessoa>

¹⁸ Erva medicinal

¹⁹ Nome para um alimento tradicional feito a base de quiabo etc., bem como para celebração e/ou oferenda que leva o mesmo nome do prato principal feito com quiabos, mas abrange outros tantos pratos, como o vatapá, a farofa, o xinxim etc. que acompanham e integram o caruru. Caruru é um festejo tradicional principalmente nos

dentre outras experiências sincréticas por vezes veladas, por vezes não, pois tão parte do seio cultural no qual nasci e fui criada.

Sou de Salvador-Bahia, Brasil. Nasci na terra que é referida como terra do Axé, a Bahia, seja pelo que se popularizou no âmbito do entretenimento como Axé Music, mas principalmente pela Bahia ser um território que guarda profunda herança africana, percebida em sua culinária, estética, e outras referências culturais-identitárias, em sua população majoritariamente negra, e essencialmente pela histórica importância dos espaços de fé e de tradição africana que são os terreiros e casas de candomblés. Digo de antemão Candomblés, pois a pluralidade de nações e cultos também é diversa, assim como a África, que por vezes ainda é totalizada e referida como uma coisa só, e é um continente completamente plural e diverso, assim também é o candomblé, de diferentes nações, Bantu, Jeje, Ketu... assim também é a Umbanda, universos plurais em suas origens e atualizações.

Voltando a mim menina, eu era uma criança sensível. Sentia, sonhava, ouvia, via muitas coisas que os adultos ao meu redor explicavam como *espirituais*. No quintal em que fui criança, me aventurei permeada de **natureza**, entre presenças e experiências que em parte criei e, em parte, sei, só pude entender hoje, como a lembrança da presença de um guia que por vezes se apresentava para mim, além de outras que talvez somente num dia futuro eu possa compreender²⁰. Cresci e racionalizei a maior parte de tudo isso. Passei anos assim, com receio em acessar meus canais sensíveis, até porque as explicações corriqueiras que eu ouvia para o que sentia não faziam sentido para mim, eram tristes ou trágicas ou revestidas de metáforas e um *universo de palavras* com as quais eu não me identificava. E, como muita gente que conheço, cresci com muita fé, sentindo a presença de forças misteriosas, curiosa pelo mistério da vida - sobretudo, sentindo que o amor é uma dessas grandes forças magnéticas e magníficas de cura, compreensão, elevação e união - mas questionando histórias, paradigmas e tabus que me soavam como manipulações e limitações.

portais de setembro na Bahia, quando se celebra São Cosme e Damião, quando é comum o caruru dos sete meninos em reverência aos Ibejis, e muitas pessoas também o oferecem como pagamento de promessa. Mas o caruru permeia o ano todo os pratos dos baianos, e só de falar me dá água na boca. Caruru remete a celebração, a encontro, a axé, a gratidão, a abundância, a alegria, a nutrição e satisfação. São ocasiões de ações coletivas de preparo, devoção e fé.

²⁰ Conto através de um miniconto parte dessa experiência em “A voz da terra”, selecionado para compor o livro: *Escritas Femininas em primeira pessoa*, Editora Oralituras, SP, 2020. Onde encontrar: <https://oralituras.com.br/produtos/escritas-femininas-em-primeira-pessoa/> etc.

Eu passei um tempo interessante racionalizando as experiências transpessoais que eu tinha, e interessada em aspectos do sagrado, mas sempre atravessando uma ***lógica para não sentir*** através do entendimento dessas experiências, porque eu sempre me **emocionava** quando se tocava nestes assuntos e mistérios da vida-morte-vida, e minhas emoções eram sinais para mim de que sim, havia algo mais ali, mas me sensibilizava muito tocar nelas. Eu ainda não estava conscientemente revestida do entendimento de que **a experiência que chamamos espiritual, independente de qualquer doutrina religiosa, é antes de tudo um encontro pessoal com poéticas de conexão vital que ressoem sentido existencial dentro de uma mesma.**

Dentre as diversas formações que cogitei fazer na graduação, pensei também em estudar teologia, o que à época não parecia ter o menor cabimento para a maioria das pessoas em meu entorno e as expectativas que tinham sobre mim, uma *estudante nota dez*, então não me estendi muito nesse pensamento, era adolescente e, quando fiz vestibular, tinha recém passado pelo falecimento do meu pai, e enfrentávamos um estado de tratamento de câncer de mama severo de minha mãe. Estudei Direito.

Figura 8, *Xangô Mirim*.



Pintura da autora, Adriana Gabriela

Aqui vale tocar em um assunto sobre o qual já lancei luz em minhas reflexões no mestrado, mas hoje lanço novo olhar, me voltando ainda para as experiências escolares dos três primeiros anos primários, bem como flashes adormecidos de períodos anteriores eu ainda menorzinha, quando sofria bulling diariamente nas escolas que estudei, até enfim mudar para uma outra escola - com colegas e professores mais agradáveis e onde questões raciais começavam a ser olhadas - e me impor como uma estudante de excelência.

Encontrei essa citação de Beatriz Nascimento (abaixo) e ela fez muito sentido para mim, inclusive sobre a construção do autovalor e do valor social a partir de uma privação de aspectos de si mesma, do bom comportamento forçado, a privar espontaneidade experimentações tão próprias e necessárias na infância, mas não só isso, passei por experiências tão hostis em escolas que se diziam de educação criativa com abordagens diferenciadas (meus pais sempre priorizaram a educação como caminho, estudei em escolas consideradas muito boas em Salvador, meu pai sendo um homem negro, sindicalista, sabia a importância de receber uma boa formação para ser livre) isso me causou alguns bloqueios em confiar e fazer amizades, principalmente com mulheres brancas com algum poder aquisitivo a mais, que refletiam memória de minhas colegas de infância que até me afogar na piscina tentaram.

Eu me lembro de ser bastante integrada aos meus desejos até uma certa época na infância, onde respondia com valentia a uma série de ataques diários, e depois passei por uma fase de repressão de aspectos de mim mesma. Mesmo reconhecendo que essas escolas me trouxeram também coisas boas, inclusive arte, produção de livros etc., não compensa as angústias que passei. Acho maravilhoso a existência de escolas com uma educação de abordagem completamente antirracista como prioridade, porque tudo que precisamos quando estamos começando nossas vidas é nos sentirmos amadas em nossa inteireza e estar rodeada de adultos, profissionais da educação capazes de responder a essas questões desde a mais tenra infância, pois é ali que tudo começa, onde tudo principia uma estrutura que depois levamos anos para sanar e sanar uma e outra vez.

Quando eu comecei a mergulhar dentro de mim, como negra, foi justamente na escola que era um ambiente em que eu convivía com a agressão pura e simples, com o isolamento, com as interpretações errôneas, estúpidas das professoras, a ausência das pessoas da minha cor na sala de aula, a falta de

referência. No meu caso específico, o mecanismo para romper com esta situação de adversidade em que eu vivia era justamente estudar e tirar cem, que era a nota máxima na minha época. Eu era uma criança extremamente bem comportada na escola primária, muitas vezes era elogiada pelas professoras porque eu era a mais educada, não pedia nem pra ir lá fora durante a aula. O que eu era, era muito reprimida. Imagina uma criança que não pede pra ir lá fora. (Beatriz Nascimento in Ratts, 2006, P 49).

Com o fio dessa história, nas vias onde inter cruzam-se memória e reflexividade teórica, abro uma digressão como forma de afirmação de uma lente de perceber e sentir feminina no qual a negritude se exaspera. Por isso mesmo, reafirmando a importância de aportes do feminismo negro através da história de mulheres negras afim de colorir leituras de mundo e situacionais que marcaram e continuam marcando nossas experiências de existir.

Essas ondas de ajuste e desajuste, de liberdade e de repressão são uma constante, são sombras sobre as quais reflito vez ou outra em minhas ações, porque não existe uma resposta certa sobre nossas ações, existe apenas o que consideramos nos fazer bem ou não nos fazer bem conforme toda a experiência de vida que já passamos, mas existirá sempre alguém querendo te ler de fora, dizer que você isso, você aquilo sem saber uma vírgula de sua história, pressupondo você. Se você cala, se você fala, se você opta por um ou outro posicionamento. Se você usa seu cabelo assim ou assado. Já querem dizer, julgar, medir se, por que, como você é ou não empoderada. Cada atitude sua, alvo. E se você brilhar, se prepare, a audiência contrária também virá querer te apagar. Então tem coisas que já não tenho nem paciência, nem mais sinismo para alfinetar. Simplesmente existo como achar melhor. Me acolhendo em cada circunstancia como eu achar melhor. Sem dever nada, inclusive resposta a quem só quer de mim tirar. Eu me determinei livre.

Uma colega, loira, com uma guia de Exú no pescoço, em um curso de canto em São Paulo chegou ao absurdo de dizer a mim que eu tinha que me orgulhar de onde vinha, valorizar o meu sotaque e cantar uma música regional em português, simplesmente porque eu tinha escolhido uma música em inglês de Bob Marley para me apresentar. O que a levou a supor que eu não tenho orgulho de onde vim? Que lente bizarra foi essa que ela lançou em mim para, nada sabendo de mim, me ler como alguém recalcado e que não valoriza as raízes? Gente, daí-me paciência. Só porque eu não falo com o sotaque nordestino da novela da Globo não quer dizer que eu não seja baiana. Se fosse ela cantando uma música estrangeira, tudo

bem, e eu não? Quem é ela para querer me privar de me apresentar em inglês e querer me definir em um estilo regionalista inventado? E ela provavelmente não sabe nada sobre Bob Marley, não compreendeu qual inglês eu cantava, nem entendeu bulhufas do canto de liberdade que cantei, *Redemptions Songs*.

Friso, eu tenho o direito de cantar o que eu quiser. Assim como de me interessar pelo o que eu quiser me interessar, e no exercício desses interesses eu expresso tudo que sou, a consciência que tenho, isso não se descola de mim. Não deixo de ser negra, nem baiana, nem rejeito minhas raízes porque canto em inglês e gosto de Shiva e de tantas outras divindades indianas. Sei ser inclusiva, plural, sendo uma e una nas muitas em mim, sem me atormentar. Dai-me paciência. Pelo amor de Jah! Agora seremos aprisionadas pelo que pensam que uma pessoa negra *deve e não deve* para ser negra? Vamos falar mais de direitos, que é o que nos foi negado, *deveres* já tivemos e assumimos demais. Corpo negro liberto incomoda viu.

Isso não é um ataque às mulheres brancas loiras, *eu até tenho amigas loiras*, e aqui estou sendo irônica, pois uma das formas mais cansativas que algumas pessoas ainda têm de se dizerem sem preconceitos é dizer que têm amigos negros. O que estou dizendo é que por mais que eu ande por aí com meu radar polifônico, aberta a compreender as várias vozes e possíveis interpretações dentro de uma fala e escolher o melhor caminho para promover diálogos, hoje não deixo de contestar minhas amigas brancas pelas facilidades que elas encontram em realizar isso ou aquilo em detrimento a mim e outras amigas negras, e que por vezes, elas resistem em enxergar que existe um atravessamento racial permeando essas vivências.

Teoria, metodologia e instrumento prático, a interseccionalidade revela o ciclo lunar da militância encabeçada pelas intelectuais negras, numa diversidade de marés na história do feminismo, rejeita a brancura das ondas feministas, que não passaram experiências da colonização e nem sequer compuseram o projeto intelectual emocionado, manifesto de força teórica negra, sem estar presa às correntes eurocêntricas e saberes narcísicos. (Akotirene, 2019, P.22.)

Mesmo uma pessoa branca sendo crítica, sensível e engajada, como feministas com as quais dialoguei, o chip da branquitude é difícil de mudar, e elas se apressam em querer nos definir segundo aquilo que entenderam se tratar de uma questão que promove ou não empoderamento, e aquilo que aprenderam sobre ser uma mulher negra, de uma forma

totalizante. “O maior recurso colonial da eurocivilização consiste em priorizar o corpo, ignorar ferimentos que tendem a complexificar rapidamente, enquanto diagnosticam, às pressas, o problema “negro,” das “lésbicas,” de “gênero,” dos “latino-americanos”” (Akotirene, 2019, P.17).

Uma amiga branca muito querida, uma vez reivindicou que gostaria de usar a palavra *pretinha* para si, pois além de tudo, preto, era uma cor que ela amava. Ela é amante da cultura africana, ela é sensível de diversos e belos modos e questiona o mundo e suas injustiças, é no dia-a-dia uma ser humana linda, que ama integrar pessoas e não fica medindo as pessoas, um dos seres mais fofos que conheço. Entendo o que ela quer dizer, entendo mesmo. E dentro de uma perspectiva poética onde tudo é possível e não precisamos falar de cor, muito menos de colorismo, eu posso adotar a cor que eu quiser, pois no final, no final mesmo das contas da vida em uma dimensão maior, a cor não importa. Assim poderia ser, simples, e todos estaríamos felizes. Porém, simplesmente afirmar um pensamento assim, sem compreender a dimensão do seu contexto e o buraco mais embaixo, no entanto, não resolve nada, assim como simplesmente dizer que todos somos iguais perante a lei, tal qual está na constituição. O que estamos falando e refalando é sobre estruturas de um jogo social em que alguém *realmente* *pretinha* atravessa mais dificuldades de ganhar.

Uma outra amiga branca também muito querida, sensível e consciente de muitos atravessamentos e interseccionalidades, por mais que assuma reflexões sobre branquitude, custa muitas vezes a compreender em seu psiquismo primordial que os atravessamentos e privações vividos por ela em função de classe na infância não a igualam a uma experiência de opressão da negritude, como a qual muito se identifica e justifica pertencer em raízes familiares.

É fácil discursivamente desautorizarmos usos hegemônicos de interseccionalidade, resgatando somente Du Bois ao considerar branquitude um privilégio, pois isto implica no valor político de ter mais um salário, o “salário público e psicológico”. Esse salário amortiza os prejuízos de ser pobre numa nação capitalista, e dificulta a união de classe trabalhadora, pois o trabalhador branco tem um salário a mais e recebe os benefícios da branquitude, ao mesmo tempo que a brancura gera oportunidades de trabalho, aspirante à classe média, garantindo dignidades no acesso a bens e serviços, boas escolas para estudar, sem sofrer depredação ambiental ou falta de saneamento. (Akotirene, 2019, P. 29).

Os privilégios que ela assume ter até um certo ponto, quando em check, passam a ser justificados por todos os seus esforços, assim que entram em uma zona de muito desconforto para serem admitidos. Esforços todas nós fazemos. Não estamos competindo sobre opressões, estamos chamando consciência para a dinâmica de favorecimentos e desfavorecimentos do mundo, na qual meus esforços não terão o mesmo valor que esforços de uma corpa branca e que isso além de extenuante é desestimulante, ademais porque nossa estrutura psicológica cresceu forjada sobre reconhecimentos diversos e sobre níveis de permissão e referências para alcançar, ter e realizar, diversos também.

Raciocínio exato sobre a interseccionalidade, desinteressada nas diferenças identitárias, mas nas desigualdades impostas pela matriz de opressão. O conceito interseccionalidade está em disputa acadêmica, há saqueamento da riqueza conceitual e apropriação do território discursivo feminista negro quando trocamos a semântica feminismo negro para feminismo interseccional, retirando o paradigma afrocêntrico. (Akotirene, 2019, P. 30, 31)

O desenvolvimento de meus silêncios e de minhas vozes, o peso de tudo isso, definitivamente não passou pelos mesmos lugares de contração e expansão que os dela que de modo geral sempre teve legitimidade para conquistar e estar à frente, mesmo em condições sociais mais restritas. Não passamos pelo mesmo crivo de tolerância, legitimidade e liberdade para ser e se refazer. E isso se revela nos ruídos de entendimento, na (des)atenção à leitura sobre a minha própria história. Podemos nos reconhecer nessas vias de ir sendo, em algumas histórias e suportes de superação a essas histórias, mas o chip que a pessoa branca cresce tendo em ocupar sempre um lugar central não se apaga por margilizações financeiras. A leitura que defensivamente oferecerá continuará a ser apressadamente a partir de si mesma, a referência. Por isso... A classe não apaga a cor. Seja para o branco ou para o negro. Seja que classe for. A classe não apaga a cor.

Mesmo a branquitude crítica, definida categoricamente por Lourenço Cardoso como aquela reflexiva sobre a respectiva condição antirracista e privilegiada por ser branca, não deveria empregar interseccionalidade em benefício analítico próprio, quiçá, usar da gramática racial para reconhecer esse lugar, quando contextos forem neutralizados raça por classe, geração, escolaridade, religião, território, profissão dentre outros marcadores sociais, erroneamente agregados no lugar de raça. Cabe à identidade branca usar interseccionalidade para desconstruir a falsa vulnerabilidade uniformizada, demonstrar o contexto das branquitudes, não incorrer de oportunismos fraudulentos no sistema de cotas raciais – chegando a “desenterrar a avó negra ou colocarem o pé na senzala”, conforme menciona Joyce Lopes.

Interseccionalidade revela o que classe pode dizer de raça, da mesma forma que raça informa sobre classe. **“Raça é a maneira como a classe é vivida”, conforme ensina Angela Davis.** (Akotirene, 2019A, P.30, grifos nossos)

Continuando a revisão de posturas racistas citadas por Beatriz Nascimento, recordo as inúmeras vezes que fui olhada com muita desconfiança por usar guias de proteção no ambiente *São Paulo*. Corpos brancos não passavam pelo mesmo crivo que o meu, de olhares e milhares de perguntas que não eram apenas curiosidade.

O “pardo dilema”, discutido pela professora Joyce Lopes, auxilia entendermos a interseccionalidade de raça junto aos demais marcadores sociais. A autoclassificação do sujeito que se declara negro sendo ele branco, destoa a aplicação da interseccionalidade, porque o racismo não alcança esta experiência, por mais que se apresente de turbante, significados religiosos de candomblé, seja de classe trabalhadora, a sistemática racista não alcança esta identidade na matriz de opressão, ali, na avenida em que estruturas se articulam, simplesmente, porque o racismo está aí, como dito, há mais de 4 mil anos, há quinhentos anos mostrando a sua modernidade. Acessórios estéticos de negro são resolvidos quando as identidades tiram as aparências e mantêm suas peles brancas. (Akotirene, 2019, P.28)

Não estou querendo restringir ninguém de professar a sua fé, nem de reconhecer conexão com forças espirituais e referências culturais que lhes signifique de bem-estar no mundo, mas a pessoa branca que frequenta espaços sagrados de herança africana e/ou utiliza de seus símbolos de força e se empavoa para considerar-se superior, mantendo e se favorecendo de todos os seus privilégios da branquitude, ao meu ver, não tem fundamento para estar no axé, pois não reconhece a sua fonte, criada, sustentada, feita e refeita de carne preta através da história. A pessoa branca que defende o axé, mas não quer refletir questões raciais é bastante contraditória.

Uma das piores agressões que sofri neste nível foi por parte de um intelectual branco. Disse-me ele que era mais preto do que eu por ter escrito um trabalho sobre religião afro-brasileira, enquanto que eu não usava cabelo afro nem freqüentava candomblé. Foi uma das constatações mais difíceis de situar, uma das mais sutis sobre o preconceito racial existente no Brasil. Sofremos agressões sutilíssimas, na rua, na escola, no trabalho, até mesmo na família. Mas esta foi verdadeiramente a mais violenta. Não sei a que corrente pertence. Acredito que ela faça parte da mais nova mistificação em termos de preconceito contra o negro. Os artistas, intelectuais e outros brancos, diante da crise do pensamento e da própria cultura do Ocidente, voltam-se para nós como se pudéssemos mais uma vez agüentar as suas frustrações históricas. É possível que agora, no terreno das idéias e das artes, continuemos a ser os pés e as mãos” desta Sociedade Ocidental? Acham eles que por freqüentarem candomblé, fazerem músicas que falam de nossa alegria, sabedoria e outros estereótipos, podem também, subtrair a nossa identidade racial. Se um

jovem loiro, burguês, intelectual brilhantíssimo, após alguns anos de estudo de uma das nossas manifestações culturais chegar à conclusão que é mais preto que eu, o que é que eu sou? Nas ruas as pessoas me agredem das mais diversas formas. No meu interior há recalcamento das aspirações mais simples. Em contato com as outras pessoas tenho que dar praticamente todo o meu “curriculum vitae” para ser um pouquinho respeitada. (...) Quando de volta ao cotidiano, verifico que as pessoas vêem minha cor como meu principal dado de identificação, e nesta medida tratam-me como um ser inferior. Me pergunto que ideologia absurda é essa, dessas pessoas que querem tirar minha própria identidade? Geralmente, quando somos agredidos na rua e reagimos, apressam-se os agressores imediatamente a recorrer ao que entendem por integração racial, como dar-se muito bem com os pretos, menos comigo, é claro, que não entendi que foi uma forma de carinho chamar-me, por exemplo, de crioula, com uma acentuação bastante depreciativa e agressiva, ou exigir que chame a dona da casa quando atendo à porta do meu apartamento. E outras vezes a violência se manifesta em toda sua plenitude, com ameaça, inclusive de agressão física (Beatriz Nascimento, in Ratts, 2006, P. 95 e 96)

E se eles, corpos brancos, se sentirem, por algum acaso, em algum momento “corpos suspeitos”, deslocados, em alguns ambientes de forte matriz negra, por serem brancos, acredito ser uma boa oportunidade para se pensarem como “outros” e compreender referências para além deles mesmos, compreendendo que existe uma história por detrás, pela frente, acima e abaixo, em todas as direções e sentidos que provocam essas reações. Sentir-se rejeitado e de ego ferido por um dia parece o fim do mundo para a criança interior naquele adulto que sempre teve a atenção do mundo.

A branquitude não sabe o que é se calar, desconhece ouvir, quer sempre opinar e se incluir. Em uma aula durante o doutorado estávamos entre mais de 20 pós-graduandos de doutorado e mestrado. O professor então notou que naquele semestre havia uma diversidade que para ele era grande, face aos anos anteriores provavelmente. Quatro, isso mesmo, quatro, pós graduandos do nordeste cursando aquela disciplina, todos com alguma melanina a mais. Elogiou nossas pesquisas e a diversidade de abordagens e perspectivas que elas traziam. Uma colega do Rio Grande do Sul corrigiu ele, - Não, temos mais!, e incluiu a ela e outras pessoas do sul e de outras partes do sudeste fora São Paulo, bem numerosos. Ela não entendeu sobre o que se tratava a observação. Achou que a diversidade sobre a qual ele comentava tratava-se apenas de cartografia. Não conseguiu olhar questões localizadas em regionalismos e mediadas pela cor. Ela, como a maioria, não pode ficar de fora, não pode apreciar um elogio aos “estrangeiros” sem reivindicar ser parte dos “forasteiros”, pois naquela ocasião era reconfortante. “A interseccionalidade nos permite partir da avenida estruturada pelo racismo,

capitalismo e cisheteropatriarcado, em seus múltiplos trânsitos, para revelar quais são as pessoas realmente acidentadas pela matriz de opressões” (Akotirene, 2019, P.29).

Um colega que conheci em uma casa de umbanda em Barão Geraldo andava por ali e acolá a lá John Lenon, com sua guia de Oxalá e outras dando volta em seu pescoço. E tudo bem para ele, era visto como espiritualizado, paz e amor. Ele não se sentia desconfortável, pois não era incomodado por usar uma guia, esse é o ponto. A mim, o que será que refletiam? Muitas coisas. Sei que fé, proteção, conexão, paz e amor também... mas aqueles outros olhares que a gente sabe bem como são, me chamavam em silêncio de *bruxa*, tinham medo de minha *mandinga*, pois eu era *macumbeira*. Dito por quem sabe o que tá dizendo e que ama essas palavras - mandinga, bruxa e macumbeira - isso se torna um elogio. Não era o caso. Bom, o medo deles até que também podia ser uma bênção, me fazendo enxergar e ver quem não me enxergava e não tinha nada a ver comigo.

Juntos, racismo, capitalismo e heteropatriarcado devem ser tratados pela interseccionalidade observando os contornos identitários da luta antirracista diaspórica, a exemplo dos brancos de candomblé, que argumentam opressões religiosas sofridas, ignorando que os ataques impostos ao candomblé são, precisamente, ataques contra a cultura do povo negro. A indumentária afroreligiosa para alguns brancos é situacional, individual e provisória, por vezes, até mesmo mais um capital cultural, simbólico e político. Basta lembrarmos como Pierre Verger, Antônio Carlos Magalhães e Nina Rodrigues fizeram carreira intelectual e política valendo-se da autoridade religiosa no candomblé e produziram racismos e sexismos com a licença poderosa de seus cargos religiosos. (Akotirene, 2019, P. 24)

Foi através da universidade que estive a primeira vez em um terreiro. Eu fiz parte de um projeto de pesquisa e extensão chamado PDRR, Programa Direito e Relações Raciais, mediado pelo professor Samuel Vida, um homem negro, único que à época dialogava sobre questões raciais na faculdade de direito da UFBA. Parte do projeto era a prestação de atendimento jurídico em comunidades e acompanhamento do mapeamento dos terreiros de Salvador. Passamos uma tarde no Ilê Axé Opô Afonjá, nesse período dirigido por Mãe Stella. A lembrança mais viva que tenho daquele dia são os teares de uma oficina/atelier organizada por mulheres, e a escola para crianças da comunidade do ilê. De fato me chamou atenção não somente o sagrado em seu quesito ritualístico mais esperado, **mas a rede comunitária que movia e sustentava relações e famílias dentro daquele espaço. Uma rede de afetos.**

Os terreiros, como o próprio nome diz, diz de território, e é o que pesquisadores como Muniz Sodré (2002, P.20) compreendem como inauguração, perpetuação e permanência de um projeto civilizatório de matriz africana no Brasil. Os terreiros condensam, expandem e são fundamento não somente de aspectos compreendidos como religiosos, mas um espaço de construção de uma outra África, Pós- Diáspora, iniciada por africanos - sequestrados e obrigados a vivenciar situação exploratória e de escravidão no território brasileiro no período colonial- como uma forma de alocar e resguardar a humanidade e pertencimentos confiscados, e seus modos de vida e tradições plurais de diversos grupos do continente africano. Os terreiros permanecem sendo territórios onde fé é filosofia, é cosmopercepção²¹ vinda de África, é cosmogonia aplicada ao corpo, que integra no corpo, através da arte, que é dança, que é canto, que são saberes de ervas, que são saberes comunitários, que é a própria natureza manifesta enquanto organismo uno, axé. No vídeo “Teatro das Origens: Estudos das performances Afro-Ameríndias”, que deu origem ao livro de mesmo nome, Zeca Ligiero (2019) assim sintetiza “(...) espetáculos de rara beleza, enaltecendo e cultuando as divindades da natureza. As divindades, por sua vez, ao voltarem ao mundo dos vivos, encontram na arte a forma mais requintada de demonstrar o sagrado para os humanos.”

Os terreiros de candomblé estão fundados e se constroem no seio de uma todo relacional regido por valores e princípios de cooperação e de resguardo de vida. É um precioso Templo onde nossa história permanece viva por meio da transmissão de saberes que atravessaram o atlântico e foram agregados por nossos antepassados aos seus modos de vida em Diáspora. É importante ter em mente que os candomblés, a Umbanda e todas as práticas nomeadas como práticas espirituais afro-brasileiras, afro-latinas, e em qualquer parte do mundo que estejam, imprescindem de serem compreendidas não apenas pelo viés do aspecto espiritual e religioso,

²¹ “Entre as recentes epistemologias, vale destacar a da socióloga nigeriana Oyèrónkẹ Oyèwùmí (2021) em seu debate acerca da invenção da categoria “mulher”. Para a autora, tal categoria exemplifica a redução colonial de toda tradição a “uma visão do mundo”: “Há uma categoria essencial e universal, ‘mulher’, que é caracterizada pela uniformidade social de seus membros [...] A categoria ‘mulher’ é pré-cultural, fixada no tempo histórico e no espaço cultural, em antítese a outra categoria fixada: ‘homem’” (Oyèwùmí, 2021, p. 18). Não apenas isso, a autora alerta que essa categoria possibilita entender como o uso do termo cosmovisão (worldview) para referenciar a organização de todas as sociedades não-ocidentais é uma condição colonial, já que a maioria delas não possuem um privilégio da visão e, sim, uma combinação de sentidos. Por isso, Oyèwùmí propõe o termo worldsense, traduzido para o português como cosmopercepção. Esse cuidado com a terminologia possui importância justamente por causa do ato de diferenciação ocidental fundado no “olhar”, pois a partir disso o corpo do outro passa a ser julgado se lhe falta, ou não, humanidade. Nesse julgamento está o caráter étnico-racial, gênero, sexualidade, faixa etária, capacidade física ou mental, entre outros aspectos que marcam “o corpo, o alicerce sobre o qual a ordem social é fundada, ele está sempre em vista e à vista” (Oyèwùmí, 2021, p. 28).” (Dantas, 2022, P12).

mas como uma ciência que resguarda diversos saberes vindos da África, na qual os “mitos” estão vivos, onde a manifestação divina é encarnada e se passa no corpo, no toque dos instrumentos, na comunhão coletiva, na partilha do alimento, **onde a natureza é celebrada e sentida como algo integrado ao divino e não uma serva dos homens.**

Localizamos o candomblé no Suleamento referido nas discussões sobre epistêmes do Sul, epistêmes periféricas e “marginais”. O Candomblé é ciência. Assim como as práticas e saberes dos povos indígenas são Ciência não hegemônica, por muito tempo invisibilizadas e expropriadas, e que por isso mesmo encontram uma série de distorções quanto ao seu entendimento. Fazem parte das discussões sobre epistemicídio sobre a qual temos falado. “Olhar para essas práticas como a atualização de epistemes que resistiram ao massacre europeu é um gesto não apenas conceitual, mas político” (Leda Martins in Boito, 2022, P. 36).

Apesar disso, o que Martins nos mostrará ao longo de sua obra é que, apesar do que querem nos fazer crer os discursos hegemônicos e racistas, essa política de apagamento não foi bem-sucedida. A autora afirma que colonizados(as) e escravizados(as) mantiveram, desenvolveram e transmitiram suas epistemes a partir de práticas performáticas, constituindo uma pletera de conhecimento que se inscreve ainda hoje no mundo de maneira cinética e sinestésica. (Leda Martins in Boito, 2022, P. 35-36).

Então após a visita ao Opô Afonjá, sempre que a oportunidade surgia e eu recebia um convite, ia conhecer outros terreiros. O tempo passou, meu interesse pelo universo dos orixás era crescente, então eu comecei a estudar mais sobre eles, queria saber suas histórias, símbolos, cores, nomes, atuações... e isso foi acontecendo organicamente.

Foi então que lá em 2011 - já terminada a graduação e redirecionando meu caminho profissional – que as aulas de teatro, canto coral e dança afro contemporânea que eu participava no Espaço Cultural Pierre Verger (em Salvador, Bahia - um espaço repleto de histórias e de presenças de atores sociais marcantes, que mobiliza a arte e a cultura afro-brasileiras), começaram a despertar em mim sensibilidades latentes, a reabrir meus canais de percepção a partir da movimentação da minha fisicidade, abrindo espaço para expressão de minhas emoções, memórias, de minha comunicação mais expandida com o mundo, e com isso, começar a conectar com mais consciência a presença dos orixás e de entidades guias em

minha vida, pois até então eu os estudava e pensava que os apreendia principalmente pela via do intelecto.

Se tornaram ainda mais frequentes os sonhos que iam me visitar quando eu adormecia, com imagens, símbolos e mensagens dos orixás, alguns inclusive que à época eu nem conhecia. Como Logun Edé²², que me disse imponentemente todo seu nome da nação ijexá²³ e se apresentou belamente como uma criança que também era um homem jovem. Sonhei com Oxalá²⁴ a beira-mar, e o abebé²⁵ de Oxum²⁶ brilhando no céu, Ogum²⁷ vinha vestido elegantemente alinhado, me dava instruções, e o cavaleiro andante, meu Exú²⁸ cativante, caminhou comigo cheio de mistério e amor por dentro de um campo de trigo. Usava cartola e terno preto, não via o seu rosto, mas suas mãos tocavam a minha e eu sentia toda a segurança da forma mais amorosa que precisava.

Figura 9, *Exú, O cavaleiro andante.*



Pintura da autora, Adriana Gabriela.

²² Glossario

²³ Glossario

²⁴ Glossario

²⁵ Glossario

²⁶ Glossario

²⁷ Glossario

²⁸ Glossario

Figura 10, *Obaluaê*.

Pintura da autora, Adriana Gabriela.

Muitos outros sonhos ocorreram de lá pra cá. Sonhos de cura, sonhos nos quais eu vivenciava verdadeiros rituais, sonhos de acalanto, sonhos bálsamos, sonhos que me faziam acordar de supetão com alguma mensagem ou nome que nunca escutei na boca (e a língua não era o português). Um vez em sonho Iansã me fecundou com seus ventos e noutra vez, antes, entre acordada e adormecida, uma preta-velha me fez cafuné para eu dormir, depois de eu ter visto um feixe de partículas de luzes coloridas brilhando dentro do quarto.

Em um outro sonho uma cobra rosa corria pulando e brincando atrás de um gato numa paisagem bonita, estavam felizes, e eu acordei falando *Ewá*²⁹... foram muitos sonhos, muitas águas, muitas sereias, por vezes imagens tão antigas, como os símbolos pintados em um mural de barro que vi sendo expostos em meu sonho. Esses sonhos foram compondo para mim uma comunicação com o universo dos orixás, entidades e guias, e um direcionamento durante todos esses anos.

Figura 11, *Iemanjá*.



Pintura da autora, Adriana Gabriela.

Figura 12, *Choveu uma menina Oxumaré*.

²⁹ Glossário



Pintura da autora, Adriana Gabriela.

Além dos sonhos quando dormindo, outras visões vindas a partir de **meditações** e **experiências criativas**, como desenhos e visões provocadas através dos **movimentos da dança**, bem como a partir de **experiências espirituais ritualísticas em casas sagradas**, compõe essa comunicação. E essas foram as fontes fundamentais para seguir alinhavando essa grande teia da pesquisa fundamentada sobretudo na prática. Tudo isso diz de um trabalho pessoal de conexão, abertura e expansão de canais de comunicação sensíveis, de modos de apreensão do mundo, de si no mundo e de construção de saber que fazem parte do *universo sensível e invisível* tangenciado pela arte, mas não apenas, do invisível que é invisível e aparentemente não tangível em função de um processo histórico de invisibilidade forçado destas práticas, destes saberes, recursos e conexões.

Assim enxergo, que muito do mundo dito invisível, o é muito mais por ausência de oportunidade, privação de relação com este universo, do que por sua própria qualidade impalpável. Pela ausência de *atenção* à sua existência e comunicação cotidiana. Colonizar também significou estruturar, condicionar e fixar o cotidiano em ações, interesses e direcionamento de energia para o que foi considerado pertinente ao colonizador, deixando *fora de cena* uma gama de saberes que ficaram à *sombra* dos holofotes da história e da nossa psique, mas ainda assim completamente vivos pelas também históricas práticas de resistência e afirmação de existência, diante de tentativas sucessivas de mantê-las no camarim.

Trazer estes saberes afro-indígenas, diaspóricos, afro-brasileiros, para cena e para uma conexão cênica, estudá-los no corpo e como poética de linguagem contextualizada, é reafirmar as suas existências palpáveis e permitir que uma rede de saberes inscritos em nós tenha vazão.

Sofia R. Boito (2022), refletindo em seu artigo sobre a contribuição do pensamento decolonial de Leda Maria Martins para as artes da cena, alinhada ao nosso pensar-sentir, assim nos comunica:

Constrói-se, assim, um pensamento que não exclui a corporeidade daquela que escreve. Seu próprio engajamento no Reinado, enquanto rainha de Nossa senhora das Mercês da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário no Jatobá, em Belo Horizonte, já revela de que maneira a pesquisadora constitui sua pesquisa como um “pensamento corpo”, não se furtando a conceber sua reflexão como parte integrante de sua experiência de mundo. Faço aqui essa análise, traçando um paralelo entre o gesto da autora e o gesto que ela própria identifica na cena teatral negra recente no Brasil. Segundo Martins, a partir do momento em que os corpos negros se colocam em cena, eles o fazem enquanto um gesto que não é apenas poético, mas político; não é apenas estético, mas ético; não é apenas artístico, mas conceitual. O corpo produz pensamento. (Boito, 2022, P. 37)

Eu sou semente deste espaço-tempo Bahia, deste chão, desta terra Salvador, deste chão Brasil que em origem é Indígena, ao tempo que sou semente nascida de sementes vindas da África, vindas também de outras partes do mundo, Europa e mais, pelo movimento de Colonização. Infelizmente o termo Colonizar não é integrar culturas, é sobrepor. Colonização impõe subalternizar povos e atuar na desconsideração e fragmentação de outras formas de existência, provoca a perda de referências que inspirem confiança, auto-estima, saúde e vitalidade.

Movida por escrevivências, como Conceição Evaristo, proponho cantiga decolonial por razões psíquicas, intelectuais, espirituais, em nome d'águas atlânticas. Mulheres negras infiltradas na Academia, engajadas em desfazerem rotas hegemônicas da teoria feminista e maternarem a-feto, de si, em prol de quem sangra, porque o racismo estruturado pelo colonialismo moderno insiste em dar cargas pesadas a mulheres negras e homens negros. Lavouras identitárias plantam negritudes onde não existem e impõem para nossos úteros significados ocidentais do feminismo branco em detrimento da matripotência iorubana. (Akotirene, 2019, P.15 e 16, Carla)

É impulsionada por essa busca por **referências vitais** que **favoreçam a expressão de corpus vitais** que tenho caminhado aberta a receber paralelamente aos saberes hegemônicos aos quais sou exposta e estou imersa, ensinamentos de práticas e saberes não hegemônicos, de tradições não hegemônicas, interessada principalmente nas relações simbólicas do feminino sagrado³⁰ e de compreensão e encontro com saberes destas linhagens ancestrais que me tocam e atravessam. Sou identidade não só em desconstrução ou negação de uma construção instituída, como se poderiam entender em uma leitura tópica pelo termo decolonialidade, mas identidadeS em re.conexão, re.cordação e re.conhecimento. Falo aqui de memória. Falo de memória ancestral.

Falar de ancestralidade tão pouco tem a ver com a noção apenas linear de tempo, de uma volta ao passado. Ancestralidade é saber que te Atualiza, que te permite expandir a visão de uma presença-tempo-ontológica, parte integrante ao ser. Memória também se expande para além de *lembrança*, memória é parte constitutiva, é sabedoria e instrumentais encarnados, corporificados em nossa matéria, corpo e suas conexões expandidas.

Foi ainda sem essas palavras, mas com muitos impulsos de procura, que o meu caminho na arte e na pesquisa artística esteve cruzado com buscas, práticas e experiências de pertença, transpessoais, espirituais.

Muitas experiências que eu vivi em meu florescer artístico me remetiam à experiências de expansão de consciência presentes em experiências ritualísticas, e vice-versa, o que me levou a compreender que o quê chamamos de sensível compõe o ser humano em variáveis aspectos e dimensões. É um trabalho contínuo sobre percepção, e fundamentalmente, sobre a localização de nossa atenção para apreender a relação de nosso ser interior e o exterior que projetamos e significamos, criativamente.

Me cabe então falar um pouco sobre minha relação com a meditação e o yoga, para depois alinhar os três pontos: práticas corporais e meditativas, artes da cena e espiritualidade.

³⁰ Estudo que iniciei no mestrado, tendo intitulado minha dissertação de *Mulher no Palco: Ritos Poéticos Teatrais de Iniciação ao Feminino Sagrado*.

A primeira experiência de prática de meditação e yoga que eu me lembro ter feito foi escolar, por volta dos meus 12, 13 anos. Fiquei impressionada com o poder do recurso ‘respiração’, e com o estado de bem-estar que eu podia alcançar por apenas respirar com consciência. Foi ali também que eu tive um vislumbre de começar a ver por dentro, ou seja, começar a ver através do meu terceiro olho, nossa tela interna. Mas foi a partir de um curso de teatro, com Walter Rozadilla, neste mesmo ano de 2011, que ativei em minha vida a prática do yoga, através da *saudação ao sol*, passada por ele como prática de energização e de trabalho da presença cênica. A partir dali eu busquei constantemente práticas de yoga e de meditação no meu dia-a-dia, bem como muitas delas eram recursos utilizados nas formações de teatro que recebi na continuidade de meu trajeto de formação. Através dos anos, segui interessada e praticando respiração, posturas, bem como mantras de alinhamento dos chakras (centros de energia localizados no corpo) como maneira de trazer até mim autoconhecimento e bem-estar.

Foi também em 2011 que eu conheci a ayahuasca e consagrei a primeira vez o chá de origem indígena feito da união da chakruna com o mariri. O caminhar com esta medicina indígena me proporcionou um grande mergulho em diversos saberes e na forma como apreendia o mundo, aflorando e expandindo conexões e percepções através do oceano do inconsciente para a consciência.

Na continuidade da formação teatral que tive, experiências com máscaras, como a máscara neutra, me remetiam a este universo de acesso aos mistérios, de criar e mover a partir de um impulso físico energético novo, tal qual eu vivera com a experiência da ayahuasca.

Neste caminho de vida que se cruza com a pesquisa e vice-versa, tenho vivido experiências vitais e ritualísticas, artísticas e acadêmicas em terreiros de candomblés e de Umbanda de Salvador e de São Paulo, experiências rituais com o xamanismo das tradições indígenas dos povos Huni Kuin e Yawnawá, me integrado e aprendido muito com grupos espiritualistas da Bahia (para mim uma família) que consagram a bebida ayahuaska de tradição dos saberes indígenas, através de correntes ecumênicas onde as Giras estão presentes, e também nas linhagens que une saberes Cristãos de um Catolicismo Popular de Caboclo, do Candomblé e da Umbanda na doutrina do Santo Daime³¹.

³¹ Para saber mais: <https://chacruna-la.org/mestre-irineu/>

Vivi um direcionamento interno para estar nestas casas e espaços sagrados, e fui me sentindo à vontade para estar em todos esses espaços pois neles o Divino Feminino é respeitado, reverenciado e reconhecido como força criadora; há Mulheres em representação cerimonial e liderando a casa e os cultos; os Orixás se fazem presentes, são enaltecidos e especialmente reverenciados; a linguagem de transmissão espiritual se dá por meio da celebração através do canto, do movimento, da dança, a atribuição de responsabilidade sobre o caminho de cada um se dá pela compreensão de autoresponsabilidade, transformação interna e desenvolvimento pessoal, dentro de um escopo de comunhão coletiva, onde a ancestralidade também está presente; o conhecimento do divino se dá agregado à reflexões sobre as nossas práticas diárias de conduta e de fé; o saber espiritual é para além de dogmatismo um saber para auxiliar nos desafios vitais; e a força da vida e do bem-estar é reverenciada como fundante independente de qual seja a circunstância, sempre há vida. **Esses valores são importantes para mim.**

A intenção inicial da pesquisa era percorrer o caminho de encontro com a cosmogonia das mães ancestrais Ìyamí Osorongá em um processo criativo. Havia uma pergunta, título do projeto de pesquisa, que fazia: “Ìyamí Osorongá, minha mãe feiticeira, como perder o medo de ser terra?” e essa pergunta dizia tanto respeito a diversos medos e desafios que a condição da identidade de ser uma mulher negra me apresentava ao estar e caminhar no mundo, quanto a um preparo e fortalecimento interior de desmistificação e empoderamento de minhas fontes e conexões ancestrais, para compreensão e travessia dos ciclos da vida. Inclusive, a compreensão e necessidade de falar sobre curas de obsessões provenientes de preconceitos raciais e de gênero e desenvolvimento de novas agências subjetivas se tornaram explícitas e fundamentais na relação com a universidade/Unicamp, a partir das relações difíceis que vivenciei desde o princípio, ainda como aluna especial, durante o processo de seleção do doutorado.

Esta intenção continuou viva, mas foi tomando formas adaptativas conforme a sucessão dos acontecimentos que possibilitavam ou não esse desenvolvimento. A primeira delas era uma viagem à Nigéria que desejava realizar, país onde o culto às Ìyamís é também originário. Esta viagem ainda não aconteceu, mas tive a oportunidade de saudar o solo africano pela primeira vez em Luanda, através de uma viagem com outras duas artistas baianas com o Projeto Lusofônicas.

A relação com as Ìyamís passou a ser vivida através de alguns de seus elementos representativos, como a cabaça da criação, e através das Íyabás, Orixás femininas, que também são expressão de seus poderes. Todo este universo diz respeito a experiência e representação da grande força feminina, ou Grande-Mãe, pela cultura Iorubá (e outras culturas africanas de onde nascem outras linhagens dos candomblés). Em essência, o culto as Ìyamís é também um culto aos antepassados, pois revela o respeito à energia potencial de criação que é própria do feminino, e a energia primordial de criação expressas nas primeiras mulheres. Assim é que também são chamadas de Mães, ou culto às Mães. As mães primordiais.

O culto as Iyamís Osorongá é envolto em muitos tabus e mistérios. Muitas casas de candomblé não permitem inclusive que se pronuncie o seu nome dentro do terreiro, sendo seus cultos fechados e restritos. Estão ligadas a tudo que diz respeito à vida e a morte, aspectos da criação, portanto, aos “poderes míticos da mulher em seu duplo aspecto: protetor e generoso, perigoso e destrutivo” (Azevedo, 2006, p. 25). Em virtude das Ìyamís serem um símbolo que “nos faz refletir sobre os opostos e romper com a visão maniqueísta de bem e mal, possibilitando entendermos o candomblé que não propõe dicotomia” (Azevedo 2006, p. 67), seu culto também sofreu interdições de contextos patriarcais, o que gerou o desenvolvimento de tabus e segredos em torno do conhecimento e diálogo sobre o culto às mães, como também é conhecido, “porém não extirpou o *feminino* que, por ser arquetípico, acabou se impondo.

Foi então uma feliz surpresa para mim ter encontrado no Templo dos Orixás Odudwua no litoral de São Paulo, um terreiro onde existiam rituais públicos celebrativos das Mães dentro do templo e não só, um cortejo que percorria os arredores do terreiro, celebrando na rua, e culminava em uma Gira à Beira-Mar.

O feminino ancestral das Íyabás assume um papel fundamental na sustentação da auto-estima de muitas mulheres, em especial das mulheres negras, que encontram refletidos nos espelhos de Oxum e de Iemanjá sua própria identidade de fecundidade, prosperidade, capacidade e beleza, como na espada de Iansã e de Obá a força para lutar pelos seus objetivos sem submissão, e assim ao infinito, vastas que são as características nutritivas das Orixás. Falo por mim mesma.

Figura 13, *Iyá oro miô*.

Pintura da autora, Adriana Gabriela.

No aspecto mítico, as narrativas sobre os feitos das Iyabás contam de ações que afirmam constantemente a importância fundamental do feminino para a vida, afigurando-as como forças propulsoras do equilíbrio e indispensáveis à vida. Sem o feminino não há vida. Uma das narrativas por exemplo, conta um feito de Oxum, que percebendo que nenhuma presença feminina havia sido convidada a um encontro onde haveria decisões importantes para a sociedade, e somente a força masculina estaria presente, retirou de todas as mulheres o poder de gestar e tudo na terra deixou de ser fecundo, apenas devolvendo este poder quando foi convidada para participar da reunião, mostrando assim aos homens a importância do feminino.

Outra narrativa conta que em uma discussão dos Orixás sobre quem entre eles seria o mais importante, e tendo a maioria se referido a Ogum, orixá masculino, por este deter o poder do ferro e ter possibilitado aos seres humanos o desenvolvimento de instrumentos da agricultura, da construção, das armas de guerra e outras tecnologias, Nanã demonstra que ele não é realmente indispensável torcendo ela mesma com as próprias mãos o pescoço dos animais oferecidos ao ritual para ela.

Figura 14, *Nanã*.

Pintura da autora, Adriana Gabriela.

As Iabás simbolizam também, por isso mesmo, no plano social, forças de empoderamento feminino e de combate aos desequilíbrios advindos do machismo e do sexismo patriarcais. As Iabás, e todas as entidades femininas da umbanda, as pombas-giras, as caboclas, as pretas-velhas, são para mim mães, avós, amigas, mensageiras, são aquelas que me abrem a visão, que me revelam sobre minhas ações, que auxiliam no cuidado com meu caminho de vida, ensinam a dançar a vida com verdade, que me dão corpo e coragem. Todas elas são expressões de femininos que encarnam e corporificam mensagens vitais. Elas expressam tudo isso por meio dos elementos da natureza, através de outras mulheres, através de meu corpo em dança, que dança para elas, com elas e é dançado por elas. Através de visões, sonhos, pensamentos, sensações, de palavras sopradas por uma poesia de vida na qual nos “confundimos” e nos unimos, num sopro único que transpira liberação das opressões e conflui em amor.

CAPÍTULO 2

BEIJAR A TERRA: PERFORMANCES AFRO-FEMININAS DE DESCOLONIZAÇÃO^{32 33}

Figura 15, Foster Park, Londres 2020.

³² Este texto foi escrito a partir de materiais escritos de capítulos de minha dissertação “Mulher no Palco: Ritos Poéticos Teatrais de Iniciação ao feminino Sagrado”, e experiências e aportes do doutorado, com a intenção de organizar e compartilhar durante o curso das disciplinas do doutorado um material referente ao campo de estudos sobre o qual caminho. Deu origem ao artigo publicado nos Anais do VIII Colóquio Internacional de Etnocenologia: Cosmos-Corpo-Celebração. Disponível em: <https://proceedings.science/etnocenologia-2018/trabalhos/iyami-osoronga-minha-mae-feiticeira?lang=pt-br>



Imagem da Autora.

Tanto quanto a palavra escrita e seus modos habituais de sentido, a possibilidade de reconhecimento do mundo está limitada à experiência de cognições legitimadas pelo senso-comum de saberes de uma ciência hegemônica. Os Encaixes do mundo em Caixas específicas ...

Viajar pelo feminino é descobrir-se muitas, inscritas numa ordem sagrada, pelo reencontro com pulsos esquecidos, e remontar histórias de muitas gerações, tempos em que o princípio feminino não era o esquisito, mas uma maneira segundo a qual vivenciávamos e dávamos sentido ao mundo. Atravessar essas histórias é tornar a inscrevê-las no hoje e solar mundo do fazer, reconhecendo as tensões e lutas, os rastros que fizeram do feminino menos que o mundo fecundo da Lua, mas sombra temível, indizível e cindida de nós.

Sobre esta cisão, Mary del Priore, historiadora brasileira, em seu livro “História das Mulheres no Brasil”, traz todo um capítulo sobre as práticas de feitiçaria e cura no Brasil Colônia, onde relata experiências de práticas de autocuidado entre mulheres a partir de líquidos de seus próprios corpos, como a menstruação, bem como através de rezas e outras conjurações, pontuando a medicina formal e a igreja como interventoras responsáveis por desarticular essa troca de saberes e cuidados entre mulheres de etnias diversas.

Conhecimentos, modos de cura e todo o corpo feminino foram trancafiados para não dizer o que sabiam, sentiam, ouviam e liam. Foram considerados loucura, fanatismo, bruxaria, pela ciência médica, por instituições religiosas, pela priorização do aspecto racional como produtor do saber.

(...) como pontua os trabalhos de Oyèrónké Oyěwùmi. Os povos colonizados herdaram traumas psíquicos, perderam significados espirituais, linguísticos e cosmológicos como parte da subjugação da Europa ao conhecimento de africanas e africanos, daí a marginalização das epistemes locais, segundo pensa a pesquisadora nigeriana, requerer um feminismo que aborde a produção de conhecimento a partir das categorias africanas e de como atualmente a antiguidade modela interconexões das relações sociais. (Akotirene, 2019, p. 47)

O corpo da mulher foi patologizado, condenado, dito maldito. Seus órgãos passaram a ser considerados representações do demoníaco, causadores de histeria, por uma mentalidade que, dizendo-se científica, temia as práticas realizadas por mulheres na cura de males entre os planos físico e espiritual, que esta mesma medicina que as condenava não podia curar.

Neste sentido, a chamada bruxaria, saberes advindos de práticas culturais e religiosas não centrais, é conhecimento periférico, episteme marginal, é prática de transgressão, porque ela atinge e ofende o princípio estabelecido da razão.

Conjurando os espíritos, curandeiras e benzedadeiras, com suas palavras e ervas mágicas, suas orações e adivinhações para afastar entidades malévolas, substituíam a falta de médicos e cirurgiões (...) mas essa atitude acabou deixando-as na mira da Igreja, que as via como feiticeiras capazes de detectar e debelar as manifestações de Satã nos corpos adoentados”. (Priore, 1997, p. 81)

Sobre esta questão aprofunda também reflexões a etnomusicóloga Laila Rosa, em seu artigo “Juremeiras e Bruxas: As donas de uma ciência —Ilegítima”, apontando a Jurema como complexo polissêmico considerado pelo povo-de-santo como ciência que abrange diversas práticas e preceitos manipulados em grande parte por mulheres, práticas e saberes de enfrentamento à perseguição patriarcal. Diz ainda:

(...) a bruxaria pode ser compreendida historicamente como uma prática de enfrentamento político das mulheres ao sistema patriarcal da época. A perseguição policial as religiões de matriz africanas e afro-indígenas como o culto da jurema, além do racismo institucional, ilustrou também a perseguição ao feminino, visto que as mulheres sempre foram e continuam sendo maioria nestas religiões, desde sacerdotisas a praticantes. Durante a

perseguição policial aos cultos afrobrasileiros, objetos sagrados foram apreendidos e líderes espirituais eram internadas em hospitais psiquiátricos como loucas ou histéricas (maioria de mulheres). O que nos leva a crer que, além de racista, esta também consistia numa perseguição e controle das mulheres consideradas insubordinadas. (Rosa, 2009, p. 189)

Essas construções estão apoiadas ainda pela subjugação mítica do feminino ao masculino e por signos que cindem suas expressividades num sistema dual de profanidade e santidade. Todo um pensamento dual, que cinde corpo/mente, espírito/ carne, bom/mau, certo/errado, foi propagado pela ordem religiosa cristã e pela ordem médica que dissocia o corpo da mulher de seu caráter mágico e sagrado, desenvolvendo métodos de contenção aos seus processos naturais antes identificados com os ciclos da natureza. O sangue lunar da mulher torna-se as *regras*. A menstruação, a gravidez e a menopausa tornam-se apenas fisiologias, alvo de controle e medicação (Priore, 1997, p.112). O corpo da mulher foi *Fragmentado* e *Colonizado*. Tornou-se algo ausente dela mesma. O medo ao princípio feminino se torna aí uma questão de gênero.

Emily Martin, antropóloga e feminista estadunidense, em seu livro “A Mulher no Corpo” discorre sobre esse processo de fragmentação, fisiologização e controle dos corpos femininos a produzir a cisão do sentido do Corpo com o Eu, analisando falas de mulheres sobre seus ciclos, situando a menstruação, a menopausa, o trabalho de parto e o nascimento como fatos que as mulheres dizem passar, não ações que elas realizam (Martin, 2006, p. 134-135).

Outras duas dimensões obstacularizadas por esse processo de fisiologização e uniformização do tratamento dos corpos femininos são também pontuadas por Mary del Priore: a perda de referências simbólicas que as incentivavam à vida e à saúde; e a perda do exercício e troca de conhecimentos ancestrais entre as mulheres, que também representava um meio de solidariedade e conexão entre elas. A saber:

Essa ponte com o sobrenatural significou mais do que simples processos de cura na ausência de médicos e doutores; foi também oportunidade para as mulheres se solidarizarem, trocando entre si saberes relativos aos seus corpos trazidos de áreas geográficas tão diferentes quanto a África ou a península Ibérica. (...) Permitiu que as mulheres preservassem sua intimidade e a cultura feminina do saber- fazer diante dos avanços da medicina, que prescrevia para os seus males remédios muito diferentes daqueles com os quais estavam acostumadas a lidar (orações aos santos protetores, ervas e flores do quintal, água benta). **Marcado pela pecha de pecador, o corpo feminino parecia perder referências simbólicas que incentivavam à saúde e à vida.** (Priore, 1997, p. 113, grifos nossos)

Essa perda de referências simbólicas que incentivam a vida e a saúde de mulheres é eixo central da crítica tecida por autoras feministas como Glória Anzaldúa e Cherrie Moraga, de identidade chicana, naturais da região fronteira entre o México e os EUA. Estas afirmam a necessidade de releitura de mitos identitários e ressignificação de seus conteúdos simbólicos, usualmente duais e patriarcais, como instrumental da liberdade feminina, marcando ainda a identidade racial como interseccionalidade de extrema importância a ser reflexionada nos estudos feministas, abordando questões sobre a colonização do imaginário e as diversas dimensões dessa colonização na vida expressiva das mulheres, o que inclui a palavra falada e escrita. Sendo estas, também, poetisas, escritoras e de teatro, identificam a arte como veículo dessa (des)construção, a poesia como poder e voz, levantando questionamentos sobre a produção teatral e a produção de representações usualmente machistas, não apenas em seus discursos, mas nas suas práticas e relações internas de produção artística.

Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida. (Anzaldúa, 2000, p. 234)

A utilização de uma linguagem não hegemônica, que rompe com a estrutura eurocêntrica de forma e conteúdo, tem sido também uma bandeira dentro dos escritos feministas, a partir do rompimento com estes aportes que não contemplam as vozes que se deseja expressar. “Nós falamos em línguas, como os proscritos e os loucos” (Anzaldúa, 2000, p. 232).

Sobre a necessidade de encontrar e reconhecer um lugar de objetividade que incorpora a subjetividade nos estudos feministas, Danna Haraway problematiza:

“Este olhar significa as posições não marcadas de Homem e Branco, uma das várias tonalidades desagradáveis que a palavra objetividade tem para os ouvidos feministas nas sociedades científicas e tecnológicas, pós-industriais, militarizadas, racistas e dominadas pelos homens [...] Gostaria de uma doutrina de objetividade corporificada que acomodasse os projetos científicos feministas críticos e paradoxais: objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados.” (Haraway, 1995, p. 18)

Haraway reafirma a ideia, expressas por escritoras como Glória Anzaldúa, e por toda uma linha de crítica à assepsia da linguagem e ao que viria a ser esta linguagem científica, de defesa à experiência e à história pessoal, ou seja, presença localizada da voz que escreve, e não só isso, seus “erros”, “contradições”, “desajustamentos” como legítimos, substanciais e enriquecedores elementos na produção de conhecimento. (Haraway, 1995, p.30). “ (...) na

crítica das feministas à ciência, defendemos a validade das experiências como conhecimentos situados constituintes do projeto intelectual emancipatório (...)” (Akotirene, 2019, P.50)

Neste sentido me acreço as vozes das mulheres negras, seguindo a tradição de mulheres como Conceição Evaristo, Glória Anzaldúa, Cherrie Moraga, bell hooks, Meri Nana-ama Danquah, que interseccionam lugares de exclusão, para compreendê-los e torná-los lugares de poder, e também dou voz ao que ficou silenciado.

De todo modo, o traço civilizacional de África nos posicionamentos da diáspora, a fronteira mestiza entre México e Estados Unidos, a experiência indígena massacrada nas Américas são massa ancestral do pensamento feminista negro, decolonial e afrolatino-americano. Emoção exata para cruzarmos pontos de vistas, confrontarmos as irmãs mulheristas e historicizarmos a polissemia das mulheres de cor, atravessadas pela interseccionalidade atlântica. (Akotirene, 2019, P. 45)

Foi contestando minha própria lógica consciente que o descolonizar se revelou a mim como a grande consequência dos caminhos através do feminino sagrado. Descolonizar o corpo, o desejo, a imaginação, a fala, a escrita, o movimento, a ancestralidade, o sagrado, o feminino, modos de interpretação...

Venho compreendendo Descolonização como um ato contínuo de abertura, conexão com outras escutas de si, com outras formas de vida e mundos possíveis soterrados por processos históricos de silêncio e tentativa de subordinação. Descolonizar é abrir tempo-espço também para a Diversidade e para a Multiplicidade. Para a possibilidade de agências, de consciência, de escolhas, de acesso à conhecimentos encarnados e silenciados e à sabedoria de vida que possuem. Está ligado à Memória Ancestral, Movimento Ancestral atualizado até o presente. Constituindo questionamento dos processos identitários, em uma atualização constante do que mobiliza vida e saúde, vitalidade, a fim de obter a agência de volta e o senso de si mesmo, incorporando novos símbolos, descascando símbolos latentes, encorajando-os a emergir, a emergir potência, bem-estar e **senso de orientação vital**.

Vale ressaltar o por que descolonizar não é um simples repadronizar. Estamos no âmbito da descolonização quando a repadronização envolver o contexto histórico e a herança de modos e saberes coloniais que se sobrepõem a outras culturas e modos de fazer e viver / pensar o mundo, impondo medidas de valor, "bem", "mau", "melhor", "pior", não legítimo,

promovendo o apagamento cultural e a marginalidade subjetiva, bem como a marginalidade cultural e o apagamento subjetivo. Muito da colonização também significou embranquecimento e epistemicídio.

Para o pensador decolonial Grosfoguel, genocídio e epistemicídio são estruturas modernas inseparáveis, tais quais sexismo e racismo. Logo, a partir da sua concepção, se as africanas e africanos nas Américas foram impedidos de pensar, orar ou praticar seus fundamentos, submetidos aos racismos epistêmicos religiosos e depois ao racismo de cor, o sexismo fez as mulheres serem queimadas como bruxas na inquisição, destruídas sob a forma de bibliotecas de oralidade, na Europa. Os indígenas, por serem seguidores da espiritualidade não-cristã do sistema do mundo moderno colonial, sofreram a matança que permanece aos não-brancos, implicações políticas esboçadas pelas intersecções coloniais dinamizadas por fluxos identitários. (Akotirene, 2019, P 24-25)

Nesta linha de pensamento, também identifiquei embranquecimento na veiculação do que estava sendo chamado de sagrado feminino.

Esta percepção de embranquecimento diz respeito desde ao modo que imagetivamente a maioria dos símbolos sobre o feminino sagrado eram expressos, o modo por vezes elitista como alguns círculos de mulheres eram organizados, a ausência de crítica a respeito de quem, quais corpos, faziam parte destas redes e porque, e fundamentalmente, pela busca algumas vezes “distante” (a exemplo da cultura greco-romana e celta) de uma reconexão mítica, enquanto faltava ou não estava devidamente perceptível o reconhecimento das origens indígenas e afro-brasileiras, dos rituais e expressões míticas através dos saberes e relações comunitárias, modos de vida e práticas de cura, que não deixaram de existir. O que nos conta de um feminino sagrado não apenas de reavivamento de cultos antigos, mas de reconhecimento de tradições milenares que sempre estiveram presentes resistindo neste solo.

A Deusa, A Grande-Mãe, nunca esteve morta, apenas como um mito escrito ou uma representação, para estas tradições. Ao contrário, esta incorporada e corporificada nas pessoas e no próprio modo de existir destas culturas.

Assim é que, ante a percepção de embranquecimento do movimento do Feminino Sagrado, que retorna na atualidade ao culto do arquétipo da Grande-Mãe, e estando também mobilizada por minha ancestralidade, reconheci, ressignifiquei e passei a vivenciar mais de perto simbologias do feminino sagrado da cultura e religiosidade afro-brasileiras através de

estímulos rituais, energéticos e referenciais míticos, passando inclusive, por meio de pesquisa e experimentações ritualísticas e cênicas que agregavam dança, canto e a poesia como rezas, ao (re)conhecimento de (outros) símbolos e presenças. Dançar essas questões me reposiciona, encontro aí mais confiança e atitude para cantar a vida, ressignificando o conflito no corpo, corporificando a experiência mítica, organizando minhas experiências de soma.

Este instrumental - presenças expandidas e integração do corpo - permite ainda um alcance maior que o sentido cênico habitual, senão um reposicionamento inclusive no e do cotidiano, ao ofertar à corporalidade novas formas de agência, servindo como material de empoderamento feminino pela compreensão e conhecimento de si para colocar-se face às dinâmicas sociais.

Foi através desse caminho iniciático que me encontrei com as Ìyamís Osorongá, as mães ancestrais e primordias. O culto às Ìyamís associa-se às sociedades Geledé, compostas por mulheres e originárias da região que hoje abrange o Benin e a Nigéria, cujo objetivo ritualístico está na valorização da mulher, na integração da comunidade, bem como na renovação da fertilidade de modo amplo, que inclui gestação, nascimento e parto, mas também expressa na agricultura, nas relações sociais, criativas e produtivas, na vitalidade, afastando os maus espíritos, traduzidos no medo, na violência, na doença, na angústia, em Obsessões emocionais e outros conflitos humanos.

Identifiquei que esta relação já estava sendo estabelecida através de anunciações das linguagens da vida e da arte. Rompendo padrões, medos e estruturas, foi como chegaram até mim, através de um chamado do mistério, do sagrado anunciado em meus sonhos, sensações que tinha quando na natureza, vontades de oferecer objetos e danças, e também através de imagens que eu pintava antes de conhecer o nome e os símbolos das Ìyamís, como os pássaros e a cabaça. Chegaram até mim como chamado, como convocação e evocação de uma memória ancestral.

Figura 16, *Senhoras do Pássaro da Noite*.



Imagem da autora, Adriana Gabriela.³⁴

Dentro disso surgiu a pergunta, que foi o primeiro título do projeto de pesquisa, como numa espécie de prece: Íyami Osoronga, minha mãe feiticeira, senhoras do pássaro da noite, como perder o medo de ser terra?, me conduzindo outra vez a vasculhar, querer experimentar e assentar compreensões sobre seus três aspectos fundamentais: criação, sustentação e destruição. Aspectos estes mantenedores dos constantes ciclos de transformações e mudanças da natureza, da vida, da Terra... terra e vida essas nossas também. Pergunta essa realizada por desejos de aprofundamento de referências da pesquisadora que a inspirem vida, que também contam de desafios vividos em sua Presença ante preconceitos de raça e de gênero.

Então me pergunto por algo maior, algo que não é necessariamente heroico ou egoico, algo maior, mas também muito simples, me pergunto sobre o que deixamos pulsar em nosso entorno, me pergunto sobre as notícias que nos atravessam, sobre o pânico, sobre a escassez, resumidamente, me pergunto sobre os ruídos dessa humanidade que nos acostumamos hegemonicamente a estar e ser, sobre **o que escolhemos pousar e focar** nossa **atenção**. E há milhares de outras humanidades acontecendo exatamente aqui e agora, há milhares de outros Cosmos pulsando vida, assim como diferentes corpos pedindo passagem, assim como diversas maneiras de estabelecer e reinaugurar afetos.

Então quando me permito ser parte da arte, me proponho a me preparar para ser capaz de comunicar estes universos outros, a questionar a poluição, principalmente de nossos afetos e

³⁴ Imagem criada pela pesquisadora antes de re.conhecer e nominar as entidades das Íyamis. Note-se os elementos e cores, tal qual a cabeça e o pássaro em arco, simbologias das Íyamis.

percepções, e da maneira como herdamos a natureza como conceito ou serve, não como experiência viva em nós. Também me disponho a rupturas de padrões de apagamento cultural, de preconceitos, me disponho à criação que é também escura, negra, ventre, útero, circular, úmida, espantosa, milagrosa ... me disponho à ressignificação de símbolos fecundos obstaculizados pelo temor. Me disponho à travessia, à entrega que os saberes das Ìyamís Osorongá vem ensinar.

Além de me questionar sobre nossa herança de um ocidente que quando pronunciado parece se revestir de homogeneidades, ocultando singularidades e modos de vida plurais que habitam territórios comuns, me importa a permanência de um universo espiritual que atravessou toda essa trajetória, apesar do constante foco de luz ser lançado sobre a leitura de mundo e uma história de hegemonias ocidentais, que conta a história de um homem ocidental, classe média ocidental, movido por desejos e construções racionais ocidentais, e mesmo que da ordem do sensível, ainda homem, classe média, branco, ocidental. Falo também de um **invisível** que não é simplesmente sobrenatural, mas se dá pelo apagamento, pela invisibilidade promovida pela voz excessiva de um mundo padrão.

Entendendo a Performance e o Ritual como ações de transformação, é através desta relação entre performance e rito que prossigo, compreendendo cada experiência da pesquisa (experiências de campo, experiências de cena, experiência de deriva etc) **enquanto partes que compõe ritos de passagem, veículos do sagrado, “religare”, de integração subjetiva e de realocação da realidade social pré-concebida**. Comungo da performance e do ritual como espelho mágico capaz de suspender a significação corrente dos elementos cotidianos, dando margem à recriação dos universos sociais e simbólicos, possibilitando a travessia de uma percepção à outra (Dawsey, 2006, p. 18). Meios para clarear a própria visão. Atravessar medos. Se reconciliar com o que está fragmentado. Entrar em equilíbrio com ciclos vitais.

Afirmando a importância, eficácia e relevância dos estudos da performance, Zeca Ligiéro os apresenta em seu caráter de metodologia, de prática e interdisciplinar, afirmando estudos da performance como “uma busca de conhecimento, uma revelação de conhecimento, uma produção de conhecimento” (Ligiéro, 2011)³⁵.

³⁵ *O que são os estudos da Performance*. Entrevista concedida por Zeca Ligiéro a Daina Taylor, 2011. Disponível em: <https://scalar.usc.edu/nehvectors/wips/zeca-ligiero-portuguese>

Porque assim, para mim, os estudos da performance, mais do que um rótulo, são um processo de conhecimento. Então eu acho que os estudos da performance são um instrumento de conhecimento, e esse conhecimento eu acho que ele se dá em vários níveis. Eu acho que é um processo, para quem faz, eu acho que é um processo de se autoconhecer, de conhecer a sua própria expressão. Conhecer a sua forma de ser, conhecer o seu corpo, conhecer melhor a sua voz, ter a sua consciência do seu trabalho. E, para quem assiste, é uma forma de conhecimento também do outro. É uma forma de conhecimento, às vezes, das tradições, uma forma de perceber melhor como é que essas tradições se mantêm. Então eu acho que, como isso é um processo amplo, eu acho que há muito preconceito, porque as pessoas estão acostumadas a um estudo muito setorizado, muito fechado. Então: é esse campo ali, é este campo aqui. E como os estudos da performance trabalham com uma área muito ampla, que é a música, a literatura, a política, as artes visuais, o cinema, a televisão, então isso é muito amplo, e as pessoas acham que vão se perder. Então existe esse preconceito. Mas eu acho que é uma batalha, é uma batalha e a gente está vencendo essa batalha, eu creio. (Ligiéro, 2011)

A performance-ritual possui como uma de suas dimensões a capacidade de corporificar novas identidades, características, incorporar qualidades ao sentido que o indivíduo tem de si mesmo e do coletivo que está inserido. Neste sentido, Rita Segato, antropóloga e feminista argentina estudiosa das relações de gênero, raciais e coloniais, reflete sobre a influência do culto do candomblé como uma psicologia, que através dos mitos e ritualidades atua - o que inclui as danças dos orixás, os cantos e as qualidades destes - como fornecedores de um vocabulário básico que pode ser manipulado com fins terapêuticos capazes de induzir transformações e ajustes no plano intrapsíquico e agir diretamente sobre o comportamento humano. A autora não duvida da existência de uma dimensão divina, mas situa o candomblé num complexo movimento de refração entre três planos: o social, o metafísico e o psíquico, cujas unidades ou operadores de sentido emanam e atuam na faculdade imaginativa, assim, as imagens, constituídas principalmente por metáforas extraídas da terminologia da interação social, descrevem, por sua vez, a relação entre a pessoa e o mundo divino e atingem, por **refração**, o interior da pessoa, induzindo movimentos internos do psiquismo (Segato, 1995, p. 223).

A autora, refletindo sobre a noção de pessoa no candomblé e para a teoria junguiana, aborda a pluralidade através da qual ela é lida em ambos casos, referendando o santo como essa atribuição a um terceiro de características componentes dessa pessoa, detonador de processos de autoconhecimento, autoconsciência e auto-identificação. (Segato, 1995, p. 26); Tais sistemas encontram ressonância com a arte teatral, se pensarmos a pessoa como diversas personas, podendo consistir parte do trabalho da atriz acessá-las através de diversos meios,

num trabalho contínuo de autoconhecimento. Então expandir dimensões do eu é um princípio inscrito nestes três lugares, por onde é possível escoar qualidades arquetipais em nós circunscrita, e no caso das religiões afro-brasileiras, a relação se torna mais íntima uma vez que a interação com estes conteúdos faz do corpo palco do religioso, que manifesta esses arquétipos em ritmos, canto, gestos e dança, componentes da *motriz cultural* abordada por Zeca Ligiéro (2017, P.2-3), que seriam processos “empregados no restauro/reiteração de comportamentos ancestrais tanto no âmbito do ritual como em arenas do divertimento contemporâneo”.

Para entender as relações do corpo com a espiritualidade e a filosofia africana principalmente dentro do ritual (candomblé, umbanda, jongo, folia de reis etc.) e também em situações do entretenimento (samba, futebol-artenegro etc.), no sentido de resguardar a tradição, desenvolvi o conceito de “motriz cultural” como processo de entendimento da continuidade de performances africanas no Brasil, ao invés do termo “matriz”, largamente conhecido e empregado entre adeptos e admiradores das performances afro-brasileiras (Corpo a corpo: estudos das performances brasileiras). Procurei destacar “um conjunto de técnicas aplicadas simultaneamente com o cantar-dançar-batucar” (...), expressão cunhada por Fu-Kiau para indicar o denominador comum das performances africanas negras. Considero ainda um outro valor agregado a essas dinâmicas, o da ocorrência da simultaneidade de ritual e jogo dentro da mesma performance, para o qual utilizo os conceitos de jogo e ritual de Schechner. Outra chave é o conceito de “recuperação do comportamento”, do mesmo autor (Schechner, *Between theater and anthropology*), empregado para entender a instauração de dinâmicas que geralmente pertencem ao campo das artes (música, dança, canto, jogo dramático) para criar o corpo dilatado do performer, induzindo-o ao transe e ao contato com o mundo dos ancestrais. A performance de origem africana, ao mesclar o jogo (a brincadeira) com o ritual, empresta a toda tradição popular brasileira um tônus e uma rítmica própria, criando uma literatura corporal que muitos identificam genericamente como “brasileira”. Ligiéro, 2017, P. 2-3)

Pensar um corpo que se pergunta, perguntando às mães da criação, *como perder o medo de ser terra?* também significou o aprofundamento e incorporação de energias e saberes da terra enraizados na tradição iorubá e outros saberes ancestrais afro-indígenas, de cosmopercepções cuja criação do mundo e dos seres humanos permeiam o universo mágico de uma cabaça, e o corpo que tem como fundamento a própria terra. Segundo Vilson Caetano de Sousa Jr. (2002, P.126), a partir do mito da criação podemos compreender o sentido ocupado pelo corpo nas religiões afro-brasileiras, quando Obatalá³⁶ cria o ser humano a partir de uma mistura de água

³⁶ Vide Glossário

e terra, e Olodumare³⁷ lhes dá o sopro vital. O corpo negro a partir desse cosmos estaria construído segundo um deslocamento de matéria ancestral, e uma ligação direta com a matéria terra e demais elementais.

Ao serem expatriados de seus países de origem, os africanos tiveram este princípio de identidade (corpo/terra) profundamente violado. No chamado Novo Mundo, em novas terras, os africanos foram obrigados a reconstruir essa noção com base em outros referenciais que lhes permitissem a articulação corpo/território. (...) A escravidão foi a forma mais cruel de intervenção na vivência da “vida em plenitude “ dos diversos grupos africanos, ao esfacelar suas formas sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas. No Brasil, em particular, esses povos experimentaram leis e sanções enérgicas de discriminação e marginalização, levadas hoje com afínco pelo chamado processo neoliberal, que continua a distribuir miséria colocando países abaixo da linha da pobreza. São formas concretas que contrariam a vivência da vida em plenitude, o projeto colocado por Olodumaré, o grande Deus, e entregue a Obatalá, ancestral da criação, homem e mulher dentro da cabaça da existência no momento da criação do mundo. (Sousa, 2002, P. 127)

Como parte da terra, e ambiente que resguarda o sopro divino, o ser, que é corpo, experimenta em si mesmo um caráter encarnado integrado ao espiritual, sendo templo e território de expressão das forças da criação. Reabitar em si a consciência de sua sacralidade encarnada faz-se movimento de retorno e reaprendizado de como ser corpo que manifesta princípios ancestrais (Sousa, 2002, P.128), e de caminhar consciente deste saber.

“Em momentos muitos especiais dos terreiros, pode-se ouvir cantar: “Onilé mojubá ré/ Igbá Orixá, Igbá Onilé”. É um pedido de benção à própria terra, morada dos ancestrais. Ilé é o chão que estamos pisando, chão que em alguns espaços do terreiro precisam ser, como se diz, de “terra batida”. Ilé é o lastro que sustenta as casas, as cidades, os rios, as pessoas, o próprio céu. Igbá Orixá, Igbá Onilé. Os orixás moram dentro da terra (...) (Sousa, 2002, P.128)

Este mesmo corpo, matéria ancestral, que é fonte e resguardo de saberes, é produtor de conhecimento, e na performance atualiza conhecimentos, conclama vozes adormecidas, mobiliza fios da história, grafa caminhos possíveis obstacularizados por interdições, ascende potências através das múltiplas interações que estabelece em seu ser/estar na vida.

A experimentação com linguagens transdisciplinares e transversais revela atitudes e mudanças de protocolos e de calores estéticos e éticos. Nessas poéticas, a corporeidade negra como subsídio teórico, conceitual e

³⁷ Vide Glossário

performático, como episteme, fecunda as cenas expandindo os escopos do corpo como lugar e ambiente de produção e inscrição de conhecimento, de memória, de afetos e de ações. Um corpo pensamento. [...] Um corpo político, autofalante, arauto do ainda não dito ou repetido, porque antes interditado, censurado, excluído [...]. (Martins, 2021, p. 162 in Boito P.137)

Dei seguimento à pesquisa experimentando não necessariamente programas performativos, mas impulsos vindos de devaneios, epifanias, que me ajudam na integração de outros frutos de conexões com as mães ancestrais e as reverberações desses encontros, da poesia, imagens, sonhos, gestos, movimentos, marcas de corpo em transformação, associados à pesquisa - não meticulosa, mas incidente nos trajetos - dos ritos e elementos (comida, rezos, territórios, relatos, cantos, etc) do culto às Mães Ancestrais , tendo o corpo feminino e negro (da pesquisadora) como tela e costura dos atravessamentos e relações da cosmogonia das Ìyamis com os enfrentamentos de criação, sustentação e destruição que este corpo representa reivindicando constantemente a continuidade de sua vida em contextos históricos de complexidade raciais e de gênero.

CAPÍTULO 3: GIRA MUNDO

“As estrelas me levaram para correr o mundo inteiro, pra conhecer essa verdade, para poder ser verdadeiro” (Mestre Irineu)

“A terra gira com o seu grande poder”³⁸

Figura 17, Luanda-Angola, 2019.



Foto por Deisiane Barbosa.

Se tudo começou muito antes, nos ciclos dos reinícios, começou também outra vez quando estive em Campinas pela segunda vez, em 2017, para participar das atividades do Lume durante o Feverestival. Eu já havia feito uma formação, *Presença do ator*, com Carlos Simione alguns anos antes e, dessa vez, me interessava navegar através dos saberes de Ana Cristina em o *Corpo Multifacetado*. Eu havia terminado o mestrado no ano anterior, e não pensava com verdadeiro ânimo em fazer doutorado, mas aí... coisas aconteceram.

Durante o curso, uma pantera caiu sobre mim fraturando minha pata. Ao invés de Roar, rugir, gritar, aguei um choro contido do tipo “que merda, que merda, que merda... que raiva... não acredito”. A pata doía e muito, mas doía muito mais além dela, doeu meu coração.

³⁸ *Cancão Grande Poder*, Comadre Fulôzinha (Composição: Mestre Verdellino). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vtH7myShldo>

O ocorrido: Uma colega em um exercício chamado *Pantera* rolou diretamente para cima de mim, caindo pesadamente sobre meu pé esquerdo e quebrando o meu dedão.

Você sabia que o dedão é responsável por estabilizar 50% do peso que o pé sustenta? Eu não sabia. Passei a saber nas inúmeras idas que precisei fazer ao ortopedista. Bom, de forma resumida, esse acontecimento chegou como uma grande frustração para mim. Eu havia pleiteado e sido aprovada para fazer o curso através de um edital de mobilidade da Secult-BA, ou seja, houve um esforço nisso, e também expectativas, pois finalmente eu poderia me dedicar a processos criativos que havia aguardado para me debruçar pós mestrado. Só que não.

O primeiro médico que enfaixou meu pé em Campinas me disse que eu ficasse 15 dias com o gesso e depois fosse na revisão, já em Salvador, pois assim que findasse o curso, ao qual passei os últimos dias assistindo, eu estaria voltando para casa. Então eu achei que seriam só essas duas semanas, mas não, foram meses. Demorei a aceitar que eu estava de molho, e isso, embora aparentemente simples, significou muitas mudanças. Eu morava sozinha e precisei passar uma temporada familiar, dava aulas de teatro e dança e estava em um processo criativo que precisou ser interrompido. Por fim o ortopedista que me acompanhou na terrinha natal, depois de eu tanto perguntar quando poderia voltar a fazer práticas corporais, dançar e ser feliz, me disse: agora, só atividades intelectuais. E foi assim que eu decidi de fato de verdade que faria doutorado, pelo menos o início dele, compor um projeto.

Eu ficava me perguntando, porquê aquela pedra no caminho? E como não encontrava nenhuma resposta imediata, nem Drummond podia me responder, tratei de cuidar do meu pé e de minha vida até que a resposta chegasse, se chegasse, conforme aconselhou meu terapeuta à época. Segundo ele e sua abordagem Junguiana, não se tratava de um autoboicote, pois não foi um evento provocado por mim. Podia ser um *livramento*, e outras coisas inteligentes e reconfortantes que ele me falou para expandir meu entendimento para além de meu lamento e ansiedade.

Se foi um livramento, eu não sei, mas sei que foi um *redirecionamento*. Eu segui me cuidando e me fortalecendo na arte da paciência e da resiliência. Foi então que após tirar o gesso, a primeira vez que botei o pé no chão pra valer, de mansinho, mas com firmeza, foi numa Gira de Pretos Velhos, e foi ali que pude receber ensinoss desse chão e força sagrada, para

reaprender a caminhar com mais graça, consciência e sabedoria. Ali começou mais uma vez a minha jornada.

Na continuidade, ainda não estava saltitando de vento em popa. O pé tocou o chão mas ainda estava sarando, devagarinho, osso, estrutura, fundamento, apresentando nova forma de caminhar. Se eu forçasse, doía. Não podia forçar. Tinha que negociar com minhas energias, com minha impetuosidade e força taurina. Durante o mestrado, a *pausa* foi uma das referências de condução de meu projeto de pesquisa, e nessa pausa, que suspende habitualidades e revela possibilidades, mergulhei através do feminino sagrado.

Eu trabalhei com um grupo de mulheres e em mim mesma na construção de ritos poéticos teatrais de iniciação ao feminino sagrado. Foi nessa senda que concluí pela necessidade de seguir me aprofundando em referenciais afrocentrados. Então nessa circunstância de pé sarando, comecei a pensar em um projeto para o doutorado, mas não me sentia disposta a permanecer no mesmo território, no mesmo programa, que embora riquíssimos, não aplacavam meu desejo por mudança.

Olhava pela janela o movimento dos navios na Baía de todos os Santos³⁹, e sentia meu coração indo e vindo através deles. Pedia a Deus.a que me concedesse novamente conhecer outros lugares do mundo. Foi aí que concluí que se o ocorrido do pé se passou em São Paulo, era para lá que deveria ir. Parece uma conclusão meio louca, mas foi o que concluí e foi o que fluiu.

Na véspera de viajar para São Paulo, fui me apresentar com outros artistas em uma praça num bairro popular de Salvador, o evento fazia parte da finalização de um projeto, África nas Escolas, que aconteceu em escolas públicas na cidade.

Nessa noite duas coisas fortes aconteceram, na dualidade da vida... Chorei copiosamente vendo Mateus Aleluia se apresentar. Ele é um artista que amo muito, encarnado e encharcado de ancestralidade, exala conexão, e sempre me emociono quando o vejo, mas naquele dia, especialmente, o canto que cantou me lembrava da jornada de aprofundamento espiritual e desenvolvimento pessoal que eu estava embarcando. Ele me perguntou, filha, está tudo bem?, e eu sabia que eu já estava dentro do mar, que muitas marés me aguardavam, de alguma

³⁹ Lugar, em Salvador-Bahia. Uma Baía de vista linda, mágica, marítima e histórica.

forma, aguava por sentir e agradecer aos meus ancestrais. Depois, fui me apresentar, e após a apresentação, chorei um tantão mais, abraçando com carinho os meus afetos, um amor que ficava ali. Poucos minutos depois fomos assaltados numa lanchonete e levaram meu celular. Como numa espécie de *reset* pré-viagem. Alguns horas depois, na madrugada, pegava o avião para São Paulo... Que portal.

A verdade é que essa pesquisa se deu também através de profundos contrastes: da sensação de não pertencer encontrei o que era pertencimento, lugares internos-externos percebidos como importantes e escolhidos por mim como partes de quem sou; de cotidianos desagradáveis encontrei força no olhar para continuar a perceber, seja onde estivesse, beleza e sustentação da vida no dia-a-dia; em territórios áridos como as terras de São Paulo, encontrei também as casas de axé que precisava encontrar, encontrei continuidade de aprofundamentos imagéticos, estéticos, iniciáticos, mediúnicos e de cuidado. Fui lançada fora do ninho, para ir mais além. Crescendo no desconforto, silenciosamente, em mim.

O corpo entendido desde a perspectiva somática é aquele que se experimenta ao mesmo tempo em que experimenta o mundo, ou experimenta o mundo ao mesmo tempo em que se experimenta. No encontro com o mundo, o soma é o corpo inacabado, processual e relacional, que se cria na experiência, ao mesmo tempo em que cria um mundo possível. Dentro desta perspectiva, mundo e corpo são realidades que somente existem por coengendramento (Resende, Caetano e Torralba, 2018, p. 121).

Me identifiquei com a proposta do programa em artes da Unicamp, então me inscrevi como aluna especial em duas disciplinas e fui aceita. A princípio, não tinha um orçamento disponível para fazer essa viagem, para ir morar em outro estado e, ainda assim, fui, então eu precisei confiar no caminho e em mim, e que a partir e a medida que eu me mobilizava, os recursos iriam surgir. Embora essa parte prática das coisas terem se desenrolado - a partir da tessitura interna que eu fazia aprofundando minha confiança, entrega, receptividade, e esforços- a relação com a Universidade foi desde o início dolorosa e complexa. Eu era um corpo estranho naquele território cinza. Não era a primeira vez que eu viajava ou morava em uma região do sul/sudeste, mas era a primeira vez que eu adentrava pra valer no âmbito institucional e suas estruturas nessa região do país, e que ali também estabelecia um tempo bem maior de convivência.

O primeiro impacto foi a ausência de pessoas negras no corpo discente e mais ainda a ausência no corpo docente. Éramos gatos pingados, contados nos dedos, não porque não

existissem pessoas negras em São Paulo e vindas de outra região, mas porque isso costumava ser parte da cara da maioria das universidades públicas brasileiras. Eu também vivi quadros embranquecidos e de racismo na Escola de Direito da UFBA e na Pós-graduação em Artes Cênicas da UFBA, mas na Unicamp foi muito pior. Se tratava da branquitude majorada pelo modo de ser institucional São Paulo, tenso, rígido, ansioso, duro, exigente em coisas sem muito sentido, desconfiado e pesado, foi o que senti.

Em geral, dentro e fora da Unicamp, nas terras paulistanas, tive o duro aprendizado da desconfiança. Até hoje sofro com isso. Com um amigo baiano que já mora lá desde a graduação temos esse código, de nos lembrar que não podemos sorrir demais senão levaremos um peteleco. Isso agora me faz rir muito, mas já me causou extrema raiva e dor. O fato é que parece haver uma bipolaridade provocada pela sensação de superioridade e ao mesmo tempo caótica de seus habitantes, pois o paulistano, seja a pessoa de origem ou a que incorporou seus hábitos, em sua maioria, diz amar São Paulo e fala mal de São Paulo todo o tempo (Obs: Quando falo de São Paulo me refiro à capital e ao interior, ao Estado em geral, pois convivi com pessoas de diversas partes de SP).

Não me interessa decodificar nem definir a personalidade do paulistano e os porquês da construção do seu modo de ser e vida. Estou cuidando de compreender a mim mesma. Mas em geral mulheres negras passam por isso não é, terem que ser ainda mais atentas, dar conta da compreensão de tudo e todos, para poderem transitar com suas vidas.

O que aprendi nessas vivências e que até hoje não tive razões para mudar esta visão é que, no universo por onde transitei, principalmente classe média e alta Unicampense e outras galeras dessa mesma galera, a princípio todo mundo pode até ser legal e dizer amar a Bahia, e muitos tem parentes aqui e acolá pelo nordeste, porém dentro de tudo isso mora um NÃO bem grande. E isso sempre encontra um jeito de se revelar, a ideia de superioridade, principalmente.

Então as pessoas sorriem pra você agora, e no outro dia ou daqui a minutos estão estranhas, falam e fazem coisas desagradáveis, inclusive coisas que eles pressupõe que você deva ser, saber, fazer e conceber por ser da Bahia ou os limites da definição sobre quem é você. Se ficam sabendo uma coisa legal e original vinda de você, acham extraordinário, e logo após um parabéns virá uma coação através de um teste ou interrogatório nada inocente, ou de alguma

vírgula que irão encontrar no texto de suas conquistas para dizer que na verdade você não é tão genial assim.

Até entre pessoas que se tornaram mais próximas a mim eu tinha que ter cuidado com essas ações de desqualificações repentinas. Inclusive, nesse viés, o recorte regional é um traço fundamento, pois entre algumas pessoas negras também senti esse ar de superioridade em relação a mim e outras pessoas negras do nordeste. Então ser simpática, amigável, pode ser bastante perigoso, pois me coloca em situações que me fragilizam. Duro aprendizado que eu não aprendi completamente. Eu sou afetuosa.

Toda vez que volto à Campinas em algum nível me sinto mal. É muita maluquice. Isso foi gerando em mim um senso de recuo também. Uma seriedade a mais para observar essas dinâmicas. E vou entendendo que - ainda que nem sempre isso seja possível, pois todo mundo tem seus dias - preciso estar mesmo muito bem comigo mesma, e imbuída de uma perspectiva de águia, ponto. Para caminhar por toda a terra, toda ela minha casa, a partir de uma perspectiva mais elevada, sem me deixar ser sugada. Um amigo paulistano me disse um dia, *essa cidade murcha todos nós, não se deixe quebrar o seu espírito aqui Gabi*.

Nesse caminho de viver, de me constituir, me afirmar e lidar constantemente com situações que evocam memórias de desvalor, vem o entendimento da minha primeira obsessão ou ato compulsório: escrever sobre questões raciais e de gênero. Busco nelas formas de me libertar, de me aprofundar sobre temas que jorram sobre mim, mesmo que eu não deseje que jorre.

Meu primeiro trabalho de iniciação científica tratou sobre ações afirmativas, e porquê? Porque eu viva escutando de meus colegas que “Graças a Deus que você entrou antes das cotas Adriana, assim você não será confundida”. Eu nem podia pleitear uma vaga através de ações afirmativas, porque eu não vinha de uma escola pública e à época esse era um requisito de ingresso através das cotas raciais na Ufba. Aquilo me soava tão agressivo, era a constatação da ignorância desses colegas e suas mentes tacanhas que viam os ingressos através das ações afirmativas como estudantes intelectualmente menores. Ao mesmo tempo estava sendo dito que possivelmente eu poderia ser alvo de retaliações, como fui, pois ainda que não fosse cotista, eu não só passei a *me misturar* com eles, através de nosso quilombo universitário (o PDRR_ Programa Direito e Relações Raciais), como minha cor deixava uma dúvida no ar nos corredores da universidade.

Nessa época eu ainda não tinha cansado de tanta merda e, da minha forma, que em geral sempre foi muito analítica e pacífica, complementada com tons exaltados e enraivados quando o momento pedia, debatia com meus colegas, contestava absurdos de professores que precisavam retornar ao ensino fundamental da educação humana, e é claro que sofri represálias e isso só reforçava inseguranças que vinham de muito antes, de muito longe, dessa existência, de quando era uma criança em minhas primeiras experiências com o mundo, mas também de antes, de cargas energéticas e de memória celular, familiar, social e coletiva que possuo. De memórias de outras vidas que habitam em mim de forma concreta através de meu DNA e não só, pelo fio da história, pois Ser é um conjunto de forças em atuação.

Um dia, numa aula um professor falou um absurdo preconceituoso tão imenso e como fosse uma piada, meu sangue imediatamente ferveu, então eu olhei para os lados e ninguém esboçava cara de espanto nem ação de dizer nada. Nesse dia eu me senti muito mal, pois não consegui falar nada, não consegui formular um pensamento, não consegui *erguer a voz*, ela ficou entalada, me senti uma medrosa, foi um sapo muito grande e ver a apatia geral e ao redor foi ainda pior. Desabafei com meus pares do PDRR. Todos passavam pelo mesmo. Tão cansativo ter que ser você a voz de uma consciência que a maioria não quer acessar. Depois eu cansei, cansei de ser alvo, porque no final das contas a maioria das pessoas não queria se engajar em nada, só queria passar nas provas do semestre. E eu amava escrever poesia, e foi o que passei a fazer para me nutrir, e também transcender a tortura que eram muitas aulas de direito e seus muitos profissionais absurdamente egóicos.

Então quando fui me formar, sobre o que escrevi minha monografia? Sobre trabalho escravo contemporâneo. E porquê? Porque a leitura/olhar principal que existia na literatura de referência dentro do direito era basicamente sobre questões meramente processuais, que obviamente são importantes, mas não alcançam a complexidade do fenômeno. Chamarei de “masturbações jurídicas”, que era o que muitos colegas amavam fazer, discutir teorias e o direito como um jogo no qual não parecia haver vidas, gente, história envolvida, mas pelo prazer de competir quem havia decorado mais artigos e retóricas.

A justiça que eu buscava tinha cor, era feita de carne, afetava vidas. E era atravessada por fenômenos sociais, políticos, históricos, psicológicos... Me associei à maioria de estudantes foras da casinha como eu. Pessoas que tinham inclinação para artes e divagações sobre a vida. Ou que tinham origens não jurídica, ou seja, não herdaram o direito de suas famílias. Eram

peessoas que estavam abrindo caminho e possuíam um olhar sensível e não apenas ostentador sobre ser uma jurista, um jurista. Honro também este caminho que trilhei e o que vivi e aprendi nele. Segui através da arte, pois é nela que meu coração está, credito na arte potencial transformador, e é através dela que eu potencializo minha voz para falar. Mas a jurista nunca morreu completamente em mim. Não aquela que opera burocracias, mas aquela que pondera e analisa os pratos da balança das situações, e que prima e advoga por direitos e garantias fundamentais através das ações que venho fazendo em toda a jornada com a arte, na vida.

No mestrado eu também vivi de um tudo, mas depois de toda essa digressão que foi voltar à memória da graduação, vamos seguir para o doutorado, pois já existe uma dissertação narrando aqueles caminhos, caminhos que também me fizeram chegar até aqui.

O que quero dizer é que não cheguei na Unicamp inocente. E ao mesmo tempo, sim. Eu havia trilhado um caminho longo de atuações e reflexões sobre o racismo, sobre o sexismo, inclusive em atuação teatral. Ainda assim, muitas partes de mim não encontravam espaço. Ainda assim eu me sentia muito mal quando perdia a voz, ou quando tentava dizer e não era compreendida, quando sentia que o ambiente não era propício para o necessário exercício de articulação das ideias e isso é imensamente contraproducente.

Mesmo eu sendo “plantada”⁴⁰, meu jeito, ora doce, ora tímido, ora arisco, ora espontâneo demais, amigável e até ingênuo me rendeu alguns embates. Muitas vezes deixei minha guarda baixa quando não deveria. Achava que estava em ambiente seguro, porém não estava. Um colega preto falou o seguinte: “Eu não vou à universidade fazer amigos, já desisti disso. Amigos e afetos eu tenho em casa e fora de lá. A universidade para mim é guerra”. Imagine que dureza hein.

Eu havia desistido de lutar do jeito tradicional como se espera que se lute, como se espera que você seja militante. Fui convidada pela vida a deixar de estar em guerra, primeiramente dentro de mim mesma, a olhar os acontecimentos sem me identificar demasiadamente, sem levar imediatamente para o coração. Saber escolher minhas batalhas diárias. E isso nunca significou conformismo ou indiferença, ao contrário, significou estratégia de empoderamento e de autoamor, para expandir amor. E isso exige um exercício de muita consciência, de muita ação consciente. Significou estratégia que muitas de nós abraçamos e politicamente atuamos,

⁴⁰ Gíria para dizer de alguém que está ligado, que está atenta às coisas, às circunstâncias.

através da afirmação do auto-cuidado, dos afetos, do bem-viver e de não precisar responder à tudo, pois isso é extremamente não só desgastante, é desestruturante.

Sabendo que Oxalá também vai `a guerra, e jamais abandona a sua bandeira, eu sou uma guerreira da paz. Nesse caminho de escuta e leitura sutis de mundo interno e ao meu redor, estava sendo movida por uma força maior, uma força criativa, de vida. E, como sempre, foi esta força que me deu sustentação para suportar, superar e voar para além dos diversos *mal entendidos*, dos diversos *crashes*(*colisões*)⁴¹, e situações que pareciam a continuidade daquele corpo rolando e caindo sobre meu pé esquerdo. Mas ao contrário de fissurar o osso, esses tombos me faziam ver, me faziam enxergar de onde eu vinha e todos aqueles importantes aprendizados que recebi de menina se enraizavam ainda mais em mim como valores fundantes, onde quer que eu fosse, renovados de maturidade.

Eu tenho muito orgulho e gratidão pelo pai que minha mãe me deu, e a consciência que ele fez questão de ir semeando em nós, em mim e meus irmãos, crianças negras, desde cedo. Não foi fácil, também foi difícil receber estes ensinamentos e ainda tendo-os recebido não nos livrou de inúmeros desalinhos de caminho, de auto-estima, de dificuldade de afirmação pessoal e profissional, porque viver e incorporar saberes é uma tarefa que necessita de revisões internas e externas constantes, estamos entre nós e em sociedade, uma sociedade que pode te violar de diversas formas, que oferece resistência à sua forma de existir só por você ser você.

Mas eu tive referência de amor, de carinho, de verdade, de união, da maneira adequada de tratar pessoas, de ser compassiva, generosa, de olhar ao próximo, de ser uma agente de impulsionamento, não de minguar potencial benéfico alheio. Sou profundamente grata a meus pais por ter aprendido desde cedo com eles a amar, a importância do respeito e da diversidade, a me nutrir de esperança, a ter uma consciência de mundo expandida para além do meu umbigo e quadrado, a entender desde muito cedo que estou inserida em um mundo cheio de estruturas e dinâmicas opressoras, e que por isso mesmo preciso sustentar no coração a liberdade, sustentar no coração o valor de Ser, e semear este mesmo mundo de sensibilidade.

Mudanças são trajetos árduos, ao mesmo tempo mágicos, ao mesmo tempo solitários, ao mesmo tempo inspiradores e desafiadores. E foi com essa mudança para São Paulo, com essa confiança de ir adiante apesar dos apesares, apesar de parecer ilógico, que comecei a viajar

⁴¹ Referência ao filme “Crash – No limite”, que aborda uma série de histórias atravessadas por tensões raciais.

novamente para outras partes, que um portal de viagens se abriu para mim e assim girei-mundo camará. Eu desenvolvi um senso de oportunidade, de unir meus interesses e projeto de pesquisa ao desenvolvimento de caminhos artísticos e de vida paralelos, desenvolvi um senso de botar fé em cada passo do caminho e no que eu estava fazendo, de superar medos e confiar, escutar minhas guianças e trabalhar conforme as suas instruções, um senso também de me permitir desfrutar e ser feliz.

Desenvolvi uma série de habilidades nessas idas e vindas, inclusive sobre fazer malas, me descobri em um corpo mundo, entre fontes de identidades flutuantes e outras que precisei rever e rever, revelando estereótipos que insistiam em querer grudar em mim vindos de ali e de acolá, na compreensão desse todo eu, mulher em travessia, em constante descobrir de mim mesma na relação com o mundo, minha face cheia de gentes, passados e presentes, entes, entidades, idades e falta delas, identidades escolhidas e outras dadas como facas, minha face de possibilidades que vão e vêm no quem sou eu de cada hora, revendo, percebendo, encontrando, memorando raízes, semeando encontros com as forças femininas das Iabás e outras forças vitais, na américa, na europa, na áfrica.

Foi assim, negociando com medos e bem-aventuranças que trilhei territórios, sem prévios nem intencionais roteiros, compartilhando a Gira, nesse Gira-Mundo, aprendendo com uma diversidade cultural e com o chão de cada terra, com as pessoas, com a contemplação, com a presença em cada canto, em cada rio que me banhei, com ações crescentemente conscientes de estar mais uma vez em travessia também de outras eus em mim, **que aprendiam e reconheciam habilidades de existir.**

Assim circulei na ponte Bahia e São Paulo, caminhei pelo litoral do nordeste onde me inspirei com as águas do mar, fui parar em Belém, subi o rio Murú no Acre até a aldeia Mati Txana Mukaya, senti a terra “temblar” no México, atravessei o atlântico para conhecer Angola e vivi uma eurotrip pandêmica entre bosques e africanidades, sincronicamente na natureza e vida urbana principalmente de Londres, Paris e Sul da França.

Essa Gira-mundo revelou uma cartografia através de culturas que compõem a formação brasileira, e também um constante contraste de atmosferas, sejam de ordem climáticas, ambientais, topográficos e arquitetônicos, como o ar fresco ou cinza, o frio e o calor, as estações, os meios de transporte, as ruas, as vistas; sejam de ordem humana, seus humores

recorrentes, seus modos de interação, expressão, alimentação, língua, acentos, tensões políticas territoriais... nisso tudo, eu estava vivendo sempre imbuída de um propósito, este rio chamado pesquisa não parou de correr em um só momento. Por tudo isso é que, desde o início não se tratava de estabelecer programas performáticos, mas da performance maior que é o próprio existir, e as *aderências* e mudanças de *agência pessoal* que são ocasionadas nessa Gira-mundo de experiências, com o foco acentuado nas transformações, observações e saberes através das experiências ritualísticas, das Giras e performances de caráter artístico mais evidenciado, com o exercício criativo cênico.

Na ida para Luanda, me encontrei com minhas companheiras de viagem no aeroporto de Guarulhos. Estávamos muito emocionadas. Foi tão precioso, tudo, inclusive o fato de irmos juntas, três mulheres negras, escritoras e artistas, nordestinas, todas pela primeira vez na África. Atravessamos o mar, Atlânticas, chegamos a Luanda e vivemos nosso rito de retorno e iniciação com muita alegria, parceria, integração, respeito, cuidado, admiração.

Nós não nos conhecíamos antes, mas talvez sim, aquele podia ser um reencontro de outras vidas. Independente disso, tínhamos consciência que o que estávamos vivendo era precioso e nos valorizamos entre nós. Assim também foi em uma segunda viagem ao México, com artistas negras baianas que eu não conhecia, criamos um elo de irmandade, de valorização mútua imediatamente, não precisávamos despejar nosso currículo, explicar isso ou aquilo, narrar nossa história de merecimento, nem defender nossa imagem ante uma para outra. Nada disso era solicitado para que cada uma tivesse seu valor. Aos nossos olhos ele estava nítido. A gente só precisava ser entre nós e tudo de bonito era visto, era reconhecido e respeitado de peito aberto. Foram bálsamos. Bálsamos necessários a sustentar meu bem-estar nessa longa travessia chamada pesquisa.

Estar com essas mulheres, sentir valorização sem que solicitasse ou me esforçasse para isso, sentir apoio sem julgamento, receber feedbacks de meu trabalho de maneiras tão sensíveis, profundas e amorosas, tem um valor inestimável. Me ver refletida nelas e receber a benção do olhar e da entrega de uma irmã sobre a essência do que está sendo feito me incentivava a prosseguir e confiar em nuances de meu trabalho que eu me sentia insegura em partilhar e eram tão preciosos e verdadeiros. Elas também me ensinavam e me recordavam através das próprias conexões que estavam tecendo, na arte e, muitas, no axé.

Uma delas, numa Gira que propus na Cidade do México, me falou que eu parecia uma fada de Oxum ofertando bênçãos na roda. Essas duas palavras reunidas, fada e Oxum, vindas dessa irmã, foram como uma estrelinha faiscando em minha consciência, me senti ainda mais autorizada a ser eu e fazer as coisas ao modo que sentia, me senti vista em uma intimidade que eu pintava, nos elos de conexão que fazia, em minha face Oxum multifacetada, multiforme, que é também fada, que é também cigana, que é raíz.

Figura 18, coleção Oxum.



Pintura da autora, Adriana Gabriela.

Pois bem, em Luanda fomos recebidas com muito entusiasmo e valor pelas pessoas que participaram conosco de nossas atividades no Centro Cultural Brasil e Angola, desejavam saber sobre as referências que nós, artistas brasileiras estávamos conduzindo até lá. Nosso desejo por Angola também é uma desejo que Luanda tem pelo Brasil.

Conversamos sobre as que vieram antes. Uma de nós pesquisava as obras de Conceição Evaristo e morava em Aracaju, terra onde nasceu Beatriz Nascimento. Então a memória destas autoras foram ascendidas ali e de outras autoras negras, que atravessaram o mar antes de nós. *Aqui estamos porque elas tiveram.* Afirmamos. Sabíamos. Memoramos. E fluímos através da magia de Luanda guiadas por tudo que nos abençoa e por todo o saber que cada uma tinha de vida a compor um trio de perspectivas e apoio para selecionar, optar, definir, recepcionar, mediar circunstâncias e caminhos.

Todas ficamos imersas em poéticas do mar. E vivenciamos momentos inesquecíveis diante das águas na Ilha de Luanda com amizades feitas lá, ao sabor da conexão propiciada pelos

caminhos da arte. Para Beatriz, a Terra *é* o seu quilombo⁴². Falo *É* no presente, pois ainda que ela tenha feito a passagem do Ayê⁴³, ela vive aqui em tudo que teceu, sua voz *é* presente, *é* viva.

Quilombo é uma história. Essa palavra tem uma história. Também tem uma tipologia de acordo com a região e de acordo com a época, o tempo. Sua relação com o seu território. É importante ver que, hoje, o quilombo traz pra gente não mais o território geográfico, mas o território a nível (sic) duma simbologia. Nós somos homens. Nós temos direitos ao território, à terra. Várias e várias e várias partes da minha história contam que eu tenho o direito ao espaço que ocupo na nação. E é isso que Palmares vem revelando nesse momento. Eu tenho a direito ao espaço que ocupo dentro desse sistema, dentro dessa nação, dentro desse nicho geográfico, dessa serra de Pernambuco. A Terra *é* o meu quilombo. Meu espaço *é* meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou. (1989). (Beatriz in Alex Ratts, 2006, PAG. 59)

Viajei à Luanda e ao México, terras vivas de cultura africana e indígena, aquilombada de afeto, de confiança, entre as minhas que acabara de conhecer mas já reconhecia. Com um alívio interior bem diferente de toda aquela sensação que tinha em São Paulo, de que precisava me defender a todo custo. Estava com minha gente, em gira, proporcionando momentos de gira. A gira que *é* para mim a linguagem da memória, da integração, da celebração, da comunhão. Uma tecnologia ancestral de conexão. Assim como a interseccionalidade, afirmada por Carla Akotirene (2019, P.17) como uma ferramenta ancestral expressiva das mulheres negras, assim também *é* a Gira. A origem da palavra Gira aparece associada à palavra de origem bantu, *Njira*, significando “rumo, caminho” (Barbosa, 2022, P. 106-107).

Assim como o quilombo fizera Beatriz ganhar mundo, cruzar mares, ampliando limites socialmente (in)imagináveis para ela como uma mulher negra brasileira nos anos setenta, a gira agiu sobre mim, me ofertando caminho, me ofertando rumo e modos de compartilhar

⁴² Quilombo é um conceito próprio dos africanos bantus, habitantes da África Centro Ocidental e Leste (sic). Este conceito vem sendo modificado através dos séculos da História do Brasil. Já em 1740, o Conselho Ultramarino define quilombo como qualquer e toda habitação que possuísse 5 fugitivos. Entretanto os Quilombos do Brasil, como Palmares, atingiram aproximadamente 20 mil habitantes. O nome original vem de Angola, que em determinado momento da história da resistência angolana queria dizer acampamento de guerreiros na floresta, administrado por chefes rituais de guerra. (...) Do ponto de vista de uma organização social, a África era extremamente diversificada. Tudo fazia parte de um sistema. Assim o Quilombo, neste período [século XVII] era um sistema social baseado em povos de origem caçadora [jaga ou imbangala] e por isso mesmo guerreiros. (1989) (Beatriz in Alex Ratts, 2006, P. 58)

⁴³ Vide Glossário

saberes sagrados, de cuidado e de bem-viver. Ambas, quilombo e gira são, não só conceitos, mas entes além-mar, que vieram nos acordar para também ir além, como acordaram muitas outras e outros de nós, para fazer valer a máxima de ser a Terra, toda ela nossa casa, à qual estamos de passagem, à qual temos direito e pertença, e temos também o convite contínuo ao seu cuidado e ao seu resguardo, à sua nutrição através de nossas ações e criações, através dos saberes que ascendemos quando buscamos pela contínua expansão de nossas liberdades com o fio da memória aceso em nossas mãos.

Vamos caminhando. Te convido a seguir. O que é importante saber para seguir adiante? Vamos mergulhar um bocadinho através de imagens e mapas mentais, remontando cartografias das andanças e dos pensamentos em andamento, que foram sendo tecidos em meio a caos e calmaria, do mundo exterior e interior. Vamos ganhar corpo e espaço recebendo mais elementos que nos agreguem coragem e orientação para compor vozes e ações criativas, tal qual a cabaça da criação.

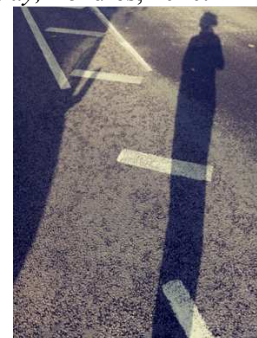
3.1 Metodologia Circular: Girando, Vagueando, expandindo raízes e registrando fragmentos até encontrar um sentido

(...) os pesquisadores performativos estão inventando seus próprios métodos para investigar os fenômenos da prática”

Manifesto Pela Pesquisa Performativa, Brad Haseman.

Figura 19, Mapa Mental, Londres, 2020.

Figuras 20, 21 e 22,



Imagens pela autora, Adriana Gabriela.

Durante o desenvolvimento de uma pesquisa passamos por diversas fases, onde pululam muitas ideias, e também acessamos ambiências à meia luz, ou nenhuma aparente luz. Caminhar no escuro é uma habilidade e também uma ação necessária a ser desenvolvida pela pesquisadora, como pássaro com visão noturna, como a confiança, a escuta e a entrega desenvolvidas para girar de olhos fechados. Mas é nesse escuro onde muitas possibilidades

criativas adormecem, se nutrem, ganham corpo para brotar, como sementes que precisam estar envoltas na escuridão da terra para enraizar e ascender, expandindo-se.

Figura 23, Londres 2020.

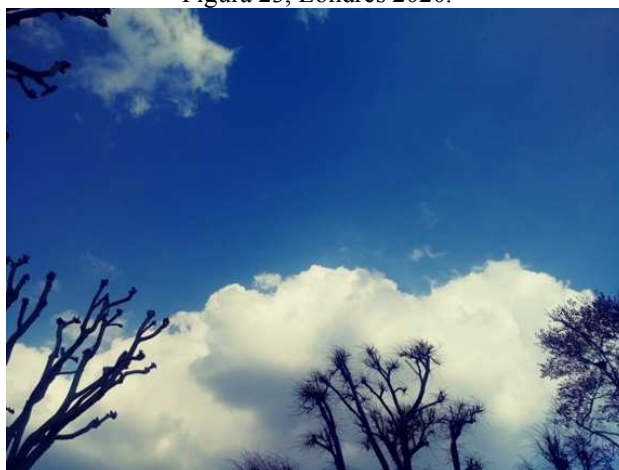


Imagem pela autora.

No caminho do viver, experimentar, praticar, registrar e escrever, estive entre muitas anotações, imersa em espaços com palavras soltas, fichamentos e citações ainda não organizadas, uma infinidade de imagens e **pensamentos em andamento**, que cheguei a compreender em uma dimensão maior como **consciência em processo**, em andamento. Nesse ínterim, encontrei pontos interessantes de confluência entre abordagens de pesquisa, como a autoetnografia, como uma forma narrativa que apresenta intersecções dentro de práticas como pesquisa (*Practice as Research* PaR), especialmente ao modo como vim desenrolando minha pesquisa sob referenciais de fala do feminismo negro.

E é assim, nesse todo que, por vezes é uma terra processada, noutros lembra uma composteira - entre resíduos e matérias orgânicas descartadas aparentemente não úteis - que o solo onde estão plantadas sementes dessa pesquisa foi ganhando corpo e dimensão, a dimensão da própria terra, planeta Terra, como organismo maior, através do qual tudo se une. E daqui, da Terra, ganhou energia para crescer e perceber energias universais, solar, lunar, estelar, e esse novo todo uno de relações entre Terra, Céu, Espaço e suas interconexões, entre Ayé, o Orum⁴⁴, entre dimensões que o meu corpo em órbita sintonizava. Para melhor compreensão, vamos seguindo.

⁴⁴ Vide Glossário

O que basicamente me interessa deixar aqui registrado são os diferentes modos que venho compreendendo e metaforizando a arte de pesquisar e práticas de construção de significado que fizeram sentido para mim em meus trajetos, desde o micro ao macro cosmos, como **um corpo de saberes que se articula através de múltiplas abordagens dentro da prática como pesquisa**, comungando da pesquisa, portanto, como processo de criação de múltiplas conexões em permanente mobilidade. Friso que esta pesquisa está arraigada substancialmente na prática, sobre qualquer outra fonte. E esse ponto é de fundamental importância, como aprofundamento e continuidade de ações de pesquisa que rompem com a primazia de fontes e modos de produção do saber em diversos campos do conhecimento, dentro e fora da universidade e também um exercício constante interno a mim de afirmar caminhos e processos autorais.

Falando sobre o *Manifesto Pela Pesquisa Performativa* de Brad Haseman, Ciane Fernandes pontua que “o autor propõe a Pesquisa Performativa como um “multimétodo guiado pela prática”, onde esta é em si mesma um método de pesquisa, o eixo principal e organizador. Neste contexto, o impulso criativo é muito mais importante para delinear o percurso da pesquisa do que hipóteses, problemas ou questões”. (Fernandes, 2013, P.25)

Primeiramente, faz parte da proposta do programa em artes da cena na Unicamp o desenvolvimento e incentivo de práticas como pesquisa, ampliando estudos sobre metodologias específicas à produção de conhecimento acadêmico e científico em artes; Soma-se a isso que esta PaR para mim brotou dentro de outros dois contextos que também influenciaram fortemente o modo como essa pesquisa foi desenvolvida, e principalmente como foi manifestada na escrita. Igualmente importante, portanto, é este segundo ponto, ser parte do reconhecimento da produção de saber a partir da experiência, preconizado por metodologias feministas negras que aportam às histórias de vida, narrativas pessoais e percursos subjetivos força de produção de saber localizado sobre contextos coletivos relacionados à questões de gênero. Fala corporificada, gesta escrita incorporada e experiência como conceito. Terceiro e também igualmente importante, pois é parte da liberdade necessária e fundamental para mim de me entregar à pesquisa reconhecendo as minhas próprias fontes criativas e intelectivas, corporificadas através das oralituras e escrevivências⁴⁵,

⁴⁵Entrevista: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>

aportadas por saberes de cor, ou seja, por um caminhar em decolonialidade negra, fazendo jus ao que apreendo por meus canais criativos sensíveis, de observação e interação com forças da vida. Constituindo o meu continuado “Ato de Deslocamento e Repossessão” (Leda Martins, Performance do Tempo Espiral), redimensionando e reavendo ao corpo-voz outras experiências de interações e compreensões simbólicas. “A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida” (Ribeiro, 2019, P.42). Cada palavra ontem, hoje e agora escritas partem das *refrações* de todos esses trajetos que foram me impelindo/permitindo viver-dizer de muitas formas.

"A esses gestos, a essas inscrições e palimpsestos performáticos, grafados pela voz e pelo corpo, denominei de Oralitura." (Leda Martins, Performance do Tempo Espiral)

E qual a é função das histórias hoje?

É incomodar. É jogar no rosto da casa-grande o que é que nos foi feito e, inclusive, marcar esse presente que ainda tem essa marca do passado, se você pensa na condição em que se encontra a grande maioria da coletividade negra brasileira, e não só a brasileira como a diaspórica(...). Tem aí uma escrita ou uma proposta de escrita – e eu torno a afirmar que não é só no campo literário –, uma proposta em que tanto a memória como o cotidiano, como o que acontece aqui e agora, se transformam em escrita. Essa história silenciada, aquilo que não podia ser dito, aquilo que não podia ser escrito, são aquelas histórias que incomodam, desde o nível da questão pessoal, quanto da questão coletiva. A escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia (...).

“É uma escrita em que o sujeito se coloca no seu espaço de pertença, no seu espaço de nascença, no espaço de vivência – porque o deslocamento cria elos afetivos, com o lugar que ele passa a habitar, além da memória do espaço e de onde ele veio. Normalmente, o texto acaba muito fincado nesses espaços, que eu chamo também de geografia afetiva. O sujeito vai narrar fatos muito próximos de sua vida ou da sua coletividade, e isso é uma forma, uma produção, sem sombra de dúvida, de uma escrevivência”. (Evaristo, 2020)

Essa pesquisa se fez através de uma Gira Mundo, a princípio não intencional, e me levou a diferentes territórios que, em última análise, fazem parte da formação cultural do Brasil: indígena, europeia e africana. Nestes percursos experimentei diversas abordagens criativas, que foram nascendo e ganhando corpo a partir da minha presença em diferentes ambientes, com diferentes pessoas, em circunstâncias diversas. As principais delas são: As Giras (individuais e coletivas / dentro de contextos e casas espirituais; e a partir de propostas

criativas e performances minhas); o caminhar, vagarear e contemplar ambientes e a natureza, me abrindo ou não à dança nestes lugares; o registro fotográfico e em vídeo de elementos aparentemente aleatórios que me chamavam atenção e a montagem de vídeos que revelavam sincronidades; bem como experiências com a metodologia CAP (Creative Articulations Process). Todos esses processos foram acompanhados do registro de escrita poética, criativa e reflexiva.

Neste grande solo, campo de pesquisa, encontrei e nutri **sementes móveis**, que foi o termo ao qual cheguei após experiências práticas de aspectos da minha pesquisa através da metodologia CAP. Um objetivo principal desta metodologia é justamente auxiliar artistas pesquisadores na articulação de seus processos e saberes, então as palavras-guias que vieram destas experiências e das Giras são conceitos essenciais para mim.

Como uma grande rede de conexões móveis através das quais eu pude viver experiências, essas sementes transitaram e fazem pontes com áreas plurais dentro da pesquisa em arte e das pesquisas de abordagens feministas e antirracistas, e mais além de tudo isso, territórios não nomináveis e numinosos. Como sementes móveis, poderiam florescer em uma variedade de terrenos, mas o fundamental delas é unir pontos e conduzir informação e nutrientes entre territórios férteis e diversos.

(...) Sendo um conhecimento criado através da narração (verbal, mas também através de outros meios), é uma forma de produzir conhecimento que se engaja profundamente com práticas representacionais e éticas: o uso da metáfora, de textos confusos, da escrita experimental, as formas poéticas e a ruptura do tempo linear são alguns dos dispositivos que caracterizam trabalhos autoetnográficos contemporâneos (Grant, 2014). Ao desafiar as normas e fronteiras representacionais e experimentar com as formas, estruturas e conteúdos, trabalhos autoetnográficos investem na expressão das emoções como uma forma de abordagem cultural e apresentam como autoras pessoas encarnadas. Dessa forma, eles ampliam o que se pode dizer sobre determinados assuntos, pessoas e instituições (...) (Gama, 2020, P. 190-191)

A citação acima vem como introdução à narrativa a seguir. Em um seminário de pesquisa em andamento, um colega teceu uma crítica à minha abordagem dizendo que eu devia agir como uma artista não como uma antropóloga. Ele fazia parte do grupo de pessoas que sentem minha voz como ofensiva e que não estão de fato interessadas em reconhecer meu ponto de vista como rico e válido. Se ele, homem branco, podia transitar entre campos aparentemente sem o

menor sentido e realizar suas próprias conexões, porque não eu? que inclusive transitava por lugares que fazem parte de abordagens em arte que na verdade apenas não eram conhecidas por ele. Se eu pareci uma antropóloga aos olhos dele isso para mim era um elogio. Não me sinto uma antropóloga, mesmo, mas significa que eu incomodei algum limite que ele pré-estabeleceu para mim e aquele não era o ambiente dele. Lembro de Katherine Duham e as pontes estabelecidas entre vivências com a antropologia e a dança, e nesse sentido, me sinto feliz.

Contei essa história a um amigo que pesquisa artes na área da história e tem um letramento racial completamente diferente do colega que fez a crítica, ele imediatamente me disse que pesquisadores assim tem dificuldade em reconhecer essa nossa qualidade de ver através de muitas lentes e transitar em diferentes ambientes. Ele me disse, isso é um ponto forte seu, que tece o sensível entre outros possíveis e jamais deixará de ser artista por enxergar além. Então lendo Devon Mihesuah - referência que chegou até mim quando topei com uma livraria feminista em uma andança pelas ruas do centro de Londres – encontrei essa passagem onde me enxerguei completamente refletida em diversos momentos que me colocava face a colegas e professores na Unicamp que desconheciam a maior parte de minhas referências.

Os métodos que as mulheres indígenas usam na academia para ensinar e escrever são muitas vezes diferentes dos métodos convencionais (...). Às vezes escrevemos subjetivamente e somos interdisciplinares em nossas abordagens para encontrar dados, mesmo que usar informações de mais de uma área muitas vezes não seja aceitável para aqueles que ocupam posições de poder acadêmico” (Mihesuah, 2003, p. 13, Tradução nossa)

De forma geral, nós, pesquisadoras e pesquisadores na área das artes estamos buscando maneiras próprias de pesquisar em arte e estamos falando sobre isso. O processo de afirmação de nossas formas de pesquisa entretanto é paradoxal e cheio de tensões, bem como podem esbarrar no crivo dos enquadramentos, que em algumas circunstâncias mais limitam que expandem oportunidades de conexões. Eu me levo por onde a pesquisa me leva. E me levei pelos ambientes da prática e teóricos que eu senti que ressoavam e me fortaleciam, principalmente quando o tema racial aparecia, era sempre em literatura do feminismo negro que eu encontrava ressonância com minha voz, e experiências similares a que eu vivia, de interesses de vida e pesquisa e enfrentamentos de vida e de pesquisa, raciais e de gênero que

inclusive dificultavam o desenvolvimento de minha pesquisa, principalmente dentro da universidade.

Dentro de uma seminário de pesquisa uma professora e colegas chegaram a dizer que eu não deveria falar de decolonialidade, pois ela parecia uma palavra da moda, e que meus interesses estavam em outro lugar. Se é modismo, e os tantos modismos que eu escutei lá? Não deveriam ser desencorajados também? Faço minhas as palavras de Carla Akotirene:

Banco esta gramática ancestral para sentidos analíticos sobre interseccionalidade, em respeito à “ori-entação” analítica, ação consciente do Ori – cabeça – em direção ao Sul Global e às memórias naufragadas pelo colonialismo, suficientemente abordado por Fanon, Maria Lugones e Curiel. De nada adianta intelectuais defenderem a descolonização do feminismo sem legitimar negrura perspectivista em nível psíquico, cognitivo e espiritual das epistemes. (Akotirene, 2019, P. 26)

Eles não queriam entender as dimensões de força e os desdobramentos que o solo das reflexões decoloniais fecundava na composição do que eu pulsava, e que isso era uma escolha política. Se antes de eu começar a conviver no espaço da Unicamp o meu projeto de pesquisa não apresentava um recorte explícito de desejo de cura de marcadores raciais e de gênero, foi a convivência desde o princípio difícil com os ares da universidade que me fez perceber que sem essa voz atenta eu não sobreviveria, pois era exatamente isso que estava vivendo.

O pensamento contra-colonial não está encaixado nas categorias que o modo eurocêntrico ensina. “Por que a professora Leda propõe algo que cabe em diversos campos? Por que a Conceição Evaristo é da literatura mas é lida em diversas áreas? Por que a Beatriz Nascimento fala de história, mas faz poesia?”, provoca Pirajira. Transitar entre as áreas é uma escolha epistemológica, conceitual e estética.⁴⁶

Sobre a busca por responder a estes questionamentos e necessidade de tornar mais fluida as fronteiras no âmbito da pesquisa em artes, a professora Ciane Fernandes agrega o termo pesquisa somático-performativa, que auxilia a “Sintetizar informações multireferenciais de forma integrada e sensível, e fazer conexões criativas imprevisíveis, com resultados processuais em termos de performance/inscrita dinâmica e intercambiáveis. (Fernandes, 2014, p. 2)

⁴⁶ <https://www.nonada.com.br/2023/06/o-espiralar-na-arte-como-a-obra-da-intelectual-leda-maria-martins-inspira-a-35a-bienal-de-sao-paulo/>

Saliento que o uso desse novo termo híbrido – “somático-performativo” - não decorre da busca por inventar um novo paradigma ou modelo a ser seguido. Muito pelo contrário, surge de uma necessidade real de diluir fronteiras entre campos artificialmente separados que atrapalham o fluxo da vida, da arte e da pesquisa. Assim, essa terminologia busca legitimar uma abordagem aberta, inclusiva e em constante transformação. Apesar de trazer o conforto da aceitação, essa abordagem propõe o desafio como estímulo ao crescimento ou mudança, tanto quanto o fazem a educação somática, a dança-teatro e a performance. A Pesquisa Somático- Performativa fundamenta-se na educação somática e na performance para criar um arcabouço das artes cênicas para as artes cênicas, em diálogo ilimitado com outras áreas do conhecimento. (Fernandes, 2014, p. 82)

Durante o mestrado em artes cênicas foi desafiador em disciplinas iniciais como metodologia de pesquisa precisar ler textos que eu lia quando estudava Direito, não pura e simplesmente por ser de uma área diferente, mas porque eu sentia que não faziam sentido como guia para a proposta e abordagem em arte que eu desejava mergulhar. Ainda eram abordagens que indicavam, favoreciam e até mesmo impunham a tal da “neutralidade axiológica”, a objetividade científicista, a forma de escrita e voz artificialmente neutra e métodos de controle, acompanhamento e leitura de dados que mais sufocavam a pesquisa que favoreciam o desenvolvimento do que ela, como ente, estava desejosa de revelar. Um dia não pude continuar com os fichamentos daqueles textos de tão indisposta com aquelas leituras, e esses fichamentos compunham nota/avaliação na disciplina, eu estava tão saturada que sem conseguir mais prosseguir decidi que iria escrever uma poesia sobre metodologia, questionando esses fundamentos e assim o fiz. A professora amou, fiquei até surpresa, me pontuou maximamente.

No decorrer do mestrado outras abordagens foram sendo apresentadas e me encontrei com fontes e experiências que faziam mais sentido para o pesquisar em arte que eu desenvolvia. Essa questão metodológica no entanto sempre volta para meu espaço de reflexão, não só porque cada novo ciclo de pesquisa inaugura consigo abordagens e práticas específicas, ainda que fundada em referências comuns, mas também porque não basta estarmos em um ambiente institucional que busque e valorize práticas específicas em artes, pois estamos sempre com aqueles fios de expansão e contração nos questionando sobre a legitimidade de nosso caminho, muito mais quando adentrarmos em terrenos estancados por silêncios históricos e que ainda são silenciados dentro deste ambiente institucional.

“A figura dos professores brancos era apoiada por instituições de supremacia branca, por colegas racistas, por hierarquias que punham a palavra do professor acima do estudante. Quando eu falava para os professores mais solidários sobre comentários racistas ditos a portas fechadas, durante horários de atendimento ao aluno, havia sempre uma expressão de descrença, surpresa e suspeita sobre o rigor do que eu estava reportando. Normalmente eles ouviam porque sentiam que era sua obrigação liberal fazer isso. A descrença deles, a recusa em se responsabilizar pelo racismo branco, tornava impossível que mostrassem autentica preocupação ou ajuda. (Hooks, 2019, P. 129)

Figuras 24 e 25, Abaixo, Londres 2020.



Imagens pela autora.

Abrindo canais para acessar o fluxo da ampla liberdade, não dada, mas conquistada e necessariamente afirmada e reafirmada por mim mesma uma e outra vez nos diversos cruzamentos da pesquisadora com fios de alta tensão, em ambientes onde sentia o interesse por mim, pelas abordagens que trazia, ao mesmo tempo a constante contradição sentida em quererem me deglutir e ao mesmo tempo me expelir, nestes diversos cruzamentos da pesquisa com desconfortos, incompreensões e não estímulos ao seu livre fluir, experimentei.

A interseccionalidade é a autoridade intelectual de todas as mulheres que um dia foram interrompidas. A interseccionalidade é sofisticada fonte de água, metodológica, proposta por uma intelectual negra, por isto é tão difícil engolir os seus fluxos feitos mundo afora. (Akotirene, 2019, P. 65)

Criando estratégias, usando termômetros construídos a duras penas, para compartilhar aspectos da minha pesquisa nos ambientes de “livre pensamento” da universidade, sem causar

estardalhaços que me fizessem partir, quebrar, rasgar ao meio. Me afirmando sem me lançar em traiçoeiros tiroteios que apenas me tirariam a vida, a vontade, “sem permitir que o racismo ou o machismo frustrassem ou destruíssem sua curiosidade intelectual, seu desejo de ensinar” (Hooks, 2019, P. 126). Em São Paulo eu descobri o que é ignorância, desconfiança e muito mais, e precisei aprender a não me envolver/contaminar com isso, a não minguar e entrar nessa mesma vibração.

Como já disse antes, não me sentir em um ambiente propício ao livre pensar-errar-abrir-experimentar e falar abertamente sobre questões caríssimas em minha pesquisa foi bastante contraproducente e o é em qualquer etapa de um processo educacional. Bato nessa tecla, pois é a educação na qual eu acredito e busco ser mediadora. Tive que traduzir o que para mim eram obviedades de muitas formas e receber/escutar de outros *obviedades com novos efeitos* como se estivessem descobrindo a roda. Questões que eram fundamentais para mim eu fui buscar respostas em outros ambientes. Aqueles diálogos de coração necessários ao solo de um fazer artístico foram muito mais internos que externos.

Pode não resolver nada falar isso, mas é triste que a universidade não seja um lugar prioritariamente de amor, de desenvolvimento do saber através do amor, que não tenha esse princípio como chave, que ainda haja tanta performance de competição e subjugação, testes e testes da sua capacidade de se defender, muito mais do que estar e ser e contribuir no todo com seu ponto de vista peculiar. Sou tolerante, tenho a paciência de quem pode respirar por horas diante do mar ou da tormenta, por isso me considero uma excelente educadora, mas manter meu estado de ser em bem-estar no ambiente acadêmico foi e é uma conquista diária. “Racismo e machismo, especialmente no nível da pós-graduação, moldam e influenciam tanto o desempenho acadêmico quanto a empregabilidade de mulheres negras acadêmicas” (Hooks, 2019, P.35). Além dos desafios comuns a todos os pós-graduandos, temos esse desafio **a mais**, esse obsessor, despejado em nós no abrir de cada porta de sala de aula.

A articulação metodológica proposta pelas feministas negras, atualmente chamada de interseccionalidade, recupera as bagagens ancestrais perdidas, milhões delas espiritualmente, presentes nestas palavras do transatlântico, pois que nas palavras de Farani, Carrascosa, Augusto, Sousa, Campos e Reis “os projetos decolonial e negrofeminista farão a recalibragem deste instrumento náutico para corrigirnos dos perigos de invisibilização dos locais afrodiasporicamente potentes”. (Akotirene, 2019, P. 25)

Com a benção de todos os orixás, segui o meu caminho, reacordando e reafirmando a soberania herdada, preta, essa sim, minha, redirecionando o barco a meu favor. Chorando quando necessário pela rispidez e embriaguez humana que tão dolorida e ausente dela mesma estava pra agir assim com golpes de retórica e deselegância. Rezando por ela, humanidade. Registrando entre dores e solidude, muitas belezas. Meu trunfo, meu sustento, capacidade de perceber e pão de cada dia, aquilo que vim espelhar no mundo, encontrar vida, *seguir adiante, apesar de*.

Com relação à captação de imagens, parti da ideia de mosaico ou colagem. A ideia de mosaico se liga a ideia de Rastros, à ideia de composição feita por rastros diversos. Rastros esses capturados em Vagueio e Trajetos. E estes me ligam ao Rizomático e ao Cartográfico. E tudo isso vai e volta, é visto e revisto, revelando circularidades, não apenas na prática central que tem sustentado esta pesquisa, mas na própria forma de apresentação de partes da pesquisa, como um Site inacabado que estive criando, como meu corpo que caminha, registra e literalmente gira na rua para encontrar respostas, como na minha fala ou no entendimento que acho que tive e depois esqueço e não sei mais se sei e preciso falar outra vez para ampliar perspectiva de entendimento. Como na Gira onde por vezes recebemos um conhecimento, mas ele não se firma em nós e precisamos girar novamente nas voltas e espirais do saber para assentar direitinho aquele aprendizado na consciência. Como meu corpo que gira para voltar a ter a concentração e clareza mental por algum motivo turvada.

Movimentos circulares são integrativos de corpo-mente-espírito, ocidentalmente cindido. Quando comecei a fazer práticas de teatro conheci o Giro-sufi através de formações teatrais que fiz, e também como instrumento cênico em apresentações coletivas. Depois vi a prática do Giro-sufi ser compartilhada em uma contexto xamânico. Não me cabe adentrar pelo território sagrado do Giro-sufi, apenas trazê-lo como uma referência que meu corpo conhecia, experimentou e reconheceu como aporte para confiar no fluxo e me entregar aos giros que as Giras me conduziam. O giro é um movimento de integração. É também de expansão. Nas Giras, giro em meu eixo, como giro ao redor de um centro. Como um planeta, órbita, rotaciono e translado ao redor do *Sol central*, este, altar e fonte das energias com as quais me proponho a dialogar.

Figuras 26 e 27, Abaixo, Londres 2020.



26



27

Imagens acima pela autora.

Em alguns momentos que escrevo tudo parece confuso demais. Assim como há momentos rituais que tudo parece confuso demais, e é preciso continuar girando para apreender os sentidos que vão se dando, se desenrolando, abrindo, mostrando seus sinais e conexões, mostrando as melhores palavras, as melhores emoções para um entendimento ou organização sensorial aflorar. Assim segui com a escrita, em looping de temas que se repetiam até serem percebidos por mim a partir de uma digestão melhor. Assim segui, unindo as peças, unindo os pontos, também a partir de registros nada turísticos que fazia nessa Gira-mundo.

Figuras 28, 28, 30 e 31, Abaixo, Londres 2020.



28



29



30



31

Imagens acima, pela autora.

Confissão de S.lowCura

Sim, eu tenho fixação por folhas
 Tenho uma fixação natural por matérias orgânicas
 Conchas, pedrinhas, gravetos, ciscos...
 Tenho uma fixação reflexiva em tudo que
 De minúsculo transmite grandeza e
 Tudo que em grandeza transmite paz
 Céu, mar, montanha...circo

Eu tenho uma fixação em olhar beleza
 E ver beleza no início e no fim das coisas,
 Como o nascer e o pôr do dia

Tenho fixação por saudar os ciclos
 Dentro
 E fora de mim
 Tenho devoção por flores e mariposas
 Por pingos de chuva e
 Riachinhos d'lágrimas

Eu tenho um “toc” dentro de mim
Que me faz querer amar a terra
Repetidamente

E me faz confiar que as luzes das estrelas irão me guiar

Eu tenho sobretudo uma compulsão profunda pela sutileza
Como a natureza nos informa,
No silêncio, sons e formas,
A ser amor e a amar

Eu tenho fixação pelas curas e culturas
Que estão em toda parte por onde há caminho

Fixação pela lua, peixes, ramagens, luz solar

A verdade é que a vida
São tantas vidas
Pulsando ao nosso redor

E percebê-las me faz mais viva

E honrar a vida que é,
A vida que está,
A vida presente,
A vida que também é
Contemplar e cuidar

No movimento contínuo de respirar
...inspirar...expirar...inspirar...
Expirar...
“entregar, confiar, aceitar e agradecer”

Tudo que já foi morte para renascer, brotará uma e outra vez
Recriadas
Nos mistérios da terra.

_poesia da autora

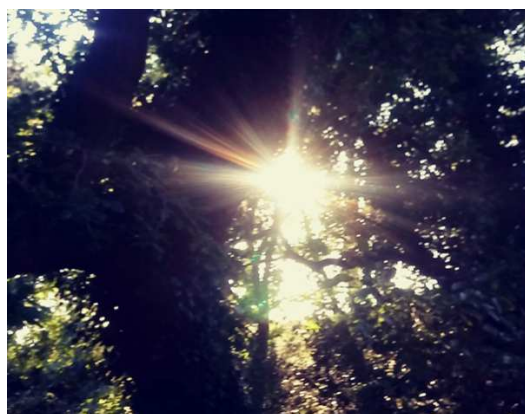
Figuras 32, 33, 34 e 35, Abaixo, Londres 2020.



32



33



34



35

Imagens 32, 33, 34 e 35, acima, pela autora.

Nas práticas de pesquisa que realizei sozinha, além do ato de experimentar giras individualmente e gravar, estive caminhando e tirando fotos e fazendo pequenos vídeos, **deixando as coisas acontecerem a partir do meu interesse por elementos externos que foram me trazendo compreensão do andamento do meu interno.** E a partir disso fui fazendo colagens e recolagens com as fotos e tendo muitas ideias e percebendo relações a partir das fotos e dos vídeos.

Figuras 36 e 37, Abaixo, Londres 2020.



36



37

Imagens 36 e 37, acima, pela autora.

Fazia isso principalmente quando estava confusa demais. Registros de imagens através de fotografias aparentemente aleatórias e coisas que me chamavam reiteradamente a **atenção** nas ruas e parques onde morava em Londres, durante a quarentena de DSE (Doutorado Sanduíche no Exterior), depois deram origem a gravação de novas imagens a partir de um roteiro que primeiro começou a se formar como possibilidade em meu imaginário, corporificado pelas andanças, pois tinha criado uma **intimidade** com os lugares as coisas e os sinais a partir das caminhadas, meditações e movimentos constantes por estes lugares e também compreendido um pouco mais os significados que tinham para mim, e se efetivaram no momento mesmo da filmagem do vídeo com uma outra artista, a partir de minhas pulsões, intenções e conhecimentos do espaço e das coisas que ali habitavam, cores, marcas, luminosidade, vegetações, e do olhar poético que ela lançava sobre o que eu propunha, propondo ela também, com seu olhar através da lente.

“Descobrir, criar e comunicar significado é nosso trabalho de tempo integral. Fazemos isso desde o momento em que nascemos até o momento em que morremos. Às vezes fazemos isso de forma consciente e intencional, mas principalmente, o significado emerge para nós abaixo do nível da nossa consciência. O significado está acontecendo sem que saibamos. Então, para descobrir de onde vem o significado, temos que olhar profundamente para os encontros corporais, em sua maioria inconscientes, com o nosso mundo” (Johnson, 2007, P. 21)

Figuras 38, 39, 40, 41, 42 e 43, Abaixo, Londres 2020.



38



39



40



41



42



43

Imagens 38, 39, 40, 41, 42 e 43, acima, pela autora.

Em meio a Pandemia, encontrei no jardim da casa que morei e depois nos parques Foster Park e Ladywell em Londres, motivos, vida. Eu fui quase que diariamente ao Foster Park. Lá não tinha lago, então ia a Lady Well para estar perto da água corrente, ainda que raso e poluído, havia aí um riacho. Os parques, o jardim, as flores mais diversas que eu via nos jardins das casas sustentaram minha alegria e confiança.

Figura 44, Jardim, Londres, 2020



Imagem pela autora.

Comecei a ver muitas expressões dos orixás por onde ia, nas reentrâncias do Foster Park, nas chaminés de cerâmica das casas, nas poças d'água, no passeio pelo jardim com uma pequena cabaça que ganhei de Luzia, a dona de uma tenda de produtos artesanais e místicos em Luanda, na sinalização pintada no chão das ruas de Londres, e nas placas, me lembrando sobre caminhos, sobre encruzilhadas, sobre direcionamento, guianças, me conectando também à relação com as Pombas-Giras, na grama que rompia do asfalto me falando do que veio antes, da força original, e de outros elos da contemplação e do caminhar.

Figuras 45, 46, 47 e 48, Abaixo, Cabaças, Londres 2020.



45



46



47



48

Imagens 45, 46, 47 e 48, acima, pela autora

Figuras 49, 50, 51 e 52, Abaixo, Londres 2020.



49



50



51



52

Imagens 49, 50, 51 e 52, acima, pela autora

Figura 53, Tecido, Luanda 2019.



53

Imagem pela autora

Figura 54, Paris, 2020



54

Imagem pela autora

Ao fim, o que começou com fotografias aleatórias se transformou em uma performance-ritual nas ruas e no Foster Park de Catford Bridge, que era o meu lugar especial.

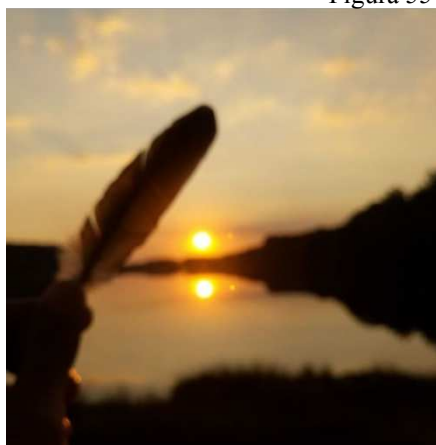
Assim se deu nas variadas localidades pelas quais passei, segui também refletindo através da **relação com natureza**. Quando morei em Barão Geraldo, ia diariamente na fazenda, ao lado da casa onde eu vivia na Vila São João, meditar, escutar e dançar no bosque, saudar o babuzal, caminhar descalça, ver as corujas e os cavalos, ser percebida pelas corujas e pelos cavalos, colher e oferecer flores no lago, contemplar, cantar para a natureza e conversar com ela sentada em uma pedra em frente ao lago onde vi belos pores-do-sol.

Neste sentido, e por serem frutos de uma combinação de métodos, sujeitos, conceitos, políticas e teorias que não podem ser separados, são trabalhos especialmente interessantes no que diz respeito a situações de vulnerabilidade (Costta, 2016). Isto ocorre porque, neles, além de refletirmos sobre dados observados externamente e relatados oralmente, também atentamos para conhecimentos apreendidos através do nosso próprio corpo, que se move e encontra diferentes ambientes, pessoas, objetos e experimenta diversas emoções. (Gama, 2020, 191)

Deixo algumas destas imagens-trajetos aqui, com o link do site inacabado, para continuar a dizerem sobre **um corpo de saber que se articula** através de múltiplas abordagens de composição dentro da prática como pesquisa.

SITE: <https://girasdeumapriticac.wixsite.com/gira>

Figura 55 e 56, pôr-do-sol, Barão Geraldo



55



56

Imagens 55 e 56, pela autora

3.2. Memória, Performance e Reencontros Diaspóricos: Os Espaços, Os trajetos, os trânsitos, as materialidades crescentes (Por onde a vida intuitivamente me levou: a pesquisa como um caminho de ativação de memórias ancestrais)

Quando eu Danço, Canto e Ritualizo, Existo para além de mim.

"A performance atualiza os diapasões da memória, lembrança resvalada de esquecimento, tranças aneladas na improvisação que borda os restos, vestígios africanos em novas formas expressivas"
(Leda Martins, Performances do Tempo Espiralar)

Figura 57, Baía de Todos os Santos, Salvador-BA, 2019



Imagem pela autora.

Figura 58, Baía de Todos os Santos, Salvador-BA, 2019



Imagem pela autora.

O corpo negro, afro-brasileiro, meu corpo, eu, oceano de memórias, cruza e recruza o atlântico em si, mares internos, marés de diluir fragmentos e remontar sentidos de pertença, como território interno de cultivo e reconhecimento do seu mundo, sua terra, seu corpo, terra encarnada de saberes, nutrição, fonte de conexões e fertilidade existencial. Busca nessas águas sua imagem líquida. Aquela refletida em espelhos ancestrais. Nas geografias exteriores, de viagens e deslocamentos mais rápidos que o processamento emocional de estar aqui e de estar acolá alcança apaziguar, observa, absorve, é observado e absorvido, é visto, é tela, é lido, é leitura que indica muitas fontes formativas e informativas de seu ser e estar no mundo.

Os lugares nos incorporam, ainda que desejando nos expelir, reverberamos nas ambiências como uma pedra lançada ao lago, assim como incorporamos os lugares, ainda que linhas de força em nós mesmos desejem retornar ao que reconhecemos como lar. Nas paragens da identificação, mediadas por momentos em que *‘muita coisa faz sentido’* e nos sentimos vitalizados, como também no lado contínuo e contíguo de uma identificação, quando percebemos vieses de identificações que fraturam outra vez a imagem refletida no espelho, ali também reside uma oportunidade de cura, uma oportunidade para reunir e reafirmar as formas que vamos compreendendo que podemos moldar ao sabor de nossa força criativa. Um corpo em travessia está imbrincado desta potência e contradição de ser transitório, de estar em trânsito. E nesse estado de ser um corpo cruzado de travessias, transiciona aspectos de si com o mundo e do mundo consigo. O que me, te, nos, potencializa, vitaliza? É a pergunta-observadora que é interessante e fundamental ter como companheira de viagem.

Certamente, o Atlântico gera maresia feminista durante a travessia interseccional. Longe de ser fragmentada, liberal e cisheterossexista, a interseccionalidade é dimensão prática, precisamos do horizonte enquanto os navios estão atravessando, mas a fome de justiça depende da vida garantida agora. Na diáspora africana, nós, ialodês, desenvolvemos condutas molhadas e enfrentamos o padrão colonial dando movimento à força da maré, (...) junto com o método diaspórico feminista atravessado nesta discussão, visando aumentar os diálogos com as epistemes dos povos colonizados, abranger as travessias teóricas de corpos navegantes, balançados pelas águas étnicas, memórias índicas, culturas polissêmicas e posicionalidades transatlânticas. Afinal, o conhecimento deve ir além das demarcações fixadas por linhas imaginárias do horizonte e, finalmente, valer-se de raça, classe, território e gênero, mas enlanguescendo-se(...) pois uma vez protegidos do racismo, podemos nos proteger de toda e qualquer violência e lutar por mais tempo contra as necropolíticas. (Akotirene, 2019, P. 64)

Nesse estado de reivindicação da liberdade, que um dia foi cindida em travessias continentais compulsórias e, até hoje, não foi recuperada de modo estrutural, no todo de uma sociedade racista que ainda promove ecos de um histórico processo de expropriação, incompreensão e apropriação indevida de tesouros materiais e imateriais por meio de ações genocidas, navegamos.

O navegar desta autora se deu por vontade, por desejo. Mas uma parte de mim sente e recorda tempos de imposição. Em um rito para Iemanjá, em uma das casas espiritualistas que frequentei em Salvador-Ba, vivi um momento de grande encontro. Sentada na grama, ao lado de uma vela acesa aos pretos velhos, escutei uma canção vinda da Gira que acontecia dentro do salão. Era um canto que pedia por proteção, era também um canto de agradecimento a Iemanjá e a todos os orixás que deram suporte à travessia de tantas e tantos de nós através dos mares. Eu me transportei para o universo *navio negreiro*, e ali, senti o grande poder da força da natureza, o poder da fé na sustentação da vida de tantas e tantos em um momento tão desolador de travessia.

certamente, a diáspora negra sofreu apropriação privada do mar Atlântico, território a cargo de Iemanjá – guardiã africana iorubá das cabeças-oris e também da consciência de existirmos há pelos menos 3 milhões de anos, segundo as descobertas arqueológicas. Quinhentos destes de escravização promovida pelo branco colonizador. **“Nada é sagrado para a civilização ocidental branca e cristã”, já nos disse Abdias Nascimento.** O impacto do colonialismo à natureza fez milhares de pretos serem atirados ao Oceano e lançou a dicotomia entre natureza e humanidade do padrão capitalista global. As feminilidades e masculinidades construídas pelo cisheteropatriarcado e racismo, juntos, saíram dessa experiência; no Atlântico, africanas choraram feminilidades e africanos seguraram o choro das masculinidades. Mulheres negras desde então são castigadas mais vezes, segundo bell hooks, por chorarem muito diante dos colonos, somente para incomodá-los em seus sonos injustos, de acordo com Conceição Evaristo. A diáspora negra deu suor, lágrimas e sangue ao gosto do Mar. O apagamento epistêmico ainda é o “sal-ário” da experiência salgada de modo que me ancore completamente à teoria do ponto de vista feminista negro. Metodologicamente, adoto atitude decolonial, transdisciplinar ensinando a teoria transgredir como bell hooks, cartografando o pensamento de mulheres negras e terceiro-mundistas. (Akotirene, 2019, P. 26)

Esse episódio evocou memórias de um *tempo passado na história* - pretérito-passado - mas também outro passado-atual – pretérito do presente - que ocorrera comigo poucos anos antes, quando eu morei no Vale do Capão na Chapada Diamantina, e numa das idas e vindas molhadas a Salvador, repeti, praticamente durante o caminho inteiro de seis horas, uma

canção que achei guardada em meu celular sem wi fi, a canção *Yayá Massemba* (Capinan e Roberto Mendes) que também narra profunda e poeticamente essa travessia. Neste caminho por onde passei outrora, limpei muitas águas. Como Sankofa, em tempo espiralar, atravessando, unindo os tempos no espaço das águas da memória, atualizei o entendimento sobre minha vida, em um mergulho e desague de travessia ancestral.

Quando o conhecimento é construído e transmitido pelo corpo, enquanto imagem em movimento, ele se atualiza no momento mesmo do ato performático. Retoma-se saberes e valores dos antepassados – a memória construída e transmitida na aprendizagem do rito – ao mesmo tempo em que se movimenta para frente, contribuindo para a construção do conhecimento futuro daqueles que estão presentes e, mesmo, dos que estão por vir. (Boito, 2022, P. 138)

O tempo espiralar, conceituado por Leda Martins como tempo no qual é fundante a característica não linear, como contínua união entre o que se considera passado, presente e futuro em atualização a um só tempo. A “ideia de que o tempo ocidental, sucessivo, cumulativo, “que apenas anda para frente”, não é compatível com as cosmos-percepções africanas e afro-diaspóricas. É nesta ideia de tempo *espiralado*, que faz movimentos de retrospecto e prospecção, contração e dilatação”⁴⁷ que experimentamos, sentimos e seguimos.

O “tempo espiralar” é, portanto, esse continuum no qual não se distingue passado, presente e futuro de maneira estanque. É um tempo diferente do linear e histórico concebido pela episteme europeia. É uma temporalidade que se funda num evento/acometimento do intenso agora, em que todas essas instâncias se contaminam. “Todo processo pendular entre a tradição e sua transmissão institui um movimento curvilíneo, reativador e prospectivo que integra sincronicamente, na atualidade do ato performado, o presente do pretérito e do futuro” (Martins, 2021, p. 83). Sob essa ótica, a autora nos apresenta uma importante concepção de tradição, muito diferente daquela que a entende como uma manifestação cultural estática, própria do “folclore”. Pelo contrário, segundo a perspectiva de Martins, a tradição está em constante movimento, não se fixa, respira junto com os corpos que a constituem, dança entre a permanência e a transformação. (Boito, 2022, P. 138)

Assim também é o mar. União. Respiração e deslize. Sístole, diástole, fluxo. Sanguíneo. Circulação. O mar está em mim, vive em mim. O mar é ente de memória e me informa o que eu posso alcançar, quando posso alcançar e desperto para suas poéticas e entendimentos, hora

⁴⁷ <https://www.nonada.com.br/2023/06/o-espiralar-na-arte-como-a-obra-da-intelectual-leda-maria-martins-inspira-a-35a-bienal-de-sao-paulo/>

ditas por palavras sussurradas, ora mais audíveis, ora afiguradas pelas formas e belezas extraordinárias de seu universo, mas principalmente narradas pela linguagem do sentir.

Quando eu era criança alguém me disse que se eu fosse reto em direção ao horizonte eu chegaria na África. Eu guardei isso comigo. Como uma criança que não cansa de fazer a mesma brincadeira, sempre perguntava às pessoas “você sabe o que tem além do horizonte?”, a África!”, “Se você for nadando até o horizonte sabe onde chega?, na África!”

Meu desejo era grande. Me atenderam fazer o caminho de reencontro. Eu fui. E desde então desejo voltar outra vez. Seguir conhecendo e reconhecendo. Estivemos em Luanda por 9 dias atemporais. O tempo regulamentar é mesmo uma ficção para finalidade de jogo. Mas o tempo da vida e da memória é outro. Estivemos em ações artísticas no CCBA (Centro Cultural Brasil e Angola), e através destas ações compartilhamos, ofertamos e recebemos caminhos de afeto e de memória eternos.

Figura 59, abaixo-direita, Baobá na Ilha de Luanda, Figura 60, esquerda, Tenda de Luzia, Luanda, 2019.



Imagens pela autora.

Luanda avivou em mim criatividade, alegria, celebração. Me alimentou de auto-estima. Me mostrou lugares instáveis dentro de mim para que eu pudesse confiar nos saberes que carrego, para seguir e iluminar mais e mais minhas raízes e equilibrar minhas energias. Me proporcionou ver, reconhecer e sonhar. Me mostrou que é preciso ultrapassar medos e confiar, que ainda que o mar esteja alto, é preciso se entregar e navegar, confiar. Luanda esculpiu nossos caminhos de sincronicidades, de oportunidades de ser feliz e de celebrar a vida e os encontros.

Enquanto a narrativa de algumas pessoas, brasileiras, brancas, do sudeste, com as quais topamos lá, trabalhando em postos de direção, estava envolta nas milhares de mazelas que Luanda apresenta, na dificuldade disso e daquilo, e falas de cunho assistencialista, nós víamos Luanda como poesia, sem romantizar, mas já romantizando no sentido que Luanda é grandiosa para escrever uma coletânea em romance, transpassado por corpos ativados por incontáveis poéticas de pertencimento. Luanda semeou em mim histórias de Baobás. Fecundou em minha mente novas ideias através das cabaças e dos caxixis vindos de lá. Tudo isso também são sementes, que ultrapassam o tempo de uma pesquisa, se estendem para além dos contornos institucionais de tempo, pois são parte integrante da vida.

Figura 61, *Colagem*, à Direita: Ilustração – Magia do Dendê; ao Centro: Cabaça; à Esquerda: Cora.



Imagens e Colagem pela autora.

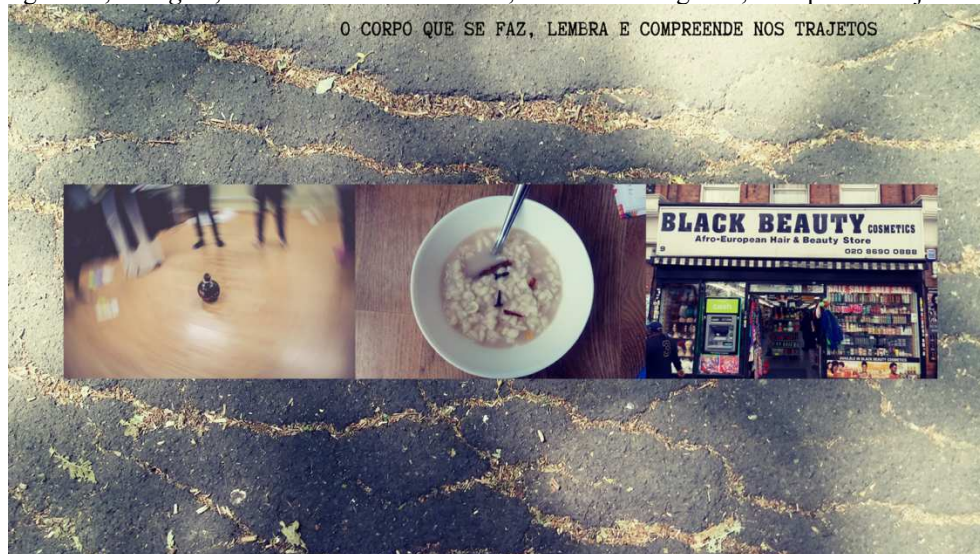
Da esquerda para direita: 1-Ilustração *Magia do dendê* que montei em Londres após o preparo de algumas moquecas; 2- Cabaça que ganhei de Luzia (Luanda) passeando comigo no jardim de Londres; 3- Kora que ganhei em Paris, feita por um músico de Burquina Faso, sendo batizada nas águas do Vale do Capão (BA).

Cada lugar por onde passei evocou e manifestou elementos de memória. Assim como o mar, o chão de cada terra é uma grande contador de histórias, que encontram a narrativa expressiva através do corpo que dança no chão de cada terra, e expande atenção para compreender sinais, para ler mensagens através de sutilezas expressas na natureza. As travessias pelo Atlântico também me levaram a desaguar na Europa, e ali, bem ao centro, em Paris, receber fontes de memória e de inspiração vindas da África, como um tambor senegalês, uma Kora de Burquina Faso, com os quais me conectei à minha maneira, buscando interagir com eles com a intenção

de escutar e expressar primeiramente a voz de meu coração. Essa voz que é também circulação.

A concepção ancestral africana inclui no mesmo circuito fenomenológico, as divindades, a natureza cósmica, a fauna, a flora, os elementos físicos, os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer, concebidos como anéis de uma complementariedade necessária, em contínuo processo de transformação e de devir. (Martins, 2003, P. 75)

Figura 62, *Colagem*, à Direita: Gira em CDMX; ao Centro: Mugunzá; à Esquerda: Loja Afro.



Imagens e Colagem pela autora.

Figura 63, *Colagem*, registros de caminhos em Londres, 2020.



Imagens e Colagem pela autora.

Um corpo em travessia se abre ao novo e sente falta. Um corpo em travessia resiste e reexiste. Um corpo em travessia encontra. Para momentos de queda energética, para manter viva a

chama diante do frio de Londres em meio a pandemia e ancorar a energia vital, o axé, nada melhor que uma moqueca, preparada com azeite de palma/dendê de Gana, comprado lá mesmo em Londres. E como nunca antes em minha vida fiz tanto mugunzá, com milho branco e leite de côco dali mesmo, de tendas africanas do bairro em que, por sincronicidade da vida, morei no tempo instável da pandemia. Sim, eu estava acessando força ancestral através da comida. Banana da terra, inhame... Meu corpo pedia, muito mais que antes. Eu estava me acolhendo afetivamente também. E estava exercitando os saberes aprendidos, no exercício do autocuidado, do outro lado do mundo. Acessando as receitas de minha mãe, imprimindo toques meus, me adaptando, e encontrando nutrição em um ambiente afro-diaspórico, não só alimentar, mas estético, energético... para atravessar aquele tempo, que era também um tempo de autodedicação - ainda que em um contexto de mundo dramático - em que eu finalmente podia me dedicar a minhas energias, a olhar para mim com mais tempo de respiração, e continuar a limpeza de obsessões muito antigas, vindas de traumas dessa minha vida - como a expansão de entendimento do *corpo de dor* adquirido no período da minha menarca (primeira menstruação)-, traumas ecoados e atualizados através da perpetuação de contextos abusivos e não inclusivos, traumas disparados por diversos gatilhos em meu ambiente psíquico, traumas provenientes do corpo coletivo, memória da terra, que enquanto corpo, acesso, sou e dou passagem para curar. Foram muitos lugares mexidos. Mexia em mim com amor, como mexo vatapá, com firmeza, pra não embolar, com cuidado, pra não espirrar pra fora da panela, com grande apreciação àquela cor amarela de cheiro gostoso, dedicando ali através de meus gestos, os meus melhores pensamentos e sentimentos, os meus melhores desejos e intenções, e , preferencialmente, cantando.

Caruru. Eu já falei de caruru aqui. Claro que eles acompanharam meus trajetos. Fui convidada a dois carurus em São Paulo, feito por baianos, um em Barão Geraldo e outro na Capital. Eram momentos singulares de nutrição e hidratação. Eu era regada nessas ocasiões. As pessoas me perguntavam para onde eu estava indo ou para onde fui e eu dizia, vou, fui num Caruru, e claro, elas perguntavam o que era Caruru. Em minhas anotações assim estava escrito:

O que é caruru? – pergunta intercultural, antes e depois da festa quis saber um, dois e três dos que ouviram ‘vou/fui num caruru’ – convite ao diálogo... falei comida, santo e substantivos, mas senti cheiro de saudade vindo da mesa como elemento principal.

Os carurus acompanharam as travessias, foram elos de acalanto à saudade e partilha de axé em gratidão. Trouxe óleo de palma de Luanda e agradei em Salvador, após voltar de Londres, por todo o percurso que fiz, preparando um caruru com ele, compartilhando o axé que recebi, com todo meu amor. E assim segui fazendo por entender ser importante, o fluxo, do dar e do receber. Meu corpo que é dança, dá e recebe. Recebe vida, doa vida. É parte da sustentação contínua do existir. No banzo, convoca elementos de memória. Além da euforia de participar de tudo que é efêmero, também busca enraizar o que é pertinente a partir do novo, nem sempre novo, talvez apenas diferente, igual por outras formas.

De modo geral, é comum aos movimentos migratórios a criação de comunidades de referência nos ambientes em que se chega. Eu gosto do diferente. Assim como também gosto do igual. O diferente e o igual nunca são completamente diferentes e completamente iguais. Há semelhanças na diferença e diferenças na igualdade. Estar fora de nossas referências, assim como voltar à nossas referências, promove experiências que nos lembram isso. Com esse *isso* nos compomos, ora de necessidades de afirmar tradições, ora da importância de agregar o novo, e tudo conforme o senso interior lapidado e consolidado de saber escolher conforme o que nos vitaliza. Esse, um cerne que caminhar com os orixás também me ensina ponderar.

Nunca tomei tanto banho de folha quanto no período que morei em Barão Geraldo. Uma época morei em uma casa onde as pessoas não entendiam muito os porquês do banho de folha e eu não estava com paciência para explicar, pois até os saberes de tomar chá pra melhorar disso e daquilo era considerado por um monte de gente que acabei convivendo como credence ou apenas placebo emocional, não botavam fé no poder curativo das plantas, a menos que tivessem em cápsulas com nomes científicos e farmacológicos.

Enfim, nessa casa, nessa ocasião, as pessoas não eram descoladas com as folhas. Então eu preparava meus banhos com discricção, num pote pequeno, macerado com pouca água. Numa ida ao terreiro, uma cabocla me passou um outro banho e veio até meu pé de ouvido e disse assim: mas agora, com bastante água! Eu fiquei abestalhada, e ri. Tinha dito nada pra ela que estava fazendo o banho pouquinho, mas logicamente, pela lógica das entidades, logicamente ela sabia, porque não precisava eu dizer nada, ela me acompanhava no escopo aparentemente invisível do seu cuidado.

E as folhas também me guiavam como sinais de que estava tudo bem a travessia que eu fazia, me protegiam, me ancoravam. Limpavam energias negativas, o desânimo pelos desafios dos dias, o quebranto de olhares subnutridos sobre quem sou que resvalavam sobre mim. Assim foi com a dona Aroeira, que amo de paixão desde menina. Tinham outras amáveis ervas no caminho também, em toda parte que eu ia, sempre a minha disposição, mas não vou te contar sobre elas agora não.

A minha felicidade de ver dona Aroeira antes de uma apresentação em plena Cidade do México não foi pouca. Ah dona Aroeira, como eu te amo. Aroeira, Ancestral que dá Força de Travessia, Raiz de Elevar.

Esses saberes do chão, brotados da terra e aparentemente ínfimos, são também *resistências poéticas*. Não fui eu que criei esse nome, ele está espalhado por aí na boca de muita gente, inclusive na minha. A natureza é a constante realidade desse mundo. E por mais que nossas ações enquanto humanidade possam desequilibrar seus fluxos e harmonia, na constante impermanência, a força da vida busca formas de retornar, de brotar, de reequilibrar. Somos p.Arte da natureza, mas nos fragmentamos dela e agimos fragmentando ela. Observar a natureza ao meu redor e em mim me fez sentir acolhida em todo caminho. Me lembra dessa mesma força que habita em mim.

Figura 64, *Resistência poética*, Londres, 2020.



Imagem pela autora.⁴⁸

⁴⁸ Recém chegada, com a notícia da quarentena, esta foi a primeira partilha de imagem que fiz no grupo de estudo da CAP durante o DSE.

Entendia que existia uma comunicação sendo profundizada, reestabelecida e lembrada constantemente. Me conectando à natureza segui através de mundos, interno-externo, multifacetada e refratada em muitas dimensões. Encontrando *corpos-vitais*, como as flores, as árvores, os rios, as folhas, as nuvens... com os quais tecia relação e comunicação de apreciação, reverência e troca energética.

Figura 65, Paris, 2020.



Imagem pela autora.

A performance enquanto rito de reconexão e pertencimento convoca à escuta sensível de saberes inscritos em si mesmo na relação com o todo. Somos sintonia, e tudo nos responde a todo momento. Somos sintonia, e quanto mais permeáveis estivermos estaremos em sincronias com eventos significativos ao nosso bem-estar. Esse estado de observação nos torna mais sutis, e essa sutileza também é um reflexo de expansão da nossa consciência, capaz de perceber, conectar, compreender e se mover através de novos e outros elementos em fluxo. Expandimos canais sensíveis para conceber a comunicação com o mundo que refletimos e refratamos, e ampliamos a capacidade de mediar e selecionar o que nos atravessa, através por exemplo, das formas do pensamento, das emoções e consequentemente mediando nossas energias, por meio de posturas mais permeáveis, porém mais assertivas.

Muitas ansiedades inscritas em mim se davam e se dão por ausência de oportunidades reflexivas. Refletir não é simplesmente ficar pensando. É observar o que te leva a pensar isso ou aquilo também, assim como sentir e escoar o *sentido-sentido* (felt-sense, conceito e experiência sobre a qual refletimos durante experiências com a CAP e nas Giras, significando em mim, de modo breve, aquilo que verdadeiramente se sente-vivencia, o significado oculto e

primordial, uma consciência de experiência corporal que revela a realidade expressiva). E nisso, há um corpo em andamento, um corpo inteiro por vezes represando fluxos. O que seria reflexão foi uma das perguntas que se apresentaram para mim no decorrer desta pesquisa. Quando temos que responder a uma quantidade volumosa de demandas, se torna mais difícil refletir e reagimos, mais que agimos. Refletir é um tempo de dar passagem a fluxos e alocar entendimentos. Refletir é também digerir. E esses espaços onde geralmente localizamos a reflexão e a digestão, como ambiente mental e ambiente visceral, estão completamente conectados. Tempo de reflexão é também tempo de digestão desse corpo, terra, matéria da vida. O movimento ativa a matéria, promove a troca de energia necessária ao equilíbrio do movimento que é refletir e digerir. As giras ativam esses movimentos de reflexão e digestão, favorecem escutar uma refração de vozes de possibilidades de entendimento, escoam. Através delas, agreguei, através delas centrifuguei, na composição das forças centrífuga e centrípeta de seus mistérios.

Figura 66, *Gira pessoal*, Londres, 2020.

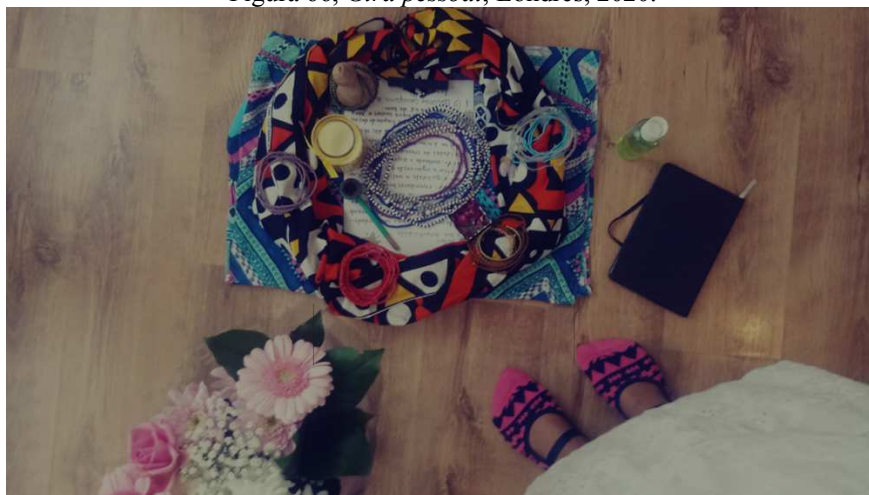


Imagem pela autora.

Os caminhos são belos e também oferecem desafios. A primeira vez que viajei para o México, pousei em meio ao caos. Um terremoto violento acabara de acontecer como não acontecia há muitos anos. A terra estava trêmula, muitas pessoas haviam morrido. Passamos os dias ali em estado de atenção, pois novos tremores poderiam voltar a acontecer, como aconteceu em uma manhã, trazendo pânico, mas sem a mesma força do anterior, ainda bem. Em uma das diversas pontes aéreas que fiz entre São Paulo e Bahia, durante uma turbulência, uma mulher gritou em altíssimo e desesperado som “Vamos morrer!”. O amanhecer apenas despontava entre as nuvens. Eu fiquei temporariamente com medo de avião, então resolvi retornar pra

Salvador de ônibus. Nessa viagem, peguei catapora. Durante minha estadia no sul da França, estive num vilarejo com apenas 5 casas, senti uma série de energias estranhas, presenças angustiadas no local onde estava. Era difícil dormir. Estava ficando muito frio, o inverno se aproximava e eu queria ir embora, mas demorei a atender a esse chamado e orientação. Então numa madrugada, pássaros cantavam no telhado sons que soavam para mim como terríveis, eu senti câibras nos pés, entendi que aquilo era uma correção de caminho que eu estava recebendo. As mãos cantaram para que eu sentisse pavor, para que eu tomasse a atitude de ir embora dali.

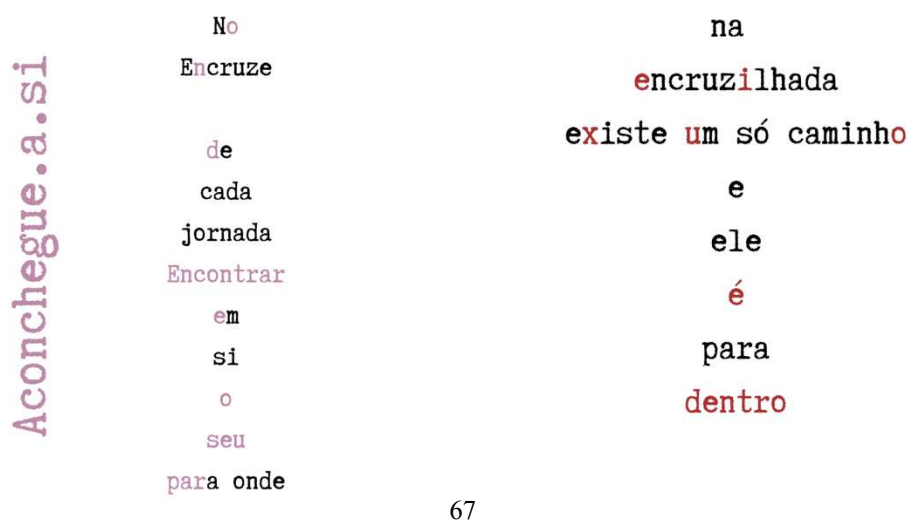
Mesmo em meio ao caos do terremoto, encontramos motivos para cantar a vida. Conheci a cidade em uma circunstância complexa, mas ela seguia vivaz e acolhedora comigo, magnetizando seus muitos mistérios pelas vias do afeto, de sua história, de suas cores. Eu havia viajado até lá com uma rosa vermelha em mãos, que iria oferecer a Pomba-Gira em uma encruzilhada de três, a caminho do aeroporto, mas não deu tempo e ela me acompanhou como uma guardiã-rosa, toda a viagem. A catapora me fez passar o Natal e o réveillon praticamente dormindo, quietinha em casa, pois fui receitada com um remédio que só me fazia dormir. Ali pude descansar de muita coisa, não só da catapora. Foi uma espécie de parada forçada. Igualmente a quando retornamos da aldeia huni kuin do Acre, gripadas, expurgo das curas acessadas, e tempo para integrar toda a profundíssima experiência vivida. Regressar do Sul da França para Paris não impediu o frio do inverno, mas me fez retornar ao estado de fluidez e sincronicidades de coisas simples, como pensar que eu precisava de um tipo de sacola para ajudar a organizar minhas coisas para viajar de volta ao Brasil, um tipo de sacola que eu nunca tinha visto por lá, mas que era comum no comércio do centro de São Paulo e de Salvador, e nesse mesmo dia ao passear pelos arredores perto de casa com uma amiga, sem qualquer intenção consciente de comprar nada, cruzamos uma rua e passamos em frente a uma loja com esse tipo de sacola pendurada nas araras na calçada.

Os trajetos não são lineares. Como não é esse texto. Exigiram de mim muitas escolhas e também resiliência para lidar e aprender com os desafios. Um lugar me levou a outro, e um estava dentro do outro ao mesmo tempo, pois como eu disse, o tempo do deslocamento de um avião é mais ligeiro que o tempo dos deslocamentos internos que processamos. Estar em fluxo, “deixar a gira girar”, é uma sabedoria adquirida, não por meio do desapego forçoso, aquele que tem pressa de livrar-se de dores e situações, mantendo agregada a si ansiedade e

inconsciência que logo adiante trarão situações semelhantes para serem vividas, não. Estar em fluxo, “deixar a gira girar” é uma entrega, uma entrega às forças da vida, é se liberar de resistências que não nutrem existências, é recompor andamento após lamento, rio após rio, desaguar, fluir.

Nesses trajetos, nos quais encruzo, por vezes sem saber para onde seguir, compreendi, é preciso primeiro voltar-me a mim. A maior direção necessita ser eu mesma, a começar, para continuar e seguir, seja para onde for. Como disse Mãe Beata de Iemanjá, cuja mãe entrou em trabalho de parto dentro de um rio e saiu em busca de ajuda, parindo em um encruze de caminhos: “Exú sou eu que nasci em uma encruzilhada”.⁴⁹

Figuras 67 e 68, Poesia Ilustrada da autora



Imagens 67 e 68 pela autora.

Em uma imersão psico-terapêutica de autoconhecimento que participei, o daimeterapia, de abordagem transpessoal e ancorador das relações espirituais como meio e desdobramento de desenvolvimento pessoal, vivi uma experiência muito bonita com Exú. O trabalho era mediado por acompanhamento psicológico, envolvia movimento-corporal, elaboração dos conteúdos e vivências pessoais através da concatenação de diversos meios, através de diálogos, jogos, dança, psicodrama, consagração da ayahuasca, partilhas de histórias de

⁴⁹ Documentário *A Boca do Mundo – Exú no Candomblé*. 2011. Em abocadomundodoc.wordpress.com

vida... em grupo. Em um dos dias de imersão, através de canções foi aberto um xirê⁵⁰. Comecei a sentir de forma física e profunda a energia de Exú, de um modo novo ao que geralmente o sentia, e diante daquela força, ligeiramente me assutei. Essa sensação se passou numa fração de segundos até me recordar que tudo que eu precisava ali era corrigir meus pensamentos e estado de receptividade e entrega para harmonizar o campo e adentrar os caminhos de cura que estavam sendo abertos pelo orixá. Então eu respirei, simplesmente respirei, evoquei gratidão e reverência por estar sentindo tudo que estava sentindo e afirmei o meu pensamento criativo na beleza que era sentir-dançar saudando Exú, com Exú em mim, me mostrando por dentro. Devagarinho, suavemente, fui me movendo física, mental e emocionalmente, me erguendo, me alinhando no eixo de minha totalidade e consciência, para elevar e irradiar a energia que eu recebia. Tinha duas escolhas naquele momento, não acolhê-la, ou acolhê-la. Não acolhê-la nitidamente era um caminho de densidades. Acolhê-la tornou tudo leveza, fluidez e poesia. Era simplesmente lindo e uma bênção o que acontecia.

Foi através de um caminho de Águas que cheguei a Aldeia Mati Txana Mukaya. Subindo o rio Murú por três dias em uma velocidade de libélulas. Foi pedindo a meu Pai Ogum que me mostrasse o caminho, que me conduzisse e me entregasse aos portais dos saberes indígenas, que abri minha consciência para profundizar saberes e experiências com as medicinas da floresta, na primeira noite que consagramos o *nixi pae*⁵¹ dentro da aldeia, no corpo da floresta. As medicinas da floresta, como a ayahuasca, o kambô, o rapé, já faziam parte da rede de cuidados, de auto-conhecimento e de desenvolvimento com as quais eu caminho. Assim como experiências cerimoniais indígenas com os Huni Kuins e Yawnawás. Mas a ocasião de estar dentro da aldeia, na floresta amazônica, tornava tudo ainda maior, mais profundo. Em uma *miração* - imagens vistas a partir de meu ambiente interno, como um filme projetado, feito sonho lúcido - indígenas me resgatavam em um barco, me recepcionaram e me cuidaram como se naquele momento eu chegasse àquele mundo. Fui transportada. Recebi ensinamentos, curas, me encontrei com a expressão de universos codificados por outros referenciais simbólicos.

⁵⁰ Vide Glossário

⁵¹ Nome Huni Kuin para a Ayahuasca.

Figura 69, Espaço de cerimônias, Aldeia Mati Txana Mukaia, Acre, 2022.



Foto pela autora.

Sinuosamente, coletivamente, guiados pela força dos cantos, pela firmeza das maracas, nos movemos, integrados na dança da Jiboia - dança coletiva que remonta o movimento de uma serpente- realizada durante as cerimônias com o *nixi pae*. Dançar, fluir, circular, serpentear, como rio, sanguínea, como água. Zeca Ligiéro, buscando discutir o conceito de performance cultural e performance artística, em um estudo comparativo de performances africanas e ameríndios assim conclui:

Nessas tradições distintas, sem nenhum contato entre si, mesmo guardando as devidas diferenças, é possível perceber pontos de contato quando falam através do corpo de performers, que artisticamente estão comprometidos porque mobilizam-se por meio de motrizes culturais, se emprenham de sentidos míticos e, mesmo que completamente inseridos na sociedade de consumo, não abrem mão destes valores. Por outro lado, é possível perceber que dentro de ambas as tradições maia e jeje/fon/iorubá, as suas religiões adoram as forças da natureza, utilizam a medicina natural encontrada a partir da manipulação de raízes e folhas, acreditam que a alma dos mortos retorna à terra para ensinar ou para evoluir através da reencarnação. Elas têm outro ponto em comum, que particularmente nos interessa: suas performances espetaculares. Em ambas notamos o mesmo cantar-dançar-batucar como um todo indivisível e inseparável. (Ligiéro, 2017, P. 24)

Figuras 69 e 70, imagens de cerimônia na Aldeia Mati Txana Mukaia, Acre, 2022.



70



71

Imagens 70 e 71, pela autora.

Durante os dias na aldeia, numa noite, chegou a minha menstruação acompanhada de cólica, um pouco antes da cerimônia. Me integrei à dança da Jiboia, a cólica passou. Fui sentar, a cólica voltou. Entendi que se eu me mantivesse no fluxo da dança tudo ficaria bem, a cólica ia embora, o sangue pedia vias para circular, e assim foi, a noite inteira, bailei, em passos leves, integrada ao todo, na dança da jiboia.

Um tempo antes desse tempo, participei de dois encontros/oficinas com a professora Marilza Silva na escola de dança da Ufba. Ela compartilhou conosco a poética dos Orixás. Primeiro, Iemanjá e, em outro dia, Ossain. No primeiro encontro cheguei com muita cólica, e foi me integrando à poética de Iemanjá e à fluidez das marés de mim que a cólica foi sendo dissipada, primeiro com mares revoltos que desaguaram em um piriri que me fez correr até o banheiro, e depois me ancorando em mares mais suaves. Eu me entreguei profundo à dança como fundamento de cura e bem-estar, e sentia ali irradiações de quando estava em ritualísticas sagradas. Tive mirações, irradiações, adentrei o mar. Estar menstruada potencializava ainda mais tudo. Depois, as folhas, Ossain e seus gestos, fazendo aflorar aromas sentidos sem estarem ali, estando, Ossain na presença da mata que nos circundava, na presença da mata dentro de nós. Marilza reconheceu meu corpo em dança, em comunhão, expressou o quanto eram bonitos, sinceros. Assim como cantos que vocalizei fluidamente a partir de movimentos que fazíamos, eles me ocorriam naquele ali e naquele agora. Um amigo dançarino que estava na oficina me pediu que eu gravasse esses sons para que ele pudesse ficar escutando, pois, segundo ele, o trouxeram conexão e muita paz.

Aparece ainda, em muitos casos, a contribuição pessoal do performer, não só fazendo o que aprendeu com mestre, mas ele mesmo desenvolvendo um

estilo próprio capaz de rearranjar os materiais apreendidos e as técnicas da tradição em novas restaurações de antigos comportamentos, como examina Richard Schechner (“O que é performance” 32-37) com a sua conceituação de comportamento recuperado (Ligiéro, *Corpo a corpo: estudos das performances brasileiras* 113-114). O corpo em ação conjunta e complementar: cantar-dançar-batucar. É natural dentro de uma roda de samba, tanto na década de 1930 como de agora, um sambista iniciar um simples batuque chacoalhando a minúscula caixa de fósforos como se fosse um instrumento musical clássico, imprimindo o ritmo da música. Quando a letra ainda não se faz presente, o canto surge com sons onomatopeicos ou mesmo “telecoteco... tecoteco... skindô skindô...”, até a memória trazer à tona uma antiga melodia ou algo de improviso, as letras vão surgindo de acordo com a inspiração do momento. É como se o ritmo não soubesse viver sozinho, precisa da sua expressão vocal. (Ligiéro, 2017, P. 4-5)

Na ocasião, ela me agradeceu por feedbacks muito bonitos que foram significativos para mim, e me agradeceu por eu compartilhar o meu axé. Da mesma forma, recebi como bênçãos, palavras da professora Tânia Bispo, que me disse para eu acreditar no que me impulsionava a seguir, e a pesquisar, que tinha força, beleza e potencial de ser. Ter escutado estas mulheres, em ocasiões que talvez nem mesmo elas lembrem, também foram combustíveis para a continuidade deste trabalho. Me senti vista e reconhecida por mulheres da minha terra, da minha cor, que caminham com a dança, e dançam com axé. Assim como feedbacks de professores na Unicamp que, ainda que não apreendessem ou compreendessem integralmente o contexto no qual meu corpo em dança movia e era atravessado, reconheciam em meu trabalho e movimentos criativos, verdade, entrega e força poética de comunicação estética-ética-cênica-corporal.

Eu tinha insegurança com tais coisas, pois fui desencorajada em alguns ambientes a explorar as fontes e os movimentos que sentia aflorarem em mim. Eles eram pequenos, sutis, mínimos, lentos. Por isso eu gostava das práticas em laboratórios de performance e somática, pois eu podia mergulhar nesses impulsos nascentes (*nascendi*), esse lugares sutis que levam tempo, precisam ser cultivados com paciência, sem imposições e sem definições, para florescerem. Por isso eu gostava das Giras, pois eram momentos em que eu pedia às Iabás para me ensinarem sobre seus fluxos, para me ensinarem como louvar a elas, e a resposta vinha através da dança, na intimidade entre nós que crescia dentro de mim. Eu estava sutilmente me reconectando, reavivando meu corpo-terreiro, meu corpo-iabá, terra, lugar, território da manifestação das energias sagradas da natureza, dos orixás.

O orixá surge como inspiração poética no instante em que nos dedicamos à tarefa de aflorar a sensibilidade por meio da sua tradução. Ele não participa

da vida humana, é a própria vida humana e traz na sua dança ação e reflexão.
(Silva, 2016, P. 25)

Por isso afirmei tempo-espaco de práticas com as Giras, para oportunizar o desenvolvimento das vivências que, sob o julgamento alheio, se detinham. O interesse pelos processos em arte, por de fato desvendar um corpo atravessado por contextos e fisicidades, como por exemplo, a menstruação, e fazer da observação e respeito a esse fluxos uma ferramenta de aprofundamento ao processo criativo se tornou uma necessidade para mim.

Uma vez escutei de um diretor que opinava dizendo, ao que entendi, ser contraproducente alguns questionamentos de artistas criadoras femininas: “Ok, vocês ovulam, menstruam, estão nesse poder, mais e aí?”. Ele queria dizer que aquilo não respondia a nada, não gerava transformações, eram falas vazias, e supus, que provavelmente não gestava nada fortemente cênico o suficiente segundo sua concepção. O fato é que, o que observei é que muitas práticas e processos espetaculares estão condicionados em modos e investigações que não abrem espaço para que novidades vindas a partir deste saber de corpo que menstrua fale. Somos dadas como mimizentas. Então dentro destes mesmos espaços é decidido abordar temas como feminilidade, mas a partir de um escopo e orientação corporal que não abraça a totalidade do corpo feminino. Processos precisam caminhar juntos com suas temáticas, ou então estaremos usando ferramentas condicionadas para tentar responder ao que deveria ser uma investigação. Dar tempo e espaço a essas buscas proporcionam integração de potenciais interditados. A mim, tem me interessado mais que estes processos gerem potencial de vida, que potencial cênico. Este obviamente também me interessa e, portanto, será uma consequência do princípio da vitalidade.

Figura 72, Imagens criativas de um corpo-semente em relação vital. Diário de campo, 2019.

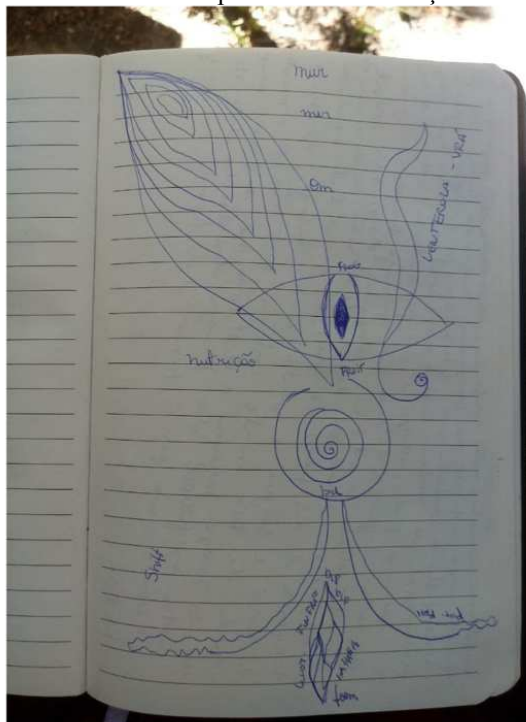
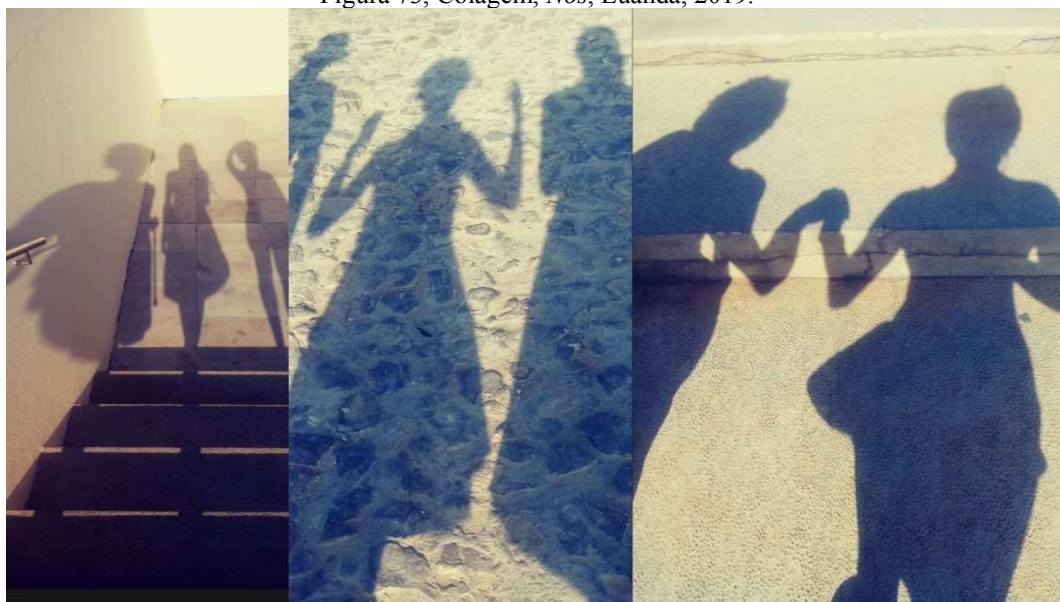


Imagem pela autora

Figura 73, Colagem, *Nós*, Luanda, 2019.



Imagens e Colagem pela autora.

Os trajetos me nutriram. Como uma grande performance do existir, gira-mundo, agregaram a mim corpos-vitais, ascenderam em mim fluxos, propiciados inclusive por uma rede de afetos, de mim para mim, com outras e outros, com os orixás... Os trajetos ascenderam energias no tocar dos pés no chão de cada terra, nas linguagens que ia aprendendo a imprimir por minha

fala corpórea, sentida e imaginada. Deles guardo folhas, penas, conchinhas, cachimbos e celebrações. Neles uni cosmos e fragmentos por a eles me reunir, numa andança impulsionada por desejos e conexões ancestrais.

Por intermédio das motrizes culturais os conhecimentos ancestrais são restaurados num processo em que fica difícil separar onde começa o ritual e onde termina o jogo, onde vida e fé convivem juntos e mesmo o mais incrédulo dos espectadores perceberá uma estranha forma de arte que o transporta para outro tempo. Essas duas tradições tão antigas apresentam relações com narrativas corporais que são, de alguma forma, retomadas e recontextualizadas por artistas, dançarinos e performers no começo do século XXI. A apresentação procura enfatizar a poderosa contribuição afro-ameríndia como eixo de uma arte holística, integrada e desenvolvida, principalmente, por culturas comunitárias em oposição ao que propõe a indústria cultural. (Ligiéro, 2017, P.24)

Já temos em conta três noções interligadas de performance enquanto rito de reconexão e pertencimento que acompanham esta pesquisa: Performance gira-mundo/Performance do existir, passei a chamar o todo global desse ciclo que figurou como uma continuidade/aprofundamentos de uma jornada iniciática desencadeadora de reposicionamentos existenciais; Performance-ritual de caráter criativo (cênico-artístico): Giras (pessoal e coletiva); Performance-ritual em espaços sagrados: Giras.

Vamos seguindo.

Figura 74, Luanda, CCBA, 2019.



Imagem por Deisiane Barbosa.

CAPÍTULO 4 Por uma Epistemologia Poética

4.1 Educação, Vozes, Escrita e Criação: O que nos dificulta ser, dizer e fazer?

Empunha a caneta a favor de tua memória,
Há de fazer-se aguerrida
Para batalhas que inspirem vida,

Corta, afinca, traça, fio a fio
Pele a pele, as palavras
Dedilha, beija, afaga,
Letras em goles de alma,
Escuta as espirais do tempo,
Dá-se,
Tece,
Escreve
Consciências manifestadas.

Guerrei(r)a_ diário de poesia_Adriana Gabriela

Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo, de Glória Anzaldúa, é daqueles textos que eu não me canso de ler. E toda vez encontro algo novo. Aprofundo os sentidos de suas palavras que parecem sair do forno, como bolo de chocolate quentinho, servido com chá, medicinalmente preparado como bálsamo para escritoras cansadas de labutar com os monstros internalizados sobre como ser, dizer, fazer e escrever. Cansadas também da falta de reconhecimento. Aqui estou eu, comendo outro bocado desse chocolate meio amargo, mas muito saudável e doce, sem precisar ser. Só de abrir este tópico, me inundeia em lágrimas.

Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (Anzaldúa, 2000, P. 232)

Uma das minhas observações como artista e educadora é também construir espaço em que não necessariamente precisamos saber um monte de coisa para podermos saber alguma coisa. Por minha própria experiência, em que precisei repetir diversas literaturas sobre a mesma

coisa para dizer algo que já sei, e também por ter vivenciado processos nada inclusivos, em que para você ser considerado negro parecia precisar ter pós-doutorado de todas as personalidades negras da história. Isso só reforça ao meu ver um condicionamento dominante. Compreendo a preocupação sobre a educação entre nós, até porque sabemos que somos reiteiramente testados em nossos saberes, em nosso valor, mas essa forma mais afasta que inclui, mais gera insegurança e sensação de incapacidade de articulação dos próprios pensamentos e visão de mundo, afinal, se eu não li e não conheço esse ou aquele, essa ou aquela, eu não tenho legitimidade para pensar? Até mesmo no mesmo raciocínio do que já foi pensado? Estou argumentando que sim, é importante sabermos e termos nossas referências, inclusive de personagens importantíssimos da história, escritoras e escritores que também se dedicaram contra serem invisíveis e construíram importantes contribuições, mas que isso não seja determinante para alguém de cor precisar para respaldar que tem algum saber, nem que seja atestado de ignorância, despreparo ou descomprometimento não sabê-lo.

Esse tema também se correlaciona à busca do equilíbrio entre respaldo teórico e conhecimento mediado pela prática. Primeiro foi importante para mim, sobretudo viver a pesquisa, e nesse viver, referenciais teóricos e bibliografias foram chegando na própria caminhada e nos pontos-chaves que eu ia tocando e iam se revelando, além do aprofundamento das referências que eu já tinha. Gosto muito de partir desse aparente nada de referências conceituais, pois isso reafirma em mim a liberdade de pensar a partir da experiência primeira não esculpida na literatura, em me debruçar sobre o que é pulso e impulso investigativo e criativo sem crivo e sem nomes pré-concebidos, a não repetição de ideias e abordagens. Seguir assim torna mágico o momento em que encontro ressonância em outros materiais escritos, sabendo eu que muito partiu de mim mesma e que me componho dentro de um todo, uma consciência e saber que é coletivo, ao mesmo tempo que me reafirma que nós, pessoas negras, estamos conectadas por histórias e interesse comuns. Foi assim que vi minha pesquisa ressoar em percursos de outras autoras e autores, revelando a mim mesma um fio condutor que atravessa muitas vidas, renovando em mim a importância de trilhar assim este caminho como ato de cura de abordagens intelectivas.

O argumento de autoridade é uma estratégia dos discursos, principalmente hegemônicos, e pode destituir uma pessoa de sua própria percepção, ou fazê-la entrar em uma paixão ou crítica negativa, apenas para criar uma voz que pareça sua. Prefiro uma relação amigável com

o texto, onde escuto, mas também me ouço, onde falo e talvez seja ou não respondida nas linhas onde estou. Comer bolo de chocolate com Anzaldúa me lembra uma e outra vez desses abismos, e da necessidade contínua de reavivar nossa chama interior, de integrar todas aquelas que somos, todos os saberes que carregamos, todas as formas de escrever que dispomos, em nossa escrita.

Não se trata de *uma* voz, mas de vozes e de diferentes abordagens completamente possíveis a uma mulher, em si mesma, plural. Eu falo assim e assado, e no falar, e no escrever, todas em mim querem ter lugar para dizer, inclusive aquelas que aprenderam a falar a linguagem hegemônica, considerada a forma correta, a forma científica de expressão das ideias.

Muitas vezes, quando a voz radical fala sobre dominação, está falando com aqueles que dominam. A presença deles muda a direção e a forma de nossas palavras. A linguagem é também um lugar de luta. (...) Essa linguagem que me permitiu terminar a pós-graduação, escrever uma dissertação, falar em entrevistas de emprego carrega o cheiro da opressão. (...) O oprimido luta na linguagem para recuperar a si mesmo – para reescrever, reconciliar, renovar. Nossas palavras não são sem sentido. Elas são uma ação – uma resistência. A linguagem é também um lugar de luta. Ouso falar com oprimido e opressor com a mesma voz? Ouso falar com você em uma língua que não irá te cercar, prender, segurar? A língua é também um lugar de luta. O oprimido luta na linguagem para ler a si mesmo – para reunir, reconciliar, renovar. Nossas palavras não são sem sentido. Elas estão em ação – em resistência. A linguagem é também um lugar de luta. Ultimamente luto para ser uma mulher de palavra. (Hooks, 2019, P. 73-74)

Gostaria de frisar que a presença de professoras e professores negros que trabalham ou não temáticas raciais é de suma e fundamental importância no corpo docente, por seu próprio existir, o que compõe referência, minimamente no imaginário do corpo universitário. Mas não é suficiente. Suficiente é a implicação da pessoa que ensina em estar diante de uma diversidade de outres, afirmando o valor da diversidade e valorizando os percursos e saberes individuais que cada ser carrega em si, para incentivar o reconhecimento e fortalecimento de cada uma e um estudante sobre si mesmo no crescente desenvolvimento de autonomias, plurais.

Dentro dos caminhos que percorri, pude perceber que existia um certo entendimento do que seria militância, e de quem de fato comporia esse quadro. Minhas abordagens sempre passaram pela senda do autocuidado e marcavam um caminho de mergulho interior entre mulheres, e isso parecia não ter o mesmo valor. Geralmente estes movimentos de pesquisa são

extremamente motivados por processos intuitivos no qual não se tem muita clareza inicialmente, não estão em um território descampado, é mata atlântica, densa, fechada, ou seu oposto, deserto. Leva algum tempo até encontrar redutos, oásis, espaços de descanso. E percorrer esses caminhos que também impõe abrir trilhas enquanto carrega pesadas mochilas vindas de toda sorte de contrariedades, inclusive guiando pessoas que nunca sequer colocaram os pés na terra, ou seja, não possuem as bases de referência que te ancora a caminhar por ali, demanda bastante energia, criatividade, paciência e repetição daquilo que para mim já soa como natural e que não necessitaria de uma explicação, mas preciso uma e outra vez reinventar formas de dizer.

Sobre a potência de sensíveis saberes de si para agenciamento de ações transformadas e consequentemente transformadoras no mundo, no campo dos estudos somáticos, refletem Caroline Ozório e Tatiana Pará:

Um dos pontos cruciais que nos move na escrita deste texto é a reflexão sobre como a experiência somática pode se expandir do campo individual e subjetivo para o campo coletivo. A partir de uma aprendizagem do saber-sentir, é possível reverberar o campo de atuação do cuidado de si para uma ação no mundo? **Pelos processos de desenvolvimento de uma escuta sensível e de um refinamento perceptivo, é possível criar mecanismos de atuação no tecido social?** (Ozório e Pará, 2021, P. 1229, grifos nossos)

Observei que na pós-graduação o início de quem ainda está imerso nesse mar de sensíveis potencialmente gestante de um olhar outro, diferente, não é bem recebido, nem mesmo por quem poderia soar como seus pares, outras e outros profissionais negros. São tantas as opressões que podemos chegar a nos oprimir entre nós mesmos, afim de sobressair de algum modo nas duras competições por visibilidade, por poder.

A menina em mim sofria com esses ataques, a jaguatirica em mim rosnava, a pós-graduanda escutava e argumentava, a mulher artista que aprendeu a meditar e ver mais além que os discursos, ver e sentir as motivações e recalques vindos de ali e acolá filtrava palavra por palavra para estabelecer bases sobre o que e quem confiar, ao que ou não escutar, atualizando constantemente modos e entendimentos sobre como proceder, resguardando minhas emoções, minhas ideias, limpando feridas, cuidando de minha energia e psique.

Na continuidade de reflexões sobre a relação entre saberes do corpo (individual) e ação social (coletivo), Caroline Ozório e Tatiana Pará (P. 1230) posicionam estudos das artistas-pesquisadoras Catarina Resende, Patrícia Caetano e Ruth Torralba (2018) que suscitam questões sobre a relação entre as práticas somáticas e a construção de um corpo-campo-coletivo, contextualizando relatos sobre a vivência da *Caminha Somática por Marielle(s)*, propondo estes estudos desmistificar inclusive as somáticas como práticas de ensimesmamento, e posicioná-la em uma perspectiva de ações micropolíticas.

Essa maior capacidade de agenciamento nos interessa como movimentos de transgressão, disrupturas e revoluções culturais contra ordens impostas, cristalizadas e opressoras, olhares a partir de uma escuta sensível e de uma atitude revisional e criadora macro e micropolítica, estimuladas pelas práticas somáticas. Olhar para dentro não deve estar dissociado do olhar para fora. Aprender a reconhecer essa relação entre dentro e fora, entre sensação e experiência do corpo num mundo constituído por relações estruturadas em discursos dominadores e opressores no nível macro, é apenas um dos passos que imaginamos ser uma perspectiva de ações micropolíticas. (Ozório e Pará, 2021, P. 1232)

Diante do racismo e do sexismo, você não vence o obstáculo e ele deixa de existir, você não aprende uma forma de atuação e posicionamento que para sempre te resguardará de sentir incômodo, de sentir dor e injustiça. Esses obstáculos irão se interpor em suas metas, irão atravessar a sua estrada mesmo você já sendo “descolada” no assunto. Porque assim como nos reinventamos e nos ocupamos de criar estratégias para protagonizar vez a vez as nossas vidas, estratégias de status quo, em diferentes espaços, ambientes, grupos, também se atualizam.

Contrariando o que está posto, o projeto feminista negro, desde sua fundação, trabalha o marcador racial para superar estereótipos de gênero, privilégios de classe e cisheteronormatividades articuladas em nível global. Indistintamente, seus movimentos vão, desde onde estejam as populações de cor acidentadas pela modernidade colonialista até a encruzilhada, buscar alimento analítico para a fome histórica de justiça. (Akotirene, 2019, P. 16)

Eu realmente desejo que um dia isso tenha fim, se estarei viva para ver a humanidade despida de olhar a ideia de *outro* como um inimigo e parar de considerar diferenças como inferioridade, será um grande presente. Vou fazendo a parte que considero caber a mim, me curar para curar. Assim reaprendi com Mashã, pajé Huni Kuin, subindo o rio Murú em águas Acrianas. “Vocês estão aqui para aprender a si curar para curar”, foi o que disse. E essa cura,

espiritual, atravessa muitas dimensões, subjetiva, interna, ancestral, histórica, social, **pois o espiritual também é contexto, também se beneficia de um olhar crítico e responsável ao mundo**, também é adoecimento proveniente de emoções não diluídas, de medos paralisantes, de comportamentos e pensamentos limitantes, e da absorção ou emanção de ações prejudiciais não só a si, mas ao entorno e rede coletiva onde cada qual ressoa e está inserido.

Olho minha trajetória, por onde passei, toda a série de coisas que estudei, livros e mais livros, textos acadêmicos que não aguentava mais a se repetirem e serem cobrados como fundamentais pela escolha de alguém... tudo isso sim, me trouxe a quem sou hoje, me trouxeram perspectiva, mas não me libertaram do mais difícil desafio, a sensação interna de aprisionamento, de não conseguir dizer da forma como gostaria de dizer, a busca por sustentar minha essência e formas de expressão autênticas do que eu sinto ser de verdade para mim. Isso se dá quando eu crio.

“A civilização da escrita, do livro, se impunha, como se fora única, verdadeira e universal em seu desejo de dominação e de hegemonia [...] E visava ao desaparecimento simbólico ou literal do outro, seu apagamento” (Martins, 2021, p. 35).

Definitivamente a universidade, principalmente, a pós-graduação, ainda não é esse lugar para dizer e construir saber com completa e verdadeira abertura, com completa e verdadeira honestidade, somos pesquisadores em sua maioria traumatizados por uma educação da competição, que nos condiciona ao ataque e à defesa e a academia ainda é um ambiente que se precisa ter muitas estratégias para sobreviver. Ainda que parte desse rito de passagem chamado pós graduação seja necessariamente a defesa de ideias tecidas durante nosso percurso, e o exercício de se colocar e refletir e dialogar e concatenar pontos deste conhecimento, ainda me entristeço pelo peso que tudo isso adquire, pelos adoecimentos que provoca, pelas relações permeadas pelo medo e pressupostos de desconfiança. É um desperdício de energia que poderíamos estar investindo em construir. Relações, afetos, saberes, trocas, possibilidades outras. Não que não existam, mas é forçoso demais.

Por mais que se diga o contrário, o caminho parece precisar ser objetivo. E para uma corpa negra como eu, a tolerância do “não saber” e o grau de ansiedade que isso gera, jamais será a mesma que para outros indivíduos que cresceram com permissão para experimentar, para fluir a partir do não saber, que é completamente inerente a processos de construção e articulação de ideias e saberes, o não saber é completamente inerente à produção do conhecimento. É mais

fácil ser relaxado assim, quando não irão te determinar como inferior apenas porque você deixou algum ponto solto. Isso causa um retorno novamente à infância.

Em meus diários de campo assim estava escrito sobre a experiência exaustiva de sermos testadas contantemente em nosso valor, e impelidas a participar de jogos intelectivos que expõe as nossas feridas, sobretudo em ambientes brancos institucionais, sobre o quanto isso é não apenas desconfortável, mas adoecedor de nossos sentidos:

A “burrificação” pela opressão dos sentidos a partir de um exterior voraz que te envia sinais de “mostre o seu valor”. Eu vi esse fenômeno acontecer, ninguém me contou. Este fenômeno sou eu mesma.

Crianças em geral fazem de um tudo, estão experimentando a própria humanidade, em geral as crianças farão o que consideramos fofuras, perversidades, graça, lambanças, tranquinagens, pitis... e tudo isso tolerável por ser criança, mas quando somos negras, não há apenas um indicativo *infância*, há um outro indicativo, *negra*, ao qual remetem e punem com mais severidade as ações que consideram deslizes. Eu fui muito amada em meu ambiente familiar nuclear. Meus pais me amaram muito, mas as experiências escolares, sociais, quando eu ainda não tinha autonomia, principalmente até os 10 anos, foram muito difíceis e isso deixou marcas profundas que venho trabalhando até os dias de hoje, porque se trata de fundamento, dos primeiros afetos e anos de vida, da criação de referências e de confiança, de experiências que se alojam em lugares profundos e esquecemos onde colocamos as chaves.

Ter aberto esses caminhos de auto-cuidado, de pesquisas em arte que respeitassem as intuições e perspectivas que eu sentia serem boas guias, seguir as anunciações das poéticas que me compõe, e me voltar ao meu corpo para milimetricamente respirá-lo, me revestir de mim, esperar para notar aonde eu-corpo desejava ir, mover, agir, abrir espaço para compreender minha humanidade nessa carne, nessa encarnação, mulher negra... demandou Tempo. Energia. Uma equação quântica de encontros desafiadores e afortunados com referências que hoje me redimensionam mais uma vez, e assim sucessivamente, seguindo, sustentando, articulando novos saberes ressignificados nos caminhos da vida.

Assim também venho refletindo durante toda a pós graduação, desde o mestrado, quando os processos vivenciados pareciam ter me levado a me encontrar para sempre com um fluxo de

escrita onde me sentia livre e eu queria ser ainda mais radical, dar o próximo passo e só escrever em poesia, mas então veio o doutorado e precisei outra vez voltar ao considerado “correto”, e começar tudo outra vez para ser compreendida.

A escrita é, portanto, também um desafio. Articular experiências do sensível através da palavra é um desafio entre aparências de coerências e incoerências. Porque não deixar no texto espaços abertos, no ar, indefinições, quebras de sentido, não entendimentos, incompreensões? Porque não tecer o texto com possibilidades interpretativas assim como em uma encenação? Porque o texto tem que oferecer respostas que por vezes nem a própria ação oferece? Porque pressupõe-se que a palavra é a forma mais exata de comunicação, e que oferecer respostas é que a fará efetiva, Quando ela pode simplesmente existir para sensibilizar nossa percepção?

De um modo geral, a articulação das ideias e dos discursos nos espaços acadêmicos sensíveis em arte é uma questão sempre presente e desafiadora para mim. Se de um lado experimentamos espaços de compartilhamentos de práticas e performances que convocam a verdade pessoal de cada um - o mais autêntico, sensível e poroso estado do ser- no momento de elaborar as experiências através da fala sinto que há uma assincronia. Diferente de espaços não acadêmicos que experimentei compartilhamentos a partir de sensíveis no qual não havia a sombra do crivo da coerência e da expectativa de uma linguagem elaborada sobre um rol específico de conceitos.

Falo de uma sensação geral que tenho, não específica de uma ou outra disciplina. Os corpos que dançam são plurais em suas expressões e sabemos que a experiência nem sempre poderá ser descrita através de um modo de coerência uníssona já escrita. Nos cabe descrever os elementos comuns percebidos sobre o mover e a dança sem definir, mas como possíveis leituras abertas à ruptura. Neste sentido me coloquei neste fluxo antigo de reflexões sobre o quanto a articulação teórica transita entre ser limitadora e expansiva de expressão da compreensão da prática. Experiências pessoais que as vezes podem ser entendidas externamente e explicadas sobre uma faceta de compreensão estabelecida teoricamente, necessitam de outras palavras para serem descritas, por meio da grafia e da linguagem falada de quem a vivencia e necessita destes atos para completar a criação. Assim a busca contínua por esta forma de descrever o vivido e articular o sentido de uma maneira que faça ressoar a

palavra na experiência, e não somente a revista de coerência, porque afinal, o que é coerência senão uma faculdade compreensiva que é diversa entre tantos muitos e todos?

4.2 Diários de Bordo: Decolonialidade e Epistemicídio (de Poéticas): uma questão que teima em aparecer!

Através de nossas lentes

Pesquisas de pós-graduação também são materiais de denúncia. É assim que Jadiel Ferreira dos Santos (2018, P.6) posiciona a sua dissertação (PPGD-UFBA), “refletindo sobre as implicações das relações étnico-raciais brasileiras e suas complexas dimensões socioculturais no processo de formação de Dança no Ensino Superior”, problematizando em seu processo “quais os níveis de afetações culturais e cognitivas causadas pela ausência ou presença dos saberes das culturas negro-brasileiras, negro-africanas e dos estudos das relações étnico-raciais, pautando-os como estudo fundamental para descolonizar o conhecimento no ensino, aprendizagem e criação artística dos futuros professores de Dança”.

Foi pela porta da decolonialidade e da somática que eu adentrei o espaço institucional da Unicamp, como aluna especial em duas disciplinas cuja abordagens partiam cada uma delas desses campos específicos e que eram de meu interesse. Uma se tratava de laboratório de criação com ênfase em práticas somáticas e a outra de estudos decoloniais na dança. De algum modo, uma complementou a outra. No laboratório de criação eu tinha a vivência do movimento-corpo, a partir das experiências de prática somática, embora faltasse concatenação de aportes a partir de perspectivas negras. Na disciplina sobre decolonialidade estivemos boa parte do tempo refletindo a partir de leituras e diálogos.

Foi entrecruzada nestes primeiros choques, aportes, retóricas, comportamentos e moveres de/com Campinas, Barão Geraldo, São Paulo e Unicamp que escrevi grande parte das textualidades a seguir, abordando o impacto de chegar a este território não tão novo, pois já havia estado lá, mas novo, pois desta vez, estava no campo de poder institucional da universidade.

Navegante, este tópico é composto por 4 Diários de Bordo e mais duas construções textuais de asas “A Mariposa Negra” e “Escritas sob o voo de uma coruja”. Os 4 Diários de Bordo a seguir foram escritos durante a disciplina *Tópicos Especiais em Arte e Contexto. Dança: topologias modernas/des-modernas, coloniais/des-coloniais*. A Mariposa Negra prossegue a fala, e a coruja observa.

Abro aqui uma observação - a partir da experiência de ler muitas escritoras negras que relatam suas experiências sobre a receptividade às suas narrativas pessoais atravessadas por questões sobre racismo, e são rotuladas muitas vezes de “ofensivas” e “vitimistas”, e a partir também de minha própria experiência de escrita dentro e fora do âmbito acadêmico - gostaria de dialogar com você que está lendo estas palavras (você que é plural neste momento para mim, pois tendo ido e vindo por lugares múltiplos, neste momento estou também falando para um corpo de muitas vozes e experiências) que possa acompanhar esta leitura com abertura, como vozes que buscam escrever para sanar, para expressar os vários silêncios, e silêncios, e silêncios e necessidade de entendimento. É um enredo, novelo, emaranhado, nó dado, que só palavra lavra, lava, mói e remói texto por texto para encontrar substrato poder de sanar, então continuamos a falar espiralando girando em todos os ângulos não linear, a palavra vem e vai, se repete levanta e cai, constrói e alicerça o saber de saber. À medida que escrevemos vamos desenrolando as tramas do preconceito até encontrar outro eixo, indo além do medo, vou buscando por este fluxo de palavra que liberta, que traz à consciência entendimento e cura.

E sobre o modo como vocalizo o texto, as vezes em primeira pessoa do singular, as vezes em primeira pessoa do plural, este modo fala também de uma voz subjetiva e situada mas incorporada em coletividades⁵². Eu falo porque outras também falaram antes, e porque continuamos a falar agora, e porque a **voz também é uma herança mediúnica**, é relação.

4.2.1 Diário 1: Tum Tum Tum ... Sobre a linguagem poética de um órgão decolonial

⁵² “O “ser sujeita” se impõe como pessoa e como membra de coletividades que não se reconhecem nas narrativas hegemônicas. Salientamos ainda que essas alternâncias na pessoa do discurso, que inevitavelmente resultam em um texto com certa variação do ponto de vista científico normativo – afinal “quem está falando?” – são conscientes. Sou eu e somos nós, o que parece fortalecer a ideia geral de construção desta tese pautada na premissa de que a escrita é um diálogo e não um monólogo”. (Silva, 2017, P. 20)

Este texto está composto de três partes: 1. O sonho; 2. A poesia; 3. A outra fala.

1. O sonho:

A instrução recebida num sonho foi *'falar através do coração'*. A verdade da verdade é que esta fala foi orientação de um caboclo num terreiro de Umbanda. A verdade da verdade da verdade é que ouvi isso de inúmeras irmãs (assim tenho chamado todas elas... Assim nos temos chamado) a comungar de um feminismo que vem sendo desenhado em tons variados, cujo maior “Sul” é o empoderamento pelo auto-cuidado, pela afetividade, pelo amor. Não nos queremos mortas, incompletas ou infelizes, e é a partir daí que sentimos, ponderamos, refletimos e nos deixamos ser movidas por uma infinidade de vivências, saberes e vozes que se costuram em reconhecimentos de habitações, negociações e importâncias existenciais.

Mas a verdade verdadeira é que a instrução foi dada por ele mesmo, meu coração. Pode um coração produzir conhecimento científico? Pode a fala do coração ser tomada como eixo central do saber? E que fala é essa?

2. A poesia

Sobre O conhecimento pacífico, ou A exclusão Radical e Inexistente

A quem apoio a minha fé,
se sou só uma menina nua, vista pelos olhos da inferioridade?
Que bicho humano sou eu, voraz de atravessar o rio e rasgar a página do desconsolo?
Quem acalmará a minha risada gentil de quem apanhou por saber e foi diluída pelo ‘invencível’ –
dito assim para subordinação total do espírito?

Quem acalmará a minha cor?

Que discussão epistemológica trarei à roda a fim de justificar a dor de minha
existência, a coragem de minha vivência, a vontade de parir e proteger a minha ternura do medo?

ESSA SOU EU

Depois dos grilhões o conhecimento forçado
E ainda nos obrigam a criar um valor que não é nosso

E a fixar a inferioridade inventada pela substituição idealista de estudos/conhecimentos vendidos e vencidos

Não acredite em doutrinas que estilhaçam sua mente,
tenham elas a cor que tiverem

Não se acomode em estatísticas

Não deixe sua mente, seu espírito e seu corpo pertencerem a olhares subnutridos sobre quem é você

Repetições sobre seu desvalor social sutilmente te desvalorizam
Piedade sobre sua 'fraqueza' emocional rasga a confiança em seu espírito

Não se convença por palavras

Escute seu coração

...

Ódio e Amor,

tudo se abala no peito enquanto você luta para ser uma pessoa nova.

_diário de poesia_Adriana Gabriela

Nota: Palavras escritas numa biblioteca após muitas horas inadequadas de estudos e cansaço com aqueles conteúdos textuais.

3. A outra fala

Decolonial é antes de tudo desobediência epistêmica. Palavras de Mignolo. Que também alude quanto à dimensão imperial da aprendizagem, sobre o quanto do “professional excellence” ainda nos coloniza e subalterniza o “buen vivir” no modus como se inscreve nas expectativas de mensuração intelectual e abordagens educacionais⁵³.

Deixei para rodapés esta citada referência, uma pausa para deslocar e apertar os olhos até o fim da página, se assim você, leitor@, sentir que precisa saber mais sobre este rio que encontra com as águas das idéias que vou aqui derramando.

⁵³ MIGNOLO, Walter D. *Desobediência Epistêmica: A opção Descolonial e o significado de Identidade em Política*. Cadernos e Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n 34, p. 287-324, 2008. (P. 297)

Então desobedecer é sobretudo insistir em atuar através do que não está circunscrito como possibilidade e expectativa, pior dizendo, determinação. Ação determinada. A determinação até poderia soar como ação focada e direcionada, a conhecida força de vontade. E - quão grande não é a voz das palavras! – é possível a ‘determinação’ soar como rígida definição de fronteiras, tanto como servir de flecha a corromper limites, ao que prevalecerá o seu caráter não imposto.

Está aí um possível espírito da decolonialidade: transbordar as definições. E também transbordar as fronteiras. Borrar dicotomias e hierarquias valorativas. Então a decolonialidade pretende abranger a voz de saberes não inscritos em tradições que se impuseram e se impõem como definidoras “do caminho, da verdade e da vida”; Insistindo para manifestar a existência de outros mundos possíveis, expressos, acrescento, em linguagens peculiares à necessidade de comunicação que requerem para se fazerem reconhecidos para si mesmos, e então, para outras realidades. Esta para mim tem sido a chave da decolonialidade.

E por que digo reconhecidos para si mesmos? É que a colonialidade sustenta-se em automatizações perceptivas e expressivas, obstacularizando os sujeitos inclusive de meios de diálogo consigo mesmos, de meios de diálogos com seus próprios saberes.

Comecei minha fala, lá no item 1, sobre instruções vindas dos seguintes referentes: sonho, caboclo, feminismo, coração . A ressoar, neste contexto, comumente em palavras como: inconsciente, subalterno, periférico e emocional.

Pode o Subalterno Falar? é a pergunta que intitula o livro de Gayatri Spivak, relatando “a história de uma jovem indiana que não pode se auto-representar fora do contexto patriarcal e pós colonial. Argumenta que o subalterno, neste caso a mulher, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra meios para se fazer ouvir”. Todo este parágrafo está no Google Books⁵⁴, e propositalmente estou posicionando no texto essa forma de citar.

Então, por inspiração, a pergunta que faço é *Como fala o subalterno?* ... o inconsciente, o periférico e o emocional?

⁵⁴https://books.google.com.br/books/about/Pode_o_subalterno_falar.html?id=UK2RSQAACAAJ&redir_esc=y

Marco, inclusive, como todas essas palavras são categorias que em algum momento foram ou continuam sendo incompatíveis com a primazia do cérebro como órgão superior, com a razão imperialista, e a neutralidade que esta preconiza para o crivo de legitimidade do saber científico e acadêmico, podendo as citadas palavras serem colocadas como campos de objeto de estudos, mas encontrando forte resistência quando se posicionam como força motriz epistêmica, e mais, como linguagem.

Parece então que não podemos falar como falamos sem causar ruídos, não porque seja incompreensível, mas porque há parcoico interesse em compreender.

Mesmo assim falamos. E temos falado. Insistindo e desobedecendo. E é assim que me inscrevo como pertencente a este grupo deslocado de suas vozes, e é assim que tenho eleito a poesia como voz para recuperar os fragmentos de histórias que ninguém ouviu contar, mas que estão escritas em algum lugar no tempo, onde vou buscar através da poesia.

A poesia é a linguagem do sonho, é a linguagem do caboclo, é a linguagem do feminismo que tenho vivido, é a linguagem do coração.

A poesia enquanto linguagem do coração é justamente a fala não afetada pela neutralidade. É uma fala restitutiva, uma medicina eu diria, que é possível oferecer a tudo que em silêncio se debatia diante de linguagens retesadas, excessivamente controladas pela lógica, sem encontrar meios para serem expressos, pois há versões de subjetividade e experiências que apenas podem ser acessadas através da voz da poesia.

Sentada diante de um vendaval de conteúdos, e uma quantidade incalculável de palavras, naquele dia em uma biblioteca, rodeada de mar, eu chorei, me perguntando outra vez onde estava a minha voz, aquela que costurava a vida de sentido, aquela que me ajudava a compreender o como toda esta nuvem de teorias aguava na minha história de vida. E me coloquei a escrever, para ir reconhecendo significados e soluções dentro das palavras que soaram tristes, confusas e duras para mim a princípio.

Corromper conteúdo e forma, expandir e borrar determinações perceptivas e expressivas, corporificar contextos. Este é o cerne quando o coração é tomado como eixo central do saber, quando é possível deixar-se inscrever pela ciência da poesia.

4.2.2 Diário 2: Sobre títulos e pertencimento

Este Diário é composto por dois itens: 1 . *Sobre Títulos*; e 2. *Relato*

1 . Sobre Títulos:

E se no vídeo estivesse descrito:

‘Dança afro contemporânea baiana ?’

Ou *‘Por uma dança não aprendida por repetição coreográfica’*

Ou ainda *‘Somática e Espiritualidade: Sintonia, Incorporação e Movimento Ancestral’*

LINK:

https://www.youtube.com/watch?v=dwY-KOy_IHU

Vídeo de um movimento meu escolhido para dialogar com o seguinte excerto:

“Na dança afastada da intenção de comunicar conteúdos que não sejam aqueles de sua própria estrutura, está impresso o traço primordial, a grama, a grafia que cada bailarino escreve com sua presença, simplesmente por estar em cena, grafia escrita em seus corpos, fruto de articulação entre o herdado e o adquirido, entre natureza e cultura” (Navas, P. 05, 2008)

2. Relato _ Aqui narro minha chegada na Cidade Universitária Zeferino Vaz_ Unicamp

*Marabá: recém chegada na cidade invisível*⁵⁵

Tão certo é o poder do movimento, que da terra de onde vim vou achar de onde não sou. Pisei o pé com as melhores das intenções. Há um samba que diz ‘Eu vim de lá eu vim de lá pequenininho, alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho ...’

⁵⁵ Estão aí referenciadas duas obras: a poesia *Marabá* de Gonçalves Dias, e o romance *As Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino

A língua é português, mas as palavras não são as mesmas. As paredes e portas, as distâncias, o frio e o calor. Eu fiquei sem chão na cidade de pó. Estruturo a fé. Recomponho o suor. Mas o olhar que me olha é demasiado traiçoeiro. Vou pisando devagarzinho depois de ser atropelada. Coração dado a doces ingenuidades. Dois beijos, um abraço. Não! Um beijo e pouco, bem pouco contato corporal. Fiquei confusa e distorcida. Aceno com longos braços, mas o aceno pode voltar com um breve e quase nulo piscar de olhos. Tudo bem, eu sou baiana, me chamo Gabriela, mas não sou filha de Jorge Amado. Também não sou montes do que vi pousar em olhos alheios.

Então ouço uma canção tocar na minha mente Caetanamente enquanto cruzo a Av. Santa Izabel...

‘quando eu te encarei frente a frente e não vi o meu rosto, Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto ... E foste um difícil começo, afasto o que não conheço que vem de outro sonho feliz de cidade, aprende depressa a chamar-te de realidade, porque és o avesso do avesso do avesso do avesso ...’⁵⁶

Tem vez que meu pensamento vai lá no céu, o céu vermelho da tarde. Há de se perceber que as tardes de setembro e de outubro foram vermelhas em Barão Geraldo. Esse é o nome e aqui estou. Amoras, acerolas, pitangas ... árvores gostosas em manhãs e tardes de observações. A cidade e o silêncio... Numa cidade, você vai chegando e sendo chegada. Há um bafo de ações repetidas, humores e retóricas com as quais não estou acostumada. Permaneço em silêncio, vou sendo desenhada aos poucos de impulsos e caminhos, vou percebendo aos poucos as microrregiões do cotidiano, das histórias que começam a revelar seu repetir, vou assentando outros olhos de amorosidade a mim, de onde vim, vou me fazendo ainda mais Bahia. Da terra de onde vim encontro o que não sou, me encontro no que sou.

Há milhares de lentes pairando no ar. Há infinitos olhos dançando no espaço, espaços do imaginário. E danço Baby virando os olhinhos diante da “deselegância discreta” e SÚBITA das boas??? gentes que vem e vão. ‘De um lado o olho desaforo, Que diz o meu nariz arrebitado, E não levo pra casa, Mas se você vem perto eu vou lá, Eu vou lá, No canto do cisco no canto do olho a menina dança e Dentro da menina, A menina dança, E se você fecha

⁵⁶ Canção “Sampa”, por Caetano Veloso

o olho a menina ainda dança, dentro da menina Ainda dança, Até o sol raiar ... Até dentro de você nascer, Nascer o que há⁵⁷

Uma preta velha me acorda cantando lá do mundo dos sonhos “Marabá, é filha de Deus, É filha de Deus é Marabá”. Noutra noite me tinha soprado o nome *Anhanguera*. Percebo que essa terra é grande, bandeirante, híbrida, tem história. O céu espia alto o tempo das almas em Barão Geraldo. E Baby continua a cantar ‘Só entro no jogo porque, estou mesmo depois, depois de esgotar o tempo regulamentar...’. A cidade é invisível, como fez dizer Ítalo Calvino.

Há ainda cidades ocultas na cidade invisível, são cidades contínuas, delgadas, capitais, onde você precisa manter-se à direita para não atrapalhar o pulso passo do fluxo gentes na cidade metropolitana. A cidade tem memória, tem desejo, símbolos, trocas ... De céu, de olhos, de mortos, de nome ... a cidade age sobre mim, Marabá, que é filha de Deus, neste caso, as avessas, ao invés de alva, negra, que se desmancha e reconstrói-se em identidades, que não está no padrão, que se contrai, que se expande, que influencia quando dança sua dança, que é vinda de encontro de rio com mar, que é tentativa pós-romântica de valorização de tons da terra, que é poesia, Marabá.

4.2.3 Diário 3: A Volta Ritual: Superstições Científicas sobre o primitivo e o intelecto

Como dito, a historiadora Mary Del Priore em seu livro “História das mulheres do Brasil” traz um capítulo especialmente sobre as práticas de curandeirismo no Brasil colônia, aludindo que, a esta época, mulheres de diferentes origens e regiões (de culturas vindas do continente africano, europeu e dos moradores primários dessas terras - a multiplicidade indígena - trocavam entre si receitas e modos de cuidados e curas com e para seus corpos, a partir da utilização de rezas, palavras mágicas, banhos, ervas, gestos, cantos ... de líquidos, e claro, do temível sangue menstrual. Essa era a prática comum, por onde escoava simbologias que incentivavam vida e saúde às mulheres.

A medicina, por sua vez, tentava suas voltas científicas, chupando sangue e outras modalidades curativas ainda não tão distintas da famigerada crendice. Nada sabiam sobre os

⁵⁷ Canção “A menina dança”, por Baby do Brasil

organismos invisíveis, virulentos e bactericidas. É dialogando sobre o senso comum e a ciência que Rubem Alves (2000) descortina o manto de deduções que acobertava a lógica do pensamento quando da descoberta do “lavar as mãos” como procedimento importante para procedimentos cirúrgicos e cuidados entre pacientes.

Conta-se que os médicos justificaram a diminuição da contaminação entre pacientes, quando da lavagem de suas mãos, como a interrupção, através deste ato de limpeza, do espírito do morto que acompanhava o doente. Os médicos, ao tocarem nos pacientes doentes ou nos cadáveres, teriam suas mãos embebidas com espíritos maléficos. A lavagem das mãos fazia ir pelo ralo o espírito causador da doença. Bingo! Aí estava uma explicação científica! Com o invento do microscópio, os vírus se tornaram maiores que os espíritos. E foi-se aí arrefecendo a influência das lentes perceptivas que fizessem visível o mundo sagrado. O tal ‘ser humano’ não poderia mais ser enganado.

Científico, já sabemos, afora todos os métodos de testagem, de axiologias, ontologias e desdemocracias alocadas, já era desde então, por assim dizer, aquilo que é dito a consenso como verdade por uma comunidade branca, masculina e preferivelmente vinda dos nobres rincões coloniais e neo-coloniais (quem não tiver a tal nobreza de berço, que a compre, pela invenção do poder (des) estruturado do consumo armado, Tio Sam e amigos).

Voltando um pouco mais na cronologia histórica européia a nós emprestada, lá está a Idade Média refletida pela lente de José Carlos Rodrigues (1999). Particularmente amei saber sobre todo um contexto do corpo na história (nome de seu livro) e o quanto os nossos antepassados medievais conviviam com **relações simbólicas de mundo** mais que com explicações determinantes, permeados pela **mágica das possibilidades visionárias do imaginário**. O ser medieval incorporava, deglutia o perecível. Não havia o que considerar como lixo! Nada era mandado para o espaço em naves como solução para as sobras do consumo.

Assim foi e foi e foi, transcorrido tempos linear e circular, até que escutei um professor dizer de se considerar filósofo por diferenciar seu raciocínio do saber das historinhas e mitologias contadas pelas civilizações primitivas, crendices distantes da razão, a absoluta razão. Mitologias essas que a psicologia veio resgatar do limbo como material de impacto na psique. E foi numa sessão de terapia, quando me referi a jogar no lixo umas tantas coisas com as quais não queria mais lidar, que um analista Junguiano me disse que para a psique não há

lixo. Nesse sentido me resta agora a conclusão: a psique é um ser medieval. Não há sobra... há transformações constantes, câmbios, trocas, realocações. Tem feito sentido pra mim a ideia de ressignificação simbólica, vivenciada por inteiro, corpo mente espíritos, por meio da ação, caminho e passo, o rito. E mais, o Tempo.

Questões e questões, as épocas, seus contextos e focos... Veja-se que a dançarina Katherine Dunham e a cineasta Maya Deren eram modernas e intelectualizadas, ao que pareceu estranho para a comunidade artística e acadêmica europeia e estadunidense suas aproximações com o ritual haitiano do Vodun, visto, a estas décadas de 30 e 40 do século XX, como um estágio primitivo de desenvolvimento humano. Quem conta assim é Ramsay Burt (2016), em seu artigo sobre ritual, modernidade e diáspora africana.

Mas foi por estas aproximações e experimentações rituais que essas artistas desenvolveram linguagens em seus trabalhos que devolviam à carne, ao corpo um poder de comunicação e conexão com forças e inteligências maiores, ajudando a repensar o cindido em corpo/mente moderno. **Performar cerimônias e distorcer/recriando espaço-tempo pareceram bons caminhos para conduzir a um estado de receptividade ao mundo sobrenatural**, aquele com o qual a mente racional produzida pelo desenvolvimento do pensamento cartesiano não estaria interessada em perceber e dialogar à primeira vista, pois que tem medo de sua elasticidade, essa, a grande verdade.

Agora lembramos que sabemos tudo isso novamente, e mais uma vez lembramos que esquecemos. Me parece que conviver com a pluralidade de possibilidades e mundos é o desafio do ser humano inventado pela modernidade, que se reproduz em nichos ou em grandes eixos, nesse espaço-tempo recortado através de uma diversidade de contextos. A convivência de todas as coisas, a não hierarquia valorativa. As curas pelo sangue e pelas palavras, os pés no chão, os pés em Marte, os extraterrestres e as linhas de força do campo magnético, as linhas de força da fé, **a medicação dos medos pelo não julgamento**, os nano robôs e a telepatia, as fases da lua e a microbiologia ... **Ser capaz de mascarar-se do saber das abelhas e de pegar na voz dos peixes**, como disseram Beatriz Preciado (2014) e Manoel de Barros (2016) respectivamente aos animais abelhas e peixes, sem se conhecerem, mas que, pela economia de enunciado a que Ramsay se refere caber à poesia, fazem saltar em nós espaços outros de cosmogonias do existir.

4.2.4 Diário 4: Sobre a Perseguição aos Corpos Negros Femininos.

Cabelo... Cabelo meu!

Eu morava em São Paulo, capital, com uma amiga, em um edifício onde havia leitura biométrica na portaria. Fiquei nervosa algumas vezes com isso, entrar e sair daquele ambiente era um exercício de afirmação interior e social. Quando a biometria por algum motivo não funcionava, ou quando eu chegava ao mesmo tempo que outras pessoas e alguém abria o portão com a própria biometria e me media antes de realmente me deixar entrar no fluxo dos vizinhos que aguardavam para entrar, eu observava quanta coisa coagulava naquele filtro irritante.

Piscina, academia, espaço de leitura e lazer ... muitas vezes ia até essa sala estudar e trabalhar. Havia uma feirinha que às quintas feiras acontecia dentro do condomínio. Eu estava ali na sala, cuja faixada de vidro deixou vazar uma conversa atormentada entre mães, mulheres brancas: " - porque eu não esperava ter uma filha com cabelo ruim... **dá trabalho**, todo dia pentear, passar creme, arrumar, não fica arrumado, fica volumoso tem que alisar..."

Infelizmente, 'cabelo ruim' ainda é uma expressão recorrente hein, um evidente juízo de valor cheio de preconceitos e hegemonias... mas o que tem mais me ocorrido nas falas de ali e aqui é o tal do 'dá trabalho'.

Dá trabalho mesmo? Desembaraçar, amar, cuidar, brincar, estimar... muitas de nós está sempre inovando no quesito cabeleira... então Não amados seres que metem a mão em meu ori sem pedir licença! O que dá trabalho mesmo é ter que continuamente lidar com o preconceito, com o ter que caber em um volume considerado ideal, um frizz considerado ideal, com as amarrações... Pessoas, do nada, elogiam meu cabelo... desconfio da 'puxada' de assunto, embora mantenha meu coração aberto, as expressões são como pequenas invasões em minhas madeixas... a questão é que o elogio sempre vem com o tal do 'Dá trabalho', "- Deve dá um trabalhão" ... Ou um tom daqueles que a gente conhece: bonito, afro, exótico, porque você não faz isso ou aquilo, queria ter um igual... só que Não, por que dá trabalho!

Algumas vezes também somos olhadas de modo esquisito por usarmos tranças. Para qualquer cabelo que cultivamos, existe uma palavra de elogio e crítica mal-educada. As concepções de toda sorte de crítica, somos o alvo. “ – Olha, eu acho que usar tranças é não valorizar seu cabelo!”. Resposta: Jura que você acha isso? E tudo que você acha, você realmente acredita que seja importante?

Um dia fui ver alguns navios da marinha que estavam aportados em Salvador, estava tendo visita e uma das oficiais da marinha era uma mulher negra com lindas tranças. Ela estava envolta em muitas pessoas que queriam tirar foto com ela. Usava um quepe, que ia colocando na cabeça das crianças e mulheres que iam tirar foto com ela. A empolgação era enorme. Eu fui também. Ela colocou o quepe em mim com todo respeito e cuidado às minhas tranças, me abraçou, e na fração da foto me falou : “Só nós sabemos o poder e o peso de ter tranças”.

Pois é, assim como o poder e o peso de usar *lace*, colorir, alisar, cortar, raspar então...

Lembro de nossa anfitriã em Luanda. Tão versátil. Pela manhã chegou com um tipo de peruca. Mais tarde estava com o cabelo curtinho (ao estilo *big chop*). Em outro dia usava touca, noutro lenço e por aí foi... encontramos diversas mulheres numa mesma. O corte natural e estiloso de minhas companheiras de viagem fez muito sucesso lá, inclusive entre alguns homens que diziam que as mulheres em Luanda não estimavam o próprio cabelo. Ai ai ... compreendo o que eles queriam dizer, no entanto essa discussão não é simples assim. O feminino e o cabelo é uma história longa e profunda, e quando se trata do cabelo de uma mulher negra essa história adquire muitas camadas mais. Para mim o que está em pauta é sempre o reconhecimento de nossas raízes (capilares e ancestrais), o amor a elas e a liberdade de fazer escolhas, de experimentar o que quisermos, ainda que em algum momento uma determinada estética tenha sido um modo de sobrevivência, como usar *lace*, ela também foi incorporada como estética afro, pois, queridos, não deixamos de ser negonas, não estamos nos escondendo ou algo assim.

É diferente quando uma mulher negra está *condicionada a*, e quando está experimentando performances de si, amando todas elas, inclusive seu cabelo natural, pois já viveu e entendeu milhares de experiências que o olhar superficial e julgador não alcança, e se outrora este olhar julgador quis condicionar para caber em padrão liso isso e aquilo, pode agora querer enquadrar em outro padrão sob o nome de liberdade. Em particular, eu prefiro não utilizar

nada permanente que desestruture a natureza de meus fios, e não fazer nada a que eu precise sustentar com uma dinâmica que me pareça aprisionante, ou na qual eu não me sinta potencialmente identificada. A importância está nesse autocuidado equilibrado e amoroso a si. No tempo que dedicamos a nos escolher e acolher, através dos fios de nossos cabelos diante do espelho repassamos muitas histórias, pois ideias como *praticidade* também nem sempre significa liberdade, e pode representar inclusive não só um corte capilar (por exemplo), mas um corte de si. Cada uma de todas nós fará suas próprias escolhas, pelas razões que nos parecerem justas.

Bom, vou ressignificando meus fios, alinhando e desalinhando nós com amor, alinhando e desalinhando as estéticas de uma sociedade carregada de conceitos e pré conceitos... não me sinto obrigada a nada, nem mesmo a necessariamente ter uma estética black power por ser negra, justamente por saber o papel social de mulher negra que ocupo desde que nasci, hoje faço o que quero de minha cabeça, posso estar trançada ou de chapinha em um dia e no outro loira, mas sei que soltar meu cabelo *Juba* é um ato político, faço porque me sinto linda assim, e livre... mas às vezes faço um "bate cabelo mesmo" para instruir, para ressignificar, para trazer outras molduras, pinturas, telas, texturas por onde passo, para que as pessoas saibam que há cabeças negras frondosas e de bem com elas mesmas, faço sobretudo para afirmar minha liberdade de ser e ir sendo, no mais é o que sempre digo, faça o que quiser do seu cabelo, mas conheça sua raiz ... e deixe em paz a cabeça alheia. Nesse dia lá, diante daquelas mães “desesperadas”, foi o que fiz e passei a fazer com ainda mais frequência nesse condomínio que morava, “bater cabelo”, andar com a minha juba solta pelo prédio, porque senti que era o que pedia passagem.

Há pouco tempo, na Bahia, antes de uma cerimônia espiritual, uma jovem mulher negra que eu acabara de conhecer falou pra mim assim: “agora deixa eu ir pentear o meu Bombril”. O interessante de tudo é que essa fala dela não soou como auto-rejeição, soou tão afetuosa. Bombril, a palha de aço, que tanto ouvimos chamarem nossos cabelos de forma hostil, ganhou naquele momento um dizer amoroso. Eu me senti limpando anos de escuta violenta da infância quando pediam meu cabelo para arear as panelas⁵⁸. Eu falei pra ela o quanto o modo como ela se referiu ao próprio cabelo como Bombril tinha soado aos meus ouvidos como algo

⁵⁸ Sobre este tema, Priscila Rezende performa areando panelas com seus cabelos em *Desapropriaram-me de mim*. Disponível em: <http://desapropriammedemim.com.br/priscila-rezende-bombril/>

bonito, não feio, e a gente desembaraçou uma conversa sobre os preconceitos capilares que vivemos de modo tão leve que levou o tempo do penteado. A fala que parte de pertencimento desconstrói palavras, reestrutura memória a partir de uma poesia sonora afetiva.

Nós, entre nós, falamos muito mais, falamos o quê, se *outros*, que não nós, nos ouvem, não conseguem entender, - pois não nos escutam, têm uma audição construída para serem a referência, e nós que sejamos esses *outros*- mas estão sempre querendo dar palpite.

Agonizando a cor, Protagonizando a dor, Antagonizando juízos, Pluralizando poéticas

Quando Mônica Santana entra no palco trajando um macacão de limpeza, limpando o chão, com olhar raivoso e um coque não bailarino nos cabelos super presos, ela me informa sobre um papel social. Lava-se com detergente, banha-se com os mesmos produtos químicos com os quais limpava o chão em uma deglutição de eugenias. A peça transcorre com a sucessão de diferentes expressões de mulheres negras pela atriz e os conflitos latentes em cada papel encarnado. *Isso não é uma mulata*, é o nome de seu espetáculo.

Quando Laís Machado anuncia que fará a sua *Obsessiva Dantesca* divulgando por meio de um vídeo arte o processo de trabalho do espetáculo, sua voz e pensamentos são dirigidos à observação de ser reiteradamente considerada Obsessiva e Dantesta quando decide por expressar seus modos e visões.

É girando numa espécie de ronco que Fabíola Júlia encontra a beleza de si em *Rosas Negras*. Cabelos curtos, dança com os fantasmas, a libertação dos medos e reflexões sobre os aproveitamentos da indústria de cosméticos sobre as estéticas afro. Não era só isso. Era muito mais. De modos e coisas que busca no palco expressar, por meios dos segredos das cabaças, o que não fazer para não violar a autoestima de uma mulher negra, para não criar uma sucessão de seres machistas, racistas e mecanicistas.

É assim que eu também encontro o caminho para lavar as feridas, grudadas em meu corpo, de tantas gerações, anteriores e contemporâneas a mim, em *Fases*, reverenciando as antepassadas, pedra por pedra, enquanto trilho para me reposicionar, performando à beira-mar a dor das mães, das mães, das mães, das mães, das mães de nossas mães, que não puderam falar. Performando o deslaço de aflições.

Somos todas Pretas. Mas querem sempre que a gente seja “só mais uma “neguinha”.

Todas nós atrizes, baianas, mulheres negras de teatro, inquietas com as contradições das heranças que carregamos pela cor, pelos cabelos, pelo peso, pelo gesto, pela fala ... Estamos sempre sendo medidas dos pés à cabeça. Estamos sempre na mira. E são muitas as discussões: hiperssexualização, solidão afetiva, sobrepeso das exigências externas e internas para demonstração de valor, colorismo, novos e feministas olhares sobre a mestiçagem, interseccionalidades variadas etc. etc. etc.

E nisso, já faz tempo que fazemos o que queremos com nossas cabeças. Mas tem sempre uma audiência querendo dizer como você deve ou não deve pentear o seu cabelo, Black ou não. Nenhuma de nós está interessada em esconder a identidade negra que nos apresenta de frente, trançada nos embaraços da história e das vivências de alegrias e de dor. Tampouco todas as outras identidades que nos informa, nos compõe e nos faz sentido.

Pretas e pretos são pretas e pretos em qualquer lugar do mundo. Na profusão de identidades viajantes, contingentes, fluidas, a cor da pele não se desarticula da identidade preta, (...). Sabe por quê? Não podemos fugir da raça e das conexões entre categorias analíticas, quem bem sabe disso é o projeto intelectual negro. (Akotirene, 2019, P. 24)

E enquanto isso vão inventando mais e mais padrões. Não se trata apenas das violentas baladas do embranquecimento, não se trata apenas de afinar nariz, de chapinha, de roupa de marca, da compra de conceitos.

E é por isso que vamos ao palco, porque o que está em jogo é uma liberdade maior, é a construção e a expressão de nossas próprias vozes, de nos expressarmos ao modo que necessitamos, que desejamos e que escolhemos, porque através dela nos reconstruímos, nossas vozes, como faz sentido para nós, e que passa também pela necessidade de não sermos acompanhadas por nenhum desses temas e apenas cantarolarmos ao céu e ao infinito.

4.2.5 A Mariposa Negra

Este tópico contém:

I.A poesia , II. Erguer a Voz é abrir asas: do corpo casulo ao voo, III. Pulsões criativas

I. A poesia

A Mariposa Negra

São distrações antigas que batem à porta,
sussurros de holocausto, durezas sem aplausos, questionáveis poéticas da mudez,
da auto exigência imposta, da espera, peito de pedra,
mal entendidos bem entendidos pelo estado da consciência racial,
o que fui ontem, o talvez, e essa mania de segurar o mundo...

E se o lugar do mundo não for nas costas, nem na barriga,
nem na lembrança?

E se o lugar do mundo for no mundo mesmo ?

e vou tendo asas, e não vou entendendo,
e voo tendo asas, e não voo entendendo, voo sentindo.

E sentindo mesmo ...
vou sentindo dores da mentira,
dores de uma ansiolítica semiótica:
dores dos preconceitos
dores de uma comunicação não construída,
dores da solidão que não está em livro, dores da nostalgia,

dores que carrego pelo simples fato de ser uma mariposa negra
cuja trama mitológica distorce a cor por inaptidão, ou aptidão pra mal agouro

mortes que ninguém quer ver
voos que não podem suportar

e o vento vem sem que eu possa me esconder,
perdida das minhas palavras companheiras,
perdida do verso que fui,
voo menstruada, sangrando e em contramão,
voo pelo meu coração que se entrega ao ar, à dança e à lágrima, e

que confessa flores à única batida que importa, a poesia

_ poesia da autora

II. *Erguer a Voz*⁵⁹ é abrir asas: do corpo casulo ao voo

Como uma mulher negra (que também sou eu) se reconhece enquanto manifestação de corpo no mundo? Quais papéis costuma representar no dia-a-dia? Quanto se apercebe de arquétipos sociais estereotipados? Quanto está enclausurada em narrativas e estruturas de resposta defensiva e adaptativa ao mundo? O quanto é invadida sem que consiga identificar as origens destes sentimentos de invasão? O quanto é violada nos seus processos mutacionais e de expressão?

Ansiedade. A vibração da ansiedade me impede de ver coisas e também de sentir coisas, de me expressar como eu gostaria, assim que considero que um grande trabalho que tenho tido ou pelo menos a maior parte dele, diz respeito a acalmar a sensação ou voz de incapacidade que como um robô fala e fala dentro de mim, e também compreender o meu sinal de alerta constante que me diz que necessito me defender todo o tempo.

“O número daquelas de nós que escrevem e são publicadas continua reduzido. As razões do silêncio são variadas e multidimensionais. As mais óbvias são as expressões do racismo, do machismo e da exploração de classe para reprimir e silenciar. As menos óbvias são as lutas internas, os esforços feitos para ganhar confiança necessária para escrever, reescrever, desenvolver por completo a arte e habilidade – e o ponto em que tais esforços falham. (Hooks, 2019, p. 37) Esse ato de fala, de erguer a voz, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta.” (Hooks, 2019, p. 39)

O que ocorre é que ao tantas vezes sermos questionadas sobre o nosso valor engolimos um sapo de autodefesa que está sempre pronto a vomitar e combater, pois responde a partir deste núcleo do “será que serei capaz? será que o que eu falo terá alguma relevância mesmo?” que fica como um mato sorrateiro crescendo internamente. Não. Este não é apenas um desafio vinculado a autoestima pela qual todas as pessoas passam. Este desafio sobre o qual falo é Interseccional, é um desafio a mais à autoestima, um desafio construído em função de experiências em uma sociedade de práticas racistas e machistas.

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado 3 – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas

⁵⁹ *erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* é o título de um livro de bell hooks, que prefere as palavras escritas sem maiúscula

vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. Segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro. (Akotirene, 2019, P 14)

Estes pensamentos e reações emocionais de ansiedade, ou de cansaço pelas inúmeras vezes que já vimos e ouvimos a mesma história acontecer, sobretudo, são produções de uma estrutura que nossa interação com o mundo foi construindo, desde a infância, de modo que as vezes acho que não posso relaxar sem antes defender meu território das invasões predadoras do racismo, ou preciso ligar o “modo automático “que se dane!” mas nunca, jamais, posso me permitir ceder à inferioridade inventada reproduzida sempre que há uma brecha.

Nossos sentimentos, sabedorias, quem somos, nossas histórias de vida e enfrentamentos históricos, ainda escapam de serem vistas e amadas em seu todo integrado. Aqui acho válido trazer a história de Sojourner Truth.

O pensamento feminista se deu mediante a construção a ferro e águas atlânticas, **e a interseccionalidade veio até nós como ferramenta ancestral.** Não por acaso, Sojourner Truth, nascida acorrentada ao escravismo, vendida em leilão aos nove anos de idade, junto ao gado, tornou-se pioneira do feminismo negro. Em discurso de improviso Eu não sou uma mulher?, proferido em 1851, durante a Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio, em Akron, ela denunciou que “ninguém nunca me ajudou a subir nas carruagens, nem pular poças de lama [...], eu tive treze filhos e vi a maioria ser vendida pra escravização”. Nestes fragmentos, a intelectual pioneiramente articula raça, classe e gênero, questionando a categoria mulher universal, mostrando que se a maternagem obrigatória revela um destino biológico para todas as mulheres, seria apropriado ressaltar que os filhos e as filhas das africanas eram vendidos escravizados. (Akotirene, 2019, P.17, grifos nossos)

Infelizmente herdamos sobrepesos históricos, inclusive de roubo, da apropriação indevida e a expropriação de nossas crias - até hoje vidas de jovens negros são ceifadas como se nada valessem- como também o roubo, apropriação indevida de nossas criatividade, de nossas criações, inclusive a falta de reconhecimento, que demora muito mais para chegar para mulheres negras, como demorou de chegar a Sojourner Truth, pioneira na interlocução entre raça, classe e gênero.

Na experiência de viver em São Paulo, muitas vezes, ao achar que eu podia simplesmente baixar a guarda e caminhar com minha boa vontade e simplicidade de coração fui golpeada no peito por palavras e ações “gentis” e “sutis” de desqualificação. Racismo não é algo que em geral se quer admitir nem aprender sobre suas tramas e nuances para desfazê-lo. Todo mundo tem uma opinião julgadora a dar mas nem sempre reflexiva.

“Onde você guarda o seu racismo?” foi a pergunta que encabeçou uma campanha antirracista na Bahia há alguns anos. Hoje crescem as vozes que apontam a necessidade de não sermos apenas pessoas não racistas, mas uma sociedade engajada no antirracismo. É muito diferente. Então a autopergunta ou a afirmação pontual que é comum ouvir não se esgota em apenas *Eu, racista? Não sou racista! Como também Sou antirracista?*, e então *O que realmente faço, como contribuo e me engajo contra o racismo?* Antirracismo também é estudo, diálogo, transformação pessoal, mas sobretudo, escuta e sensibilidade a outras expressões e vozes marcadas pelo silêncio desconfortável e sistêmico, muito diferente do silêncio que é escolha quando se tem sempre o pressuposto da legitimidade pela cor e o direito à voz.

O racismo é uma obsessão constante. **Age sobre nossa atenção**, cria tensão interna, escoamento de energia, desvia nosso foco da leveza. É por isso que temos falado tanto de autocuidado, de guiança e de amor.

Lembro de amigas e amigos negros e de nossas reações de acertos e enganos com relação a nossa expressão no mundo e o racismo que vivenciamos, o caso é que todas passamos por uma série de complexas experiências de sofrimento, usurpações de nossas qualidades e questionamentos até encontrarmos um centro de poder que nos torne nós mesmas, e que possamos estar na vida para além das atitudes e condicionamentos racistas do mundo que nos rodeia.

Até que possamos alçar o voo de Águia das Ìyamís e ver por uma perspectiva que nos liberte da trama, e usar o espelho de Oxum para não só saber quem somos, mas também refletir de volta aos seus emissores as injúrias que emanam para nós, para que saibam (se é que já não sabem) que estão sendo racistas, para gerar algum tipo de reflexividade, se assim entendermos que é necessário, e não deixar que ofensas nos afetem. Falar sobre estes “mal entendidos”, estratégias de defesa, engano e voz, me parece sempre mais que razoável, necessário, para quando tivermos disposição, e sem imposição.

Assim como restaurar processos de *aprendizagem* que mais parecem processos de *você já devia saber*. A sala de aula é um lugar de liberdade? Pergunto eu. “- É preciso compreender a universidade como um espaço de liberdade”. Ouvi isso de um professor quando comentei sobre a importância e a necessidade de falarmos sobre o medo de nos expressarmos nos espaços da universidade. Eu realmente gostaria que fosse, e que esta simples afirmação gerasse isso, mas a fala dele veio como uma forma de correção, não de compreensão sobre o que eu falava. E continuo a perguntar, liberdade para quem?

Quem está legitimado a falar em alguns espaços e sobre o quê? Alguns espaços estão transmitindo sinais de maneiras múltiplas de que você não deveria estar ali, isso em vários estágios da educação. Quantas batalhas precisei atravessar com meu corpo frágil de molusco, de ainda no casulo, sem uma iniciação completa, ainda confusa, ainda sem o saber assentado, sem um estado mínimo de Gestalt? Muitas. Para alguns o devaneio e o erro são modos tolerados de elaboração e tentativas, para outros esse espaço de leveza foi atacado na tenra infância de nosso imaginário. Restaurar é preciso! Quando ainda não estamos articuladas sobre os saberes que estamos construindo, falar é ainda mais perigoso. “Expor minha opinião para ser julgada pelo público é uma forma de me abrir à crítica e à dor. Aqueles que não compartilham de meus olhos não podem ver onde pisar com cuidado em mim” escreveu uma jovem estudante negra à bell hooks (2019, P. 53-54).

As vezes canso de falar sobre tudo isso e penso que é melhor apenas focar no que quero. Então faço um exercício imaginativo, torno o racismo hipoteticamente inexistente, para abrir um espaço e sondar meus desejos e interesses para além da existência dessa interferência. Mas por mais que eu busque ir por um outro caminho, sou sempre convocada a falar sobre questões raciais. Seja por que fico entristecida e indignada com o dia-a-dia do noticiário e das contradições que vejo por onde passo, seja porque elas sempre acabam atravessando a expressão do que faço, seja porque sendo umas das poucas pessoas negras compondo alguns espaços, os outros geralmente acham que quando algum tema que envolva historicamente o racismo é abordado esta é a nossa hora de falar sobre as questões do negro na sociedade e toda a sua vasta teoria.

Dói coisas que escutamos, vindas por vezes de pessoas de nosso âmbito afetivo que, em primeiro lugar, não têm uma vivência como pessoa negra e querem impor seus pontos de vistas igualitários (mas que não efetivam igualdade) agindo como se só existisse racismo até a

página 15, que é até onde eles tem paciência de ler e se permitir refletir. Isso ainda é parte do mito da democracia racial que perpetua discriminações. Falar de racismo expõe complexidades, convida a navegar pelos meandros das relações e projeções externamente e internamente construídas sobre nós e entre nós, sobre todos nós e entre todos nós.

Dentre estas práticas, costumam usar a interseccionalidade como correspondente às minorias políticas ou à diversidade, chegando mesmo a questionar a agência da mulher negra, como se encruzilhada fosse tão somente o lugar da decisão da vítima: levantar-se ou continuar caída? Sentir ou não as feridas da colonização? É da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade. (Akotirene, 2019, P. 17)

Nos Campos da Unicamp, logo que ingressei na pós-graduação me surpreendeu quando pessoas negras me cumprimentavam sem me conhecerem apenas pelo fato de sermos todos os poucos negros que transitavam por aquele espaço. Cumprimentar era reconhecer.

Racismo é prática socialmente instituída, lugares demarcados de poder. É uma grande doença. Sobrecarrega nosso olhar, nosso coração, nossos corpos. Há momentos em que temos legitimamente muita raiva, e chegamos a picos de exaustão até encontrarmos um lugar de fala em que não nos sintamos nem dóceis e passivos, nem constantemente bélicos a um ponto que nos faz mal, podemos levar tempos para elaborar e aprender a falar sobre estas situações, permanecendo silenciadas enquanto minam nossas forças. Invariavelmente somos convocados a renovar nosso posicionamento e manter nossa autoestima num lugar protegido, para identificar situações discriminatórias e não sermos contaminados por elas, e sim desenvolvermos instrumentos para agir sobre elas.

Perceber a polifonia e o subtexto dos discursos e poder operar escolhas sobre os sentidos que iremos extrair da situação é um ouvido a mais que temos aberto em nossos corpos. Este ouvido é por vezes acusado de “ver racismo em tudo” por pessoas que “não veem racismo em nada”. Não estou dizendo que não podemos nos confundir sobre a leitura/escuta de situações, estou dizendo que temos mais porosidade para reconhecer elas, e tem momentos que já vivemos tantas vezes as mesmas coisas e repetitivos golpes da repreensão que não sentimos mais confiança para compartilhar nossos pontos de vistas em diversos espaços, pois sentimos que quando cambaleamos em vulnerabilidade há uma armada lá fora, e internalizada, pronta para apontar nossa inadequação.

Também ficamos confundidas, fomos sobrecarregadas de negação, de negatividade, também fico confundida e preciso lavar meus sensores – pensamentos, olhos, ouvidos, coração – nas águas, liberar raivas e medos no fogo... até encontrarmos o caminho para os também necessários mergulhos internos, e as reformulações perceptivas que precisamos fazer para reafirmar o nosso ser e estar no mundo sobretudo com paz no coração. Pois racismo afeta nossa saúde mental, física, emocional e material.

Há muitas situações que reclamam pela necessária reciclagem daquilo que não é dito, mas está latente, nos ambientes. Somos seres sensoriais, captamos discursos pelos sentidos. Somos seres emocionais. O corpo emocional ultrapassa a materialidade física visível, assim como o corpo dos pensamentos se dilata pelo espaço como nuvem, e tudo isso cria um emaranhado de redes, projeções e espelhamentos não ditos pela linguagem verbal. Assim é que ir revisando e compreendendo o que tolhe nosso estado completo de presença nos espaços, os referenciais e tudo mais que nos deixa desavontades e, ainda assim, “colocar nosso bloco na rua”, articulando nossas ações de participação com bem-estar, é um jornada.

Apesar de trabalhar sempre neste mesmo ponto por longos anos, e já ter sido muito mais tímida do que sou agora, e muito mais insegura em minhas expressões, apesar de... costume ser uma pessoa participativa, que expõe as próprias ideias. Apesar de já ter feito um milhão de avanços e ter passado por incontáveis situações expositivas em arte, quando me diziam que eu de tímida nada tinha, só eu sabia de meu coraçãozinho acelerado no superar dos desafios que significava para mim me expor em sensibilidades, compartilhar meus pensamentos, emoções e ações, sustentar minhas criações ou simplesmente ser. Sempre tive medo de *me mostrar*. Me apaixonei completamente pelo teatro após um curso com a Cia do Giro (POA) no Espaço Cultural Pierre Verger e literalmente “fugi com o circo”⁶⁰, pois foi através do teatro que consegui começar a despertar e falar maneiras e linguagens que viviam dormindo dentro de mim.

Uma amiga querida me diz, “você tem que ser mais amostrada!”. Parei para refletir, nas tantas coisas que fazia e não *me amostrava*. Então eu precisei mergulhar para compreender as intenções desse amostramento todo, sem me perder de mim. As minhas ações, de onde partiam e de onde partem? Antes de tudo, gosto muito de estar presente em mim e

⁶⁰ Fui morar em Porto Alegre e fazer uma formação de Atriz no TEPA Escola, escola de teatro que os diretores deste grupo tinham à época.

compreender as motivações dos meus atos. Se eu me sentia tímida frente ao mundo exterior desconhecido, dentro de mim eu me mantinha em elo comigo mesma. O fato é que eu achava muitos atos de exposição supérfluos, egoicos... estava mais interessada em viver que propagandear a minha vida. Mas entendi também que existe o jogo do mundo e eu tinha que colocar a mostra o que eu fazia. Ainda estou neste aprendizado, que também é um aspecto de produção em arte e de respaldo na pós-graduação, e é também uma afirmação de mim mesma, que possuo múltiplos interesses e lentes por onde gosto de olhar e sentir artisticamente.

Esse tempo reflexivo, esse tempo de espelho, esse tempo de ver por dentro o que te move, o que te faz querer ser invisível e o que te torna invisível, o que te faz ser silenciosa, em qual silêncio você está presa, o que te faz dizer, o que cala, o que grita, o que continuamente a faz ser agradável ou desagradável, rude ou doce ... eu precisei me rever, inclusive sob a escuta de referências sobre ser uma mulher negra e nossa formação psicológica. Isso, como já dito, não é de hoje, nem de ontem, é de sempre. Apenas estive olhando mais uma vez, dando uma nova volta para expandir a minha consciência.

Durante anos e anos, dentro das mais diversas discussões, observei, me questionei, avaliei a mim: solidão da mulher negra, corpos dóceis e subservientes, silêncio sistêmico, raiva, hipersexualização... nesse sentido, esse era o meu através, a carne multifacetada que eu já vivia aquela época, que eu vivo através da minha expressão. Por mais que meus interesses fossem mais além, eu precisava refletir sobre estes atravessamentos, se faziam sentido ou não faziam para mim, ser singular, pois estão sempre querendo te colocar em uma caixa e fazer leituras sobre a sua vida, como se estivessem de posse de sua história, pois leram ou ouviram falar de como age o racismo e o sexismo e por isso já sabem tudo sobre você, mais que você mesma. Você conta uma história para alguém, ou pior, nem conta, só abre a boca para falar sobre algum assunto, e logo é adesivada em alguma categoria já estudada e dimensionada por alguma escritora que possui abordagem do feminismo negro, ainda mais agora com todos esses fragmentos através das redes sociais.

Com isso quero dizer da importância de termos muito cuidado com diagnósticos gerais. Seja a cor que tiverem e venha de onde vier. Apesar de vivermos sob o elo de uma irmandade por sermos mulheres negras, somos plurais. Nossas experiências narradas e convertidas em reflexão e aporte para pensar sobre nossas performances de existir em sociedades sexista e racista não deve nos determinar, e sim colaborar com a ampliação de nossa leitura de mundo e

de compreensão das formas como práticas racistas e sexistas podem operar, sem nos condicionarmos a colar ou deixarmos que colem as nossas histórias em toda história, pois somos diversas. Todos esse temas não são estanques, passam por meandros, por contextos específicos, tem mais de dois lados da moeda, e não se resolvem apenas necessariamente dando um nome. O que para algumas pode significar uma experiência de hipersexualização, para outras pode refletir poder, e para outras, ambas as coisas. O que para umas compõe solidão, para outras compõe liberdade.

O importante é usar a voz para abrir leques de entendimento, entre nós, e não para determinar e inclusive com isso criar obstáculos para escuta e para a voz de quem vivencia uma situação específica e está buscando o seu próprio entendimento, ainda que ela pareça caber em leituras de histórias de vida já escritas, pode sempre existir uma percepção diferente ali.

Até aqui falei, sem finalizar.

E me completo nas palavras de bell hooks e de Audre Lorde:

“Manifestar-se não é um simples gesto de liberdade numa cultura de dominação. Somos frequentemente enganados (...) pela ilusão da liberdade de expressão, acreditando falsamente que podemos dizer o que quisermos numa atmosfera de abertura. Não haveria necessidade de falar sobre o oprimido e o explorado encontrarem a voz, articulando e redefinindo a realidade, se não houvessem mecanismos opressivos de silenciamento, submissão e censura. Quando pensamos estar falando em um ambiente onde a liberdade é valorizada, frequentemente nos surpreendemos com o quanto nos vemos agredidos e como nossas palavras são desvalorizadas. É preciso entender que a voz libertadora irá necessariamente confrontar, incomodar, exigir que ouvintes até modifiquem as maneiras de ouvir e ser. (...) Quando nos desafiamos a falar com uma voz libertadora, ameaçamos até aqueles que podem, a princípio, afirmar que querem ouvir nossas palavras” (Hooks, 2019, P. 52-55)

“e quando falamos temos medo
de nossas palavras não serem ouvidas
nem bem-vindas,
mas quando estamos em silêncio
ainda assim temos medo

É melhor falar então
lembrando
sobreviver nunca foi nosso destino”

_(A Litany for Survival⁶¹, Audre Lorde in Hooks, 2019, P. 19)

⁶¹ *Uma Ladainha pela Sobrevivência*, poema completo em: <https://www.poetryfoundation.org/poems/147275/a-litany-for-survival>

III. Pulsões criativas

*“Sobre o amor e outros demônios”*⁶²

A mariposa negra é geralmente vista popularmente como um símbolo de mal agouro. Algumas pessoas a chamam inclusive de Bruxa, pejorativamente. Para mim ela conta outras histórias. Aparece com frequência em meu entorno me trazendo mensagens, a mariposa negra e todas as demais são minhas companheiras de viagem. Tomando este símbolo e as representações de sentido que assume popularmente tanto de mal presságios por sua cor escura (diferentes das coloridas borboletas e outras coloridas mariposas que não causam aversão, mas empatia), como de profunda transformação, pois comunicam também morte, mutação e regeneração de aspectos da psique, vivo uma motivação interna em caminhar em direção ao desenvolvimento de um suporte criativo com elas.

A pesquisa do doutorado nasceu associada ao desejo de desenvolver um projeto criativo chamado *A mariposa Negra* que nunca deixou de se fazer presente, isso não foi exposto no projeto, esse necessitava de um recorte, mas elas continuaram a falar e fazerem parte do caminho e da busca. Elas estão registradas em epifanias em meus diários e em corporeidades reveladas em práticas do “Groud Form” (CAP- Creative Articulations Process) e outras.

Venho reunindo materiais na escrita de um roteiro a algum tempo. A Mariposa Negra comporia o ‘resultado’ artístico final, ou confluência nominal do processo de desenvolvimento através das Ìyamís e das `Iabás, a tessitura de todos esses trajetos, processos, corpos e elementos criativos em uma metamorfose ritualística. Ou não. A professora Daniela Amoroso me lembrou de que eu mesma sou essa Mariposa Negra, sim, sou. E *voo pelo meu coração que se entrega ao ar, à dança e à lágrima, e que confessa flores à única batida que importa, a poesia.*

Precisei fazer escolhas e encaminhamentos para findar o ciclo do doutorado. O pós pandemia não foi um campo fácil de trafegar. Foi um período de retorno à casa, sendo que essa estrutura casa, depois de você voar e voar, realmente não se completa de uma maneira fácil. Tudo aquilo que te fez querer ir embora continua lá, assim como tudo aquilo que te causou saudade. De um modo diferente, pois você mesma está diferente, mas continua lá. Então a jornada não

⁶² Referência ao livro “Do Amor e Outros Demônios” de Gabriel García Marquez

termina no retorno, ela te provoca e testa a saber sobre seus aprendizados, ela continua, de forma muito mais profunda, pois te contesta desde as suas raízes mais profundas, a família, amizades, relacionamentos, colegas de trabalho, as pessoas em quem confiou e com isso se magoou repetidas vezes, as dores que você buscou por cura, tudo que sentia te prender em formas e dinâmicas de ser.

Eu morei em mais de uma dezena de casas durante o período do doutorado. Levantei e montei acampamento uma série de vezes e convivi com uma diversidade de pessoas. Eu gosto desse movimento cigano em minha vida, e também tenho cansaço. Busquei por um sentido de lar todo esse tempo. Quando morava em Barão Geraldo uma amiga me enviou um imã de geladeira que ela mesma tinha feito como lembrança do chá de casa nova que fez em Salvador e eu não pude participar, assim dizia: *Lar é onde o coração está*.

O primeiro lugar onde o coração está é dentro de mim. Sou meu primeiro lar. Assim como sou a minha primeira terra de cultivo. Bom, mas também quero ter onde pendurar os imãs de geladeira que trouxe dali e de aqui. Até hoje não consegui uma real permanência. Vamos seguindo. O mais importante é que eu esteja onde meu coração está, comigo, num acordo inseparável com este maior pertencimento, a terra que sou.

Foi seguindo aquilo que considerei ser a voz de meu coração que também fiz escolhas catastróficas, depois entendi que havia muito impulso e pouca consciência em algumas dessas escolhas, mas errar, desalinhar, cair, me confundir, foram bases importantes para alinhar, levantar, compreender e continuar a escutar com ainda mais propriedade a voz de meu coração, de mãos dadas com a racionalidade desenvolvida a favor do meu lindo coraçãozinho. Ainda que machucada e com o coração trincado, a terra continua a girar *com o seu grande poder*. Pela via da escuta, vem as curas que aprendi a receber através de cantos, canções que estão em minha memória afetiva e me trazem recados importantes. Sigo cantarolando: “O amor fez parte de tudo que nos guiou, na inocência cega, no risco das palavras, e até no risco da palavra amor”⁶³.

Uma Pomba-Gira durante um atendimento mediúnico me disse para eu acreditar que o meu coração foi restaurado por Oxum. Ela me disse: *Você tem agora um coração de ouro*. Essa

⁶³ *Caminhos de Sol*. Canção de Herman Torres / Salgado Maranhão, interpretada por Zizi Possi. Escute ;)

imagem criada por ela é muito linda, naquele instante vivi essa realidade dentro de mim. Eu juntei meu coração de ouro à lembrança da peça “KINTSUGI, 100 memórias” do Lume que assisti em São Paulo. O espetáculo começava com um jarro se partindo no meio do palco e este era **restaurado** durante o transcorrer da peça, onde **memórias iam sendo ressignificadas**. As cicatrizes, vistas nas partes coladas, foram sendo pintadas com uma tinta dourada.

Eu comecei essa pesquisa com um pé sarando e um coração partido. O coração partiu uma sequência de vezes. *A inocência cega...* Eu, filha de Vênus, de Oxum, Taurina de Amor, também precisei olhar para este lugar a que se chama amor, para crescer com ele. Existiam obsessões aí para serem escarafunchadas.

Uma mulher muito vistosa é o que você se torna por acreditar em si e se mover em direção ao que deseja apesar de muitos apesares que ninguém sequer cogita. Uma mulher temida é o que você se torna por afirmar a sua consciência e não aceitar um monte de coisa sem questionamento. Uma mulher forte é o que você se torna por compreender a importância do amor em sua vida e abrir espaço para ele. Uma mulher vulnerável é o que você se torna por ainda não ter consciência dos seus limites e deixar que, em nome do amor, de afetos suspeitos, escape de você posicionamentos que te impediriam de ser roubada em sua boa vontade e disponibilidade afetiva.

Quando você floresce, frutifica ou retorna, todos querem um pedaço de você. Até quem não merece se aproxima vestido de cordeiro. Seu amor também atrai verdade, compartilhamento, trocas sinceras. *Mas há no ser humano esse lugar denso, aproveitador e falso que, minha filha, é preciso você enxergar também.* Assim me disse a cigana.

Essa jornada de confiança, também foi uma jornada de quebras de confiança, e do aprendizado do que seria o chamado perdão, que para além de um conceito cristão, é um processo de compreensão que promove limpeza de cargas energéticas, memórias e ligações de dor. Nisso eu movi ali e aqui pra me limpar disso e daquilo, para compreender mais ao centro meus atos nesse processo e os valores que carregava em mim e deram espaço a esses eventos. Compreendendo também que as singularidades que eu vivia faziam parte de um quadro adoecido muito maior e já bem conhecido por mim, que influenciam relações das mais variadas formas: racismo, sexismo, cisheteropatriarcado.

Um relacionamento que tive acabou e retornou muitas vezes até findar definitivamente após Iemanjá limpar as águas profundas desse mar. Ali havia muita beleza, sim, mas contrastes, inclusive interracialis e influências que não queriam ser olhadas. Minha voz que questionava posturas e condicionamentos relacionais, dita com todo amor que tenho em meu coração, ao mesmo tempo provocava admiração e fuga, pois nem todo mundo está disposto a mergulhar profundo no mar aberto sincero e exposto do a.mar, e acham que racismo e patriarcado são apenas palavras e questionamentos sociais que não atravessam relação, inclusive a que se está vivendo.

Outro relacionamento trouxe na mesma proporção de disponibilidade e presença afetiva, controle e desconfiança como sombras, ferindo mais uma vez o tópico do real diálogo, da confiança. Oxum trouxe, Oxum levou. Iansã limpou, proporcionou uma nova oportunidade que se quebrou. Iemanjá fechou a porta.

Nas indas e vindas do mar de amar, outro ser se apresentou com típicas e repetidas ações de preferência branca, de ocultação e não posicionamento do relacionamento com a mulher que sou, sustentadas através de muitas desculpas, sem conversas francas, com meias palavras e enganações, que demorei a totalizar, cega pela lente do amor, o amor que era o meu sentir, e pelas diversas vezes que me posicionei sobre o que queria, sobre o que não queria, sobre o que fazia bem ou não a mim, e acreditei que estava sendo ouvida, nas diversas oportunidades que ofertei para que verdades pudessem ser dialogadas, pois eu tinha ouvidos de escutar, e consciência para dialogar. Iemanjá quebrou a corda da ilusão, levou tudo para o fundo do mar.

Iemanjá me mostrou meu coração de concha do mar por onde eu podia escutar, respirar, evocar saberes das águas, toda vez que a maré subisse em demasia, para não me afogar em mim mesma. No seguir de cuidar de mim, no seguir de cuidar de si mesma, nas florescências, muita gente aparece e reaparece.

A experiência de olhar meu coração, respirar com ele dançando na quietude do mar profundo, me trouxe até aqui. “O amor fez parte de tudo que nos guiou”. Nisso, me reconciliei com muita coisa dentro de mim. Folgando opressões, desejos raivosos ou imposições de apressada conciliação que me adoeciam, folgando silêncios que me sufocavam, folgando com a raiva direcionada a mim mesma por ter errado e passado por circunstâncias tão dolorosas. Me ofertando empatia, escuta, acolhimento e auto-perdão. Me recordando do meu poder de

eleição, me recordando das legítimas intenções que me fizeram decidir assim. Me coroando de permissão e retomando o poder para mim. Me amando por completo, plenamente, incondicionalmente, com todas as errâncias, esquisitices, más escolhas, motivações e cega inocência através das quais também agi.

Esse amor integral é a minha carta na manga, meu trunfo, é a minha grande liberdade, e a minha maior vingança, ser feliz. Traços de Oxum. Assim ouvi ser compartilhado por filhas de Oxum em uma casa de Umbanda e compreendi o porque esses mesmos modos de agir em mim. Que aprendeu a não esquecer completamente, para não repetir, nem lembrar demais, para poder cicatrizar. Que aprendeu a colocar a lembrança no lugar dela, um lugar de ensino, e não mais em um lugar de condicionamento oculto. Trazer leveza, me desamarrar, não esperar nada, inclusive um pedido de desculpa, de ninguém, para ficar bem, nem me obrigar a nada fora de meu tempo, inclusive a ouvir pedidos de desculpa que servem mais para limpar a consciência de quem agiu e omitiu que para propiciar verdadeiramente o bem de quem escuta.

Parar de aceitar ser uma colecionadora de pedidos de perdão desacompanhados de mudança de atitude reais na hora da prova. Entender que as coisas se passam em uma esfera maior que aquele nó. Jamais desejar o que você sabe que retornará negativamente a você. Rezar, entregar da forma mais compassiva a quem tem poder de julgar e corrigir, meu pai Xangô. Lançar olhar de águia. Aprendizado de analisar muuuuito bem, após a confiança partida, para perceber se aquela pessoa que errou aprendeu mesmo a lição, entendeu o que faz doer em você, antes de sair novamente abrindo o coração em atitude budista mal formulada. Aprendizado inclusive de *não dar mais qualquer chance* como um ato de amor, pois o corte também ensina. Chorar. Soltar. Rir. O mesmo lado que aquece também adormece e esquece. Na força centrípeta, arranco, alavanco, resplandeço. Aos giros em torno de mim, ancore, brinco, reconfio, restabeleço. Ao centro, na linha de força centrífuga, entrego, escuto, reconecto, revejo.

Continuo girando ao encontro de um centro, centro que começa dentro, na confiança de cada momento, centro que expande fora, no saber-se parte de um giro ainda maior... nos giros do mundo e da vida, no caminhar, estou a girar, sou gira, cruzo e atravesso, sou atravessada e verso como quem sente respeitosamente o movimento da própria terra e seus entes presentes em cada parte. Tenho plenitude de estar viva, e gratidão pela passagem em cada canto desta terra que me vitaliza e me conecta receptiva aos saberes expandidos do céu. Honro a terra,

honro o céu, sou comunhão e comunicação, e por isso giro, as vezes zarolha, as vezes mareio, tonteio, brinco nos desequilíbrios que são moveres e arquiteturas de novos equilíbrios... me equilíbrio no movimento, e é nele que afloro poesia, no encontro dos moveres que irradiam a voz dos deuses, a voz da vida. Sou um ser desta terra, sou uma forma de vida desta terra, reverencio sempre os portais espiralados por onde vem aquilo a que chamam de inspiração.

Sinuosamente, em Gira, deixando circular, sanguínea, pulso, cardíaca, dilatando minhas alíneas para especificar com expansão as regras, regas, condutas, escutas de meu sagrado coração.

Las Mariposas

Este texto nasceu em um 25 de novembro. O dia 25 de Novembro foi instituído como o Dia Internacional para Eliminação da Violência contra as Mulheres, em memória às irmãs Patria, María Teresa e Minerva Mirabal, conhecidas como Las Mariposas, ativistas na República Dominicana, assassinadas nesta data em 1960 por ordem do governante do país, Rafael Trujillo. Casos de feminicídio são diários por toda parte. E a violência tem muitas formas, física, sexual, emocional, psicológica, econômica ... E muitos disfarces, inclusive o disfarce do Amor... . Não confundir Amor com Amordaça. . Toda mulher algum dia foi alvo de algum tipo de agressão pois, aos olhos patriarcais/machistas, passou de provocante a provocadora, ao simplesmente sair do silêncio sistêmico e afirmar a sua voz nem sempre doce, passou também de sedutora à vagabunda, ao rejeitar investidas abusivas, ao expressar os seus desejos para além de limites pré-concebidos, ao declarar suas necessidades e vulnerabilidades, inclusive afetivas.

Desde o mais simples ato ciumento acompanhado de controle - às exigências de atenção que te fazem sempre se sentir insuficiente, e os descuidos ao seus estados emocionais, mas completamente atentos a sua libido sexual, tudo isso chamado de demonstração de amor - até o desvelo de uma atitude tóxica, leva o tempo de nossa fantasia romântica e nossa codependência emocional e energética acabarem seus efeitos ilusórios.

Infelizmente os homens, além de suas qualidades, representam, enquanto categoria humana, inúmeras ações de ódio expresso em atitudes micro e macro ao longo de uma também longa jornada histórica. Precisamos nos curar, sistemicamente, todes, pois o desrespeito ao feminino

também é sistêmico. E nos curar, senão pelo interesse pessoal de tornar-se uma pessoa melhor - questionando as origens de nossas ações, buscando aprender e agir diferente - então pela coercitividade legal, que ao menos atua estabelecendo limites.

Quando você olha para tudo aquilo que um dia foi chamado de amor e vê que te deixaram completamente atrapalhada, insegura, amedrontada, com sentimentos de incapacidade e energeticamente sugada, em alguma parte do caminho isso deixou de ser amor, ou nunca foi.

Enquanto parte de um coletivo, todo homem pode potencialmente vir a representar um agressor, seja por ações deliberadas que consideram corretas, seja em decorrência de um estado de desequilíbrio, podem recorrer ao socialmente aprendido ou vivenciado inclusive familiarmente como trauma: punir a mulher pelo que consideram transgressões.

A história deste país é marcada por estupros e abusos às mulheres, principalmente mulheres negras e indígenas, no principiar da construção de um Brasil que consumia nossos corpos como serviço e propriedade, e isso nos deixa um legado de reparação a ser aprendido, porque o corpo-coletivo tem e é feito de memória. O pensamento interseccional está: “na denúncia do estupro colonial da mulher negra, a opressão racial e de gênero fundadora da nação brasileira, estupro esse escondido pela historiografia hegemônica, bem como a mentirosa sororidade das feministas brancas, tão opressoras quanto seus patriarcas na sociedade escravocrata”. (Akotirene, 2019, P. 58)

O dia 25 de Novembro também se localiza como um dia contra a violência a todas as mulheres, e como Novembro Negro, como continuidade de um pensar interseccional, uma reflexão sobre as violências à Mulher Negra, também à Mulher Indígena e todas consideradas não centrais, que em diversas ocasiões são oneradas com a exigência sobre sua capacidade de "aguentarem tudo caladas".

Honro a memória de toda a minha linhagem familiar feminina que sofreu violências e abusos através da história, inclusive no âmbito afetivo, e curo uma e outra vez essas memórias e presenças abusivas permanecendo Consciente desses atravessamentos nas relações, micro e macro, na esperança de que dia após dia nos impliquemos na cura das violências que sofremos, que aprendemos e que transmitimos, para que elas encerrem seus ciclos de dor, de

afetividades baseadas em competição, castração e opressão, para que haja reparação e assim perdão, e para que, sobretudo, se manifeste na transmissão de nossas gerações inteiramente a totalidade e a completude do Amar sem tantas tramas, dramas e duras complexidades.

4.2.6 Escritas sob o voo de uma coruja

As Ìyamís Osorongá são deusas que vem a ensinar sobre a natureza de ser e estar no mundo. Eu tenho dores específicas de cores específicas de saberes imaginários e construídos de modos artificiais, mas o padrão verbal não revelará a minha fala nem o tecido que reveste a minha vida. Não serão as fiandeiras do destino encobertas de objetos reluzentes, mas o entrecruzamento das formas que assumo a respeitar. Elas são o ilícito. O corpo meu que vai no mundo está interditado, e jamais aceitarei o fardo de não ser. Busco a forma, busco a palavra disforme. Busco o encontro do que não se serviria no jantar das boas formas. A incidência da coesão revela uma necessidade da tradução. Eu, que sou mundo simbólico, que grito milhares de formas de opressão e obsessões... não importa... Obsessão é também a carga que o peito frequenta em seu caminhar. Não importa que eu goste da flor, não importa que eu cante o mar, está sendo dito que o pensamento precisa ter lógica, todo o tempo. Então a terra me produz um pensamento desconexo do nexo de frases partidas ditas bem-feitas por uma repetição também simbólica. **A qual mundo você está acostumada a se iludir?** Vou cantando meus pesos e reviramentos tímidos, falando de incômodos desacomodados a acomodar, falo de coluna, falo de pélvis, falo de pássaro, falo de um mundo que nos tirou, da fala que não pode ser escrita, dos saberes aportados do chão, do escuro, do toque, da mão, das curas dos pássaros que nos observam enquanto observamos a dor, enquanto fingimos não haver tempo, não haver vida, não haver morte.

CAPÍTULO 5 GIRA MENINA: QUE EMPODERAMENTO É ESSE?

Figura 75, Ilustração do Poema *Alma Feminina* da autora.



Imagem pela autora.

Caminha seu Caminhar

Há um grupo de mulheres ao redor do mundo tecendo fios de um *novo* sentir. Tão *novo* quanto o Tempo. Este tecido fala de vozes relembradas de um passado, que de passado nome apenas tem e nos mantém em conjunto no sim do agora. Essas mulheres sentem. Sentem o chamado. Esquisitas, aluadas, fora da casinha, lobas, bruxas, fadas, anciãs, rocking brejo haribô, bichas grilas, auxiliar de serviços gerais, parteiras, viajantes do planeta... as mulheres sentem um tipo de queda, um tipo de ascensão, sentem vazios e preenchimentos, passam a ver

através de um pulso sanguíneo vindo de mirações, tudo isso no simples, tudo isso no simples fato cotidiano para algumas, tudo isso no fato mais abismal para outras, já que somos tantas, de pueblos, comunidades, quebradas, janelas de arranha céus, tendas, horizontes... entre nós ... há um mistério anunciado de união.

Como processos vitais que somos, questionamos também, alheias ou não ao descompasso de ritmos internos com um fazer exterior e social perguntamos, após o ódio, após a dor, após opressões e opressões, como seguir senão pela senda da liberdade, do amor, da confiança? Sensíveis elementos que nos guiam para diluir a doença da competitividade, da escassez, de uma estima construída a base de bagagens muitos pesadas, de provas bastante absurdas, de supressões nomeadas de superações, de culpas e mais culpas, do suportar, de usos irrestritos de nós mesmas para fins de sustentação de violências nas quais não acreditamos e adoecemos ... o corpo dá sinais, a face dá sinais de congelamento, desde o centro, pélvis, vulva, pés, olho além do olho que olha mil vezes do centro mítico e marítimo, da base neural feita de anunciações. A gente quer curar, a gente quer amor.

Cistos, poli cistos, câncer disso e daquilo, miomas, cesarianas, cortes, hormônios ... corpos recortados, corpos herdados de convulsões, de pressa, para o quê mesmo? Qual urgência me cabe, me move, me faz? Qual marca escolho para cicatrizar e tatuar o meu tecido? Há loucuras maiores que a esquerda e que a direita, há loucuras mais centrais e expandidas, há loucuras transversais. Então instaura-se uma dança que é soma de afeto e energia, que é soma de sol e de lua, que é soma de pássaro e vento, que é soma de terra e lamento, que é soma divina vindo do centro da terra e de suas esferas múltiplas, soma de pele e água, soma de raiz e asa, somas de corpos celestes e corpo de folha, soma de cheiros, aguçamentos, ervas que falam, liquefação do todo, portais portais e portais, diálogos com o infinito, com as gentes, com as multiplicidades, diálogo com os arredores, com o encanto, com o conhecimento, a fonte nascedoura do viver.

Eis que um mundo se abre em magia, decodificado pelo sim à aproximação, à multiplicação de uma batida que nos faz mover para além do medo, para além do racional, para além do conhecido habitual, pitadas sutis de vivificação, de contemplação com a natureza, com a criação. Somos útero. Mesmo que o tenhamos retirado, mesmo que sejamos trans, mesmo que sejamos pai, somos útero do princípio ao fim. E sangramos na terra para nos lembrar que o sangue derramado pode ser menstruação, para cultivar, nutrir a terra que nos dá sustento,

chão, alimento, guarida, caminhos, beleza, energia ... e bebemos nosso sangue para nos lembrar que não há pecado, não há morte real, não há nojo, não há cisão.^{64 65}

Aqui comento sobre práticas holísticas de cuidado e sanção da aversão ao sangue menstrual pelas mulheres, e de outros problemas advindos do rechaço e desconhecimento sobre a importância e significado de nossos próprios fluidos para além do viés da medicina tradicional. Práticas como “plantar a Lua” ou seja, coletar o sangue menstrual e devolvê-lo ao corpo da terra, o chão, bem como produzir tinturas e florais a partir do sangue menstrual, e mesmo bebê-lo, tal qual algumas terapias realizadas com a urina, bem como pintar com o sangue menstrual, como um contato íntimo com nossas emoções e mensagens do inconsciente, fazem parte de uma série de práticas manejadas por mulheres que têm revivido, reavivado e multiplicado saberes de autocuidado e modos de vida antigos e atuais provenientes de diversas culturas pelo viés do feminino sagrado, ao que chamo atenção para os saberes das culturas indígenas e africanas diretamente ligadas a conhecimentos da natureza e a valores comunitários. Muitos saberes sobre autocuidado feminino também são transmitidos hoje através da Ginecologia Natural. Conheci e passei a fazer uso de algumas destas práticas e terapêuticas intuitivamente e durante estudos do mestrado, assim como conheci outras práticas através de amigas e contatos com parteiras e doulas do Vale do Capão (Chapada Diamantina, Bahia), tendo dado continuidade e buscado me aprofundar nestas práticas durante o doutorado, restaurando comportamentos de saúde sempre que sentia estar em descompasso com meu equilíbrio e auto-cuidado.

Muitas discussões podem ser abertas nesse contexto, inclusive sobre vozes que, de um lado, contestam estas práticas como “rudimentares” e “loucura”, como na caça às bruxas, como no genocídio colonial e a insistência do epistemicídio, bem como outras vozes que trazem a discussão sobre o elitismo no qual o modo de veiculação e apropriação do que seria o

⁶⁴ <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/plantar-a-lua-entenda-o-ritual-feminista-com-sangue-menstrual/>

⁶⁵ [HTTP://ATARDE.UOL.COM.BR/MUITO/NOTICIAS/1866946-SAGRADO-FEMININO-CONVIDA-MULHERES-A-SE-RECONNECTAREM-COM-A-ANCESTRALIDADE](http://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1866946-sagrado-feminino-convida-mulheres-a-se-reconnectarem-com-a-ancestralidade)

feminino sagrado passou a representar. Todas estas discussões convivem. Importa para mim neste instante que escrevo reafirmar o reconhecimento do sagrado feminino também como uma rede de partilhas de saberes, modos de cura e de cuidado, apoio e poderes entre mulheres em comunhão com a natureza, em prol delas mesmas, da harmonia comunitária em que estamos inseridas mais diretamente e da harmonia comunitária global, que é o ser e estar coabitando o mundo de modo saudável, promovendo práticas de cuidado, integração, bem-estar e bem-viver.

As Marchas das Mulheres Negras e as Marchas das Mulheres Indígenas posicionam como fundamentos de bem-viver as fontes que passam pelo cuidado, resguardo e proteção de nossos saberes, ancestralidade e corpos-território-espírito, completamente vinculados ao resguardo e cultivo da natureza e ambientes que nos compõe. Espraíam em corpo-coletivo e público, na rua e a céu aberto, registrando em marcha reivindicações de existências plurais através do protagonismo em questões históricas que atravessam milhares de vidas em solo brasileiro, propondo caminhos, atuações e atualizações políticas para o bem-viver.

MARCHA CONTRA O RACISMO, A VIOLÊNCIA E PELO BEM VIVER DOCUMENTO ANALÍTICO E DECLARAÇÃO

BRASÍLIA NOVEMBRO/2015

EM NOME DE NOSSAS ANCESTRAIS, MARCHAMOS

Nós, mulheres negras do Brasil, irmanadas com as mulheres do mundo afetadas pelo racismo, sexismo, lesbofobia, transfobia e outras formas de discriminação, estamos em marcha inspiradas em nossa ancestralidade que nos fez portadoras de um legado capaz de ofertar concepções que inspirem a construção e consolidação de um novo pacto civilizatório. Buscamos fundamentos em paradigmas que se orientam por outra gramática política, responsável por uma reordenação sociorracial equilibrada, capaz de acolher saberes, práticas e experiências até então ignorados pelas dominantes configurações do político. Não temos dúvida de que a adoção desse paradigma instaura, a uma só vez, a reconstrução de utopias onde as diferenças são compreendidas como um valor humano. (...) ⁶⁶

Marcha das Mulheres Indígenas:
“Território: nosso corpo, nosso espírito”

⁶⁶ Documento completo disponível em: <http://fopir.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Carta-das-Mulheres-Negras-2015.pdf> . Acesso em 22 de Abril de 2020

Brasília – DF, 09 a 14 de agosto 2019
Se fere a nossa existência, seremos resistência

Nós, 2.000 mulheres de mais de 100 diferentes Povos Indígenas, representando todas as regiões do Brasil, reunidas em Brasília (DF), no período de 10 a 14 de agosto de 2019, concebemos coletivamente esse grande encontro marcado pela realização do nosso 1º Fórum e 1ª Marcha das Mulheres Indígenas, queremos dizer ao mundo que estamos em permanente processo de luta em defesa do “Território: nosso corpo, nosso espírito”. E para que nossas vozes ecoem em todo o mundo, reafirmamos nossas manifestações. Enquanto mulheres, lideranças e guerreiras, geradoras e protetoras da vida, iremos nos posicionar e lutar contra as questões e as violações que afrontam nossos corpos, nossos espíritos, nossos territórios. Difundindo nossas sementes, nossos rituais, nossa língua, nós iremos garantir a nossa existência. (...) ⁶⁷

Uma a uma, no despertar das conexões que não apenas são pertinentes, mas completamente fundamentais ao nosso existir, vamos tecendo elos na ampliação dessas redes de mulheres semeadoras de consciências, por meio das mais variadas atuações existenciais com as quais estamos imbuídas. Encantadas, feiticeiras, bruxas, macumbeiras, curandeiras, trabalhadoras, criativas... lideranças, protetoras e promotoras de saberes afetivos e ancestrais da terra em suas vidas diárias e por seu próprio existir. Estamos em rito coletivo, sustentando propostas de ações no mundo para uma vida plena.

É preciso romper com esse padrão de desenvolvimento que nega, inclusive, a existência de significativa parcela da população mundial, composta majoritariamente por nós, mulheres negras, singulares em nossa constituição e trajetória.

Somos meninas, adolescentes, jovens, adultas, idosas, heterossexuais, lésbicas, transexuais, transgêneros, quilombolas, rurais, mulheres negras das florestas e das águas, moradoras das favelas, dos bairros periféricos, das palafitas, sem teto, em situação de rua.

Somos trabalhadoras domésticas, prostitutas/profissionais do sexo, artistas, profissionais liberais, trabalhadoras rurais, extrativistas do campo e da floresta, marisqueiras, pescadoras, ribeirinhas, empreendedoras, culinárias, intelectuais, artesãs, catadoras de materiais recicláveis, yalorixás, pastoras, agentes de pastorais, estudantes, comunicadoras, ativistas, parlamentares, professoras, gestoras e muitas mais. (...)

Do Bem Viver emerge um novo código sociopolítico em que a justiça, a equidade, a solidariedade, o bem-estar são valores inegociáveis consolidados pelas múltiplas vozes que coabitam o planeta e que devem decidir conjuntamente os destinos da sociedade

⁶⁷ Documento completo disponível em: <https://ispn.org.br/site/wp-content/uploads/2019/08/DOCUMENTO-FINAL-MARCHA-2019.pdf> . Acesso em 27 de Abril de 2020

Nos sobrelevando a condicionamentos aportados por opressões raciais e de gênero, intencionamos novas agências/performances de existir que conservem nossa exuberância existencial apesar dos atravessamentos marcadamente supressivos, intencionando ainda o reconhecimento do outro lado interseccional dos atravessamentos raciais e de gênero que diz de toda a beleza, soberania, sensibilidade, valor, riqueza, fertilidade, criatividade, inteligência... toda uma sagrada humanidade e expressividade inerentes a uma mulher de cor e nela encarnadas como expressivo dna das primeiras mulheres geradoras da vida, a força das mães primordiais em nós.

Somos bruxas, pois conhecemos de imaginação e tecemos conexões entre coisas aparentemente banais, e criamos mundos, inauguramos destinos, sonhamos além do medido, estamos de posse de uma paciência de quem é capaz de gestar, de observar, de nos diluirmos, permeáveis ao mundo, coroadas pelo invisível, nomeadas sacerdotisas cuidadoras do saber, da inocência, do poder da impermanência e da sustentação, dos rios que correm por dentro e por fora entre nós.

Estas anunciações pairam no ar com o vento, estão na chama que fazemos nascer e renascer e manter-se acesa toda vez que precisamos de galope, de embalo, de instar o movimento, de consagrar a mensagem, de aquecer a confiança. Estão em todos os elementos, nos mistérios infinitos, em simplicidades profundas. E eu caminho até o pôr do sol, eu caminho até o rio. Recoelho folhas secas. Encosto a cabeça no chão, peço licença, peço benção, sou oração, o poder organizador das palavras, criação.

Partindo de um corpo cansado e de inquietudes a dança vem amparar. E o corpo celebrativo vem reforçar o bem feito, as passagens dadas, os atravessamentos das almas, as energias dos elementos. Se você quer entrar numa Gira, peça licença antes. Depois deixa seu pensamento se derramar pros lados de lá de longe, limpando na foz que é fonte do centro do giramento. Siga os fluxos e os influxos que é pra anotar por onde se move o Tempo. Gira que Gira tempo. Passado, presente e futuro, um só tempo. A Gira é Temporalidade, é religare dos tempos que a gente finge que parte.

Olha bem, deixa que a Gira te Gira, feito as saias das Iyabás. Deixa que o que precisar vir te leve pra alcançar o desvelar. Reconhecerás outros pés, outras caminhadas, amplificarás teu corpo como um globo estrelar de seis pontas. Ouvirás os sons do contínuo tinir da história

contada com você, para frente e para traz, para todos os sentidos, para todas as direções. Agirás por Manifesto de uma Natureza Sagrada, conduzida pelos acess(or)amentos que seu Orí te faz.

É sagrada, é divina, é vida aportando marés, é o todo espelhado em símbolos de ricas sabedorias. Há de então que perceber quem te cuida desde moça, o que podes vir a ser no chacoalhar da devoção, naturalmente interligada, naturalmente entrelaçada, naturalmente partindo do centro de uma cabaça, recontando os anéis por onde os deuses vieram vestidos das imensas formas te habitar em forma de luz, em forma de energia, em forma de magia, em forma de irrigação e de plantio.

Entenderás a voz dos pássaros, criarás asas dentro de contextos reais, distinguirás o pântano e te sentirás sendo seguida por pássaros da noite, verás as formas se diluindo em texturas rarefeitas, teu ser, corpo e completude, dia e mais permeável, aceitando a criação. Verás a si mesmo através das voltas do tempo, sentada a conversar com uma velha que sobe em árvores e te lembrarás que é criança e que de criança se faz e perceberás que todos os seus trajetos são um só e que é na dança da lama com as cores efun, ossun, waji⁶⁸ – que voltarás outra vez a Retornar. Com as Ìyamís.

5.1 Prática, Movimentos e Ambiências: Experimentação e negociação de presenças em um espaço-tempo de liberdade

⁶⁸ Glossário

Figura 76, Foster Park, Londres 2020.

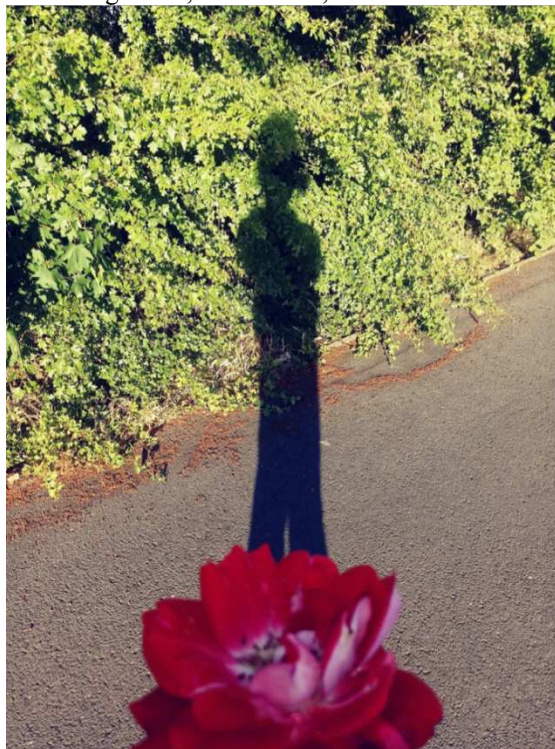


Imagem pela autora.

Os maiores movimentos da pesquisa se deram por formas delicadas, quando não era preciso provar nada, **apenas respirar**. E respirei na beira do lago, e respirei no caminhar de lá pra cá, e respirei entre as árvores e entre as flores, e sentei na terra, e pedi benção e pisei no chão com os pés descalços e senti que a natureza me via, me acolhia, me amava, andava comigo de lá pra cá. E dancei no bosque todas as vezes que não sabia o que fazer. Com meu tecido vermelho pedi licença a Iroko, me enrolei em seu tronco, sangrei de choro, sangrei plantando a miha lua, e renasci.

Eu tenho buscado por esperança, por coração, por confiança, por união, por afetos saudáveis. Tenho buscado um teatro em que caiba o cuidado, a integração, a liberdade, a expansão de consciência para outras realidades possíveis através de seus processos e não só por meio dos temas de seus produtos artísticos. Tenho buscado a mim mesma nisso tudo, porque algo também me busca nisso tudo e me faz caminhar, compartilhar, me faz ter fé na linguagem artística.

Ainda é difícil separar os termos. Eu acordo, faço jejum, pratico yoga, resolvo o dia-a-dia, negocio de diversos modos o fluxo de ir existindo, componho vozes e presenças no rio social. Tudo para mim é parte da pesquisa. Como escrevo tem a ver como estou, as escolhas que sou

capaz de fazer com o que estou sendo. Assim como a prática tece saberes em espaços que estão reservados para ela e para além destes espaços, a pesquisadora habita um campo prático, a vida. Busco por uma prática total de potência, movida pela tolerância, dia-a-dia, coragem, entrega, paciência, contemplação, amor, dia-a-dia, de conexão com um mundo expandido, um mundo desiludido, mas encantado, que, mesmo que inventado, me acorde para outras formas de visão. Vou aprendendo.

Nas práticas que reservei diretamente para a pesquisa percebi simplicidades profundas. Assim como nas práticas vividas de outras pesquisas. Sobrepor-nos às ansiedades esculpidas em nós quanto a atravessar o desconhecido. Este se tornou para mim um ponto chave. Já que pesquisar não é caminhar com certezas, a atitude de desenvolver a sua sacola mágica onde estejam colocados elementos selecionados para nos tornar capazes de, ao mesmo tempo, nos fazer sentir ancorados em saberes e permeáveis ao desmanche, à revelação, compõe uma dimensão fundamental do escoamento deste algo que quer nascer através de nós, ou, pensando por outro modo, da notação de rastros luminosos que vão nos acendendo a clarividência sobre o que estamos criando e trans-formando.

A prática é campo de produção do saber. E fico me perguntando sobre leveza, sobre a composição do campo teórico, sobre o afogamento da prática e das textualidades que podem surgir daí pela sobreposição de dinâmicas metodológicas que herdamos e do uso que ainda fazemos delas. A prática, mais que tudo, precisa ser este lugar de liberdade, onde vá a pesquisadora, imbuída de seu compromisso com a mudança, com o deslocamento, experimentar. Eis o aprendizado constante, **negociar presenças num espaço-tempo de liberdade**.

O invisível, O indizível... somos poetas de um povir que nem mesmo se anunciou tão de beira estamos de nos sentir parte. Não quero ser totalizante, mas beijar o chão, saber a erva certa e colher fruta no pé é para poucos, assim como andar nos vagões do subsolo, fumar cigarro de filtro alaranjado, e tomar café de manhã, de tarde e de noite. Eu penso como é isso de ser corpo de metrópole e não sucumbir? O Ibirapuera está cheio nos fins de semana. O litoral será cercado tendo Sol. Dinâmicas de purificação. Tem mistérios que são mínimos, diz de atitude. Então eu, que me movo pela cidade, penso em fontes de energização, principalmente através da natureza, busco-as, e isso faz parte de minha prática de ir sendo e conduzindo com saúde o que tem de ser feito.

Posso estar tecendo um teatro ambiental. O que isso diz para mim? Primeiro, o que teatro diz para mim? Gosto de falar teatro, mesmo que quando fale nele estejam a dança, a performance, a música, a tela ... porque teatro é o morto renascido, aquele que falece sem parar e renasce a cada vez que experimentamos contar de novo, comunicar comunicações. Talvez o que eu queira reviver é esta forma de comunicação de pertencimento, não para exhibir, mas para sentirmos juntos, pulsarmos juntos magias da terra. Celebrando o instante Vida.

O termo ambiental também pode não ser o melhor para falar de um organismo vital e misterioso, e das dimensões múltiplas que nos alcança. Mas meu foco é na mulher e na esperança. E em toda expressão do feminino que seja transgressor, e revele vida. Eu penso que as Ìyamís me salvaram de muitos enganos. Que posso reaprender belezas, simplicidades, profundidades e magias de ser e estar no mundo concreto e imaterial. Que posso aprender a desvelar condições de ser artista e de servir a este algo maior que é a comunicação de mundos possíveis mediados pela abertura à integração.

Volto ao pequeno, ao simples. O simples é o grão que em si já é potencialmente o pau-brasil. O simples é o gesto em atitude de semeadura. O simples são as mãos que decidem por renovar os fios da baia da saia e cuidar das vestes que compõe o cortejo. O simples é também o suor que permitimos despender por um delírio nosso ou de outros. O simples são porções de vida.

O simples também pode ser a peregrinação, 5 horas para ir até o litoral, 5 horas para voltar, Terreiro Odudúa em Mongaguá-SP, e no intervalo entre a ida e a vinda, a escuta, o mar, o axé, o templo, a dança, os orixás, os encontros, o desenvolvimento de habilidades afetivas, as oferendas beirando toda a estrada do litoral com antes nunca eu tinha visto. Frases, olhares, objetos, intenções de encontro subjetivo, de sentido existencial, pulsões de fé, saberes, respeito, amorosidade, abertura a curas, de pensamento, de atitudes, devoção ... tudo pairando no ar, junto ao cheiro de dendê, junto às crianças reunindo muitos doces dos ibejis e fazendo girar brincadeiras repetidamente sem perder a graça. Que corpo era o meu ali? O simples é deixar-se ir pela dança da suspensão do julgamento. Poderia ser realmente simples apenas viver a experiência.

Na escrita tentamos reinaugurar uma experiência. Descrever seria pouco. Encontrar o rio por onde escoam as palavras fundantes é uma nova experiência artística que envolve ritmo, pulso, impulsos, memória, trajetória, risco.

Me provoço a refletir com tudo isso, com todas as heranças que me compõe, com as externalidades que estão ainda influenciando e formando meu pensamento, com a crítica e a autocrítica sobre legitimidade, sobre construção do conhecimento, e vou escolhendo novamente, renovando o que carregar como talismã, quais atitudes, pensamentos, valores, sentimentos, informam meu movimento, quais os limites que tenho encontrado, o que preciso reforçar, aperfeiçoar e corrigir. A pesquisa cresce na medida que eu mesma cresço.

E dançar, sem concluir, espiralando, girando, engolindo a calda oroboro, na travessia através desta outra forma de ver, sentir, contar, simbolizar, criar e dimensionar a vida a partir de uma cabaça, do voo de pássaro, dos ensinamentos da natureza, da escuta da terra...

5.2 Abrindo a Gira: Afetos. Experiências de Se Abrir, Ser Sobretudo Livre

Figura 77, Gira, CCBM – CDMX, 2018.



69

Foto por Laiana Vieira.

Mojubá, Laroyê!

⁶⁹ Gira no Centro Cultural do Brasil no México, CDMX, 2018. Ao Centro Cabaça: símbolo da Criação e das Ìyamís Osorongá

Na continuidade do que começou muito antes, vamos falar de Gira, assim falando de Liberdade. Atender ao chamado da Gira significou afirmar o direito à liberdade. É seguir afirmando a minha dimensão de corpa negra livre nos vários encruzes e conexões.

A Gira é festejo e meio Ritual ofertado aos orixás e entidades como Pomba-giras, Caboclas e Caboclos, Pretas e Pretos velhos. Tenho vivenciado enquanto performance-ritual e poética, e também em espaços religiosos, experiências de Giras para as Iabás - orixás femininas, também representantes das Ìyamís, princípio criador feminino - abrindo as Giras saudando também a entidade das Pomba-Giras, que corporificam a abertura ritualística com sua graça, formosura, força e alegria de viver.

Sozinha e também coletivamente venho propondo conexões com este campo do sagrado, espaço-tempo de mobilização e fluência de outros sensíveis e outros mundos possíveis, através delas, das Giras, que se realiza enquanto ato ritualístico de movimento circular, no qual através de cantos, da dança e outros estímulos rituais são evocadas energias de determinadas entidades. Através das Giras tenho recebido Cantos, Chamadas, Corporeidades e também ressignificado o que nomeiei de Obsessões: Do Âmbito Pessoal, como memórias e fantasmas de histórias vividas; e Do Âmbito Coletivo-social, inscritas também em minhas vivências: questões relacionadas à mágoas, marcas e opressões vindas dos meandros do preconceito racial e de gênero sobre as quais venho expressando no corpo desta tese.

Abrir e fechar uma Gira para as Iabás é possibilitar um momento de encontro com as potencialidades destas energias transformadoras das águas, do barro, dos ventos e o amplo universo expresso nas Iabás, potencializando a expansão de nossos corpos, imaginário e presenças para percepções dilatas, permitindo a dissolução de bloqueios energéticos, expressivos, através dos cantos de tradição, de cantos que tenho criado nestas Giras, e cantos evocados por quem participa, e da dança livre, fluida, de manifestação pessoal e ancestral de cada corpo em atitude ritual (qualidade de atenção e intenção).

Essas experiências de Giras, as vezes realizada sozinha, outras entre colegas das artes, outras entre pessoas diversas de culturas diversas como na Cidade do México (México) e em Luanda(Angola), as vezes apenas entre mulheres, outras entre gêneros plurais, como também fazendo parte de festivais e suas Giras nos espaços sagrados dos terreiros, me fizeram trazer da prática pontos sobre a performance ritual e o meu lugar como condutora – performer –

partícipe, e os estados de presença que acesso e assumo, bem como meios e modos de estar envolvida e envolver os participantes nas Giras e as intenções latentes nas Giras que conduzo.

Figura 78, Gira no Centro Cultural do Brasil no México, CDMX, 2018.



Foto por Laiana Vieira.

Essas intenções vão desde partilhar símbolos, energias e corporalidades da cultura afro-brasileira, bem como valores aí envolvidos, como a conexão com a natureza, até o resgate da vitalidade dos envolvidos através da manifestação em comunhão da dança, da música e da liberdade de seus corpos que dançam e encontram respostas expressivas para questões do dia-a-dia e também atemporais. Neste sentido, assim como nos terreiros os festejos aos orixás tem como intenção, além de louvar os orixás e as entidades, ascender o Axé (energia, força sagrada) dos filhos e filhas da casa, de todos aqueles que buscam participar do festejo, oferecendo paz, força de vontade e respostas, e para além, ascender boas energias ao mundo. Palavras que ouvi de Baba King nas palestras que conduz antes dos festejos no Oduduwa, Templo dos Orixás.

Aqui compartilharei um pouco sobre estas experiências que foram sendo organizadas e compreendidas à medida que foram sendo vivenciadas. Então, embora não seja o foco do trabalho, reconheço um potencial pedagógico também nas Giras para as Iabás, e carrego uma bagagem de experiências na quais elas figuraram como “aquilo que precisava ocorrer” durante encontros e vivências, que foram em seus âmagos experiências atravessadas pela performance-ritual da Gira. Agregado a estas experiências, importa também a mim a narrativa dos trajetos e dos encontros em diferentes espaços, que também têm me formado e corporificado entendimentos e saberes.

Figura 79, Gira no Centro Cultural do Brasil no México, CDMX, 2018.



Foto por Laiana Vieira.

Na Cidade do México realizei vivências no Centro Cultural Brasil México, uma apenas com mulheres, bem íntima e uterina, e outra na qual estiveram também homens. E também uma *Gira “mais espetacular”* no Centro del Imagen durante a exposição *Afromericanos*, na qual estiveram homens e mulheres de faixas etárias diversas. As palavras que posso utilizar para traduzir as experiências são reconexão e expansão. A arte nos une e nos eleva. Adentro o espaço cênico com as Ìyamís, conectada ao meu tempo de vida, com os pés no chão, e o coração aberto. É assim que vou até ao outro e deixo que ele venha até mim, como entidade, como sabedoria existencial, como partes e partícipes deste grande mistério que é a vida. Num dos dispositivos propostos me marcou que após fazerem suas danças os participantes se apresentavam como Estrela, Lua, Universo, Alegria, Vida, Arco-íris, Amor ...

Uma forte característica das performances afro-americanas, em geral, é justamente a via dupla entre o jogo (a brincadeira) e o ritual. Aspectos comumente tidos como opostos nas religiões ocidentais, encontram nas chamadas celebrações tradicionais afro-americanas um campo fértil de distensão e reencontro com as forças da natureza, essas também, simultaneamente, ordenadas e caóticas. (Ligiéro, 2017, P.4)

Figuras 80 e 81, abaixo, Gira no Centro Cultural do Brasil no México, CDMX, 2018.



80



81

Imagens 80 e 81, acima, por Laiana Vieira.

As Giras, que têm o círculo e o movimento em círculo como um de seus fundamentos, são como chaves de acesso ou portais a dimensões do inconsciente e seu caráter simbólico, são espaços de integração à consciência destas dimensões através dos sentidos e percepções abertos pela música, pelo movimento, pelo entorno e todos os estímulos rituais, o que inclui a fé, que tanto pode ser a fé religiosa dirigida a um determinado orixá ou entidade, como também a fé traduzida na confiança e entrega de quem participa a algum desejo de transformação e celebração que ali pode ser proporcionado. Jung chama essa força de “arquetipo do milagre”. Assim tive relatos de pessoas das artes cênicas que se consideram ateias e que como devolutiva me trouxeram a potência do encontro pela abertura com a qual se entregaram a celebração da Gira, bem como a beleza e a liberdade ali expressas através

das músicas, dos elementos constitutivos deste “cenário” (cabaça, velas, tecidos...), da minha condução e das poesias e palavras utilizadas.

Figuras 82 e 83, abaixo, Elementos Poéticos-Rituais: Gira CCBM, CDMX, 2018.



82



83

Imagens 82 e 83, acima, por Laiana Vieira.

Figuras 84 e 85, abaixo, Elementos Poéticos-Rituais: Gira no Centro Cultural do Brasil em Angola, 2019.



84



85

Imagens por Deisiane Barbosa.

Na Gira no Centro del Imagen (Cidade do México) durante a exposição *Afromericanos*, como comentei acima, experimentei uma maior espetacularidade de apresentação, inclusive esta intervenção foi publicizada como “*Uma Performance-ritual coletiva em reverência ao Culto Às Mães, às Ìyamís, representação do feminino ancestral na religiosidade afro-brasileira*” e estava fora de um contexto de sala de ensaio e de vivência/*taller*.

Figuras 86, 87, 88, 89, abaixo, **Gira**, Centro del Imagen, Exposição Amefricanos, CDMX, 2018.



Foto: Leslie Calvo. Archivo Centro de la Imagen 86



87



88



89

Imagens 86, 87, 88 e 89, acima, por *Centro del Imagen*.

Figura 90, preparação do altar e momentos iniciais de diálogo da Gira, Centro del Imagen, CDM, 2018.



Imagem por *Centro del Imagen*.

Figuras 91 e 92, Gira, Pátio, Centro del Imagen, CDMX, 2018.



Imagens por Mirella Ferreira.

Havia mais de 30 pessoas presentes. Pude experimentar outro espaço, experimentar iluminação, composição de cenário, que consistiu basicamente no altar e em projeções de imagens das Iabás pintadas por mim, e também figurino com muito improviso, mas isso foi suficiente para criar uma atmosfera propícia. As fitas penduradas no barracão do Terreiro do Gantois (Salvador-BA) me inspiraram a costurar uma vestimenta com cortes como fitas que sobrepujam ao vestido. Eu havia ficado encantada com elas quando estive no terreiro, e as flores

nos cabelos eram homenagem a cada uma das Iabás, assim como os recipientes de louça em forma de flor onde oferecendo mimos e elementos a cada uma, mas também era um ser estar florida naquela terra mexicana marcada pelo referencial de Frida Kahlo e suas vestimentas de tradição, dando continuidade e sustentando o caminho de flores e florescimentos tão fundamental em todo processo desta pesquisa. A flor é oferta, metáfora, experiência e ente fundamental ao fluxo de meus caminhos com as Iabás, no entendimento da força do florescer, exuberante, fecunda, bela, necessária força da delicadeza de ser e estar no mundo.

Nestas performances tradicionais ou criadas por artistas contemporâneos, como vamos analisar em seguida, o quarteto cantar/dançar/batucar/contar, se une em um inseparável todo para suspender o tempo cronológico e adentrar num ciclo mítico, transcendental, estabelecido pelo performer na presença dos espectadores, na maioria das vezes invocando ou incorporando as forças da natureza. Estas motrizes são conhecidas pelos mestres, sacerdotes ou xamãs como o próprio fundamento da tradição, seja ela ameríndia ou africana. Nota-se, ainda, que muitos outros elementos podem ser adicionados de acordo com os contextos onde a cena acontece e, neste caso, podendo se transformar e se transvestir absorvendo distintos figurinos, objetos e adereços do mundo contemporâneo sem, contudo, perder sua identidade original. (Ligiéro, 2017, P.2)

Figura 93, Barracão Terreiro do Gantois, finalização de uma mesa com a Feminária Musical em partilhas acadêmicas sobre arte e gênero no III ENNA (Encontro Novembro Negro nas Artes).



Imagem, autoria do evento, III ENNA.

A paixão pelas fitas e a força de convocação poética que elas têm sobre mim continuou a acontecer em outros espaços sagrados, como o Templo Cigano TETHO, que passei a frequentar em Salvador-BA. Evocam em mim principalmente muita alegria, como também as

sinto como firmezas de proteção sobre nós. As fitas dançam e cantam, ao sabor e comunicação dos ventos...

A performance coletiva no Centro del Imagen foi mais um momento de perceber como dar início a ação, meu estado de presença, os meios para integrar as pessoas na proposta, de transmitir saberes e convocar a aparição deles a partir e entre todos os envolvidos.

Esta performance-ritual levou em média 1 hora. Teve início para mim em um pátio, onde girei por entre as palavras de origem africana penduradas em grandes colunas de cartazes, abará, dendê, macumbeiro, dengo e outras muito conhecidas por mim, palavras usuais na Bahia.

Depois entrei no salão onde aconteceria a performance-coletiva, e comecei com a montagem do altar enquanto todos observavam meus movimentos. Dei continuidade através de um momento de partilha sobre as cosmogonias das Ìyamís e das Iabás, seguida de um '*preparo*' físico e vocal de relaxamento, alinhamento energético e afinação de uma '*presença cênica-ritual*' entre os participantes, e a Gira propriamente dita, na qual fiz chamadas das canções criadas a partir de Giras anteriores e foram tocadas canções para cada entidade: primeiramente uma canção de abertura saudando as Pombas-Giras, seguidas de 4 canções, cada uma para uma Orixá – Iansã, Nanã, Oxum, Iemanjá – e uma música de agradecimento como fechamento.

Do encontro nascem possibilidades diversas de ação, e tenho comigo ao início sempre um roteiro de possibilidades, porém nunca fechado, porque é verdadeiramente do encontro que nasce a criação.

Esta experiência e a Performance Marés que realizei na ocasião do I Encontro sobre Arte Gênero e Diversidade, na qual eu trouxe a poética das Águas, me fortaleceu de aprendizado sobre presença cênica mais uma vez, me instruindo que **o mover-se é também fruto das intenções que se carrega**. Estar em estado de purificação dos pensamentos, dos medos e das intenções é a melhor maneira de entrar em cena, ou, continuar em cena, pois já estava no local antes da performance propriamente dita começar. Necessitava apenas de um olhar aberto e conectado ao melhor que a força das águas e o coração podem expressar.

Na performance, a cultura da cena mais do que por marcas, símbolos e formas (matrizes), se efetiva pelo conhecimento que o performer traz em seu

próprio corpo quando executa a combinação dos seus movimentos no tempo e no espaço (Ligiéro, 2017, P.4)

Nesta oportunidade também pude brincar com os lugares que ocupo, ora tela expressiva e mítica, ora uma presença cênica representativa, ora um convite à desconstrução do lugar de receptividade dos presentes no ato, para chama-los a fazer a cena, a serem o próprio ritual.

Seguindo a análise, destaco a importância do corpo dançante do devoto/participante, onde todo o processo ocorre, no caso do afro-brasileiro. As dinâmicas das motrizes culturais se processam no corpo do performer como um todo. Neste sentido, o corpo é seu texto. Nele se corporifica uma literatura viva, desenvolvida a cada apresentação, refletindo o conhecimento que se tem da tradição. Frases contemporâneas de cunho acadêmico como “pensamento do corpo”, “fala do corpo” etc., importadas de pensadores europeus ou norteamericanos, já eram muito conhecidas da tradição afro no Brasil há pelo menos 100 anos, daí o ditado popular “tem que dizer no pé” usado para definir a performance de um bom sambista (Ligiéro, 2017, P. 4)

No segundo semestre de 2018 fui convidada a fazer uma conferência no “Diplomado en Estudios Feministas desde América Latina” da Universidad Autónoma de la Ciudad de México. Oportunidade essa de partilhar saberes feministas desde o foco e tema da corporalidade, da ancestralidade e da arte, num espaço de pesquisadoras (entre tantas, a presença de dois homens, por isso uso a conjugação no feminino) interessadas na temática feminista, e de cultura e língua diversa. Foi um verdadeiro Encontro, de crescimento para todas nós.

Figura 94, Bosques de Coyoacan, CDMX, 2018.



Foto por Mariana Berlanga.

Na ocasião também experimentei a abordagem através da Gira para as Iabás, na qual inseria conceitos como auto-cuidado, afetividade, ancestralidade, conexão e integração à natureza, cura e liberdade de ser e de expressar-se, na prática, através da poética das orixás.

Nessa esfera o mito é transformado no grande defensor das questões ecológicas e se incumbe de expressar pela dança o cuidado e respeito pela natureza buscando uma forma de relação que seja centrada não no poder, no mercado, nem na mercadoria, mas na vida, na sua múltipla manifestação e diversidade. Há uma crise nessa ética da compreensão e do cuidado, pois as relações devem intercambiar valores, respeitar as diferenças, valorizar aquilo que não é mercadoria, garantindo a gratuidade da convivência, da amorosidade, solidariedade, generosidade e afetividade entre os seres humanos. (Silva, 2016, P. 24)

Foi um momento de praticar o que estavam estudando, Feministas Chicanas, Feminismo Negro, feminismo Corpóreo, que abordam temas como ressignificação simbólica de mitos identitários e o conhecimento do corpo integrado ao sentido do “eu”, a percepção das interdições e sensibilidades que o corpo expressa, e outras diversas dimensões de questões relacionadas ao corpo dentro dos feminismos, como caminho importante ao empoderamento feminino.

Figura 95, Bosques de Coyoacan, CDMX, 2018.



Foto por Mariana Berlanga.

Segundo relataram, foi um momento nunca antes vivido no diplomado, no qual as teorias ganham corpo, seus próprios corpos, se abrindo a outras dimensões do sensível, acessando saberes não preconizados pela razão, mas latentes na esfera emocional e para além dela, o *corpo expandido* que somos. Inclusive, por conta da falta de água que surpreendeu a Cidade

do México neste período, tivemos que realocar a atividade que aconteceria nas instalações da Universidade, e sugeri que ela ocorresse num espaço natural, num parque.

Figura 96, Bosques de Coyoacan, CDMX, 2018.



Foto por Mariana Berlanga.

Assim sucedeu, tudo num encontro de muita beleza, de confluências de afetos, de abertura ao novo, e sim, de amor. Durante as trocas escutei relatos de mulheres que falaram da resistência inicial que tiveram quando lancei a proposta de entrarem em conexão com seus corpos, com a dança, e entre todas nós, e como este momento significou para elas um desbloqueio de seus padrões de pensamento, comportamento e do sentir.

Inclusive o, para mim, simples ato de tirar as sandálias e sapatos e pisar o chão, era algo novo e ação que encontrou resistência em algumas, pois era visto como algo um pouco “bicho grilo”, mas que depois de feito foi percebido em seu potencial de prazer e de troca de energias com o solo. Obviamente não impunha ações, não ‘obrigava’ ninguém a nada, apenas sugeria e incentivava e, cada qual, pelo caminho pessoal do perceber-se e do perceber-se no todo, ia se abrindo e se sentindo à vontade para viver a experiência sem a carga excessiva do julgamento.

Tenho escutado mulheres, corpos de mulheres, a mim entre essas mulheres, num trajeto-mundo. Tenho também escutado homens, vozes de homens, presenças masculinas, e a mim

entre esses homens e essas mulheres. Algumas vezes compreendo a importância de manter um espaço apenas para mulheres (mulheres plurais, sejam cis, trans e todas as demais possibilidades). E eu mesma ao criar, oportunizo um espaço de escuta. Um das chaves deste trabalho é a **Escuta**.

Saber escutar para saber mover, saber escutar para poder falar, saber escutar para transmitir, para ser corpo-voz de transmissão de saberes. A sensibilidade daquilo que me atravessa ecoa nos versos que sairão da boca, das mãos que desenham escritas e dos gestos. A escuta de uma atriz-performer, ou de uma atriz-arte-educadora, de uma *atriz-filha-de-Iabá* (nome que soa como uma criação mais próxima a mim e ao que tenho vivido, dos percursos em que sigo e as energias que carrego) - precisa ser apurada a cada vez.

Realizar encontros assim envolve então uma atenção apurada à delicadezas, somos seres delicados. Trazemos uma longa história pessoal, cultural... Em um círculo mais íntimo de mulheres, uma mulher compartilhou uma história de vida sofrida que havia passado com a perda de um filho com meses de vida, e estava muito emotiva. Para mim, um círculo de mulheres também tem o sentido de acolher e liberar conteúdos que aparecem nessa partilha. Se um conteúdo muito **emotivo** vem à tona por algum **motivo** quando estamos em um **coletivo**, procuro dar espaço para que ele possa escoar.

Num espaço construído com receptividade entre mulheres, é como se algumas respostas estivessem ali dentro daquele grupo. Então vem espontaneamente o abraço, vem a palavra, vem o gesto afetuoso, vem o olhar, vem a oferta de caminhos e elementos de cuidado, vem outras histórias que de algum modo apresentam novas perspectivas para a emoção desencadeada encontrar o fim da limpeza daquele momento. Em geral, lágrimas aparecem quando convindo o mover pelas águas, elemento água, Oxum, Iemanjá, e quando há só mulheres, envolvemos, mobilizamos ainda mais o ventre. Limpeza das águas. Limpezas das memórias das águas das emoções e reafirmação do poder criador de geração de vidas, não só físicas, mas vidas, criação, de modo geral, a partir de nós, potencialmente cabaças-uterinas da criação.

Ressalto aqui as memórias de abuso guardadas no ventre, não só memórias conscientes vividas pela pessoa, mas memórias matrilineares de gerações anteriores e do corpo social feminino, bem como aquelas memórias que carregamos em nosso DNA. Dentro da vastíssima

discussão e modos de compreensão sobre a sexualidade feminina, seus potenciais e as limitações vivenciadas através da história, também coexiste o fato de violações históricas de mulheres. No território brasileiro, por exemplo, mulheres indígenas e africanas foram insistentemente violadas e abusadas, suas descendentes igualmente. Infelizmente este quadro não foi pontual de um período da história, ele ainda ocorre em outras roupagens, a exemplo das iniciações sexuais masculinas e abusos do “patrão” à empregadas domésticas, em sua maioria mulheres negras, nas casas da “boa família brasileira”⁷⁰. Corpos negros e indígenas são vistos em inúmeras ocasiões como corpos “à serviço”. Isso dói. De um modo generalizado, o corpo feminino é alvo contínuo de abuso.

Uma peça de Matéi Visniec “O Corpo da Mulher como Campo de Batalha”⁷¹ aborda essa questão já discutida em muitas escrituras históricas sobre violência étnica e de gênero, que é o estupro sistemático das mulheres como estratégia de guerra, como demonstração de poder, submissão e conquista. Lembro de uma colega do doutorado partilhando imagens durante a apresentação de seu processo de pesquisa sobre essa repetição histórica de estupro às mulheres durante ditaduras e outros conflitos em países da América Latina. Foi muito triste reavivar essa consciência, sabendo que essa ainda é uma realidade. Isso se dá na guerra, mas é também uma questão sobre a qual recebemos notícias no dia-a-dia. Existe uma sombra social latente chamada violação à corpos femininos, sejam estes mulheres cis, mulheres trans, travestis, homens gays com corporalidade reconhecidas como feminina ... o feminino e qualquer transgressão que envolva o feminino é alvo de agressão nas sociedades patriarcais.

Estes conflitos históricos também habitam ventres e histórias de vida atuais. Inúmeras abordagens tem sido desenvolvidas por mulheres, a partir inclusive de saberes tradicionais como o uso de ervas, com o foco de sanar memórias uterinas, a exemplo das “Bênçãos do útero” e das “Vaporizações do útero”, que intentam mudar o padrão de sentir uterino da dor para a abertura ao prazer e ao amor.⁷² Estas práticas de autocuidado tem me acompanhado.

⁷⁰ <https://www.geledes.org.br/transou-com-a-empregada-por-que-nao-se-fala-de-abuso-sexual-com-domesticas/>

⁷¹ <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2014/09/nova-montagem-do-teatro-velha-discute-violencia-contramulher.html>

⁷² Como inúmeras iniciativas dentro das sociedades capitalistas, estas são práticas que também passam a ser alvo de bombardeio pela não atestação científica de seus benefícios, como também a serem incorporadas pelo capitalismo como práticas excêntricas disponíveis em centros estéticos e spas a altos custos. A origem,

Figura 97, Preparação para vaporização do útero, Londres 2020. Na imagem, eu, recipiente com água e ervas, incenso, cabaça, vela, uma xícara de chá, diário e almofadas para apoiar as pernas.

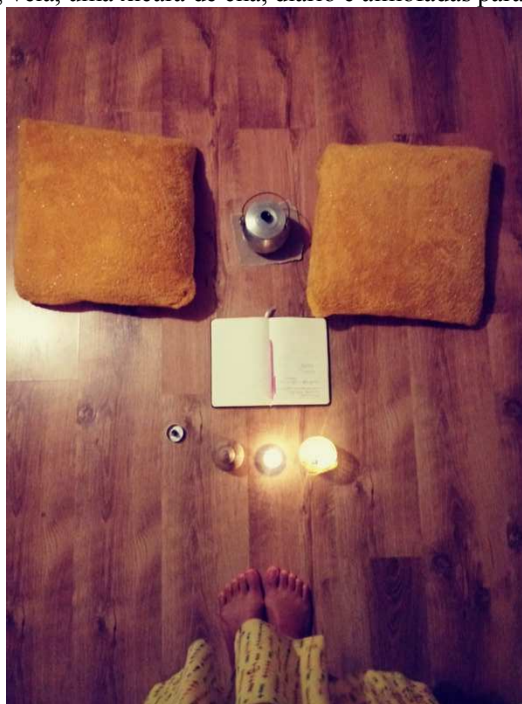


Imagem pela autora.

Nas vivências que envolvem Gira e nas Giras de caráter mais performático, *bênçãos* ao ventre e a partir do ventre se fazem presentes, seja numa abordagem direta quando o assunto e práticas físicas direcionadas a sentir o ventre são mobilizadas dentro de um grupo apenas de mulheres, seja por meio dos simbolismos e presença e mobilização da cabaça da criação, seja por meio da dança das águas, ou de alguma poesia lida, o que está sendo lembrado é a importância e o respeito ao feminino que dá vida, e que habita em nós, com a inteireza de sua completude de sombra e de luz.

Há dimensões deste trabalho que ficam resguardadas a cada pessoa, conforme as conexões que a elas são possíveis e necessárias de serem feitas. Nem tudo é falado, compartilhado, e nem tudo pode ser captado, medido, mensurado e escrito. Sentir já é por si só A expressão.

O espaço é para ser vivido e é um espaço de celebração, onde cada qual atravessará em um contexto coletivo seus desafios e colaborará com a sua presença única. Busco construir um espaço amoroso, para que todos se sintam parte, e também convidar a “**sabedoria vital**” (vou chamar assim) de cada pessoa para habitar aquele encontro celebrativo. Para isso proponho vocalizações e mantras (a partir de vogais) para ativação de chakras e outras ambiências que

entretanto destas práticas diz respeito a intuição, autonomia e sabedorias de práticas de purificação e autocuidado femininas muito antigas.

podem vir da leitura de poesias e dos valores e aberturas sensitivas que as palavras transmitem, mas principalmente, em alguns casos, a percepção simples mas profunda de que estamos vivos naquele instante (**Ver relatos em Anexo**).

Uma Gira é um mover de celebração, celebrar a vida, celebrar as forças da vida, e renovar força vital, o axé. Durante este mover ofertamos e recebemos uns dos outros também. Eu recebo muito de todas as pessoas nestes encontros e percebo o quanto me expando conforme compartilho. Também me canso muito, pois como sou eu quem está organizando o encontro preciso estar atenta à condução e aberta aos acontecimentos, e a qualidade da minha atenção também é algo em constante desenvolvimento.

Transito entre os lugares de participante, condutora e atriz-performer, ora estimulando, ora sendo tela, mas convidando sobretudo as pessoas para um lugar não apenas de observação, mas de partilha de um instante único de celebração e renovação entre todos nós. Do encontro nasce.

Na Cidade do México, algo que aconteceu de modo inusitado foi o sopro na cabaça. Eu costumava, quando sozinha, soprar na cabaça coisas que eu precisava transmutar. Neste dia no CCBB estávamos em círculo, e eu pedi que trouxéssemos nossas intenções para girar na roda, o que gostaríamos de transformar naquele dia? O que gostaríamos de deixar para traz? O que gostaríamos de cultivar, de ver florescer em nós, entre nós? O que era importante e queríamos ver florescer? Então passei a cabaça da criação, e pedi para que cada um colocasse dentro da cabaça uma palavra, e cada qual foi soprando dentro da cabaça. Depois, fiz um gesto de mexer a cabaça como se estivesse integrando todos aqueles elementos e comecei a despejar levemente este conteúdo sobre a cabeça de cada qual, que completamente dentro do espírito do momento faziam gestos de recepção, sorriam, suspiravam, recebendo elementos daquela fonte, a cabaça da criação.

Entre essas performances destaco a presença do cantar-dançar-batucar, bem como a incidência do jogo dramático no ritual, que constrói, sem dúvida, uma performance afrobrasileira sem, contudo, que o elemento étnico seja o preponderante. Desta forma, muitas vezes, a maioria dos participantes não pertence ao mesmo grupo étnico e o ritual ocorre de igual maneira, como se toda a comunidade fosse composta exclusivamente pela mesma etnia. (Ligiéro, 2017, P. 4)

É bonito estar entre. É forte. É poderoso. Saber que estes encontros em arte proporcionaram elevação da alegria, bem estar e criaram espaço para as pessoas mobilizarem e obterem respostas ou indicações que precisavam, também me faz sentir afortunada. O dançar em círculo mobiliza isso. Conforme vamos girando vamos movendo os nossos limites, o cansaço, a ‘frequência’ das ideias (Estamos identificadas com o medo? Estamos identificadas como o amor?). Conforme giramos as respostas a questões que carregamos começam a se tornar mais conscientes, como também o nosso estado de espírito se torna mais positivo pela transmissão vinda de todos os elementos, das músicas, das palavras, dos ritmos, dos gestos, e tudo mais que compõe o espaço-tempo como corpo feminino das Íabás. É também um espaço-tempo de transmissão de instrumentais de autocuidado.

No Espaço Vovó Conceição no Terreiro da Casa Branca em Salvador-BA foi uma vivência também muito especial. Havia uma diferença: o fato de estar sendo realizada em um solo sagrado. Se de um lado sinto menos desconforto com relação a preocupação de alguma pessoa manifestar resistência por preconceito a algum material que eu venha a compartilhar - pois, penso eu, se vão a um espaço de Axé no mínimo são tolerantes a ele - por outro lado, estar em um espaço sagrado é ser ainda mais respeitosa e cuidadosa. Os espaços são organismos vivos. Todos os espaços tem as suas peculiaridades, e requerem respeito. E nos terreiros a espacialidade pode guardar materiais, assentamentos, preceitos.

Exemplo disso foram os ensinamentos que recebi durante a realização da Vivência “Femininas Poéticas Rituais Sagradas” e outras partilhas no Terreiro do Gantois em Salvador durante um evento Acadêmico ENNA (Encontro Novembro das Artes Negras). As atividades, as mesas de diálogo e apresentações estavam sendo realizadas no barracão onde acontecem as celebrações públicas. Não o tinha feito, mas neste espaço eu soube que não podia pronunciar o nome das Ìyamís. Precisamos também, na ocasião, evitar caminhar por um espaço no centro do barracão onde havia um assentamento. E, claro, jamais pegar qualquer instrumento ou objeto sem pedir licença. Assim que para utilizar um atabaque que estava no espaço pedi permissão ao ogã da casa. O cuidar, zelar, o respeitar.

Figura 98, *Femininas Poéticas Rituais Sagradas*, Barracão Terreiro do Gantois, III ENNA.



Imagem, autoria do evento, III ENNA.

Participei desta atividade no Gantois no fim do ano de 2017, recém chegada de Barão Geraldo, onde havia passado um semestre entre disciplinas como aluna especial e realizando a seleção do doutorado. Escrevi a poesia a seguir após o encontro. Se sentir única é tão importante quanto se sentir parte, e nossas histórias e presenças refletidas são espelhos d'água e bálsamos do florescer.

Figura 99, Barracão Terreiro do Gantois, com a Feminária Musical, III ENNA.



Imagem, autoria do evento, III ENNA.

Um chão pisado com a.fé.to
coragem dos reviramentos
de pés que atravessam o tempo

que de vida menina se faz
 as bênçãos de sermos ciranda
 da boca e do ventre permeia
 pairando como lua cheia
 as falas e o brilho no olhar
 tecituras cor de vida
 refinados trajes de esperança
 cortes de cantigas feito à mão

mãos de meninas, de mães,
 de mulheres,
 mãos híbridas
 mãos intelectuárias
 mãos de saúde
 mãos de criação

No terreiro da Casa Branca (Salvador) realizamos, em 2019, atividades de contrapartida cultural no espaço cultural Vovó Conceição. Eu precisei ir dias antes do encontro ao terreiro colher a assinatura de uma das administradoras do espaço cultural. Tudo ensina. Tudo é caminho de aprendizado. E me forma como artista também. O simples. O simples é chegar cedo no bairro da Vasco da Gama onde se localiza o Terreiro da Casa Branca, não conseguir conexão telefônica com a administradora do espaço cultural, e então esperar na porta até que aparece um filho de santo antigo do terreiro que te convida e te conduz para subir até outro espaço do terreiro onde estão as moradias. Nesta subida de escadas uma quantidade infinita de ensinamentos, nas palavras, nos gestos, no olhar. Com sua fala ele me recordava que eu tinha esteio, o esteio da ancestralidade, e que eu podia saber o que eu sabia. O ritual não é só o acontecimento ritual. É muito antes, é muito depois. É disparado intencionalmente, é acontecimento inusitado. Tem datas específicas, é diariamente. A todo momento se revelam fragmentos deste rito-existencial de memória, de reconhecimento. **O simples.**

Uma conversa, um cafezinho na casa em que vive a administradora e que te conta um monte mais sobre a força feminina que funda e sustenta aquele terreiro. Uma mulher maravilhosa Ela me diz que as iniciações lá são feitas nas Ìabás, e me transmite bibliografia: “Equede: A Mãe de Todos”, e partilha histórias de vida, enquanto a chuva que começou a cair tempos antes não para. Ficamos aguardando o tempo das águas. E no estiar da chuva, eis que chega Equede Sinha, a Mãe de Todos, anciã nascida no terreiro, que é também a autora do livro. Alguns cumprimentos mais, alguns agradecimentos, as despedidas e o até logo. Dali a uns dias nos encontraríamos outra vez.

Foi uma linda vivência. Erámos três artistas, e esta era uma contrapartida cultural do projeto que se deu na Cidade do México chamado “Gênero e Raça na Feira Internacional do Livro em Zócalo”. O nome foi “Iabás: as forças femininas da natureza e suas potências criativas: dança, poesia e ilustração”. Compomos juntas a ideia da vivência a partir das experiências que tivemos no México. A condução da parte da dança estava por minha conta.

É como digo, há uma parte programada, ideias sobre práticas e experiências que desejamos evocar, mas tudo vai acontecendo conforme a gente vai vivendo o encontro. Equede Sinha veio no início para nos saudar, havia um outro senhor que também chegou, e ficaram sentados ao redor de uma mesa que havia na entrada. Um tempo depois que começamos eles se despediram com desejos de ótimo encontro para nós e seguiram com seus dias. Deixaram as suas bênçãos para nós. Eu estava um pouco nervosa, um tanto emocionada de estar ali realizando aquele encontro. Nós três estávamos honradas de realizar uma vivência naquele espaço. Já havia participado de atividades lá, mas ainda não havia conduzido uma atividade ali. E também toda a história que precedeu aquele encontro foi de desafios, de redirecionamento até chegar onde tínhamos que chegar, na Casa Branca. Então no começo eu fiquei procurando as palavras certas, fiquei com receio de fazer ou falar algo inapropriado diante de Equede Sinha, que era a anciã, mas depois entendi que estava em casa. Hoje percebo que poderíamos tê-la convidado a falar mais sobre as Iabás, mas eu não quis “incomodar” e ninguém mais também se manifestou neste sentido... coisas de quem vai aprendendo o jeito.

Um vez, durante o mestrado, quando realizava oficinas no Espaço Cultural Pierre Verger, Vovó Cici, ou Ebomi Cici, sabendo que naquele dia eu faria uma atividade sobre o feminino com as mulheres, me disse algo assim “Me chame quando começar, eu vou contar uma história de Oxum para vocês”. Aquilo foi um presente. Ela não só contou histórias de Oxum, como nos ensinou sobre a ancestralidade das vestimentas de tecido e nos ensinou a dançar, trouxe um banho Oxúnico de amorosidade, elegância e graça à nós. As mais velhas, as anciãs dos espaços são sempre um presente, riquíssimas de sabedorias e de saberes, detentoras de muito Axé, Mães.

Ficamos com uma das administradoras do espaço, uma mulher linda, alegre, forte, espontânea, verdadeira, que fez “as honras da casa” para nós - assim como havia feito na

moradia quando fui buscar a assinatura do documento com ela - com abertura, com irmandade e disponibilidade.

O contexto no qual se insere e que expande os movimentos que expressei, a dança que danço é também formado por encontros assim. Afetos. Cortesia, boa vontade, pertencimento. Para o desconforto, o conforto, para o desamor, o amor, não como oposição, mas como certeza da existência do que faz bem, reconhecimento do que realmente importa e fortalece no mover do ir e vir, que também compõe dança. Candomblé é comunidade.

Os espaços dos terreiros e o que os terreiros movem para além dos limites físicos das casas de axé inclui ações que preservam a memória de união, na diversidade e na adversidade, de apoio mútuo. E da comum.unidade de onde todos viemos e à qual estamos ligados de diferentes formas. Neste sentido incluído está também a memória da origem dos terreiros, que é memória encarnada de sabedorias múltiplas vindas da África, a memória comum de uma das origens de formação cultural e identitária brasileira, mas também uma origem comum de ser a África território onde a vida humana começou, e de os antepassados primordiais, comuns a todos, serem Africanos. Em origem, primordialmente, reconheçamos ou não, somos todos filhos do continente africano, Mama África, de onde vem as primeiras Mães, nossas antepassadas primordiais.

No dia do encontro então, como filhas de Iabás que eram, uma das artistas, a administradora, e outras participantes, trouxeram para a roda poéticas, saudações e ações rituais, como a reverência às orixás, que todas as demais seguiram. Foi um dia muito precioso. Giramos, dançamos, pintamos, escrevemos, dialogamos, compartilhamos entre nós alguns desafios pessoais que estávamos vivendo, abrimos oráculos, comemos, celebramos com o Axé das Iabás. Beleza muita.

Figura 100, Espaço Cultural Vovó Conceição Terreiro da Casa Branca, Salvador, 2019.



Imagem por Paulo de Castro.

Neste dia, a maioria de nós era mulheres negras com raízes despertas. Dentro desta nossa unidade também somos múltiplas e diversas, temos histórias de vida particulares, fomos confrontadas com o preconceito de muitas maneiras e articulamos modos de enfrentamento a ele de muitas maneiras, temos narrativas e percepções múltiplas sobre como ele atua socialmente, psicologicamente e como deixa marcas em nossa expressão. Quando narramos nossas histórias entre nós, somos compreendidas, pois há uma coisa sobre a qual estamos em consenso, o racismo é uma ação reiterada e sistemática de desvalorização e age sobre a autoestima, sobre o que nos compõe.

Como ainda não conseguimos extirpar o racismo da sociedade, como não é possível engajar pessoas na reflexão sobre racismo que em geral acham que é apenas uma questão do negro - a menos que elas queiram ou sejam obrigadas por leis (e nem assim), nem fazer com que reflitam sobre os privilégios da branquitude⁷³ a menos que minimamente estejam sensíveis a quebrar as próprias couraças de presunção e admitir estes privilégios - o que necessariamente fazemos é nos fortalecer.

Então quando falamos sobre Iabás, onde há Amor, Força e Autoestima, algo entre nós acende, são referenciais de vida. Cada uma sabe o que recebeu e recebe das Iabás. Encontros assim renovam a nossa energia.

⁷³ Este é um termo utilizado na literatura dos estudos antirracistas e feministas para referir-se à estudos sobre as identidades raciais brancas, padrões, privilégios e a propagação de hierarquias raciais valorativas. Mais em: <https://www.geledes.org.br/definicoes-sobre-branquitude/>

Figuras 101 e 102, Espaço Cultural Vovó Conceição_Terreiro da Casa Branca, Salvador, 2019.



101



102

Fotos 101 e 102, acima, por Mirella Ferreira.

Figuras 103, Espaço Cultural Vovó Conceição_Terreiro da Casa Branca, Salvador, 2019.



Imagem por Paula de Castro.

Figuras 104, 105 e 106, abaixo, Espaço Cultural Vovó Conceição _Terreiro da Casa Branca, Salvador, 2019.



104



105



106

Imagens 104, 105 e 106, acima, por Paula de Castro.

5.3 Poéticas do Além-Mar: Memórias de Mar e de Baobá

Figura 107, Pôr do Sol e Baobá na Ilha de Luanda, Angola, 2019.

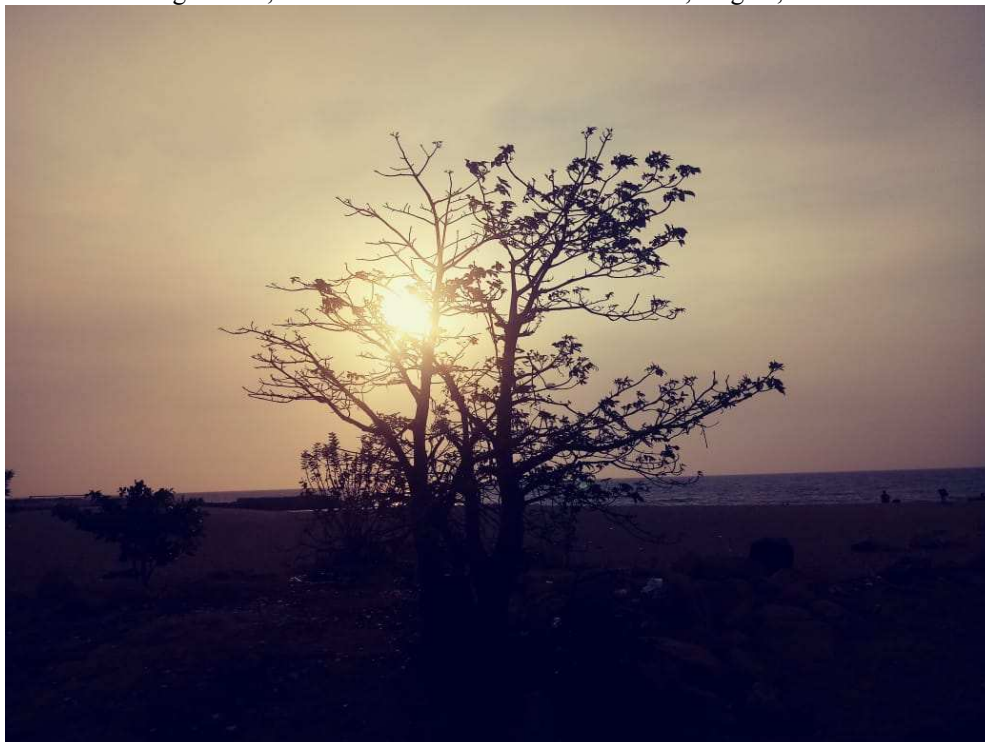


Foto da autora.

Um dos elementos que tem acompanhado esta pesquisa são as sementes. Durante o Workshop - "Creative Articulations Process (CAP) na Unicamp: diálogos sobre Prática como Pesquisa" em setembro de 2019, aprofundi a relação com esse elemento *Semente* que vinha povoando meu imaginário e presenças, compreendendo a pesquisa como punhados de *Sementes Móveis*, que também se relacionam com as "Contas" ou "Guias", colares feitos da união de miçangas para apresentar a energia de um Orixá. Sigo cultivando essas sementes metafóricas e também reais, que vão se apresentando em meu caminhar, tal qual as sementes do Baobá, árvore sagrada de origem Africana, com a qual topei de verso sob o sol de Luanda, beirando marés, ornando caminhos, refrescando goelas, unindo conversas curiosas em círculos femininos e nos conduzindo a adentrar o Mar das memórias.

Memórias Atlânticas... esse ir e vir de águas que nos conecta à ancestralidade e ao fluir do agora, Sob o Sol de Luanda o encontro com o mar feminino de muitas mulheres e suas tecituras de vida, o encontro com esses Outros que são tão Nós, essa gente de nome familiar, de hábitos que construíram os nossos... uma cidade do outro lado do Atlântico onde encontro poeticamente Pai, Mãe, Avô, Bisavó de nossas sementes, como os doces e heranças da infância, com encontros mágicos ao dobrar de esquinas, a fim de semear lembranças nos solos remotos de nossa memória-imaginação. Um tecer que fala de afetos, que conta também sobre

desafios, sobre desalinho, panos que vestem crianças nas costas, que sustentam bacias na cabeça, os mesmos panos que encarnam símbolos culturais, que representam resistência, conexão e distinção. Tecituras que nos ligam, como raízes de um Baobá, como as águas do mar.

Viajei à Luanda ao final do mês de setembro de 2019, ocasião em que estive realizando atividades com outras escritoras baianas no Centro Cultural do Brasil em Angola. Foi a primeira vez que estivemos no continente africano e, para todas nós, era um grande sonho sendo realizado, com o aditivo de estar aí através também de nossa insistência em seguir os caminhos do coração, os caminhos da arte, da literatura, os caminhos do afeto, da poesia, os caminhos do ativismo através do qual nos fortalecemos. O projeto chamou-se Lusofônicas, fomento através do edital de mobilidade da Secult-BA, e lá tecemos encontros em que transbordou amor, encontros vitais, dessas nossas *escrevivências*, como bem diz a palavra de Conceição Evaristo.

Uma das primeiras vistas que tivemos saindo do aeroporto de Luanda foi a de um Baobá, cercado de flores, o que nos preencheu de significados que nossa mente adormecida e cansada pela viagem nem podia captar de imediato...agora ainda nem alcanço o tanto... e essa imagem dos Baobás se repetiu e se repetiu em toda parte por onde íamos, pois Luanda é terra de Baobás, aí chamado Imbondeiro. Da castanha do Baobá, faz-se muito, inclusive outros Baobás, pois aí estão as sementes. Esse fruto-castanha chama Múcua, e este nome está também por toda parte, nos doces, nos sucos, nos gelados... é de lá, é costume, é nutrição, é força, é frescor na praia, também ornada de Baobás na Ilha de Luanda.

Eu fiquei tão apaixonada, impressionada, e tomada por esse ente árvore, que trouxe de lá um artesanato de Imbondeiro para me lembrar do tão feliz que fui em Luanda, e me lembrar das coisas que ainda não me lembrei, mas que esperam um dia serem acordadas e recordadas por minha alma antiga. Trouxe também um punhado de Múcua, com sementes que tenho presenteado a quem tem coração a plantar, e me dei conta dessas transmissões e travessias do que nos conecta, do que faz vibrar a carne de entendimento, de memória, de vitalidade, de pertencimento a essa vida, como o tudo que nos trouxeram antes nas travessias nossos antepassados para se lembrarem de casa, para se manterem vivos, e que se tornou costume nosso, axé nosso, como nosso dendê, lá chamado óleo de Palma, que também fiz questão de

trazer de lá e preparar já em Salvador um caruru de promessa com este óleo de palma vindo de Luanda.

Sigo a cultivar as sementes de Baobá como cultivo as águas do mar, o abrir do mar de experiência é semear a Múcua, é enraizar vistas de Baobás, convidando a florescer nesse contexto, através do escorrer das imagens, das texturas e das palavras vistas através das águas da memória, experiências e elementos vivenciados e trazidos em e de Luanda, como ritmos, vistas, cores, sabores, palavras e expressões faladas, afetos, sementes de Baobá e as histórias e memórias que esses elementos carregam, evocam, contam, remontam e inspiram novas invenções.

Sigo sendo tecida por uma sequência que envolve trajetos, espaços, personagens e materialidades de Luanda, revelando experiências desde a presença de uma semente de baobá e as poéticas desse ente-árvore, como fragmentos de histórias das mulheres que atravessaram meu imaginário e realidade em Luanda, também remontando à mulheres como as Zungueiras, que vivem da venda de inúmeros artigos os quais carregam na cabeça, e a ligação dessas com histórias familiares de suporte, força, e cuidado femininos em minha própria história de vida; como as poéticas das várias palavras e expressões escutadas como Jindungo, Ginguba, Kisangua, Mufete, Fish, Funge, Calulu⁷⁴... e o espaço-tempo Ilha de Luanda, Centro, Ruas, outros espaços de cultivos afetivos como o restaurante Flor da Sé, Caminhadas, Coletivos de transportes “Candongueiros”, Feiras, espaços de festa, de morada, espaços sutis contidos em narrativas, gestos, vestimentas, sotaques...

Evocando as águas, Atlânticas, que nos unem, evocando tanto o efeito da memória às vezes borrada, às vezes clara, que refrata, mas que também dilui, e por isso mesmo agrega, une esses elementos distorcidos, aparentemente separados, compondo uma leitura mais úmida, mais emotiva.

O oceano Atlântico não apenas nos une ou separa. Entre semelhanças e idiossincrasias das terras de lá e de cá, o mar se faz constante corpo, manancial, nascedouro, rebento. Quando falamos de diáspora, o mar é caminho que movimenta fluxo de memórias, um grande ente de oralituras, como corpo feminino, de água, fecundo, que se deita entre nós. Sobre elas, as memórias, histórias marcam de modos similares nossas experiências.

⁷⁴ Vide Glossário

Situando o contexto afrodiaspórico para a região nordeste, principalmente Bahia - notadamente uma região de forte influência da cultura dos países da costa oeste africana - identificamos também pontos em comum aos processos emancipatórios destas localidades, como o coincidente período que a independência nestas regiões aconteceu (mais de um século de diferença entre elas): nos portais do mês de Julho, onde, na Bahia, é marcante e celebrada a força Cabocla, das origens, parte integrante dos movimentos de liberdade descoloniais. A origem, em África, são todas as diversas histórias, forças e culturas que antecedem a colonização, e que continuaram a existir em meio aos atravessamentos coloniais, mas que ficaram borradas por uma história principal de uniformização hegemônica.

É oportuno descolonizar perspectivas hegemônicas sobre a teoria da interseccionalidade e adotar o Atlântico como locus de opressões cruzadas, pois acredito que esse território de águas traduz, fundamentalmente, a história e migração forçada de africanas e africanos. As águas, além disto, cicatrizam feridas coloniais causadas pela Europa, manifestas nas etnias traficadas como mercadorias, nas culturas afogadas, nos binarismos identitários, contrapostos humanos e não humanos. No mar Atlântico temos o saber duma memória salgada de escravismo, energias ancestrais protestam lágrimas sob o oceano. (Akotirene, 2019, P. 15)

É nesse manancial de similitudes, contrastes, diversidades, alteridades, continuidades e descontinuidades, que nós, filhas e filhos da diáspora estamos buscando, encontrando, criando, expandindo, diluindo, ressignificando, reconhecendo, faces de nossas identidades multifacetadas. Por isso continuamos navegando, com ímpetos de atravessar o mar, de cruzar o atlântico, de modos, hoje, mais justos, como quem deseja retornar à casa, uma morada que, primeiramente, por mais que se dê através de trilhas num território palpável e externo, mobiliza completamente nosso intangível, nossa casa e sensação de pertença interior.

Em Luanda, uma das atividades que realizei foi uma vivência chamada FlorÉSer, na qual também houve Gira.

Este encontro me conduziu a um lugar de bastante familiaridade, desde os nomes, às fisionomias e expressividades das mulheres presentes, que costuravam minha vida de memórias que remetiam a uma ancestralidade matrilinear. Vivenciamos um momento de partilha de nossas presenças de vida, mobilização e renovação de bênçãos, experiências e

desejos vitais através do movimento motivado pelos elementos água, terra, vento, fogo, flor e de palavras proferidas entre nós através dessas mobilizações.

Figura 108, *FloreScer*, CCBA, Luanda, 2019.



Foto por Deisiane Barbosa.

O simbolismo da Flor como desabrochar da vida em nós através dessas forças nutritivas de conexão dos elementais atravessou a cada uma em um ponto-pétala pessoal, afluindo em mim mais uma vez a consciência da importância de momentos como esse e a força que tem mulheres reunidas, e os vários elos que nos unem, muito mais do que nos separa, sendo nós e vivendo cada uma de nós em culturas e modos de vida diversas ou não, mas sobretudo abertas ao encontro, à doação e à receptividade de um momento de celebração de nossas existências plurais e tão unas de ressonâncias.

Figura 109, *FloreScer*, CCBA, Luanda, 2019.



Foto por Deisiane Barbosa.

Falar de flor é também recordar um caminho de exuberância e delicadeza existencial. É lembrar que merecemos esse estado de beleza, que somos nós mesmas flores e que em nós habita ciclos de florescimentos. Nós, pretinhas, assim falado com todo amor, também merecemos muitas flores nos caminhos, que outrora foram, por uma grande parte da história trilhados com incidências de asperezas, com tentativas de apagamento sistemático de nossa realidade. Merecemos cuidado.

A cada Gira, incorporo elementos, refino sensações, percepções e minha presença e condução, que vão sendo partilhados em outros encontros. A cada Gira me torno mais eu e mais outras e outros. A cada Gira me encontro mais em mim nessas outras mulheres. A cada Gira permito que o que tem que acontecer aconteça, em celebração. E sentir que aquele instante em que nos reunimos, aquelas pessoas, naquele espaço-tempo, é precioso, é uma bênção a ser vivida, tem um porque de ser, e não se repetirá igual.

Improvisar pelo Sentir é outra ferramenta dessa atriz-filha-de-Iabá, é elo da Escuta a apurar-se a cada Encontro. Inventividade. Nesse ir e vir, me sinto um pássaro partilhando sementes encontradas em partes diversas da terra, me sinto um pássaro aprendendo com outros pássaros, e guiado pelo amor das Iabás, vez por outra a pousar em algum Baobá.

Movimento, Escrita e Poesia caminham juntos. Abaixo imagens do sarau de lançamento do meu livro no CCBA com partilhas sobre composição poética e publicação independente, e imagens de outra vivência que se chamou *A Poesia Em Todo Ser* e que também partiu de práticas que conduziam a perceber o quanto corpo é voz e voz é corpo, explorando sobretudo o contato consigo mesmo, o perceber-se sensorialmente, afetivamente, e perceber-se como parte de um todo, mobilizando a expressão em escritas livres das palavras e narrativas encarnadas em nossos corpos. Sobre estes dias muitas histórias para contar, mas não caberiam aqui. Fica para uma próxima dobra do tempo.

Figura 110, *Lançamento de livro*, CCBA, Luanda, 2019.



Imagem por Deisiane Barbosa.

Figuras 111, 112 e 113, abaixo, *A poesia em todo Ser*, CCBA, Luanda, 2019.





112



113

Imagens 111, 112 e 113, acima, por Deisiane Barbosa.

5.4 Templo dos Orixás

Reencontros Diaspóricos: Os Espaços e os Encontros

Figura 114, Oduduwa Templo dos Orixás, Mongaguá-SP, 2018.



Imagem por uma outra visitante do templo (nome desconhecido)

Figura 115, Calendário, Oduduwa Templo dos Orixás, Mongaguá-SP, 2018.



Imagem pela autora.

Participei de três festivais durante 2018 no Templo dos Orixás Oduduwá, em Mongaguá Litoral de São Paulo. O primeiro deles foi o Osê aos Orixás, festa a todos os orixás, em maio. Depois, em agosto, o Festival de Sàngó e Orixás Femininos. E, em dezembro, o Festival à mães Ìyamí Osorongà. Cada ida ao templo significou para mim uma verdadeira peregrinação,

em virtude do deslocamento espacial e tudo que envolvia esse deslocamento, mas as três vezes me propus a ir, e cheguei lá, e foi muito importante ter ido, ter estado presente nestas celebrações. O terreiro é a beira-mar, e as idas ao terreiro também significaram para mim acessar o mar, arrefecer a saudade que eu tinha das águas.

Não quis fazer registro dentro do templo, primeiramente porque não senti que devia, embora não houvesse restrição neste sentido, segundo porque o próprio templo faz inúmeros registros a cada festejo e publica nas redes, e terceiro porque senti que precisava ficar livre do celular e viver o momento. Estive apenas com meu caderno de anotações, escrevendo, quando sentia, as impressões e aprendizados que recebia ali. Aprendi muito a cada vez, escutando as palestras do Babalaô da casa, Baba King, em afetos e diálogos com filhos e filhas da casa, vendo, cheirando, comendo, sentindo, fazendo preces, dançando nas Giras abertas em inúmeros círculos, como jamais havia visto, pois era uma configuração espacial diferente das festas de candomblé que estive na Bahia, também diferente das Giras de Umbanda que frequentei, e da gira em um terreiro muito amoroso no qual estive em Belém do Pará na ocasião do evento de Etnocenologia, onde há um círculo central em torno do qual tudo gira.

No Oduduwá havia, nas ocasiões em que estive lá, um primeiro círculo, onde estão concentrados os instrumentos, tambores, xequerês, e no salão vários outros círculos são abertos e os participantes dançam e incorporam livremente irradiando axé. O Templo Oduduwá tem linhagem diretamente nigeriana, e o pai da casa é nigeriano. Tenho muitos relatos das experiências aí que encontrarão a costura necessária, entre valores humanos que vi serem ressaltados e a força que encontrei na leitura dos símbolos e histórias dos Orixás aí, bem como experiências de pertencimento e memória evocadas em interações simples como servir um alimento ancestral.

Em tais espaços devotos tocam tambores, dançam e cantam em honra aos deuses e ancestrais: “A vida seria impossível em qualquer comunidade africana sem os invisíveis e reconciliadores poderes de cura gerados pelo poderoso trio de palavras-chave da música e do divertimento.” (Fu-Kiau, Inédito). Fu-Kiau afirma que, quando alguém está tocando um atabaque ou qualquer outro instrumento, uma linguagem espiritual está sendo articulada. O canto é percebido como a interpretação dessas linguagens para a comunidade presente no aqui e agora. Dançar seria a “aceitação das mensagens espirituais propagadas” por intermédio de nosso próprio corpo, bem como o encontro dos membros da comunidade nas celebrações conjuntas, sob o perfeito equilíbrio (Kinenga) da vida. “Batucar-cantar-dançar permite que o círculo social quebrado seja religado (religare), de

forma a fazer a energia fluir novamente entre os vivos e mortos”. (Fu-Kiau, Inédito) Podemos, então, entender que a clássica separação entre religião e entretenimento também não se aplica no caso das performances africanas, elas são formas complementares dentro do mesmo ritual. (Ligiéro, 2017, P. 5-6)

O terreiro é tempo-espaço peculiar, é um deslocamento temporal, espacial e histórico. Ali encontrei um campo para recordar. Não sou conhecedora de uma infinidade de nomes e preceitos, não sou ainda iniciada através das ritualísticas próprias de uma casa de axé, pois ainda não tive este chamado da iniciação propriamente dita, e sigo o fluxo e sabedoria que me foi passada por algumas mães e pais de santo da Bahia, diretamente, pelo jogo de búzios realizado para mim, e também por escutar algumas em palestras e documentários: o axé te escolhe para a iniciação, não somos nós que decidimos fazer santo, nem o momento, é o santo que decide se vamos fazer ou não. Vou caminhando, cultivando, cuidando e sendo guiada. Quando tiver de ser, será. Estes trajetos, espirituais, vitais, artísticos, de pesquisa, são para mim parte integrante desse todo.

Então, em um momento, no festival para Xangô e as Yabás, já quase no fim dos festejos, fui saudar o assentamento dos orixás dentro do templo e comer uma comida de dendê que estava servida ao centro. Ir comer esta comida foi instrução dada para mim por um filho da casa, que sabendo o quanto eu amava acarajé me revelou a última rota onde estava a delícia. As comidas eram várias, como em um rico e recheado tabuleiro. Enquanto eu me servia, chegou ali um outro filho da casa. Ele se agachou diante de mim e começou a falar o que queria como se eu fosse quem organizava a comida, pediu para mim que o servisse. Momentos antes ele estava na Gira incorporando Xangô, e sua presença tinha muita força, Axé.

Ele me falava os nomes da comida em Iorubá, nomes que eu não conhecia, mas que ao mesmo tempo conhecia. Eu estava re.conhecendo, pois na interação com aquela presença eu sabia o que era cada coisa, as palavras ali ditas, a sua figura, o estar naquela relação e cenário sagrado, me conduziam, e neste momento me senti vivendo um espaço no tempo em que eu era uma outra em mim que tinha experiência em ofertar aqueles alimentos. Ele me agradeceu, e eu o agradeeci.

Neste dia histórias sobre o masculino de Xangô como aquele que se devota à energia feminina das orixás haviam sido contadas pelo pai da casa, que enfatizou o orixá como aquele que primeiro devotou-se à matriz, a ancestralidade materna, representando o princípio do culto as

antepassadas, e antepassados, afirmando inclusive complementaridades sagradas, ou harmonia entre os múltiplos, para fins de sustentação e desenvolvimento do axé, desconstruindo leituras superficiais sobre a relação de Xangô e das Iabás, calcadas em visões humanas sobre traição, poligamia e disputa. Esse fato ficou em minha memória.

Ressalto um outro momento, no Festival das Ìyamís, por ser parte central no trabalho, embora tudo esteja interligado e os outros dias fazerem parte necessariamente deste terceiro momento. Neste dia também comemoravam os 30 anos do Templo Oduduwa no Brasil. Durante este período de fim de ano é a ocasião em que as sacerdotisas e sacerdotes anciãos vem da Nigéria participar dos Festejos, e as mulheres realizarem a iniciação nas mães Ìyamís. Só as sacerdotisas realizam a iniciação nas mães ancestrais. E elas são anciãs, de uma força incrível, carregam cajados nas mãos que apontam vez outra ao redor como o olho de um Águia que mapeia e a tudo vê, a tudo, todas as energias.

Figura 116, Festival das Ìyamís, Cortejo, Mongaguá-SP, 2018.⁷⁵



Print de vídeo, print feito pela autora.

⁷⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/OduduwaTemplodosOrixas>

Figura 117, Cortejo, Festival das Ìyamís, Mongaguá-SP, 2018



Print de vídeo, print feito pela autora.

O símbolo do pássaro também estava lá em forma mesmo de uma Águia gigante, que foi levada em cortejo (belíssimo) até a praia, onde é formada uma gira, e depois retorna ao templo, onde todos puderam ter a oportunidade de ir até ela e fazer seus agradecimentos e pedidos, assim como às sacerdotisas que davam suas bênçãos colocando seus cajados nas costas dos fiés que iam até elas em reverência. Minha sensação quando colocaram o cajado em minhas costas era de que todo o peso e as angústias do mundo eram retiradas. Como em outra oportunidade abracei as Ìabás incorporadas em filhos da casa no *festival a Xangô e as Orixás Femininas*, e senti que me acolhiam por completo, e depois apenas com um gesto de aperto de mãos disseram a mim que tudo era possível, que eu fosse forte.

Eu também senti que esse era um momento de amar, de ter amor, às mulheres, ao saber que carregamos, mas principalmente que aquelas mulheres mais velhas carregam, que o tempo carrega nelas e através delas. Um momento também para amar a vida que sou e a vida que um dia serei, um momento de amar e me sentir fazendo parte outra vez da experiência humana que conta de desafios e descobertas para todos, das similaridades que temos enquanto rede de busca por significado, momento de valorizar a ciência do Candomblé sobre existência, sobre existir.

Ressalto também aí a reverência à Orixá feminina Obá, cujo rito não é tão comum em muitos terreiros no Brasil, e cuja narrativa mais conhecida conta sobre ter ela cortado a própria orelha e servido como alimento para Xangô. Diferente das interpretações que a referem apenas como o agir desesperado pelo ciúme e pelo medo à rejeição, Obá foi referida neste contexto do Templo dos Orixás Oduduwá como a força e a obstinação a um propósito ao qual se encarna e que dá a sua própria carne para instruir, alimentar e corporificar um entendimento, não por

flagelo, nem subserviência, mas por firmeza no propósito de transmitir o saber, a coragem de transmitir o axé representado pela escuta, canal pelo qual instruções são recebidas, simbolizando inclusive aprendizados sobre a continuidade ante o irreversível, ações que não podem ser desfeitas, mas que nem por isso representam o fim da vida.

O que pretendia desmistificar naquele dia, segundo Baba King, era a leitura superficial e literal atribuída ao mito e a relação fundante entre Xangô e as Iabás, que falava muito mais do reconhecimento do poder das Iabás, da transmissão de axé, de forças compostas que fundamentam, impulsionam e nutrem missões com sabedoria, do que o centramento em uma relação poligâmica donde passam a referir Xangô como “mulherengo”, descaracterizando e subjugando completamente a força essencial e mítica dos orixás. Foi de uma profundidade especial escutar as narrativas dos orixás sob novas perspectivas nesse espaço.

Para amefricanas e para epistemologias africanas, o macho não é a norma. Das iabás, aprendemos com Oxum a transpor poderes patriarcais e nos impor sem perder a doçura, a maternidade e voz pública. As feministas Sueli Carneiro e Cristiane Cury costumam lembrar que, [...] embora Oxalá só possa usar a cor branca, ele põe nos cabelos a pena vermelha, o ekodide, em homenagem ao sangue menstrual, símbolo da fertilidade e da concepção. Então, percebem que a dominação masculina não se explica pela natureza inferior da mulher, mas pelo reconhecimento de suas potencialidades e pelo temor que isso inspira. (Akotirene, 2019, P. 49)

Foi lindo ver as `Iyamí sendo celebradas em espaço público. Todo o receio que muito escutei falarem sobre a relação com elas parecia não fazer sentido naquele contexto. Elas transbordaram os ritos privados aos quais relatam estarem circunscritas em grande parte das casas de axé e também transbordaram os muros do terreiro, desaguando e irradiando suas forças à beira-mar. Ali, com alegria, celebramos a força das mães. Eu me senti renovada de esperanças e bênçãos para proceder.

5.5 Sanduíche Pandêmico: Black Lives Matter; Primavera, Jardins e Bosques; CAP, (Ground Form, Dual Awereness e Muitos Materiais a revisitar)

2020, O ano do Sol

Confiei minha vida ao jardim
 Por traz das flores mortas não parava de nascer vida
 Tulipas, rosas, margaridas
 Um papel de seda erguia a noite e o dia em suas voltas
 Peito aberto, caminhos
 Me meti por dentro de sagrados escuros
 Mexi no chão e no ventre
 Nasci em minha casa vida
 Sangrei em meus pés pretos
 Sangrei em minha voz preta
 Escutei sons de suplício
 Aguei meu coração de inconstâncias e respostas
 A coluna seguiu ereta
 Meus dedos cuidavam de girassóis
 As chuvas derramaram minhas lágrimas
 No frio de um duro sorriso
 Brotos de esperança vindas do chão
 Vindas do ar em forma de pássaros
 Vindas da natureza-deus.a
 Dentro da porta eu era uma cachoeira
 Encharcada de medicinas rituais
 Folhas e folhas
 Mexi partes e partidas
 Inventariei a morte para o jantar
 Recobrei cantos e continuo dispersa
 Só o fim sabe do começo
 E você, o que fará?
 Nas tardes vizinhas as suas, sorria
 Deite-se a grama da madrugada e sorria
 De modas antigas
 Recorde o tempo das flores e seja grata ao azul
 No fim do túnel o fim do túnel
 Não tenha medo de tentar
 No fim do mundo o fim do mundo
 E não tenha medo de ficar
 Acordada para ver o sol nascer sem você
 Alguma vida te espera na tua espera
 Chega a tarde, chega o sorriso,
 Chega a magia,
 Acredite no sol, acredite no sol.

_poesia da autora, Adriana Gabriela

Era março de 2020. Eu havia acabado de chegar em Londres em um dia tipicamente frio de fim de inverno. E tudo era novo, como o ar frio, mas interessante aconchegante, da

cidade, que logo eu teria que respirar através de máscaras. Para quem for ler este registro daqui a 20 anos (menos ou mais ;)), tenha em conta que 2020 foi o ano que eclodiu a Pandemia. A primeira pandemia do gênero mundial ocorrida no século 21. Há abordagens de toda ordem, cunho, campo, para o fenômeno mundial começado em 2020 e que influenciou globalmente, de algum modo, todos os continentes, países, cantos e recantos, assim como os recônditos mais sutis de nós. Paz e luz a todas e todos que fizeram a passagem naquela ocasião, em virtude ou não da pandemia.

Para mim foi um tempo de rever muita coisa, ao mesmo tempo viver muita coisa nova. E chamo de *coisa*, de modo mais amorfo e genérico, para abarcar uma diversidade de dimensões: experiências, insights, memórias, crenças, fisicidades, desdobramentos emocionais, intelectuais, perceptivos e criativos, palpáveis e ainda impalpáveis. A vida me chamava para expansão e renovação em meio a tantas despedidas. A vida estava me mostrando mais e me mostrava inclusive que tinha me preparado para atravessar este tempo.

Então era março, e era inverno, e eu estava chegando da Bahia, em Londres, mais precisamente em Catfor Bridge, um bairro que não poderia ter sido melhor para me abrigar naquele tempo que eu nem sabia ainda que seria pandemicamente difícil. Eu havia decidido por alugar um espaço numa casa bem legal nesta localidade, que ficava a um pouco mais de uma hora de trem até a universidade onde faria o DSE, a Middlessex University. Havia preferido alugar este espaço, mesmo que distante da universidade, pois era um local ótimo, um quarto iluminado e espaçoso, tipo estúdio, onde eu poderia ter privacidade e realizar práticas corporais - como yoga que costumava fazer pelas manhã - diferente dos quartos pequenos que vi em minhas buscas pela internet, próximos à universidade, pelo mesmo valor, ou mais caros, onde só cabia eu (deitada na cama) e minha mala.

Exageros a parte, minha preocupação era evitar chegar em um local completamente novo, ainda no inverno, e ficar em um quarto pequeno demais onde não poderia fazer qualquer tipo de atividade corporal, que para mim, naquele tempo, era essencial e estruturante. Estava me precavendo não apenas do frio, mas das tendências melancólicas que o frio pode causar. Então me muni de óleos essenciais para bem-estar e alegria, coloquei meu tapete de yoga, talismãs e muita esperança na mala e dei meu ok no AirBnb oito dias antes de viajar (pois a bolsa da Capes foi depositada por volta desse período). Com certeza fui guiada por algo muito

maior. Eu estava sob a proteção da sincronia que a espiritualidade que me guia estava a orientar.

Apesar de ter ouvido opiniões contrárias às minhas escolhas, dentro de mim eu tinha uma outra escuta, uma outra voz que me dizia que aquilo que eu precisava me seria dado. Escutar-se é um poder que as vezes deixamos de exercer e nos confundimos com o burburinho do mundo, mas se há um fundamento para mim em um processo terapêutico, espiritual, educacional, artístico, ou qual seja, é conduzir o ser a essa guiança interior, a essa escuta fina das informações, volições que a sua própria sabedoria aponta. Afinal, uma mestra, uma guia, uma artista, uma terapeuta, é aquela que inspira o encontro do ser com sua própria mestra, guia, artista, terapeuta interior, isso é cura e é também autonomia, significa fortalecimentos de essências.

Então, embora as notícias sobre o coronavírus estivessem dramaticamente começando a se alastrar, eu não imaginava que eu chegaria em Londres e que dois dias depois seria decretada a quarentena, que a universidade para a qual fui realizar o DSE teria o campus fechado e não poderíamos realizar ali atividades presenciais, que a circulação pela cidade estaria limitada, que seríamos obrigados a utilizar máscaras em ambientes fechados e, posteriormente, em todos os ambientes, que diversos espaços públicos e estabelecimentos, turísticos ou não, estariam fechados ou restritos, assim como as fronteiras, e que eu basicamente passaria a maior parte do tempo que estive em Londres em meu quarto e bairro, em Catford Bridge. Esse quadro veio a mudar em Paris, após a abertura da fronteira.

Então este espaço, quarto, bairro, não apenas foi acolhedor porque eu podia praticar yoga para me proteger do frio e do choque inicial de estar em um país novo. Ele foi muito mais. Abrigou grande parte das práticas de pesquisa que eu não pude fazer na Midlessex University, abrigou as Giras, o Ground form da metodologia CAP, abrigou meus devaneios, abrigou momentos de tristeza e também de diversão necessárias de mim para comigo mesma, me nutriu e protegeu de diversas maneiras, me permitiu um importante espaço-tempo para escoar águas doloridas, para maturar pensamentos, para ensaiar e ancorar alguma coragem a mais, para reafirmar a saúde e a fé, em dança, em reza, em leitura, em flores, jardins... em poesia. E também me rendeu felizes amigas. Foi um período mais que importante em que pude me dedicar a mim, a minha própria energia e cuidado.

Catford Bridge é um bairro plural, de presença negra marcante, e também árabe e indiana. Jamaicanos, Sul Africanos, Ganenses, Nigerianos ... Muitos descendentes e imigrantes de países africanos de língua inglesa (pela colonização inglesa). Da mesma forma pude vivenciar uma presença marcadamente negra em Paris, quando lá fiquei, ainda durante o DSE, de africanos e descendentes de africanos de países de língua francesa (pela colonização francesa), e também a convivência com muitos latino americanos (de colonização ibero-espanhola). Ambas são cidades cosmopolitas, mas não só isso, muitos tem sido os conflitos sobre processos migratórios, e para mim ele consiste em um movimento de retomada da expropriação aos territórios, culturas e povos ao redor do mundo inteiro pelos países europeus.

A primeira coisa que pensei quando vi o Big Ben foi, “esse ouro todo é nosso”, foi inevitável pensar isso. Então esse retorno, essa continuidade migratória - que tem incomodado a audiência de pessoas acostumadas ao requinte exploratório, e outros, que nem fazem parte da “nobreza”, mas compram a ideia de pureza e de segregação para parecerem “chiques” - eu poderia escrevê-la também como: “vocês nos roubaram tanto, nos deixaram na falta, então agora vamos aí, ver oportunidades, mesmo que seja a de incomodar seu comodismo e modismos com nossa presença”. Essa foi uma das tensões que pude observar nas relações e conversas no tempo que vivi lá.

A Europa somente abre mão da identidade política de padrão global colonialista quando epidemias apontam o problema da região ocidental, exigindo que diga a nação afetada pela presença de africanos e não o continente. Quando o inverso acontece, o problema particular de um país africano é transformado no problema da África, por isto Chimamanda Ngozi Adichie alerta sobre o perigo da história única e Patricia Hill Collins diz que os eixos da sociabilidade humana atuam e influenciam simultaneamente, dando às pessoas acesso à complexidade do mundo e de si mesmas. (Akotirene, 2019, P. 24).

A outra face é o tamanho da beleza e da multiplicidade que os espaços ganham, pelo movimento das pessoas e também do comércio e serviços de produtos externos ao eixo europa. Uma das coisas que amo fazer é ir ao mercado/feira quando viajo a um país estrangeiro. E lá encontrei tudo que precisava para fazer uma moqueca tipicamente baiana, não por ter encontrado produtos brasileiros em lojas de produtos brasileiros, mas encontrei tudo que precisava nas lojas africanas. Como encontrei, para me proteger do frio, um gorro com o

tamanho apropriado para o volume do meu cabelo em uma tenda jamaicana no bairro que morava.

O fato é que, diferente de alguns blogs racistas de viajantes - que falam mal dos pontos e experiências que fogem ao cartão postal londrino e parisiense dos grandes monumentos e seus habitantes charmosos ou carrancudos de clara tez, inclusive se incomodando com a presença de pessoas mais *melaninadas* e coloridas, de diferentes grupos étnico-raciais, seja de que origem for, suas vestimentas, cultura e tudo mais - eu amei o fato de presenciar essa multiplicidade étnica e me senti muito mais pertencente, podendo inclusive acessar tantos artigos vindos dessas outras regiões do mundo e que me faziam me sentir em casa.

Se colocarmos as palavras *londrino* e *parisiense* no google, ele te mostrará uma infinidade de imagens de pessoas brancas, e de fato, elas estão lá, são grupos étnicos da região, mas não só, há mais cor em Londres do que a internet comumente mostra, sob a lente de pessoas que primam por preservar a imagem congelada de um tempo de primazia de pessoas brancas que eu nem sei se existiu, pois é sempre um recorte de época, de região, em que outras histórias de toda população em fluxos, influxos e migrações não é contada. Eu escrevo isso como alguém que esteve lá em 2020, ano em que teve início a pandemia, e de lá pra cá muita coisa surtiu alguma alteração, principalmente pelo boom de informações, denúncias e militâncias mediadas pela internet, bem como novas e outras referências estrangeiras, no âmbito artístico, que colorem as telas de streamings com personagens negras e negros, influenciando também as produções brasileiras.

Londres e Paris me renderam uma série de imagens mentais lindas e inspiradoras, não somente por seus monumentos e arquitetura, que sim, são belíssimos, como também questionáveis pela história que estamos continuamente relendo. Mas também pelos monumentos humanos, por eu pincelar a experiência de estar em um convívio expandido, com outras culturas, recebendo insights importantes para toda a minha estadia ali. Desde a entrada na primeira estação de trem, foi notória a presença da cor, cores, muitas pessoas negras ao redor, também vivendo em uma situação de vida próspera. Essa representação tem força de ser.

Ver ainda mais pessoas negras em situação de poder, ou simplesmente vivendo suas vidas de modo comum, não só na representação de estados de carência como comumente ainda somos

representados, é reenergizante. Estar sob a mesma paleta de cores é reconfortante. Em Luanda pude experimentar como é assistir TV e o noticiário ser completamente negro, com repórteres com frondosas cabeleiras, e folhear revistas tipo a *Caras* brasileira, e todos os destaques da vida dos famosos serem pessoas negras, as embalagens dos produtos, todas com publicidade de pessoas negras. A diferenciação social ali não parecia se dar pela cor.

Uma vez, após alguns longos meses morando em São Paulo, fui passar as férias em Salvador. Um amigo me convidou a ir ao Porto da Barra, praia que fica em local turístico da cidade. Eu havia chegado a pouquíssimos dias e a minha felicidade era transbordante ao ir adentrando aquele mundo de sombreiros cheio de gente, a praia lotada de gente preta, o mar azul brilhante a frente, ninguém me olhando diferente, de cima a baixo, seja por aprovação ou desaprovação. Reconfortante. Obviamente não estou dizendo que não existe conflito racial neste locais, nem heranças de estruturas, modos de vida e modos de seleção e estratificação desigual.

Estou dizendo que ter estado neles me mostrou nuances novas sobre ser um corpo no mundo da cor que tenho e de onde vim. Porque ser “exótica” o tempo inteiro cansa. Assim como cansa estar sempre buscando estar bem consigo mesma, se colocando em independência emocional e afetiva, fazendo meu dever de casa de ser uma mulher forte, sem encontrar real ressonância ao meu redor. Então eu amei ver o mundo mais preto, mais marrom, mais colorido e malemolente nos trânsitos que fiz, inclusive fora do país, pois em São Paulo esse aquilombamento, principalmente dentro da universidade, foi restrito, a maior parte do tempo eu tive que lidar com esse outro, com o diferente, que não era apenas racial, mas também de dureza, de rispidez, de princípios bélicos. Os amigos que fiz foram aqueles que faziam parte de algum desvio social e cultural, com sensibilidades não conforme as sensibilidades já catalogadas, e estavam resistindo tanto quanto eu.

Numa primeira viagem que fiz a Cidade do México, como já relatei, passei pela experiência de um terremoto, cheguei e havia muito caos, muitas pessoas haviam morrido, casas, prédios, quarteirões inteiros destruídos ... foi um período de luto e refazimento. Mesmo nesse contexto recente de catástrofe, pude experimentar muita gentileza em todo lugar por onde passei. Quando peguei o avião de volta e cheguei em Guarulhos, me dei conta que estava em São Paulo pela rispidez que uma funcionária do aeroporto me respondeu a uma dúvida.

Entre o período de seleção para o doutorado (2017.2), quando comecei a frequentar o ambiente da Unicamp como aluna especial, até o presente momento (2023.2), passaram-se quase seis anos. Hoje, 2023, retorno ao ambiente da universidade e ele está muito mais colorido, diverso, diferente. Foi apenas em novembro 2017 que a implementação de ações afirmativas para ingresso na graduação foi aprovada pela Unicamp, passando a valer na seleção de vestibular seguinte. O ingresso destes novos estudantes só se deu em 2019, e tem sido uma crescente, tendo aumentado em 91% em cinco anos⁷⁶. Assim como a expansão das ações afirmativas no âmbito da pós-graduação ⁷⁷. Eu peguei o antes e o entre, durante a realização das disciplinas da pós, e agora, finalizando a escrita da tese, estou vendo este passar de alguns anos. Não me cabe aqui fazer uma análise profunda sobre o impacto das ações afirmativas, sobre os desafios da permanência das e dos novos estudantes afro-indígenas ingressos etc., mas, o simples passar dos meus olhos, o simples caminhar, estar e ver o corpo-central do campus (Biblioteca/RU/Circular-Ônibus Unicamp/algumas disciplinas), percebo que em matéria de número, presença e ambiência mudou muito. Éramos tão poucos, por vezes quase únicos em cada sala de aula. Em continuidade, que aumente também o quadro docente. No refeitório, conversando com funcionários de lá, me disseram que estão gostando muito, pois estes novos estudantes são muito mais educados. Realmente, somos finos, realezas, reais, temos a educação de não nos considerarmos superiores nem subalternizar, sem que isso nos torne inferiores. Nosso umbigo está no mundo.

Eu sou de uma geração anterior, cuja infância na década de 90 não foi marcada pela internet e pelas redes sociais, na qual as referências e representações do ser e amar-se como uma mulher negra eram ainda mais limitadas. Eu fiz pesquisa em enciclopédia, Barsa. Embora tenha crescido em uma família miscigenada e, desde sempre, tenha recebido um educação anti-racista, não sei ainda onde exatamente, em que ponto, minha autoestima e confiança foram feridas, eu gostaria de me lembrar deste primeiro instante em que duvidei de mim, pela inferioridade inventada pelo ambiente exterior. Será uma linda cura poder recordar esse instante. Sei que tudo dentro de mim me inclinou a buscar e amar minhas raízes afro-indígenas, como parte constitutiva da Amefricanidade que Lélia González nos mostrou sermos, e é exatamente isso que tenho feito. Também encontro forças e ressonâncias nas

⁷⁶ <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/noticias/2022/07/20/numero-de-cotistas-aumenta-91-em-cinco-anos-na-unicamp>

⁷⁷ <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2023/08/02/unicamp-aprova-cotas-etnico-raciais-na-pos-graduacao>

raízes europeias que me compõem, mas sei que a aceitação à expressão cultural desta ancestralidade é muito mais aceitável socialmente que as outras, embora, por vezes, em diálogos informais, pessoas acreditem e afirmem que não a possuímos, e achem absurdo quando digo que também possuo ancestralidade europeia.

Fiz um teste de ancestralidade pelo DNA e segundo ele possuo mais de 50% de ancestralidade vinda da Europa. A interpretação disso é uma longa conversa. O que gostaria de afirmar, para além de DNA, neste caso, e do fenótipo que - ainda que paradoxalmente ou não ao DNA - nos imprime fortíssimos referentes identitários, é que *ancestralidades* e *identidades* também são conceitos afetivos, psíquicos, culturais e políticos. E é nessa relação multifacetada que lemos nossos corpos na relação fluída com o mundo, compreendendo as tensões de todos esses elementos.

Então o momento do DSE era essa nova oportunidade de ir e experimentar outro espaço-tempo no mundo, compreender mais sobre *gente*, sobre mim, trocar com outros diferentes num espaço acadêmico de um país antigo, tradicional, colonizador, mas que propunha belas interlocuções no aspecto do sensível.

Esta viagem foi marcada por encontros fundamentais, pela conexão com lugares e pessoas especiais, que em meio a muitos desafios, também foram fonte de proteção, orientação, sensação de familiaridade, alegrias e muitos ensinamentos refletidos a partir de todas as trocas, positivas ou negativas. Assim acredito ter sido para elas também. Começo por minha orientadora, cujo nome é Vida, Vida Midgelow. Seu nome ser Vida, foi um dos sinais através do quais eu me guiei para fazer escolhas e compreender oportunidades de realizar o que precisava, ainda que não fosse do modo que a princípio eu pretendia.

Quando comecei a pesquisa eu desejava viajar para a Nigéria, tendo em vista a origem do culto às Ìyamís, bem como o templo a Oxum, na cidade Oxobô, no estado de Oxum, que eu desejo conhecer. Um desejo paralelo era realizar o DSE em Nova Iorque, na área de performance-ritual. Fiz investidas para ambas situações, mas outros caminhos se abriram para mim, e eu os abracei e trilhei. Conheci Luanda (Angola), através de um projeto de mobilidade artística da Secult-Ba, e conheci Vida em um workshop na Unicamp, no mesmo período em que o edital para o DSE da Capes-Print tinha sido aberto.

Aspectos da área da somática e da teoria Junguiana na abordagem da prática como pesquisa, pelas quais as professoras Vida e Jane Bacon (companheira de pesquisa e trabalho) transitam e atuam, são também áreas de interesse minha, mas muito mais, a sensibilidade e condução que as professoras possuem, e que eu pude experimentar de perto durante o workshop, fizeram muito sentido pra mim e me soaram como um campo fértil pelo qual eu poderia transitar e encontrar nutrição⁷⁸. Assim sendo, os ventos sopraram me dizendo “esse é o momento”, então apliquei para o DSE na Middlessex University, juntando toda a burocracia necessária, prova de língua etc., dinamicamente rápido.

Cada passo dessa pesquisa não foi feito sem oração, nem sem a negociação entre um movimento interno de expansão, e outro de contração. Compreender essas linhas de força opositivas, que me levam a necessidade de me alinhar ao que me impulsiona e aprender em cada situação a superar estes desafios, internos e externos, é uma constante.

Então, falando ainda sobre estar em um ambiente extremamente embranquecido, não foi sem choque que estabeleci relações acadêmicas durante o DSE, pois, por mais que a orientação da professora Vida fosse sensível e ressoante com abordagens e sensibilidades que eu manejava, havia dentro de mim um ser ainda inseguro e desconfiado em falar abertamente sobre os meus devaneios, criatividades e atravessamentos espirituais e de gênero, mas principalmente os raciais.

Não sentir que eu podia falar abertamente sobre o conhecimento que me atravessava, e as dúvidas e inseguranças que acompanham o desenvolvimento de uma criação, foi um dos obstáculos dessa pesquisa em todas as suas fases. Em parte, isso era meu, parte que incorporei em minha formação, por todos os embates que já vivi, o receio, e que reconheço como limite social e educacional incorporado, o silenciar, o exílio, mas também consiste em uma estratégia de defesa, a saber: fortalecer-se antes de partilhar a sua incompletude, para que não façam de você pó. Não nos foi dado o direito a não saber, ou saber em parte, temos que saber sempre o dobro, pois nosso saber sempre é questionado. Isso é bastante contraproducente, já tratei sobre isso em outro capítulo, pois limita a nutrição ao que ainda está em *status nascendi*. Essa também constitui uma obsessão identificada, a ser curada. Meu sonho, é chegar a experimentar construir conhecimento num ambiente completamente sadio, sem essas feridas

⁷⁸ <https://www.choreographiclab.co.uk/adriana-gabriela-santos-teixeira/>

de alma. E quando penso em educação é esse estado de liberdade e os meandros que permeiam a limitação dela que tenho buscado compreender para compartilhar e afirmar na continuidade de minha atuação.

Então, ainda nos primeiros meses do DSE, busquei a orientação da professora Gina, à época, minha coorientadora, na busca por uma interlocução onde eu pudesse compartilhar o “indizível” que ainda não estava me sentindo confortável para compartilhar com os colegas no DSE e me fazer compreendida, inclusive pela questão da língua, e assim me sentir mais confiante para seguir adiante. Foi uma importante conversa. E nisso, reafirmo a importância de nós, pesquisadoras negras, buscarmos por ressonância.

A importância da representação em um ambiente acadêmico é tão contundente, que foi apenas, durante um seminário da ADiE (Artistic Doctorates in Europe) durante o DSE, quando dentre os colegas apareceram uma pesquisadora e um pesquisador negros que eu me senti mais confortável, segura e acolhida dentro do fluxo de um grupo que, mesmo sendo heterogêneo, não me representava. Ele havia sido convidado a compartilhar sobre seu trabalho, que era também atravessado por um recorte racial e decolonial. Ela, que é cineasta, trazia em seu trabalho uma fala extremamente consciente, autêntica e livre. Eles, dominavam o inglês, eram americanos e o inglês sua língua primeira, se não me engano. Com ela e outro colega com o qual gostei bastante de trocar (ele afirmava toda a sua pesquisa no conhecimento prático)⁷⁹, compomos uma dinâmica de compartilhamento de pesquisa que me animou muito. Ambos me trouxeram insights lindos pela curiosidade e interesse por minha pesquisa, sobre o feminino e a circularidade que davam corpo à minha fala.

Para mim havia ainda esse ponto, a jornada através do inglês, mas não só, através da tela, da virtualidade, que foi desafiadoramente delirante. Minha mente ficava extremamente cansada. É diferente quando estamos corpo-a-corpo, e a compreensão extrapola forma. Nos encontros de partilha de pesquisa em forma de bate-papo ou seminário, era mais árduo, pois muito baseado na fala, mas os encontros da metodologia CAP traziam outro gosto, outro tempo de

⁷⁹ A discussão sobre metodologia na pesquisa em artes foi um dos grandes temas dos encontros, principalmente a questão relativa à prática, como fundamento maior neste campo do saber. O incomodo de muitos pesquisadores, que é meu também, tal qual este colega, dizia respeito à reiterada necessidade de afirmação através de referenciais teóricos, e que isso, mina, fragiliza a própria investigação e a potencialidade em gestar saberes com abordagens independentes. Ele adotou uma atitude radical e estava desenvolvendo o seu trabalho firmado na não citação de qualquer outro autor. O conhecimento produzido, escrito e que seria circulado partiria única e exclusivamente de seus experimentos e reflexões baseadas nestes experimentos.

fruição e percepção, e ainda que, através da tela, nos sentíamos, eu sentia e fruía, com muito mais organicidade.

Eu buscava ser criativa diante de tudo isso. Meus sentidos estavam sendo acurados e provocados, estava ainda mais na ZONA DE DESCONFORTO. E assim fui aprendendo com ela e me redescobrimo nela. Um amigo francês de uma amiga minha, que morava na Holanda (ele), um dia me falou algo do tipo: “- por mais que passem anos, eu sei que sou estrangeiro, e que não consigo compreender piadas internas, então tem momentos quando estou reunido com meus amigos na Holanda que eles simplesmente falam um monte e sorriem e brincam entre eles, e eu uso esse tempo para devanear, ou apenas sorrir observando qualquer coisa”. É realmente hilário esse jogo **de escuta, atenção e desatenção, foco e percepção** quando estamos viajando, e esses elementos se aguçaram como referentes na compreensão do meu processo criativo.

5.5.1. CAP, (Ground Form, Dual Awereness)

Eu passei os primeiros 3 meses do DSE sem abraçar, sem dar as mãos, sem qualquer contato físico com outra pessoa. Era fim de inverno. Em conversas, por anos e anos, sempre que o assunto era Inglaterra, as pessoas diziam que o inglês possui uma conduta mais reservada, mas naquela ocasião havia ainda a circunstância da pandemia. Eu era uma estranha, ainda mais, uma viajante, que naquele contexto pandêmico soava ainda mais perigoso.

Figura 118, Sinalização na entrada do Foster Park, 2020, onde se lê, (trad. nossa):
Favor manter distância/ Mantenha dois metros entre você e a pessoa que está à sua frente.

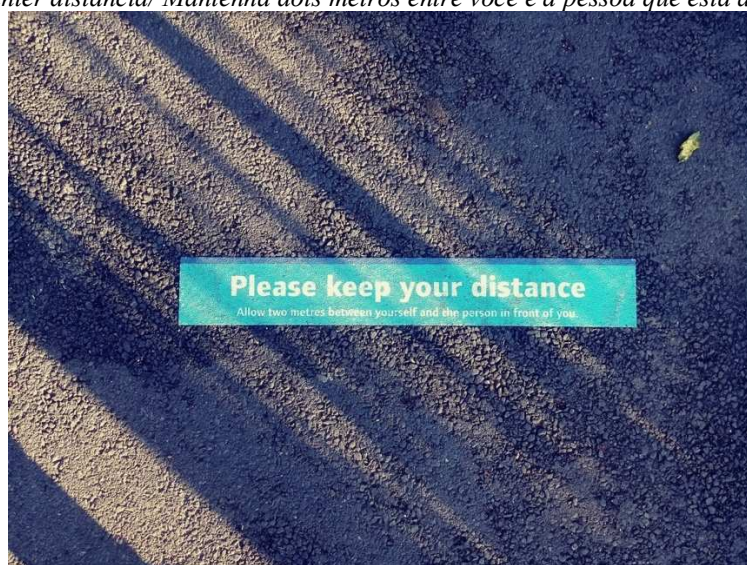


Imagem pela autora.

Cheguei na estação de trem de Catford, era noite, tinha duas malas e não conseguia me comunicar com o dono da casa onde ficaria. Vi uma espécie de cafeteria/casa de bolos e doces aberta, entrei, uma senhora negra atrás do balcão, não compreendia meu inglês, nem eu o dela. Chamou sua filha, uma mulher linda, grande, robustamente imponente. Expliquei o que acontecia e o que precisava. Ela chamou um táxi para mim. O taxista, depois de uma pequena novela de ligações, chegou. Falava um inglês com um sotaque árabe. Ele não entendia bem o que eu dizia, nem eu a ele ... afinal, foram muitas horas de voo, e só nesse espaço de tempo, minhas sinapses já haviam buscado compreender diversos “ingleses”. Eu vim conversando sem escapatória com um novo iorquino muito empolgado que sentara ao meu lado no avião e tinha me despedido dele e de seu inglês e modo americano na estação de trem. O taxista me deixou em frente a casa. A rua estava deserta, eu continuava sem conseguir me comunicar com o dono da casa para entender onde estava a chave. Chegou um carro, dele desceram algumas pessoas muito interessantes que ganhariam meu afeto nos meses seguintes.

Fui por acaso recebida gentilmente pela família que morava no andar de cima. Os pais eram jamaicanos, e os filhos, já todos três adultos, nascidos em Londres. Só um deles morava lá com o pai, e com sua filha pequena, mas todos os outros vinham em visita aos fins de semana. Era uma energia vivaz de família.

As mulheres dessa família também me auxiliaram. Abriram a porta principal, então pude aguardar no corredor interno que ligava a casa de baixo e a casa de cima. Ligaram para o dono da casa para saber sobre a chave. Me trouxeram um macarrão instantâneo para eu preparar e me aquecer do frio e da barriga roncando, pois já era tarde e eu não conhecia os arredores para ainda sair e comprar algo. Algum tempo passado e finalmente a esposa do dono da casa apareceu com a chave. Foi a única vez que a vi. Ela me mostrou meu quarto, a casa e todo o funcionamento das coisas. Eu tomei um banho super quente, preparei o macarrão instantâneo, um chá, falei com minha família, rezei e fui dormir.

Os dias que se seguiram foram um misto de alegrias e ansiedades. Eu iria participar de um retiro espiritual dentro de alguns dias, mas ele foi cancelado. Havia um encontro marcado no fim de semana, da metodologia CAP, com as professoras Vida e Jane, e outros colegas, mas também foi desmarcado, não só este como todos os outros fins de semana programados, e também os encontros presenciais na universidade. Tudo estava sendo remanejado e

rapidamente pensado para ser online, já que a primeira quarentena a princípio duraria apenas uma média de um mês, mas esse mês se tornou vários.

Depois, veio o lock down, com inclusive o fechamento das fronteiras. Quem quisesse ir embora, a hora era aquela. A Capes enviou mensagens nada reconfortante para nós, pois diziam que podíamos voltar ao Brasil, mas que quando as coisas se estabilizassem, poderíamos voltar para dar continuidade ao DSE, porém teríamos que pagar a nossas passagens. Uma passagem ida e volta pra Londres não é qualquer valor. Fora a hospedagem que já havia descontado, fora o seguro viagem etc. etc.. Mas não foi isso que me fez decidir por ficar.

Muitos estudantes de pós graduação retornaram. Eu acompanhei pela internet as notícias. Recebi mensagens preocupadas da pós-graduação que me sugeriram retornar, por cuidado comigo. Algumas dessas mensagens preocupadas chegaram quando eu fazia compras em uma rede de mercado conhecida, era a primeira vez que ia lá, e depois dessa experiência, passei um tempo sem ir até as coisas se acalmarem, então fazia compras nos mercados pequenos do bairro. Foi tragicômico, as pessoas levavam muitos itens movidas pelo medo, ou temiam que a comida fosse acabar, ou que nunca mais elas fossem sair de casa, parecia o fim do mundo.

Uma mulher muito ansiosa colocou praticamente todos os sacos de quinoa no carrinho. Eu aguardei pacientemente a ação dela. Ela deixou duas unidades. Levei uma. Realmente era um momento de incertezas, mas busquei a calma para compreender como agir e fui buscando informações do que era real ou era medo. A luta do coronavírus, além do vírus real, também foi sobre o adoecimento causado pelo medo. Em casa, um dos hóspedes que também acabara de chegar pegou o avião de volta aos EUA. Minha companheira de casa seria Mavis, que depois saberia se chamar Puillan. Ela dizia que o nome era Mavis, pois ninguém pronunciava o seu nome, Puillan, de forma correta, então cansou e dava o nome Mavis. Ela é de Hong Kong e havia passado por circunstâncias pandêmicas, não na dimensão do coronavírus, mas em alguns países asiáticos era comum o uso de máscaras e outras medidas pelas crises, como a gripe aviária, pelas quais já haviam passado.

Puillan foi um anjo em meu caminho. Séria, mas divertida. Recuada, mas amorosa. Prudente, mas revolucionária. Uma mulher sensível, taurina como eu, solicita, amigável, cuidadosa, inteligente, forte e atenta em tudo. Ela morava em Londres fazia algum tempo, e estava

naquela casa há algum tempo também. Estava se preparando para trabalhar nas forças armadas. Ela foi pra mim a manifestação do arquétipo de Obá. Me ofertou várias dicas sobre mil coisas. Durante nossa convivência compartilhamos sobre ser estrangeira em outro país, e ela me contou dos assédios que por vezes sofria por ser asiática, por estarem colocando a culpa da pandemia nos asiáticos.

Uma vez, enquanto caminhávamos em um parque, numa área aberta, estávamos sem a máscara, pois tínhamos acabado de tirar uma foto num local onde não havia ninguém além de nós. Um homem passou distante gritando com a gente, mandando que colocássemos a máscara, de forma estúpida. A gente se olhou e compartilhamos o mesmo pensamento, que ele se achou no direito de falar assim conosco porque somos mulheres, e mulheres fora do padrão.

Nós convivemos em paz, em segurança e em harmonia sozinhas nessa casa durante três meses. Na casa de cima, a família de origem jamaicana seguia também seu fluxo e nos tratávamos cordialmente nos encontros esporádicos de entrada e saída da casa, e também na movimentação de um quintal em transformação. Estes três primeiros meses foram realmente de fechamento, de pouca interação social. Mas coisas iam acontecendo, dentro e fora, na área interna e externa da casa, de cada um de nós, nos preparando para a próxima estação.

Uma dessas coisas foi o jardim. Havia ao fundo da casa uma área de quintal. Ela estava cheia de mato, florzinhas rasteiras cresciam por entre plantas espinhentas, e alguns dentes de leão faziam voo de quando em vez. Eu ia pelas manhãs tomar sol e meu café da manhã ali. Precisava me abastecer de vida, e qualquer fresta luminosa do sol quentinho era um luxo. Nos primeiros dias, o quintal e o mercado foram as minhas primeiras aventuras. Com o tempo, passei a explorar o quarteirão, até me sentir mais segura para ir mais além, e caminhar por toda vizinhança até onde os meus pés quisessem me levar, seguindo o caminho das flores e dos pássaros, que a chegada da primavera não parava de brotar. Só muito tempo depois tomei um ônibus, os famosos vermelhinhos de dois andares e fui mais além, até chegar a permissão para atravessar a fronteira e me abrir a um verão mágico e místico no velho mundo, em pleno fim do mundo. Mas tudo isso foi gradual, não linear, e oscilante. E necessitou de muita arte, muita reza, firmeza e manutenção contínua da escuta e da chama interna acesas.

O jardim é mesmo uma linda metáfora. Ali estava eu, através da Capes-Print, no Projeto PPG Artes da Cena “IDA-E-VOLTA: entreterritórios de pesquisa e reflexão nas artes da cena”, com o Plano de Pesquisa “Giras de uma Prática como Pesquisa: Performances Afrofemininas de Descolonização”, sob a supervisão da professora Vida Midgelow.

Vida me recebeu muito amorosamente. Tivemos um primeiro encontro online para saber como ia tudo, se eu estava bem acolhida, e atualizar sobre as adaptações das atividades do DSE, que caminharam com encontros online em duas vias paralelas cheias de ramificações entre elas: encontros da metodologia CAP (Creative Articulations Process)⁸⁰ e seminários de pesquisa em andamento. Essas eram atividades com grupos de estudantes diversos de pós-graduação e que faziam parte do ADiE (Artistic Doctorates um Europe)⁸¹, além delas tínhamos nossos encontros individuais. Nesse contexto, passei a desenvolver atividades da pesquisa, realizando práticas de Ground Form (parte da metodologia CAP), das Giras propriamente ditas, e dos giros, caminhadas e registros em casa, no jardim e depois me expandindo pelo bairro e parques de Catford Bridge. Essas experiências me acompanharam por toda a viagem, assim foi também em Paris, e em outras partes da França onde vivi, me expandindo de um espaço fechado, da casa, para ambientes naturais, paisagens de cachoeiras e riachos como em Grenoble.

Seguimos aprofundando a metodologia CAP até novembro de 2020, tendo eu pedido extensão por mais 3 meses do período do DSE, que acabaria em agosto daquele ano. Foi importante concluir o ciclo lá e retornar no início do inverno. Assim lá cheguei, fim de inverno, assim retornei, início de inverno. Foram nove meses, pude experimentar mais uma nova gestação de mim mesma através das estações. Quantas vezes já me pari? Muitas. Você já se perguntou sobre seus partos? Apesar de meu estado emocional estar extremamente sensível, eu não era a mesma, definitivamente não era. Ninguém era, afinal, atravessamos meses de um estado completamente caótico, em que cada dia era uma surpresa, para além das surpresas que cada dia sempre é. Hoje me olho e consigo compreender com mais clareza como eu operava em uma fragmentação de corpos, tempos, espaços, memórias e ainda assim, me mantive no processo. Preciso reconhecer a mim mesma, porque não foi fácil, mas foi abençoado e repleto também de experiências felizes, que eu sei, muitas pessoas que conheço não puderam viver,

⁸⁰ <https://www.choreographiclab.co.uk/creative-articulations-process-cap/>

⁸¹ <https://www.artisticdoctorates.com/>

no clima que estava instaurado no Brasil, com um desgoverno que só aumentava a insegurança e o medo.

Então, eu resolvi mesmo permanecer na viagem do DSE – naqueles primeiros dias após chegar e a situação de caos se instaurar - depois de falar com minha família. Minha mãe, meu irmão, minha irmã, meus sobrinhos. Nos meses que precederam a viagem para o DSE eu havia vivido um vendaval no amor e poucos dias depois de chegar em Londres, havia rompido com um ex-companheiro. Estava em luto por isso também, o coração miúdo. A quem interessa tudo isso? Interessa pois esse era o coração que sentia a pesquisa, que pulsava a pesquisa, essas foram emoções as quais precisei atravessar também, e são parte das obsessões que precisei identificar e curar, padrões e repetições de comportamentos na esfera afetiva, atravessados por marcadores de gênero.

Eu queria ficar, sentia profundamente que era para eu ficar, mas, ainda no primeiro mês, passei por um período de mal estar de saúde, me senti frágil, e foi me conectando a uma corrente de orações diárias sobre as quais fiquei sabendo em um grupo espiritualista de amigos de Salvador, e outra sugerida por minha mãe, entre as 18h e às 20h da noite, que melhorei e me ancorei. Meditei muito. Rezei muito. Diante de meu altar, eu rezei por mim, por minha família, por toda a humanidade. Sentia muitas irradiações físicas quando rezava, sentia desdobramentos sensoriais como se estivesse na *força*⁸², e me sentia sendo nutrida pela fonte da vida. Então durante o dia eu seguia me conectando à vida. Buscava por ela em cada parte, por onde eu olhava, nas coisas sutis do chão, na metáfora do jardim, das árvores peladas do inverno que logo logo começavam a despertar pequenos brotos verdejantes. Eu confiava que a vida era mais forte que tudo, e que tudo teria um ciclo, que chegariam outras estações, que haveria de se apresentar mais beleza a todos nós depois daquele estado de ceifeira, os campos, nós, haveríamos de nos transformar em algo melhor. Era tempo de deixar ir, tempo também de acreditar, tempo de cuidar e confiar no próprio tempo. Foi em um destes tempos de aprender com jardins que escrevi as palavras que seguem:

*Na natureza,
há primores primaveris,
há primores outonais,
há flores que florescem outono,*

⁸² Palavra utilizada para se referir a todo um conjunto de perceber e sentir expandidos mediados pela sagrada medicina da ayahuasca.

folhas que barqueiam intermédio.

*No desfolhecer há florescência,
e no esplendor, morte.*

*Alternam-se vida morte vida como irmãs,
num útero fecundo, Terra,
que não cansa de parir estados livres de
conexão com seu ventre consciência.*

*Seja outono, seja primavera, seja norte, seja sul,
na natureza sempre há de um tudo!
E tudo é parte de um tudo,
e tudo é naturalmente belo!*

*Aceito, sou p.Arte dela, Natureza.
Temos suas instâncias, alternâncias, reentrâncias,
temos sua exuberância e multiplicidade,
temos suas fases dentro de fases dentro de fases ...
deitadas no corpo e na alma, estações!*

Minha mãe me disse, “filha, se não fosse para você estar aí, você nem teria ido, não teria conseguido viajar. Você recebeu permissão para viajar, por isso está aí nesse momento, tudo tem um propósito, estar aí é sua missão.” Meu irmão me ajudou a pensar e ponderar as coisas práticas, me encheu de otimismo, e junto a minha irmã, com muito afeto, garatiram que cuidariam de mainha, que cuidariam deles mesmos, que todos ficaríamos bem. Eu confiei que assim seria.

Como disse, havia colocado muita esperança na mala, alguns talismãs e meu tapete de yoga, então meditei diariamente, comecei a realizar as práticas do Ground Form e nas idas ao mercado, cada vez mais além, fui descobrindo primeiro as flores vendidas lá mesmo, e mais adiante, as flores que começaram a brotar por toda parte, nas praças, nos jardins, então também comecei a vivenciar novas Giras ali, primeiro dentro do meu quarto, ofertando às Iabás aquelas flores, que também floriam em mim.

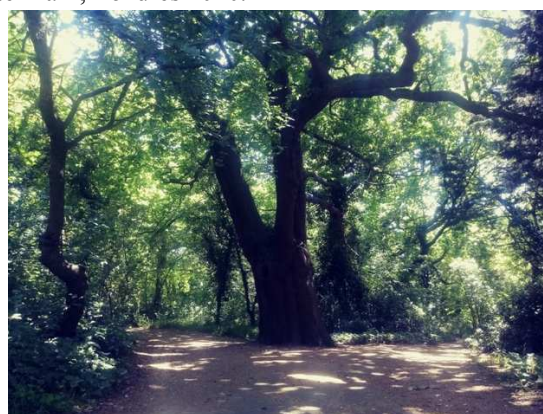
Um dia, numa ida ao mercado, notei uma árvore florida no caminho, com flores enormes e brancas, muito bonitas, entrei por uma nova rua, pela qual nunca havia caminhado. Deixei então que meus pés me conduzissem, à deriva. Fui parar em um parque que seria um dos meus lugares preciosos de todo dia, o Foster Park. Lembro da imagem dos corvos aos montes, pousando nas árvores de entrada. Foi forte. Saudei a mata, antes de adentrar aqueles novos

caminhos de bosques. Particularmente amei a presença dos corvos durante toda a viagem, em nada os achei tenebroso ou coisa parecida, eu sentia satisfação em vê-los e também escutá-los. Acredito que podem ter sido eles que desenhei sobrevoando a cabaça na pintura que fiz, Ìyamís, muitos anos antes.

Figuras 119 e 120, Foster Park, Londres 2020.



119



120

Fotos 119 e 120, acima, pela autora.

Esses símbolos, e ir encontrando sentido neles através do desenvolvimento dos meus passos, iam me dando a confirmação de que eu estava no caminho certo. Os corvos são figuras emblemáticas de Londres, e sobre eles pairam lendas, como a de que a presença deles na Torre de Londres significa a proteção da monarquia contra o caos. Eles estão por toda parte, assim como as raposas, que curiosamente vi não só nas ruas, mas primeiramente e inusitadamente no jardim da casa em que morava.

Se antes cada ser já fazia um sentido extraordinário para mim, àquela época, cada abelhinha que entrasse em casa, cada mariposinha que aparecia, aranhas, passarinhos etc., eram para mim recados, **eram encantados**. Tudo estava expandido, através do tempo de apuro, o tempo de pausa, de mais cuidado, que vivíamos, do chamado da existência de que prestássemos atenção em algo mais, no não habitual e frenesi do viver. **O sutil**. Assim também as meditações me conduziam para este lugar de maior e maior **atenção** e do entendimento dessa atenção, assim também a prática do Ground Form me ajudava a **desacelerar processos de ansiedade** e ir até onde minhas **emoções** realmente necessitavam ser vistas e externalizadas, assim também começaram a me fazer **notar, perceber** o meu entorno de modo diferente. Notar, Perceber, são palavras chaves e conceitos importantes dentro da metodologia CAP.

Muito daquilo que consideramos invisível, diz respeito ao quanto estamos permeáveis ou não a perceber enquanto presença. Então a *Atenção* é uma outra chave e princípio que permeia a sensibilidade e a abertura à captar sensibilidades latentes que por muitas vezes nos informam e formam de modo inconsciente. A atenção é um fundamento para alcançar a consciência. A presença atenta, integral, permeável, sem fixação, porosa, auto-observadora, conduz à consciência, e nisso, uma série de habilidades do sentir e do materializar, experimentando estruturas com fluidez, dão base para sustentação e contorno de um processo criativo.

Neste sentido, Gay Watson integra a atenção como prática de auto cuidado, vitalidade e criação de si mesmo e consequentemente entornos mais saudáveis.

As práticas de atenção tornam-se então práticas de autocriação. Eles podem melhorar, enriquecer ou melhorar as nossas vidas e, na verdade, as vidas daqueles que nos rodeiam. (...) É fundamental, então, descobrirmos com as práticas o que pode ajudar no desenvolvimento de uma mente sã e o que pode prejudicá-la. (...) Tudo depende de como a gente atende; o ingrediente ético da atenção. (Watson, 2017, P.14)

As práticas de reconexão à saberes afrodiaspóricos, mediadas pelo mergulho oceânico em ambientes internos e externos de beleza, como também de traumas e aprofundamento de conhecimentos de mim mesma e de minhas habilidades de perceber e sentir, convocaram a atenção para alinhamentos constantes, escolhas de abrir, ver o que se passava em mim, através de mim, e aprender a focar e fazer expandir aquilo que fosse vitalizante, por meio dos princípios e valores que assentava como importantes: auto-respeito, acolhimento, não julgamento, amor incondicional, não violência, gratidão e honra à vida... Escrevendo isso aqui agora, todo o desejo que tenho é levantar da cadeira em que estou em frente ao computador, e me mover livremente, respirar em meu coração, e ofertar tempo e espaço para me escutar e reequilibrar em movimento, limpar desatenções e atenções estagnantes, restabelecendo o que é mais importante, dançar como forma de manter o meu bem-estar, trocar energia e me ancorar de vida.

Ground Form

O *Ground Form* consiste, de forma simplificada, na base, na experimentação prática e contínua das facetas que compõe a metodologia CAP, quais sejam: *Opening* (Abrir), *Situating*

(Situar), *Delving* (Investigar), *Raising* (Ascender), *Anatomizing* (Anatomizar) e *Outwarding* (Externalizar). A intenção desta metodologia é justamente auxiliar artistas em seus processos criativos, a fim de colaborar na elaboração dos conhecimentos tácitos que envolvem o processo criativo, assim como a externalização e concatenação de pulsões e experiências cênicas. “Em essência, este é um modelo, com estratégias de acompanhamento, para o desenvolvimento de uma práxis, ou uma prática reflexiva, e de formas de ‘dar voz’ à sua prática” (Bacon e Midgelow, 2014, P.02, trad. nossa)

Em agosto de 2019 eu experimentei presencialmente o Ground Form com as professoras Vida e Jane Bacon, em um workshop na Unicamp. A partir dessa experiência, tornou-se mais acessível vivenciar o Ground Form individualmente e por meio virtual com outros pesquisadores, durante o DSE pandêmico em 2020. Seguimos aprofundando o CAP entre diálogos, práticas, e compartilhamentos a partir de referenciais de alguns autores com os quais Vida e Jane dialogavam e que traziam conceitos e elementos-chaves dentro da metodologia. Esta é embasada (Ground Form), sobretudo, na experiência, em um saber de experiência, e principalmente, um saber corporificado, como campo de prática como pesquisa que está inserida.

Nos foi compartilhado duas gravações com o “Ground Form”, de mais ou menos uma hora cada, que consistiam em um áudio da condução de Vida e Jane através das facetas. A proposta era que experimentássemos individualmente em nossos ambientes e possibilidades, e íamos compartilhando, primeiramente, aspectos dessa experiência, online, através de imagens, pequenos vídeos, escritas poéticas e escritas criativas (que também é um dos elementos-chave da CAP). Posteriormente passamos a experimentar coletivamente o Ground Form, e cada faceta em profundidade, através dos encontros virtuais específicos da metodologia CAP, em conexão com a pesquisa pessoal (interesses criativos) de cada participante.

De forma resumida, as facetas significam:

Opening (Abrindo): Dar tempo e espaço

Situating (Situando): (O que eu sei hoje sobre)... o que me traz aqui, onde estou

Delving (Investigando): (Eu desejo)... o que me interessa?

Raising (Ascendendo): trabalhar para render o que tenho e/ou o que faço...

Anatomizing (Anatomizando): trabalhando para expandir/ampliar/testar/clarificar minha prática

Outwarding (*Externalizando*): trazendo o que encontrei para fruição e novamente notar (talvez) futuras direções/ espaços/ tempos que me desenham.

(Bacon e Middelow, 2014, P.02, trad. nossa)

A prática inicial e individual do Ground Form - unida a prática das Giras e das caminhadas - foi me revelando conexões interessantes, dentre elas cito cinco:

I- perceber elementos, materialidades de meu entorno para os quais não havia dado atenção, como as lixeiras na cerca da frente do jardim de casa. Era como se eu fosse paulatinamente ficando mais presente onde estava. E também me liberando do volume de pensamentos que habitavam a minha atenção.

II- expressar através de canções “antigas”, que chegavam do meu subconsciente, estados emocionais em que eu estava. Suas letras traziam respostas, funcionavam como autoregulação emocional ao que eu vivia.

III- Aparentes desconexões e distrações, que em verdade, redirecionavam o meu looping de pensamentos, ansiedades e seriedade, e me faziam notar e me perguntar sobre coisas aparentemente insignificantes, como “para que servem as unhas?”, mas que me refocalizavam em uma atenção mais leve. Sobre isso, conecto a um sonho que tive e ao sobrepeso que compõe a performance existencial de muitas mulheres negras, como eu. Sonhei com uma mulher branca chamada Ìyamí (mães ancestrais africanas). No sonho ela era muito tranquila, leve, do tipo, “me preocupo apenas com a poesia da vida e posso fruir com meus desejos, interesses e amenidades, sem muito esforço. Não serei cobrada sobre isso, ao invés, serei apreciada”. Ela recebia, no sonho, gestos carinhosos e o afeto de outro alguém por quem eu era afetivamente envolvida. No sonho eu ficava chateada, ela era eu, mas não era. Eu a observava, como sendo e não sendo ela ao mesmo tempo. Ficava chateada pensando, ela simplesmente pode existir e receber tudo isso sem fazer nenhum esforço por ser uma mulher branca. Nesse sentido, uma experiência que se relaciona com este sonho é o uso de guias de proteção. Eu fui vista e sentida com desconfiança em lugares por onde passei por carregar comigo meus colares de contas, minhas guias de proteção. Notava a diferença como corpos brancos usando contas eram reconhecidos e recebidos em detrimento ao meu. Esse sonho revela e tensiona interseccionalidades que um conceito universal de mulher jamais olharia.

(...) frequentemente e por engano, pensamos que a interseccionalidade é apenas sobre múltiplas identidades, no entanto, a interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais. A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos. (Akotirene, 2019, P. 37)

Já falei sobre o esforço mais que dobrado que sinto e sentimos e está arraigado nas práticas sociais sobre as corpos de mulheres não centrais para a provação do seu valor e até mesmo da sua humanidade, em geral construída como “outra”.

Algumas sensibilidades e interesses que possuo nunca pareciam suficientes se não fossem acompanhadas de muitas justificativas e da minha postura vigilante. Então, me dar permissão para me interessar pelo que não é aparentemente importante, o devaneio, mas que me vitaliza, e me desincorporar do crivo de precisar sempre fazer mais e melhor, é um desafio constante e fundamental, para onde preciso sempre retomar o leme. Mas não só isso, caminhar com o que me constitui, com as Ìyamís, um símbolo feminino ancestral negro, e não sobrepesar, ainda que o entorno imprima peso, foi a mensagem daquela minha aparição em sonho numa corpa branca. Saber de tudo que me atravessa e em meio a tudo isso, buscar, encontrar e sustentar a minha leveza, me liberando de bagagens e energias densas... foi uma lembrança para me posicionar e permitir ser, sobretudo, livre para fluir com a minha poesia.

IV- Nascimentos de palavras, expansão dos sentidos: Espectros, refrações, fractais, órbita...

A experiência com o ground form foi me ampliando o entendimento sobre a expansão dos sentidos. Durante processos de meditação, anos antes, passei a notar padrões mandálicos e fractais que se abriam ao infinito através da visão interna do terceiro olho (*Ajna*, o sexto chakra). Assim também, experiências com a ayauasca me mostravam este universo através das mirações, de olhos fechados, e eventualmente, de olhos abertos, mirações através de formas multicoloridas, como as cores do arco-íris, ou prisma, neon.

Em uma experiência de ground form, passei a perceber outras sutilezas através da visão, assim como em outro momento havia experimentado com a audição. Percebi a refração que os raios do sol imprimiam no ambiente através dos meus olhos. Brinquei com essa sensação e visão tão mágica e completamente física, presente bem ali, na relação cristalina de meu corpo

com o ambiente e a luz. Após esse dia, ganhei esse presente, pausar e perceber vez ou outra o universo contido nesses e através desses fractais brilhantes, no por do sol, no brilho das águas, em gotículas d'água através dos fios de meu cabelo, ou mais perto, ciliar ao olhar.

O interessante é que essa ampliação da visão, da percepção de como a natureza se expressa - ver este mundo de forma mágica, ver as belezas do mundo, me apaixonar ainda mais pela vida e pela terra - começou a tecer comunicações com a captação de imagens, tanto em fotos como em vídeos, e produzir sincronicidades na produção de vídeos-dança que fui compondo intuitivamente tanto no momento da interação corpo-natureza-vídeo, quando em momentos de montagem. Como em um vídeo despretensioso que fiz dançando com as energias de iansã, em que a luz do celular piscou em algumas ocasiões, me remetendo sutilmente à iluminação provocada por relâmpagos (mas não relampejava), e isso não foi fruto de qualquer edição.

O aguçamento sensível, o estado de corpo-mágico e expandido⁸³ propiciado por todas as práticas desta pesquisa me levaram a uma comunicação possível de captação através da câmera. Bem como ao exercício criativo e fluido de edições em que completava os sentidos do vivido a partir de montagens e efeitos que nem sempre eu compreendia de imediato aquelas escolhas, e só depois, vendo em inteireza, conseguia captar. Foi a partir de esmiuçar pela contemplação sutilezas do mundo e ir me envolvendo com ele com respeito que também passei a notar detalhes grandiosos. Ao menos para mim são grandiosos, sim.

O site produzido no período do DSE veio do desejo de compartilhar práticas da pesquisa, pois estávamos em quarentena sem poder praticar presencialmente. Como eu intensifiquei nesse período o registro audiovisual, preparei o *site* com a intenção de propiciar uma experiência a quem caminhasse através dele. Tudo começava pela respiração, pela busca de um fluxo perceptivo menos ansioso e seguia verso a verso, ação de apreciação à ação de apreciação, vivência à vivência, ambiência à ambiência, à composição da poética sinestésica em Gira que compartilhava ali.

Em uma foto tirada próximo a casa que eu morava em Londres onde aparecia uma via com uma placa de trânsito “give way” (dê passagem) sobrepus como colagem um vídeo feito em Luanda, onde no carro em movimento fui filmando trechos da avenida por onde passávamos,

⁸³ Corpo-mágico, corpo-expandido, denominações às quais cheguei durante a pesquisa do mestrado. (TEIXEIRA, 2016)

criando ao meu sentir, vias decoloniais. Queria dizer, território inglês, dê passagem ao trânsito e fluxo de Luanda. Aos saberes vindos de África. Território corpo colonizado, dê passagem. Abra-se.

Encontrei no chão imagens similares a uma cabaça, ou lâmpada, que eram uma espécie de bueiro em Londres, canais onde se conectava à canalizações subterrâneas de água. Nesses símbolos estava escrito W, de water, água, mas eu também associei a Womb, Ventre, tal qual sentia comunicar com a Cabaça da Criação. Indicação ali para mim que o chão era o lugar da criação. Passei longo tempo me harmonizando através da relação com o chão ali em Londres, e isso proporcionou a expansão do meu fluir, como as águas subterrâneas, como tudo que estava abaixo, canalizado ou não, acimentado ou não, mas completamente vivos, irrompendo e brotando, rompendo e atravessando, uma e outra vez, das profundezas da terra.

Vou agregar aqui um sexto elemento, uma sexta conexão observada:

VI- Desde que comecei a praticar meditações ativas, observo movimentos de chacoalhar o corpo como fonte de liberação energética. Com a sucessão de práticas e o desejo de compreender esses movimentos no universo da dança, percebi que eles apareciam principalmente quando eu me conectava à energia de Iansã e proporcionavam principalmente uma ativação do meu chakra básico/base, sentia exatamente aí movimentos que se intensificavam até soltar, liberar, o que estava preso ou em desequilíbrio, digamos assim. Ao máximo, busco deixar que este movimento chegue ao seu máximo, até eu não aguentar mais de tanto chacoalhar, ou até aquela onda de chacoalhar passar naturalmente. É maravilhoso. O quadril aos pés e vice-versa, é o eixo principal em questão, que irradia às mãos, tronco e cabeça, escoando vibrações. O chakra básico diz de pertencimento, da conexão genuína com a terra, diz de enraizamento, de confiança na sustentação material da terra e além de muito mais, tem conexão com nossa sexualidade, que não termina por aí, no chakra básico, mas perpassa, se potencializa e se irradia através dele.

Durante uma experiência com o Groud Form, esses movimentos apareceram em um contexto completamente sensual e dentro de uma ambiência em mim em que me sentia irradiada do sublime prazer de estar em meu corpo de Pomba-Gira. Em alguns momentos, entretanto, sentia bloqueios expressivos em mim, que atravessavam meu pensamento, trazendo sentimentos estranhos, contraditórios, como se mover daquela forma em algum momento

tivesse sido proibido. A puta em mim queria falar outra vez. Quando faço essas associações, Pomba-Gira, Puta, as reconheço em um território de poder. De potencial exercício e expressão do prazer e de performances desejadas, mas muitas vezes rechaçadas, ocultadas por tudo que a gente já sabe se impor como castração, moralidade e controle social. Naquela ocasião, estava tentando dar conta de minhas obrigações com muita seriedade, estava tensionada pela situação de tudo, com tensões decorrentes do que chamam de *bruxismo* no maxilar. Parti dessa observação de dores no maxilar até encontrar o sol. Onde estava o meu prazer?

Durante a prática, tudo estava me convidando simplesmente ao prazer, a desfrutar daquele instante, de me abrir a reconhecer outra vez o meu corpo prazeroso, a começar pelos meus quadris e irradiar em movimentos que buscavam por cada parte de meu corpo, numa varredura feliz, aproveitando os raios de sol que atravessavam a janela, o toque no chão de madeira macio... Em estado de prazer. Ter prazer e gozo e gosto em estar comigo mesma naquele ali e agora, de “mundo acabando”, do outro lado do mundo, em que uma parte de mim estava sim ansiosa, confusa, angustiada, mas completamente cheia de vida e precisava continuar assim, expandindo vida. Encontrando sustentação. Encontrando vitalidade. Confiando no chão onde estava. Ascendendo minha potência de existir. Me permitindo ao prazer. Foi um momento sublime ao qual me agarrei para não soltar mais, o entendimento desse estado de prazer, de desfrutar de meus sentidos, de ser sensual por estar completamente conectada ao gosto de tudo de gostoso que acontece a todo momento pelo simples e grandioso fato de estar viva e sentir a vida em mim.

Para As Cicatrizes

Haverá um antes? Haverá um depois? Haverá um agora?
 Em que parte de qual história insisto e estou?
 No fazer a si, a mim, lembro, lembra,
 Lembro de ouvir outras vozes em mim e que me contam,
 como Makota Valdina, de ser o Sol, iluminar, irradiar
 ...de ser feliz.

_diário de poesia

A seguir, abaixo, imagens do meu diário neste dia, anotações de escrita livre e criativa que suscedem cada faceta alternadamente dentro da prática do Ground Form.

Figura 121, Diário, Opening/Abrindo, DSE, Londres, 2020.

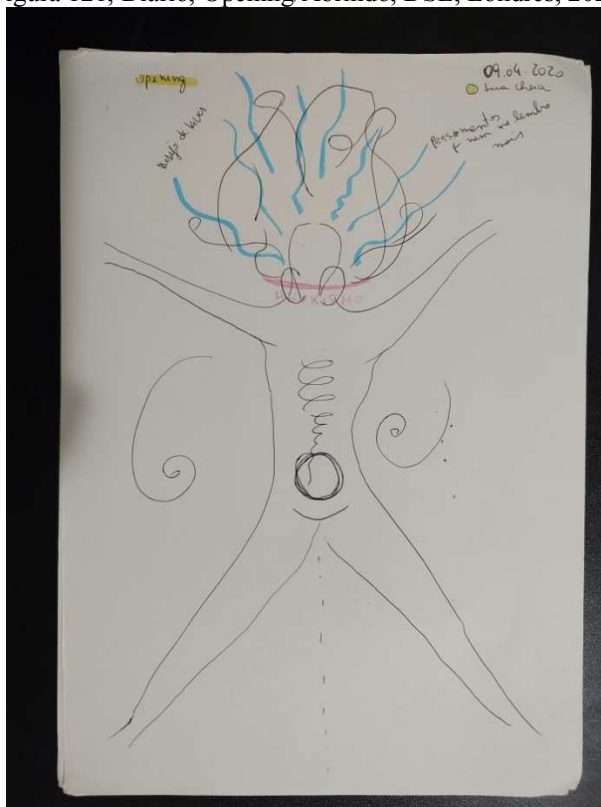


Imagem pela autora.

Figura 122, Diário, Situating (Situando), Delving (Investigando), DSE, Londres, 2020.

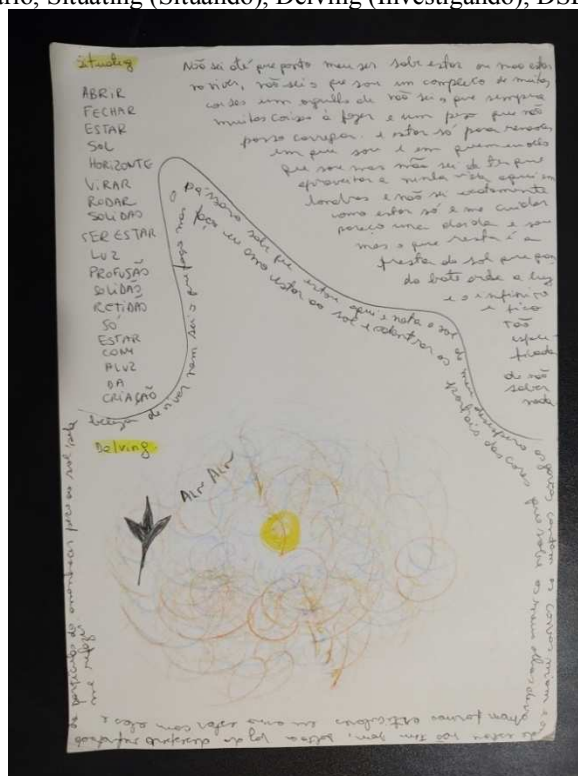


Imagem pela autora.

Figura 123, Diário, Raising (Ascendendo), Anatomazing (Anatomizando), DSE, Londres, 2020.

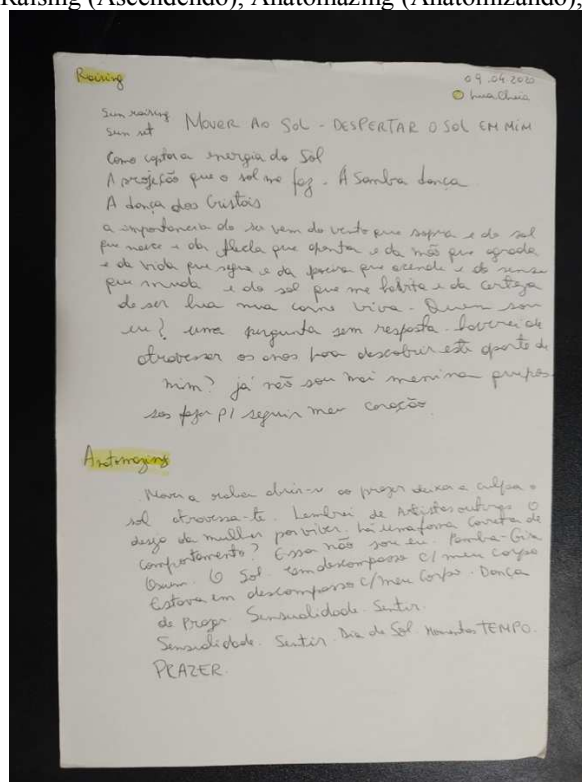


Imagem pela autora.

Figura 124, Outwarding (Externalizando), DSE, Londres, 2020.

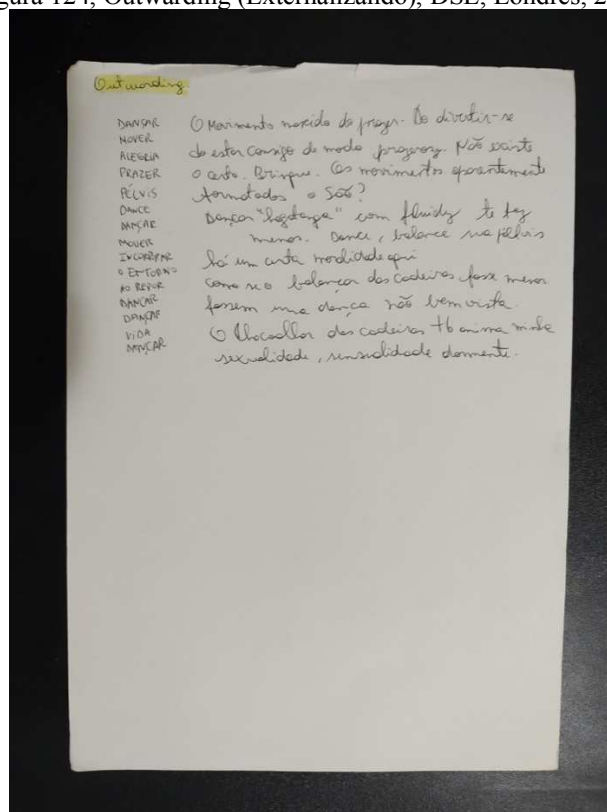


Imagem pela autora.

Os dias passavam, os brotos começavam a folhar, os vizinhos de cima, a família jamaicana, jardinavam o fundo da casa diariamente. A paisagem interna e externa ia se transformando. O que antes era mato encantado, começou a se tornar um espaço jardinado encantado. Eu celebrei meu aniversário me presenteando com um vestido vermelho. Há um bom tempo não bebia, pois tenho momentos longos em que sou completamente não-etílica, meu ser rejeita o álcool. Mas senti de comprar um vinho e em oferta fui dançar com Rosa da Vida (entidade Pomba Gira que se apresentou para mim com uma guia). Estava aberta mais uma vez à Gira. Girando com Rosa e com as Iabás, comecei a florescer, e tudo floria à minha volta, era primavera.

Oferendi uma rosa em uma encruzilhada, num parque em Catford Bridge. Sincronicamente, dias depois as fronteiras se abriram. Eu poderia ir visitar uma amiga em Paris. Um dia, pouco antes de ir, chegou à nossa casa, ainda em Londres, uma nova hóspede. Latino Americana, de família da República Dominicana, nascida na Itália, crescida em Nova Iorque, e chegada de lá ali. A própria Pomba-Gira. A gente se deu bem logo de cara. Linda, vaidosa, divertida, inteligente, sensível, criativa, amorosa, louca... Uma figura maravilhosa. Gostava de unhas vermelhas. Foi a primeira pessoa com a qual, após meses, interagi fisicamente. Eu estava indo ao Foster Park neste dia, como de costume, e ela estava vindo do mercado, nos cruzamos na rua e demos um “High Five”, toque de mãos no ar. Foi impressionante, eu sequer apertara a mão de ninguém por meses, senti uma explosão de energia irradiar por meu braço. Estava aberta a temporada dos gestos interativos outra vez. Continuei o meu trajeto. Cruzei a rua, subi a ladeira, adentrei ao parque e vi um grupo de mulheres sentadas na grama, próximas a uma árvore onde eu gostava de ficar. Fui até elas, me sentei ali. Elas começaram a puxar assunto comigo. Meses que eu ia naquele parque e não puxavam assunto assim comigo. Tinha sempre algum cara olhando, mas nesse nível de comunicação, não. Naquele dia tudo estava diferente. Eu estava magnetizando comunicação.

Um homem, negro, passou uma, duas, três vezes por mim, dando voltas ao redor do parque. Ele passou e me olhou nessas oportunidades, até que veio em minha direção. Se apresentou. Era pastor. Estendeu até mim a mão. E mais uma vez, toquei a mão de uma nova pessoa naquele dia. Ele me disse que sentiu que precisava falar comigo, que passou por ali aquelas vezes fazendo a caminhada dele e que algo disse a ele para ir me dar aquele recado. Ele me

disse para eu não me preocupar, que tudo pelo qual eu me esforçara, e aquela sensação de confusão, em algum momento iria explodir de entendimento, belamente, festivamente, esplendorosamente, como uma champanhe. Fora o esplendor do entendimento da importância que celebrar a vida e os encontros tem na saúde e na abertura de nossos caminhos, menos de um mês depois recebi o apelido de “a abridora de champanhe”, apelido dado por minha amiga franco-chilena e sua mãe quando fomos visitá-la, tendo em vista minha habilidade (que eu nem conhecia) em abrir uma champanhe ofertada por ela para que brindássemos nosso lindo encontro e conquistas nas margens do rio em Grenoble onde ela morava (sul da França). Elas moravam na França há muitos anos, mas eram Chilenas, a família mudou-se para França em virtude da ditadura de Pinochet. Em Paris acompanhei um momento de manifestação de Chilenos em virtude de circunstâncias e injustiças que ocorriam durante a pandemia no Chile.

Figura 125, Manifestação pelo Chile. Paris, 2020.



Foto pela autora.

Entre movimentos de aberturas e fechamentos de fronteiras, entre obrigatoriedade de uso de máscaras e sua flexibilidade, entre distanciamento social e desobediência afetiva, entre momentos de expansão e contração, entre tensões e atenções, entre notícias de colapsos e palpáveis e magníficas vistas, o curso da vida fluía através de uma constante perseverança em perceber diariamente o seu esplendor, nos detalhes mais pequenos, em tudo que me atravessava e irradiava, tendo cada uma de nós sido também essa fonte luminosa umas para as outras.

Voltando ao dia D, no Foster Park lá em Catford Bridge em London London... meu Deus.a. Eu estava boquiaberta com as surpresas daquele passeio que eu fazia cotidianamente e que sim, sempre me rendia lindas surpresas, mas naquele dia girava em velocidade novas chaves. Não parou por aí. Agradei ao pastor e ele a mim. Ele seguiu o caminho dele e eu continuei sentada ali, comecei a meditar e a fazer leves alongamentos e exercícios de yoga ali, sentada. Um outro homem, negro, se aproximou, pediu licença. Estendeu a mão para mim e se apresentou. A terceira pessoa a quem eu dava a mão naquele dia após meses sem triscar em outro ser humano. E, além de tudo, ele era muito charmoso e lindo. Bom, ele disse que observou meus movimentos e ficou interessado em saber o que eu estava fazendo, pois sentia uma boa energia vindo de mim.

Desencadeamos uma conversa que para mim pareceu durar muito tempo, sobre meditação, auto-cuidado, conexão com a natureza, equilíbrio mente-corpo-espírito etc. sem fim. A nível de presencialidade física, eu me comunicava em casa, com minhas companheiras de casa, com a família da casa de cima, na vizinhança quando ia comprar algo no mercado, e virtualmente com as atividades do DSE, também com minha família e amigos, mas aquela conversação presencial e em ambiente público foi a mais longa que tive em meses. Era tempo de florescer. A sucessão de fatos foi tão intensa, que toda a lentidão de broto parecia agora se expandir em uma rapidez frenética e tremenda. Eu voltei pra casa energizada. Nesse mesmo dia, nós, transpassadas por modos de ser amefricanas, eu e Paola - a nova moradora - quebramos o protocolo, e nos abraçamos. Puillan, de Hong Kong, depois de alguns dias abriu espaço para o abraço também. Ficamos rapidamente amigas as três. Embora eu morasse com Puillan há muitos meses, e ela morasse em Londres há alguns anos, aqueles primeiros tempos muita coisa estava fechada, com difícil acesso e interdições, então praticamente não saímos do bairro, ela me orientou e apresentou lugares dali. Foi Paola quem me mostrou diversos pontos do centro da cidade. Ela já havia estado em Londres. E tinha aquela pegada cosmopolita de quem vive em Nova Iorque, ao mesmo tempo bastante enraizada na sua República Dominicana sobre a qual falava com muito afeto. Ficou feliz da vida quando comecei a falar em espanhol com ela.

E de repente, não mais que de repente, após uma longa jornada arada diariamente, grama a grama, plantinha a plantinha, dentro e fora, o jardim estava pronto e ia ser inaugurado com uma festa! Ual, uma festa no fundo de casa. A primeira festa após meses de lock down. A

família de vizinhos nos convidou, e a festa aconteceu um dia antes de eu viajar para Paris. Claro que a gente se divertiu muito, e na comunhão de muitas raízes, dançamos coletivamente Candy/Dance Hall, Batchata e etc. no jardim.

Passamos pelo frio, passamos pelo primeiro lock down, passamos pela primeira onda de isolamento social glacial e agora eu estava indo um tantinho mais além, com as bênçãos de Rosa da Vida, com as bênção de todos os orixás, de trem cheguei a Paris. Tamara minha amiga me esperava na estação. Demos um abraço de tanto amor. Era a pessoa naquele contexto a quem eu conhecia há mais anos, e nos abraçamos cúmplices de um difícil momento. Eu estava longe de casa naquele momento de mundo, ela havia se separado em meio a pandemia. Nos conhecemos em Salvador quando ela veio fazer seu mestrado em antropologia. Deia a ela um fio de contas de Oxum quando nos despedimos na Bahia. É uma filha de Oxum, uma artista de muito amor, e que ama e não abre mão de uma boa diversão. Paris não para. Foi corpo na rua desde o primeiro instante. Tudo que não vivi em matéria de cidade em Londres, eu vivi em Paris. O lock down estava flexibilizado, as pessoas podiam transitar com mais liberdade após meses de confinamento. Paris fervia. Foi impactante. Eu agora tinha um corpo urbano, um corpo de cidade, atravessado por muitas luzes, por uma arquitetura que convidava a ver o céu, sem arranhá-lo com altas construções.

Tamara morava em “Goutte D’or”, Gota de Ouro, nada mais auspicioso para uma filha de Oxum. O bairro era uma maravilha. Eu continuei a me sentir super conectada a uma experiência de encontro africana em Paris. Cada esquina que cruzava uma imersão cultural diferente. Lojas, restaurantes, bairros inteiros de África. Tecidos e cores, aos montes. Lojas de produtos espirituais, de produtos alimentícios, salões de beleza especializados, música, linguagens etc. etc. Eu andei por uma Paris colorida.

As ruas estavam cheias, vivas, cheias de pessoas. Em meu primeiro dia ali, subimos as escadarias em direção à Sacre Couer, A Basílica do Sagrado Coração, ponto turístico de lá, não por acaso, onde tem uma vista linda e luminosa da cidade. Gostei muito de lá e arredores. Fomos muitas vezes ali, em nossas caminhadas pela cidade, e foi lá onde passei também para agradecer na última noite mágica em que passeamos recebendo muitas mensagens da vida nos caminhos de Paris. Aquela escadaria que subimos na primeira noite indo em direção ao sagrado coração foi pura poesia. O caminho que pegamos era cheio de escadas, pois a basílica fica em um ponto alto da cidade. Eu me sentia livre, me sentia em dança, jogando

meu corpo no mundo, brincando com os degraus, cansando e ficando feliz por finalmente ter uma escadaria tão grande para subir no meio da rua. Eu escrevi um relato sobre esse dia, mas não encontrei em minhas anotações. Enfim.

Era junho e brasileiros montaram uma roda de forró em meio a Praça da República em Paris. Era só o meu primeiro dia na cidade. Do sagrado coração passamos por ali, e de repente eu que passei meses entre casa, caminhos de casa, parques e jardim estava rodopiando um pé de serra em plena praça da república. Alguém me tirou pra dançar ao estilo *forró universitário*, sabe aquele que o par não para de te rodar pra lá e pra cá. Gente, foi demais. Que felicidade, que recepção. O trem me levou de Londres a Paris numa continuidade dançante afroamericana, do *Candy/dance hall* e da *batchata* ao *forró*, por um caminho de sagrado coração.

Os dias seguiram assim, com encontros a beira do rio, a beira de parques, a beira de pistas, pois as calçadas são habitadas por cadeiras de bares e restaurantes. Eu conheci uma infinidade de pessoas muito faladeiras, passei a frequentar eventos culturais e artísticos que ainda não tinha tido a oportunidade de ver em Londres, conheci outros artistas lá, e guiada por tambores e Kora tomei rumos.

Nesses novos fluxos, seguia muito atenciosa, e por vezes realmente preocupada, em dar seguimento às atividades do DSE. Essa verdadeiramente não deixou de ser a minha prioridade número um. E tudo porque o que eu buscava não era somente uma pesquisa, era parte de mim. Não podia me desconectar desse fio que me mantinha enraizada em um caminho de compreensão. Tudo o que eu fazia correlacionava com a pesquisa, tudo estava mediado por essa *quest*, (not *a question*). Então eu segui fazendo da experiência da viagem uma experiência de vida e de pesquisa. Eu levava para o meu dia-a-dia as atividades propostas nos seminários do ADiE e da CAP durante os encontros on line e integrava as várias experiências que estava vivendo em um grande aprendizado de fluir.

Foi assim que vivi a saudação às águas nas cachoeiras de Grenoble, com minha amiga Tamara, que anos antes falara para mim desse lugar tão especial. Nós fomos lá agradecer e nos conectar a Oxum, e durante esse período acontecia online o seminário de verão da Middlesex University, onde partilhávamos diariamente aspectos de nosso trabalho. Então eu harmonizei as motivações e fui fazendo arte em meio à vida acontecendo, como compreendi

ser uma boa forma de fazer. Depois esse material recebeu edições e composições sonoras, e por fim veio a se tornar o vídeo clipe “Brilho das Águas”, conectado a outro desaguar musical de outra amiga.

Foi assim também, em um dia que fez sol e era propício, necessário e saudável sair para uma caminhada e banho de rio, que subi a serra em *Saint Jean du Bruel* para pegar um sinal de wi fi e poder participar de um dos encontros do ADiE, diante de um pôr do sol alaranjado sobre o rio. Foi assim também que dei início a uma nova fase de encontros de seminários CAP num lugar não programado (pois na biblioteca em que programei ficar até mais tarde eu estava sem internet suficiente para uma conexão via zoom) e, a princípio, não apropriado (pois o ideal é que estivéssemos em um local silencioso e onde fosse possível mover o corpo pelo espaço), e eu estava em uma galeria com muitos restaurantes, onde consegui provisoriamente internet e onde tinha muitas coisas gostosas para comer.

Eu acompanhei a maior parte do encontro neste dia e, depois, por alguma razão, só consegui escutar, pois meu celular deu algum problema de conexão no áudio. Aceitei a situação. E saindo dali - na soma de tudo, movida por todas as partilhas feitas, pelo campo de sensibilidades e sintonia movido naquele encontro, e por toda a experiência de aceitar a concatenação dos fatos e o indicado à fluidez do dia - encontrei uma projeção de luzes na rua e na calçada e ali dancei, entre muitas linhas e direções, novamente compreendendo que estava tudo certo, eu estava em fluxo, que quanto mais eu me permitisse fluir por vias que me traziam bem-estar, mais a vida me guiava para encontros e experiências da forma que eu precisava vivê-las, trazendo as respostas e belezas de acordo com a minha natureza e maturidade para ler sinais e compreender.

Figura 126, rua em Paris, 2020.

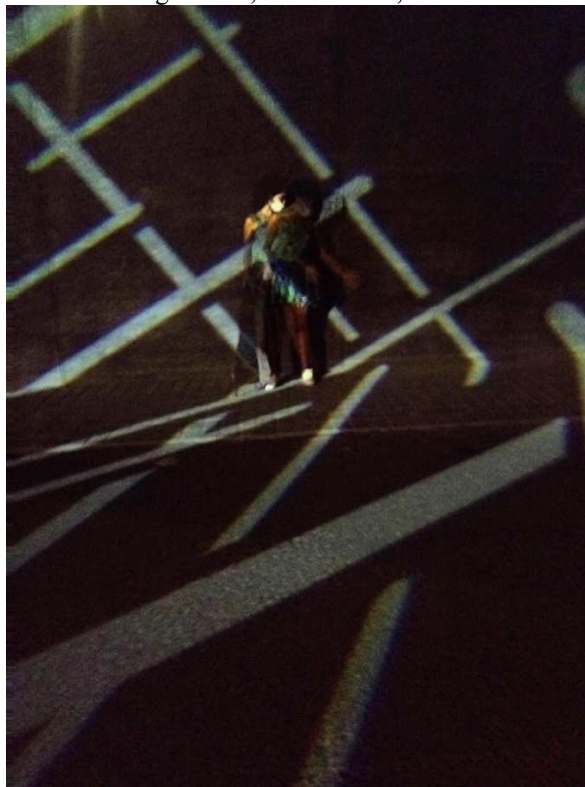


Imagem por Santiago Silo.

“Me aconteci, me manifestei, me existi”⁸⁴

Este é o aprendizado que vai e vem. Ser responsável, sem ser rígida. Dar prioridade ao que desejo, com prazer. Colocar energia, me esforçar sem forçar. Aplacar ansiedades, culpa e insegurança de vida, arraigadas em mim desde menina e antes disso, no decorrer de um mundo que vira e volta vem me lembrar de algum modo dessas feridas, então mesmo que minhas águas pareçam calmas, no rio que corre dentro de mim habitam tormentas. Essas não são estruturas internas que apenas precisam de repadronização. - palavra utilizada no campo de pesquisas e práticas somático-performativa, e de processos terapêuticos pelos quais passei, pois essa palavra não atende ao tudo que precisa ser recontado e dito - São estruturas que passam por contextos e trânsitos coloniais e decoloniais, e nisso aí há uma infinidade de outras linhas de força com as quais muita gente não deseja lidar, notar, compreender e expressar, para curar.

⁸⁴ Trecho de letra da canção Illusion's Wanderer O Andarilho da Ilusão, formada por trechos de 15 poemas de Ildegardo Rosa, produzidos em 1957, 1958, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997 e 1998 . Do álbum Orange Poem/Ancient, Orange Poem e Matheus Aleluia. Escute: <https://www.youtube.com/watch?v=IYzmknU2KPY>

É esse mais um ponto de onde enxergo e que não encontro facilmente o campo favorável para poder pensar-dizer. São esses vários cruzamentos que eu, mulher negra, corpo em trânsito, atravessa. Assim compreendo Mateus Aleluia, “meus traumas Freud não explica”⁸⁵. Há padrões verbais, conceitos e estruturas que não foram pensados para a experiência de um corpo negro. Nós dialogamos com eles, estamos em busca, fomos levados a fazer pontes, a criar conexões, a sincretizar, a perceber a partir de uma perspectiva inclusiva e não destrutiva, mas ainda assim, me faltam palavras. É preciso criá-las. Ou continuar a buscá-las através de vários campos. Sempre banhando-as de poesia, ou senão, partimos.

Black Lives Matter

Durante o DSE, em meio à pandemia, passamos pela expansão de consciência do #Black Lives Matter, no caos, outras revelações e potencialização de tensionamentos. As redes sociais explodiam de informações expressivas. Silêncios deixavam seus territórios para dizer, vozes se acentuavam. Cada dia um novo acontecimento absurdo atual-histórico era denunciado. Vale dizer que durante toda a minha vivência na Europa eu não assisti televisão. Nunca liguei uma que tinha em meu quarto, nem busquei por ela em nenhum lugar onde fiquei. Já não tenho costume de assistir à tv faz algum tempo, pois ela me adoecia com a veiculação inapropriada de tanto sangue e intrigas e produções que perpetuavam a intriga humana como entretenimento e diversão, e que faziam parecer só haver essas realidades na vida, nos mantendo dentro e sem saída do grande roteiro de mundo fabricado para quebrantar o nosso espírito.

Naquele contexto pandêmico entendi que mais que nunca seria pertinente ficar longe dos noticiários - do consumo de toda e qualquer mídia que semeasse medo, e das reiteiradas ondas de catástrofe anunciadas a cada minuto e repetidas reiteiradamente até minar a esperança - para me informar de maneira adequada, começando pela forma mais imediata e concreta de informação: a vida que acontecia exatamente ali à minha volta. Eu não estava “reduzida” a ela, afinal estamos em um momento de mundo mais que nunca conectados em rede wireless, mas antes de tudo, fazia questão de viver momentos desconectada desta rede, internet, para viver outras conexões sem fio, muito mais antigas, que são nossas sensorialidades, sensibilidades, percepção, energia e força psíquica. Estava ali, e por meio do estar ali recebia

⁸⁵ Canção *Fogueira Doce*, Mateus Aleluia. Escute: <https://www.youtube.com/watch?v=qjGD8WXJfpE>

informações do mundo, vendo, vivendo, dialogando, escutando, filtrando, respirando, sendo. Um dia no centro de Londres atravessamos uma avenida e chegamos numa manifestação em prol da assistência efetiva às pessoas negras dentro do contexto intensificado pelo coronavírus.

Figura 127, 128, 129 e 130, abaixo, Manifestação *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam), Londres, 2020.



127



128



129



130

Fotos 127, 128, 129 e 130, acima, pela autora.

No bairro em que eu morava, havia um teatro chamado *The Broadway Theatre*. Passei muitas vezes pela frente dele, que estava fechado por conta da pandemia. Na fachada, entre outros cartazes de espetáculos cancelados, um cartaz denunciava: *Racismo sistêmico mata. Se toda vida importa, porque não essas?*. Ali estava escrito nomes de pessoas sobre as quais se indicava procurar saber suas histórias, logo após a frase *zero condenações policiais*.

Figura 131, *The Broadway Theatre, Catford Londres, 2020.*



Foto pela autora.

Ali também estaria em cartaz uma peça que não pude assistir, pois foi suspensa em virtude do coronavírus, com um elenco completamente formado por artistas negros, chamava *Black Love*. No cartaz assim dizia: *Uma peça baseada em questões de relacionamento da vida real, a importância do amor e da fé, de não desistir a cada obstáculo, a jornada de um lindo relacionamento que azeda, sem saber para onde ir ou a quem se agarrar. Com oração, amor e determinação tudo é possível.*

Figuras 132 e 133, abaixo, *The Broadway Theatre*, Catford-Londres, 2020.

132



133

Fotos 132 e 133, pela autora.

Apesar de não ter sido possível assistir à peça, as palavras expressas no cartaz me trouxeram ânimo, foram ótimas companheiras todas as vezes que passei pela frente do teatro, e era lembrada do *Black Love*, onde *com oração, amor e determinação tudo é possível*. Lembrando ainda naquela vizinhança de permanecermos seguros e cuidar-nos uns aos outros.

Nas casas, colagens de frases como *Black Lives Matter*. Crianças também desenhavam mensagens e colavam nas janelas, haviam muitos *arco-íris*, que se tornaram símbolo de esperança e apoio `a rede de profissionais do Serviço Nacional de Saúde do Reino Unido (NHS), com a frase *Stay Safe* (fiquem seguros). Um desses arco-íris me chamou atenção por estar escrito *Stay Happy*. Permanecer positivo e feliz realmente era uma atitude medicinal e vital naquele contexto. As pessoas faziam panelaço em horas marcadas, batendo panelas na janela em homenagem aos profissionais de saúde, eu escutava e via na vizinhança todo esse movimento acontecer.

Figuras 134 e 135, abaixo, Londres, 2020.



134



135

Fotos 134 e 135, acima, pela autora.

Eu compunha um trio de amigos que se encontravam on line durante a pandemia para conversar e nos apoiar sempre que possível, nos conhecemos desde a infância, e estávamos juntos em São Paulo no final de 2019, pouco antes da pandemia vir à tona. Todos somos baianos e cada um de nós estava em um país com lideranças desgovernadas. Um deles, também estudante da Unicamp, fazia DSE em Nova Iorque. Uma outra de nós, com quem eu morava em São Paulo, se mudou logo que teve a oportunidade de transferência para outra empresa em Salvador para ficar próxima da família. E eu estava ali. Não era surreal, pois falar surreal é uma ofensa ao surrealismo, mas a trilogia de desgovernos Trump, Bolsonaro e Boris Johnson se expressou bastante nesse contexto chegando ao ápice para depois finalmente ruir. A humanidade estava mais que nunca com seus vírus e adoecimentos sociais, éticos, históricos expostos, exposta às tramas e sombras pessoais e coletivas, tivemos a oportunidade, quem pudesse e quisesse, poderia notar, perceber, ver e refletir.

Poucos meses antes de viajar para o DSE tive um sonho em que estava em trânsito e via um ônibus desgovernado sofrer um acidente... algo assim. Conversei sobre este sonho em terapia. No sonho eu buscava me manter em equilíbrio diante aquele fato. A terapeuta me trouxe uma leitura para que eu refletisse, por mais que eu buscasse estar em equilíbrio diante das coisas do mundo, a minha psique estava me dizendo que eu estava preocupada com o coletivo

(ônibus), pois ele estava sofrendo um acidente por estar desgovernado, o que remetia ao momento político em que estávamos.

Viver as realidades cruzadas e paralelas da vida, transitar entre dimensões é uma verdadeira viagem vivida a cada minuto de nossas vidas, no micro e macro cosmos, na micro e macro política. Fazer o exercício de estando, poder se ausentar, de ausente, poder participar, de estar consciente de onde e como estou, para saber dimensionar como minha energia está sendo utilizada e para que propósitos. A todo momento estamos criando ou reafirmando realidades. Estar consciente também é saber disso. Ter cuidado com a fixação da nossa atenção em algumas histórias repetidas de mundo. Nossa vibração, nossos pensamentos, nossas palavras, nossas repetições, nossa mentalidade-emocional... tudo está em rede. Saber quando surfar na onda de uma dinâmica coletiva e quando sair dela, para dar luz a uma outra visão-perceptiva. Conseguir externalizar e compartilhar isso, como perspectiva, com intenções de fortalecimento da vida, com amor.

A viagem ao “velho mundo” europeu me rendeu um volume enorme de experiências que precisei de tempo para processar, uma vez que pouco tempo antes também havia cruzado o Atlântico para conhecer Luanda, então a minha barriga estava cheia de histórias e elos, e afetos felizes e desafiadores... muitos fios para processar. Sempre brinco que a velocidade de um avião não acompanha o deslocamento de meu ser integral. Por mais que eu chegue nos lugares, vivi essa sensação de que muitas partes de mim vão chegando apenas tanto a tanto. É preciso chamar por elas. O primeiro passo foi notar que me sentia assim. Depois compreender os fios que me mantinham ali e acolá de um modo não saudável, e dar tempo ao tempo, afirmando minha presença em cada lugar a partir da consciência de mundo e de mim que desenvolvi, que continuo a desenvolver, que vou desenvolvendo.

Para concluir essa parte do trajeto, tão só um recorte do vivido, de novo ciclo expansivo de lagarta à mariposa, hibernada em casulos do conhecer-se para continuar a aprender a abrir-se ao mundo com instrumentos de confiança, afirmo essa jornada, esse alimento paradoxal, um sanduíche pandêmico, como uma grande troca de energias, uma grande sementeira, uma grande fotografia, que só o tempo revelará. Fiquei com algumas notas para esse agora.

Londres, Paris, Milão... são cidades de encontros multiculturais, de forte influência de imigrantes de diversas partes do mundo, inclusive de países que sofreram com a colonização europeia, bem como com os quais estabelecem negócios e trocas diversas até hoje. Não é raro encontrar pessoas de nacionalidades plurais e de ascendências plurais que se estabeleceram na região... Jamaicanos, Indianos, Turcos, Nigerianos, de muitas partes da América ... Só no bairro onde vivi, convivi com esta experiência multicultural expressa nas pessoas, nos negócios do bairro, nos artigos vendidos nas lojas e feiras de rua etc.

Assim como o programa de artes da AEid na Middlesex, que tem como conceito estabelecer um ambiente que abrace a multiculturalidade, ambiente plural, com pesquisas diversificadas, pós-graduandos e professores de diferentes territórios, o que possibilitou trocas acerca de tópicos relevantes e diversos. Neste sentido, o tempo do DSE proporcionou um verdadeiro intercâmbio, pois, ainda que na Pandemia, com fortes limitações, num estado de coisas completamente incomum, pude vivenciar de perto a língua inglesa falada em diversos acentos, refletindo sobre decolonialidade a partir de uma vivência cosmopolita em outro país, historicamente pivô de processos de colonização, e tomar diretamente por minha experiência outros entendimentos sobre identidade num espaço (Inglaterra) completamente hegemônico em seu ideal, mas que me revelou ambiências em uma atualidade repleta de contextos e referenciais plurais que suscitaram abrangências de entendimento corporificados/encarnados para minha pesquisa e vida.

Foi um período atípico, bem no início da pandemia, em que todos estávamos buscando meios de dar continuidade e sustentação às pesquisas, trabalhos e estudos. Avançamos em muitos pontos, mas claro, limitado ao contexto pandêmico que, obviamente, frustrou algumas expectativas e possibilidades de trabalhos presenciais, mas manteve acesa as trocas, a evolução do pensamento, o apoio mútuo necessário para a continuidade e desenvolvimento do conhecimento de modo adaptativo, com bem-estar. Recebi o apoio e acolhimento de minha orientadora e de colegas do grupo de estudos, bem como os compartilhamentos das pesquisas nas reuniões e seminário, como também a formação no CAP (Creative Articulation Process), foram impulsionadores de crescimento, de autoconhecimento, desenvolvimento, articulação de ideias e expansão.

O CAP me ajudou a expressar diversos elementos que compõem meu corpo de pesquisa. E pela via do dar tempo ao tempo, pude ir digerindo após o retorno do DSE, mas ainda no contexto do coronavírus, que foi se diluindo no tempo fora do tempo que foram os anos seguintes (2021 e 2022), onde estávamos reaprendendo enquanto coletivo a estar e ser. Articular esses elementos, pedia tempo para outras e novas prática, elaboração criativa e reflexão, enquanto a vida de forma muito concreta me chamava para cuidar de inúmeros aspectos caros a mim, como a minha família. Articular e equilibrar os pratos da balança da minha vida foi o gran finale desse desafio de retorno `a casa.

Estas experiências através do CAP, das Giras em um sanduíche pandêmico, me fizeram mais capaz de ofertar tempo-espço e olhar o universo dos elementos nos níveis emocional, simbólico, prático, físico, extrafísico e contextual que me acompanham, e que atravessam e influenciam esta ação de pesquisa, tendo uma estrutura para lidar com ela. Algumas palavras que habitam a experiência do CAP repercutiram muito para minha compreensão e desenvolvimento da capacidade de lidar com o que estou vivenciando na pesquisa, uma delas é a expressão consciência dual (dual awareness), sobre a qual já mencionei, que respondeu a uma questão nascida de uma prática do Ground Form, que foi exatamente como integrar a experiência do tempo, porque me senti deslocada no tempo de várias maneiras, e em vários lugares ao mesmo tempo, com a sensação de que meu corpo estava fragmentado por memórias e presenças inconscientes, em espaços do passado. Associando esse instrumental ao entendimento e potência da compreensão de um tempo espiralar de modo integrado e, portanto, saudável.

Então perceber essa capacidade de comunicação com o todo e com o aqui e agora me trouxe uma epifania de compreensão. Tempo espiralar, consciência dual, atenção e presença são conceitos-experiências que se unem, a partir de uma observação sensitiva, entregue, integrativa e consciente. Eu me vejo me vendo, rastreio, ponho atenção ao que se passa em mim, interno-externo, onde estou em pensamento, em emoções, em fisicidades, em memória, em desdobramentos sensitivos, e as poéticas que meu imaginário encarna através dessa relação, me mantendo em atenção criativa, expando percepção de conexões.

Sobre a atenção e condução de processos, mais que resultados predefinidos, diz Gay Watson:

No entanto, se voltarmos voluntária e conscientemente a nossa consciência para o processo e não para o produto, poderemos descobrir uma forma totalmente nova de ver e ser. (P. 9) A atenção está no centro de tudo o que fazemos e pensamos (P.10)(...) por isso um cultivo sábio de bons hábitos de atenção torna-se cada vez mais importante. (P.14) (Watson, 2017)

De modo geral, mergulhei novamente na compreensão de que a expressão de tudo o que me compõe participa da construção desse conhecimento científico que está sendo produzido, e que não é possível ignorar algumas questões da vida pessoal que estão sendo vividas, pois como um corpo sensível que trabalha a partir do sensível, em tudo que eu criar também será como eu sou. Então, quando às vezes eu iniciava uma prática do Ground Form e havia questões que eu considerava não fazerem parte da pesquisa, mais tarde percebi que sim, elas fazem parte, que compõe o que estou vivendo e os meus interesses e impulsos genuínos.

A CAP nesse sentido foi sendo importante para mim como forma de esvaziar a quantidade de material que estava no meu inconsciente sem expressão, ao mesmo tempo que me ajuda a perceber a influência desse todo. Nesse sentido, percebi repetições, bloqueios, pensamentos sabotadores que boicotavam a criatividade, e assim foi possível ir mais longe, estando atenta a essas tendências. Percebi também que no geral meu corpo sempre ficava muito cansado e dolorido quando ia fazer uma prática e passei a considerar importante realizar atividades de relaxamento antes da prática, caso contrário a prática poderia sempre tender a uma limpeza do corpo e mente das “questões do dia a dia”, o que também é uma função super interessante e importante. Há ainda mais três pontos objetivos que gostaria de compartilhar sobre o desenvolvimento da minha pesquisa através da metodologia CAP:

1. partituras vocais que aparecem em alguns experimentos de Ground Form, são libertadoras e são qualidades vocais e sons que não consigo repetir em outro tempo. Gostaria de ter isso mais tangível. Às vezes isso acontece através de cantos, vocalizações, mas também de sons de animais, como um grilo e um cavalo que apareceram fortemente, sinto que incorporo elementos da natureza que estão espacialmente ao meu redor ou na minha imaginação e que me abrem espaço pela expressão em meu corpo, desbloqueando áreas de tensão, rasgando impossibilidades.
2. A união de símbolos que revela o que é. Exemplo: estive pensando muito em cavalos durante dias, os cavalos, por alguma razão estavam chamando a minha atenção. E um dia quando fui

fazer o ground form, vieram movimentos de cavalo ao meu corpo, e entendi que aqueles sons e movimentos era meios de escoamento de uma energia de ansiedade que passava em meu corpo, ao mesmo tempo que, **através da escrita**, percebi que estes movimentos e pensamentos simbólicos estavam me provocando a refletir sobre a ideia que se tem sobre incorporação, sobre quando somos cavalgadas por uma energia divina, constituindo o corpo um meio de transporte através do qual a divindade/entidade nos monta afirmando a sua presença robustamente, materializadamente através de nós. O ato da escrita criativa que intercala as facetas da prática são também atos criativos, conectivos, e de revelação que dão continuidade e processamento articulado ao que está sendo movido por nós. Assim, chego ao ponto 3.

3. A poesia ou estado de poesia me faz misturar o meu corpo com as coisas, os lugares, as pessoas... Escrever, é uma descrição criativa dessa relação que posso sentir através de minha fisicidade porosa.

E para concluir mesmo esta parte do trajeto, unimos o antes e o durante nesse depois. Deixo a seguir palavras reflexivas sobre a experiência do workshop da metodologia CAP na Unicamp, com a escrita criativa das facetas de uma das minhas primeiras práticas do Ground Form em Londres, que deram origem ao texto adiante.

COREOGRAFH LAB⁸⁶

A experiência de partilhar em um ambiente artístico me preenche de luz. Partilhar em um ambiente amoroso torna a experiência ainda mais prazerosa. Partilhar em um ambiente fecundo que auxilie nossa sensibilidade mais profundamente guardada a vir à tona é um verdadeiro presente. Participar do workshop foi esse presente. Respirar o presente, dar tempo e espaço para sentir o que se sente, aceitar o Ser/Estar no qual estava para a partir daí Ser novamente de modo mais dilatado e integrado. A experiência do CAP abriu em mim o sentir de numerosas sementes que têm pulsado na pesquisa que venho realizando. Sementes-móveis, foi o nome ao qual cheguei ao fim do workshop. Por mais que trabalhemos e vivamos em investigações pela perspectiva do sensível, há momentos de um pesquisa acadêmica em arte em que estamos por demais voltados a encontrar soluções e também atravessados por todos os

⁸⁶ <https://www.choreographiclab.co.uk/adriana-gabriela-santos-teixeira/>

limites, tensões, negociações e condicionamentos estruturais, nem sempre claros, que cada pesquisador, em seu histórico-corpus de vida participará no âmbito acadêmico para encontrar a sua voz. Nisso, por vezes, nos sufocamos com modos e meios de corporificar o dia-a-dia de nossas pesquisas. O CAP trouxe novamente o frescor, trouxe a prática por uma perspectiva de condução serena, amiga e amorosa, com bases sólidas e concatenadas de experimentação, onde era possível abrir, derramar, expandir e chegar a possibilidades criativas e organizadoras, de temporária ou não temporária definição. Gosto da imagem do curso de um Rio. O Cap seria como o elemento terra, que dá sustentação e contorno ao elemento água para que este tenha a força de fluir e ao mesmo tempo emergir também da inconsciência para a consciência conteúdos latentes. Neste espaço de mobilização e dilatação perceptiva e sensitiva acessei sensações e conexões profundas e vivenciei experiências de abertura que apenas antes tinha experimentado com tal intensidade no âmbito ritualístico espiritual. Assim como o Rio, também gosto da imagem da flor. Sinto que as facetas são um caminho de florescimento. Abrimos (Opening) para reconhecer a semente: o que se sente realmente no presente e, assim, percebemos a partir desse real sentir nossas necessidades e interesses. Situamos (Situating) para identificar o solo onde estamos. Escavamos (Delving) para revolver a terra e encontrar nutrientes. Emergimos (Raising) através da confiança dando tempo e espaço para esta semente vivida brotar. Anatomizamos (Anatomizing) ofertando mais alimento ao que identificamos de potencialidade, alimentamos a expansão do broto. E externamos (Outwarding) com a força do florescer, encontrando e atribuindo uma forma que precisamos e possibilitamos ter no momento. E tudo está ligado ao que estamos buscando nas próprias pesquisas, por mais que alguns de nosso interesses momentâneos pareçam à princípio não ter relações direta com a pesquisa, o rio é sinuoso, apresenta corredeiras e afluentes, mas sempre tem nascente e foz. O workshop CAP foi um ótimo solo no qual encontrei sustentação para mergulhar, dinamizar e conectar reflexões corporificadas e sensíveis. A alternância entre a prática, as escritas de modos variados e as partilhas faladas, bem como estar num workshop bilíngue, favoreceu ainda mais o tempo-espaço dilatado para receber, perceber, fazer e compreender dimensões da prática. Que bom que estivemos aí!

Abrindo

Respirar começo a perceber a poesia ao redor As coisas, latas de lixo e carros na rua que eu não via antes Gotas de água na sombra da parede (adoro), o incenso queimando, o movimento da fumaça

Situar Aliviar preocupações e ausências O amor está em foco

Aprofundando

Dançar com a sombra Falar da dor que está em meu peito Me vendo linda, me encontrando através da dança com minha sombra, senti falta desse amor Canções emergem

Elevando

Canta e mexe Abrindo espaço para as emoções através cantando Deixe a verdade do que sinto vir à tona sem julgamento Expressar o que realmente sinto, sem julgar se isso importa ou não, ou se é certo ou errado sentir A chave é o que sinto Você está de luto por um amor O Amor que é seu, Seu amor, seu amor próprio Você está de luto pelo Amor que é Seu Você está de luto pelo seu amor Como acessar o que realmente sinto?

Anatomizando

Canções foram surgindo Deixe crescer a expressão do que se quer dizer, encontre uma maneira de sair, de se expressar, de sair da ilusão, de superar a dor

Expressando

Superar o passado e virar a página requer dança e expressão, não supressão Encontrar pontos de apoio para a aparência Qual é a aparência real? Hope, Esperança, quantas vezes eu desisti de você?

CAPÍTULO 6: CORPO- IABÁ

“Nenhum outro som no ar pra que todo mundo ouça
 Eu agora vou cantar para todas as moças
 Eu agora vou bater para todas as moças
 Eu agora vou dançar para todas as moças
 Para todas Ayabás, para todas elas”⁸⁷

Figura 136, *Estrela brilhante no caminho sagrado*. Pintura da autora, Adriana Gabriela.



Imagem da autora

⁸⁷ As Ayabás, canção interpretada por Maria Bethânia. Escute:
<https://www.youtube.com/watch?v=VyJQ24tJX7o>

6.1 . A Voz e o Corpo tecidos na Gira

Importa para mim perceber e expressar quais contextos estão presentes em meus movimentos com a dança, e o potencial estético/criativo, ético e terapêutico que têm. Por isso abordar questões de raça e gênero que me atravessam. O corpo que dança dança tudo isso. Sim, estamos também falando de dor, e de como expressar essa dor através da dança. De como limpar os registros energéticos do medo, da raiva, do olhar caído. Estou falando da procura por um movimento cuidadoso e curador. Sim, estou falando também sobre **encantamento**, sobre sintonia com forças, com energias, com entes que renovem o corpo que dança. Estou falando de camadas sutis de incorporação de presenças sagradas, expressas na natureza e na cosmogonia das Iabás. Estou falando da potência de um corpo celebrativo e de elevação da alegria. Estou falando de abertura e expansão perceptivas e expressivas. Eu danço com elas, elas dançam em mim, e dançamos juntas. Muitos corpos e uma só mulher, ou seriam muitas mulheres e um só corpo? Sou uma refração de presenças. Me reincorporei de mim através delas. Incorporei elas através de mim.

Me interessa neste momento também o potencial criativo destes caminhos, a autonomia criativa, o desenvolvimento de poéticas de linguagem, neste estudo de meu corpo feminino e negro, cabaça da criação, atravessado por uma infinidade de histórias, encontrando forças e identidades através das Iyabás, das Giras, entre as gentes.

Se explico demais perco o prumo. Algumas palavras vêm a mim para dialogar sobre a relação da qualidade dos movimentos sobre o qual falo e alguns campos do saber. A somática, desde o mestrado, tem sido um campo com o qual me identifico para relacionar com estudos sobre movimento, muito mais pela prática em laboratórios de performance que pelo estudo sistemático de sua teoria. Expressões como *movimento autêntico* e *sintonia* são para mim amigas de *movimento ancestral*. Tenho algumas anotações em meus diários sobre possíveis conexões entre o que experimentei como expansão em práticas somáticas, na prática das giras e em experiências espirituais.

Importante dizer que essas investigações em dança, e a libertação do mover com as Iabás, me deram mais base de improviso para sentir *fluxos* e me expressar a partir daí, em ritmos e expressões de dança diversas. Me sinto mais permeável. Assim como têm me apresentado vozes. Vozes poéticas através da criação de cantos, vocalizações e de poesias, como também

a manifestação de sons que eu não sabia que existiam em mim, e a articulação de quem sou, do que penso e como me expresso. Segui experimentando, aprofundando.

Um desafio que se apresentou para mim: a repetição. Aprendi muito em aulas de dança por repetição de movimentos, a maioria das aulas eram por repetição, não sou ótima nisso. Mas neste momento me interessa mover por impulsos internos, orgânicos e por sintonia. Porém, me pergunto, quero explorar a expressão de movimentos e encontrar neles possíveis movimentos que eu possa concatenar em uma repetição? Sim, também, mas sem deixar escapar a verdade de um movimento que é fluxo do aqui e do agora em conexão com o que quer que seja, inclusive com o passado. Ter sempre em consideração o espaço-tempo do acontecimento como criador.

O espaço criativo que fundo através de algumas giras realizadas sozinha e outras práticas é sobretudo de abertura a uma escuta a partir da intuição, e um aprendizado a partir das experiências com as tradições ritualísticas espirituais. Há muitos pontos que continuo a desenvolver. Pratico exercícios de alinhamentos dos chakras há alguns anos através de vocalizações. Esta é uma ferramenta que me acompanha solitariamente e que também proponho, facetas deste trabalho, quando estou em um grupo. São exercícios para auxiliar a criação de uma presença dilatada e ritual. Sutil, presente, implicada, observadora, disponível, não julgadora, capaz de análise e de reconhecer fluxo.

Outros movimentos que sempre me ocorrem são movimentos de limpeza. Chacoalhar, o corpo a partir dos pés, chacoalhar as mãos, a cabeça. Permitir que o impulso do chacoalhar tome todo o corpo. Tremer as cadeiras, a pélvis. Estes movimentos também conduzem ao enraizar, com batidas dos pés no chão, e por fim ao limpar energias do corpo com as mãos.

Ser conduzida pelas mãos. Mãos abertas, Mãos fechadas. A força e o impulso das mãos fechadas, e a condução das mãos abertas. As mãos fechadas me parecem a força da colher de pau mexendo a comida na panela. Com isso me lembro da importância da comida no decorrer da pesquisa, e uma parte importante dos rituais. Agregado a outros sentidos fundantes dos alimentos nos rituais como oferenda e também como compartilhamento em comunidade, em comunhão, o preparo da comida é uma linguagem que conduz a presença ritual, também a imagem das comidas sendo feitas, o estímulo das sensações podem nos conduzir ritualisticamente, como as ervas e flores, sons graúdos ou miúdos. Tudo é Axé.

Em relatos que fiz sobre os movimentos que estava experimentando escrevi: *Dancei outra vez buscando por um movimento mais orgânico e senti minhas mãos formigarem. Foi o frio? Acho que não, foi a energia. Dessa vez senti que começava a ter **imaginação** dessa energia e **visões** outras sobre onde as mãos te levam quando se movem e dançam. As mãos são mágicas, são portais de magia, limpam, abrem caminho, envolvem em uma áurea, as mãos têm muito Axé.*

Percebo o entrelaçamento entre movimento e imaginário. A narrativa, o que é visto por dentro sobre o movimento que é realizado. Imaginar gesta gesto e corpo. Ao mesmo tempo que o mover abre o imaginário. “Essa “visualização” não é diretamente óptica: exige a atividade da visão interior na qual se confundem o orgânico e o imaginário, o corpo e o espírito”, “É a plasticidade do espírito que torna possível um movimento” (Laurence Louppe, P. 71). Dançamos o que podemos imaginar. São vias de mão dupla, tráfegos que vão e vêm. Ter em consideração o imaginário também como relacionamento com a visão interior e expandida, os chakras do terceiro olho e o espiritual (sexto e sétimo chakras) e outros desdobramentos de relações.

Os movimentos circulares também são uma constante. Não apenas o movimento circular pelo espaço, a Gira, mas os giros dentro da gira. Tendo ao giro. E a movimentos corporais ondulatórios e circulares. Durante as experimentações passei a observar qualidades, impulsos, origens, motivações e influências do movimento, fui percebendo uma dinâmica de mudança de níveis (rasteiro, alto, mediano) por onde meu corpo tendia no espaço. Isso me fez compreender uma dinâmica entre terra e céu. Forças da terra e forças do céu em atuação.

Como falei em alguma parte do texto, sofri o incidente acidente de uma colega caindo em meu pé, sendo que a primeira vez que dancei depois de tirado o gesso do pé foi em uma Gira de Preto Velho. “Preto Velho senta no toco, faz o sinal da cruz, pede proteção a Zambi, para os filhos de Jesus, Cada conta do seu rosário, é um filho que ali está, se não fosse os Pretos-Velhos eu não sabia caminhar”⁸⁸.

Antepassados, os pretos velhos habitam a história desta terra, habitam a minha história. Eu cresci em uma casa com um quintal amplo cheio de árvores frutíferas das mais diversas. Uma parte vasta de minha infância, quando eu estava em casa, a maior parte do tempo estava

⁸⁸ Ponto de Umbanda. Escute: <https://www.youtube.com/watch?v=e6ZVsOwVkvQ>

descalça com os pés na terra ou pendurada nas árvores. Tinha muitas visões e sensações de entes neste quintal da infância, inclusive de um preto velho.

Essas memórias me fazem perceber elos de cuidado, elos que os pés descalços representam e ensinam. Andar sem sapatos requer mais atenção onde se pisa, como também tirar o calçado é demonstração de respeito aos espaços onde se chega e se adentra, espaços sagrados. Estar descalça é também me ligar ainda mais diretamente as energias do chão. É um modo de renovar e purificar as minhas energias, raízes móveis que temos nas solas. E também receber as histórias do chão. Há uma troca contínua de ofertar e receber. Ofertar é um reconhecimento do tanto que recebemos, é agradecimento, ao tudo que a natureza e as forças da natureza gestam e transformam continuamente. Saudar o solo é saudar nossas raízes, saudar a base que sustenta nosso caminhar, de onde tudo brota e para onde tudo volta, nossos antepassados, nossa história, o que seremos um dia, o chão e sua inteligência fecunda.

"(...) para sempre expressar nossa gratidão à Criação - em nossas orações, nossas canções e nossa compreensão da sacralidade da terra" (...) "Temos responsabilidades espirituais de renovar a Terra e fazemos isso por meio de nossas cerimônias para que nossa Mãe, a Terra, possa continuar a nos apoiar. Mutualidade e respeito fazem parte da nossa tradição - dar e receber. Em algum lugar ao longo do caminho, espero que as pessoas aprendam que você não pode simplesmente pegar, que você deve devolver à terra" (Laduke, 2005, P. trad. nossa)

A canção diz “alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho”, outra diz “pisa na linha do congo devagar filho meu”. As forças que habitam o chão são muitas. E para andar erguida é preciso antes ter sido grão, ter sido semente, é preciso reconhecer o chão como corpo muito antigo e nutritivo. Percebi o quanto era necessário partir do chão, beijar a terra, pedir licença, saudar os pés e os caminhos dos pés para me erguer sem mareio, sem tontura, para confiar nos giros que os pés sentiam e seguiam. Sair do chão, depois de louvar o solo, louvar o chão de cada terra, cada território. “Pisa na linha de Congo destemido Filho meu, Pai Congo trabalha na Umbanda Para lhe ajudar, Olha o Congo a girar”⁸⁹. Assim do solo fui me erguendo como árvore para reverenciar também o céu. E os mistérios do céu também são muitos. Vou encontrando forças neste percurso. Trabalhando pensamentos, emoções, observando o fluxo deles, e como o movimento me conduz a um seguir sentido e verdadeiro.

⁸⁹ *Pai Congo*, Ponto de Umbanda

A dança então saúda e reverencia todos os planos, planeta Terra e universo, reverencia aquilo que conheço e também aquilo que apenas tenho uma dimensão ínfima e que vai se revelando a cada vez. A Gira também é dança universal e interplanetária. É movimento espacial, corpo orbitando um sistema solar, que ao centro constitui-se das energias que compomos em altar. O corpo em Gira é a dança da própria Terra no sistema solar, com seus movimentos rotacionais e traslacionais, como suas linhas de força centrípeta e centrífuga.

Segundo Gabriele Wosien (1996, 22), o espaço sagrado, estruturado, facilita a orientação, proporciona o marco para o culto e transforma o caos em cosmos, tornando possível a vida humana. Em sua pesquisa sobre as danças circulares em torno a um centro, esta autora observou que o circundar ritual dos lugares sagrados celebra a contínua confrontação com o centro divino. Circunscrever um centro implica manter uma relação constante com a fonte do ser. (Araújo, 2008, P. 17)

Segui e continuo observando as imagens que me surgem através de sonhos etc. como potenciais colaboradoras na construção criativa de meios para convidar as pessoas a partilharem da “quebra de mundo” ou abertura a integração de outras possibilidades de experimentar e expandir mundos que o ritual traz. Convites a uma percepção ritual. Uma delas é a inversão da imagem comum que estamos acostumados a ver entre terra e céu. Céu em cima, terra embaixo. Dançando em alguns espaços abertos, posturas que me levavam a ver estes dois invertidos me capturavam muito. Pode ser apenas um convite a olhar por outra perspectiva o que nos compõe no dia-a-dia, mas algo em mim se abre a algo mais, que pode significar justamente como tudo está interligado. “Assim na terra como no céu”, “assim acima como abaixo”, assim Ayê e Orun.

Em uma experiência ritual acessei a festa dos orixás no céu. Esse foi o convite dos orixás naquele dia, que eu reverenciasse a terra, mas que em continuidade elevasse a saudação, que tivesse dimensão e saudação ao que acontecia no Orun. Meu corpo todo tendeu a movimentos de reverência celestiais aos orixás, que me levaram através de movimentos e mirações a adentrar e celebrar outros portais de ver e sentir a vida por meio dessas sagradas energias, refletidas na dimensão do azul, do branco das nuvens e para maaais além delas, o cosmos. Assim como meu universo interior, Orí de Estrelas, por onde pude me conhecer um tanto mais.

Nesse ir e vir, de girar e de abrir, vou deixando que se revele a dança, não aprendida como “é assim que dança Oxum, é assim que dança Iansã, esses são os movimentos de Iemanjá...”, mas como atravessamentos, em que ora uma, ora outra vem se expressar compondo um corpo em dança, um corpo terreiro, um corpo que é território aberto às Iabás. Embora haja outras Iabás, outras orixás femininas, como Obá e Ewá, neste trabalho tenho vivenciado e desenvolvido mais de perto o universo de Oxum, Iemanjá, Iansã e Nanã. Meu corpo Iabá canta e dança. Meu corpo- Iabá é a própria natureza, é meu amor pela vida, são os mistérios e também as confidências, a intimidade do que se passa entre nós, sou eu antiga e eu menina, encontrando erva, encontrando medicinas, pisando o chão com respeito e confiança, espiralando entre terra e céu, abrindo o peito e a integralidade do que sou sem temor.

Abro um parêntese para tratar deste assunto para o qual busquei outras formas de olhar, a repetição de movimentos consagrados aos Orixás. Fiz algumas oficinas de dança afro contemporânea com profissionais queridos e renomados em Salvador e em outros territórios por onde passei. Me emocionei profundamente diversas ocasiões em que dançava e através do desempenho de algum movimento era tocada e me sentia irradiar por algo maior que me fazia chorar. A todos esses caminhos e aprendizados sou profundamente grata e sei que eles também me trouxeram até aqui. Um incômodo no entanto se fazia presente em mim. Ainda que entendendo através dos estudos da professora Leda Martins partituras coreográficas dos orixás como afrografias, eu sentia falta de movimentos fluidos que transbordassem a minha sensação de repetição onde faltava algo. É como quando desenho livremente e quando decalco uma figura. No desenhar livremente deixamos nascer. No decalcar seguimos linhas já impressas, e chegamos em uma forma conhecida. Faltava imprimir no desenho cores, preenchê-lo de poéticas significativas minhas conforme uma relação íntima. Eu sentia vontade de me derramar por territórios desconhecidos, por um através em que meu corpo ganhasse a liberdade de fluir com a energia das orixás e me mostrasse os movimentos, gestos, ações que ele quisesse. Sobre esta reflexão trago duas citações:

Parecia-me que a criação do movimento não nascia da tentativa de imitar para recriar uma partitura conhecida de algum orixá particular, como é feito normalmente na aula de dança afro. Os dançarinos se envolviam com o movimento da dança sagrada, mas de forma não convencional, sem pretender se espelhar para guardar uma memória coletiva aprendida. (Ligiéro, 2017, P19)

O formato com que as aulas são propostas muito se assemelha aos modelos antigos, em que os códigos da gestualidade religiosa saem do espaço sagrado diretamente para o palco e salas de aula. Percebo que os padrões de movimento continuam a ser replicados sem nenhum compromisso histórico, social, cultural e político que projete a dança afro-brasileira para além dos espaços que a consagram como exótica e sensual. A proposta artístico-pedagógica inspirada em Ossain como poética apontou um caminho, dentre tantos que existem, para que o ensino da dança afro-brasileira ganhe nova configuração. Essa proposta foge dos padrões e códigos de movimentos historicamente estabelecidos, investigando um tipo de dança que emerge a partir das experiências particulares e entendimento do que vem a ser orixá, quando ele é profanado. (Silva, 2016, P.96)

A busca através da qual me engajei acalmou em mim essa lacuna que meu coração pedia, de aprofundar, incorporar ainda mais sensivelmente os fundamentos em mim que acompanham os movimentos consagrados dos orixás, ampliando-os para além de uma formatação aprendida, mas para minha livre inscrição e interpretação conforme volições e necessidades criativas, curativas e integrativas, na qual prioritariamente meu corpo que sim, respondia e desenhava-se de corporeidades através do espaço por conectar-se, por sentir, as Orixás. Chegar a uma dança vista como de Iansã, Oxum ... é uma consequência do livre fluir com elas e através delas, desmecanizando gestos e movimentos, para reincorporá-los de sentidos maiores, aqueles sentidos e vistos por mim mesma através da íntima relação com elas e que não só me revestem, mas me renovam e me renascem de um outro corpo-iabá. Essa dança não precisa ser grande (como costumam dizer alguns coreógrafos), só precisa ser livre, verdadeira e fluida. Esse fluir me levou a reencontrar com movimentos aprendidos desde um outro estado e qualidade de movimento, pois moviam e eram movidos por novos territórios dentro em mim. Comecei a preencher as lacunas, que sentia nos decalques, com cores.

Me engajar em um corpo Iabá requer aberturas, camadas, de incorporação e expressão. O corpo se abre pouco a pouco. Como nas Giras da Nova Era/ Fonte Violeta, como nos ritos do Daime e de Umbandaime, como nas Giras de Umbanda e nas celebrações dos terreiros de Candomblé, há uma concatenação e sucessão de atos, práticas, ações pessoais e coletivas para que a Força, o Axé, a relação com as entidades, com os orixás, se estabeleça. Há ritos públicos, abertos, e há ritos fechados, onde apenas pessoas do grupo espiritual preparadas para determinados atos são permitidas. Assim também é na dança. A pesquisa segue seus ritos enquanto prática e pratica ritos enquanto pesquisa.

A reflexão sobre camadas de incorporação me acompanha. Em uma oportunidade, em um ritual no Oduduwa, algumas pessoas reagiram aos meus movimentos como se eu estivesse incorporada, eu não sentia estar, me movia desde uma conexão profunda e estava com meu consciente desperto (não que incorporação seja não estar com o consciente desperto), mas eu não sentia que fosse uma incorporação, eu estava meditando docemente com Oxum. Talvez, para alguns este seja um estado de incorporação, mas pela relação que tenho tecido com as práticas corporais e meditativas, e pelas experiências próprias que vivi nos rituais de Umbandaime e outros, significou um relacionamento que não chegou a uma incorporação no tônus mais profundo, pois incorporação em meu registro corporal está relacionado a um deslocamento distinto e arrebatador (mesmo que o arrebatador seja a imobilidade e a quietude) e do qual muitas vezes tenho vislumbre através dos sonhos, onde algo dentro de mim cai em um sono profundo e sonha, dentro do sonho, desligando-se de ‘ocupações’ e ‘preocupações’ que em geral nos enredamos em nosso estado rotineiro de vigília. Incorporação desperta uma entrega e confiança ainda maiores no fluxo energético da força que guia. Uma palavra utilizada na umbanda para se referir a estados em que se sente a energia de uma entidade-guia é *irradiação*. Nesse estado o médium sente irradiações energéticas do campo da espiritualidade, porem não acessa em profundidade o estado de incorporação.

Para mim há camadas de incorporação, e quando danço movo e sou movida sutilmente por algumas dessas camadas, mas não de modo completo. Sei que estou em um estado diferente de consciência mais expandida, e isso também envolve potenciais de uma consciência meditativa, sim.

Em outro ritual, me perguntaram sobre a expressão de corporalidades que eu havia mobilizado, atribuindo-as a uma entidade. Eram corporalidades que primeiro apareceram em mim durante exercícios teatrais e voltaram a aparecer em um contexto-ritual. Depois eu reconheci esta experiência como uma energia externa a mim, como uma presença, uma entidade, a qual eu ‘dava passagem’. No Simpósio de Etnocenologia em Belém, estava acontecendo um diálogo sobre a temática da incorporação e a dança. Uma dançarina compartilhou que havia uma grande diferença do sentimento quando ela dançava artisticamente e em um contexto de incorporação em um ritual com Iemanjá, o volume do corpo, a presença que passa a nos habitar é muito maior.

Pelos trajetos que passei, vivenciando e ao mesmo tempo buscando compreender como se dava o fluxo de energias das Iabás em mim, as palavras de mulheres mestras que conduziam casas espirituais fortaleceram e teceram em mim escritas de entendimento dos processos que eu vivia. Sobre a relação entre processos de incorporação e estados de consciência, e processos de incorporação e movimentos expressivos corporais, não é uníssona as formas de sentir e relatar experiências incorporadas. Inclusive, estas experiências vão variar de acordo com tipos de ritualística de cada ambiente espiritual, seu aporte doutrinário, propósitos e modos de atendimento, compartilhamento do axé, ou orientação de desenvolvimento mediúnico. As palavras que seguem são compreensões a partir do que entendi de suas falas de sabedoria durante trabalhos coletivos espirituais. Todos esses lugares, mestras e mestres têm meu afeto, respeito e admiração.

Era uma terça feira e eu estava outra vez participando da Roda Gira, no Templo Holístico e Espiritualista Optchá (THETO). As Rodas-Giras são momentos onde a cigana Rosa dos Ventos, cuja médium é a mestra Kaká, realizava uma roda de diálogos sobre algum tema importante acompanhado de ritualísticas coletivas de banimento e cura. Kaká relatou que não lembrava de praticamente nada que ocorria enquanto estava incorporada de Rosa dos Ventos, que tinha vislumbres turvos da maioria destes acontecimentos, e que inclusive, quando atendia familiares, pedia para sua entidade-guia, expressamente, que não lembrasse.

Numa Gira para Oxum escutei minha xará, a mãe Adriana Teixeira de Iemanjá. Ela também trazia palavras de sabedoria ao início das Giras, e nos compartilhou que ali em sua casa de Umbanda os médiuns incorporavam em um estado de consciência e semi-consciência, ou seja, mantinham a vigília enquanto incorporados e transitavam entre energias de entidades-guias diversas em um mesmo trabalho e de modo rápido se sentido e preciso fosse, pois cada casa trabalha de uma forma, e assim eles desenvolviam e trabalhavam ali a mediunidade.

Em trabalhos de daime/umbandaime no Centro Espiritualista Brilho das Águas, a madrinha Catarina, dirigente da casa, costuma trazer reflexões sobre o caminho de aprendizado e a expressão da incorporação durante os trabalhos, orientando sempre que exista um diálogo interno-pessoal com as entidades guias, para que, mantendo-nos em nosso eixo de consciência e inteireza, possamos irradiar a energia de cura trazida pelo guia e forças superiores de modo sereno e equilibrado, afim de manter também o equilíbrio coletivo, evitando excessos que

podem ser frutos, por exemplo, de presenças que necessitam de desenvolvimento, de processos ilusórios e necessidades do ego.

Trago ainda aqui a escuta de Baba King, pai do terreiro Templo Oduduwa dos Orixás, que em uma das palestras que realiza ao início das Giras, sempre integrando conhecimentos do axé a meios e aprendizados de bem-viver, nos trouxe a reflexão de que sim, 'Iyamís são incorporadas, uma vez que **sentimos** a presença e energia delas em nós. A afirmação se deu pelos questionamentos existentes dentro do axé de se 'Iyamís seria ou não orixá e se seria ou não incorporada. De forma sucinta, assertiva e elucidativa explicou que, a incorporação muitas vezes é vista e entendida apenas como uma manifestação identificável por atitudes, gestos e movimentos consagrados como incorporação, mas a sutileza de compreender incorporação como conexão ao saber que se passa no corpo e através de nosso corpo, de nossos sentidos, precisa ser compreendida. Portanto, se sentimos o axé das Mães ('Iyamís), então sim, elas estão sendo incorporadas por nós. Me agrego a essa leitura.

Para mim mover em um contexto artístico - em que estou com outras pessoas, mas sozinha enquanto condutora - embora motivada pela entrega própria do ritual, não é como o contexto do ritual propriamente dito onde é possível profundizar a experiência e chegar a outros estados de incorporação sem que exista um alerta “você está em uma apresentação, isso é arte em execução”. Diferente de quando experimento e ritualizo sozinha, onde me permito um pouco mais, pois não tenho também o alerta de ‘cuidar das pessoas presentes’.

O mover sozinha também tem suas potencialidades e seus limites, se por um lado é uma conversa íntima com os orixás, com corpos-vitais, sem qualquer possível olhar de interferência ou julgamento - a menos que eu esteja filmando ou em um espaço aberto onde há fluxo de pessoas e em alguns momentos precise me preocupar com isso, com o cuidado por exemplo do material de filmagem -, por outro lado a força do coletivo e a qualidade de entrega que se dá em um ritual com pessoas que comungam desta linguagem não está presente.

Por outro lado, no âmbito da performance artística, quando experimento sozinha, outras corporeidades podem ser exploradas, posso me soltar um tanto mais na expressão do meu fluxo e tornar os movimentos maiores. No contexto artístico eu fico mais **espaçosa**, digamos assim. Posso ultrapassar limites expressivos, experimentar artisticamente, compor, soltar tudo,

que em uma casa sagrada me contenho, a fim de não interferir no trabalho dos demais, se eu sentir e compreender que aquele não é o lugar para isso, uma vez que há trabalhos espirituais em que existe justamente o incentivo à exploração do autoconhecimento através da dança, como em contextos neoxamânicos e terapêuticos, e o espaço se torna propício à união de todos esses termos. Mas, às vezes, as coisas simplesmente acontecem, sem o crivo do pensar, apenas na consciência do bailar no abraço dos orixás.

Um outro ponto interessante trazido por Baba King foi a orientação de não julgamento aos modos como cada ser manifesta a sua relação com os orixás. Aquele era um ambiente onde a liberdade de experimentar a conexão com os orixás através da dança nas Giras era resguardado. Percebi que corpos negros apresentavam geralmente grafias diferentes que corpos brancos e me remetiam mais às corporeidades do axé que eu estava acostumada a ver na Bahia, me fazendo pensar que nós, corpos negros, guardamos códigos comuns através dos quais expressamos o axé. Bom, não quero com isso dizer ser uma regra, um determinismo ou uma obrigação do tipo “tem que saber sambar”, mas é uma latência, um aporte ancestral.

No artigo *Katherine Dunham e Maya Deren, sobre ritual, modernidade e diáspora africana*, Ramsay Burt comenta que:

“Com suas explorações escritas e artísticas do ritual, Deren e Dunham tornaram-se cientes das limitações destas maneiras dualísticas de conceituar a experiência incorporada, particularmente aquelas que se preocupam com o movimento performativo. Dunham indica isto quando descreve a dança em um hounfòr haitiano – um complexo rural de templo *vaudun*: “[nós dançamos] como eu imagino que a dança deve ter sido executada quando o corpo e a mente eram mais unidos” (Dunham, 1994, p. 109). Nos escritos de ambas, **a experiência do ritual é algo que transforma uma pessoa em alguma coisa maior do que ele ou ela mesma**. O que cada uma encontrou nas práticas de *vaudun* haitianas foram as abordagens espirituais que eram muito diferentes das ideias europeias sobre a metafísica. **Ao invés da transcendência de si, deixando o físico para trás, Deren e Dunham encontraram maneiras de se tornarem parte de algo maior e fora — ou para além — de si, que não obstante remanesceu aterrado na experiência incorporada**. Deren e Dunham não abordaram o *vaudun* haitiano em um sentido neo primitivista: nenhuma abandonou seus modos intelectuais de pensamento quando se tornaram envolvidas em práticas rituais. Ao refletir sobre o que tinham descoberto com sua arte — a dança e a coreografia de Dunham, os filmes e as performances de Deren neles — cada uma identificou desvantagens e limitações no modo como a experiência incorporada é concebida na tradição filosófica europeia. Nesta experiência estética de origem africana elas encontraram soluções para estes problemas. Dunham foi iniciada no culto vaudun de Rada-Dahomey no Haiti. Deren ficava tanto em casa, performando cerimônias de vaudun que, como ela

escreveu, “os haitianos começaram a acreditar que eu tinha atravessado vários níveis de iniciação” (Deren, 1953, p. 9), embora ela não tivesse.”⁹⁰ (grifos nossos)

Enfim, é preciso compreender e respeitar as ritualísticas de cada espaço e também negociar com meu senso interno de recalque e autojulgamento que por vezes também impede a fluidez e conexão, seja em que contexto for, revelando ainda essas fraturas, da herança de cisão mente-corpo-espírito, em cura. Eu não performo pura e simplesmente a partir de algo que vi, performo por sentir, e também por ter vivido, por ter me modificado profundamente através dos rituais que participei. É diferente. A escrita de meu movimento tem corpo interno e externo de afeto, de encontros, de íntima experiência com poéticas que vivi através da relação com a espiritualidade, e vice-versa.

A dança que danço encarna um caráter poético e devocional. Não separo estes lugares. Ainda que compreenda que existe variações nas qualidades de atenção, intenção e fruição em ambientes artísticos e espirituais, em ambos espaços meu amor pelas Iabás e tudo que elas encarnam em mim é sempre o mesmo, é com esse amor devocional que movo, sou e estou.

As fronteiras entre o corpo-ritual e o corpo que performa forças e poéticas sagradas é líquida. O corpo da mulher negra dançante que se derrama em dança para além do território dos espaços de fé resguarda saberes e estabelece trocas a partir dos saberes corporificados em ambos espaços, de trânsito artístico e espiritual. É ela mesma a comunicação dos saberes manifestos em seus movimentos, presença e consequente racionalização-afetiva e escolhas poéticas das linhas que a mantem conectada aos saberes adquiridos por manifestações sagradas.

Inae Moreira e Marilza Silva são mulheres negras profissionais da dança com as quais eu pude vivenciar brevemente práticas e comunhão em dança, a partir de perspectivas afrodiaspóricas. Me sinto identificada com ambas nas propostas a que dão sustentação, compreendendo alguns lugares onde cruzamos entendimentos, bem como as escolhas e poéticas singulares que cada uma de nós faz para nomear, enraizar, dar fluidez e compartilhar as próprias pesquisas, impulsos vitais e saberes. Trago aqui alguns trechos de suas próprias narrativas para dialogarmos.

⁹⁰ ARJ | Brasil | V. 3, n. 2 | p. 44 - 51 | jul. / dez. 2016 BURT | Sobre ritual, modernidade e diáspora africana. P 45, 46 ISSN: 2357-9978 .

Em composição ao entendimento de corpo afrodiaspórico, para Inaê, o corpo é templo, e portanto, conecta a espiritualidade na matéria.

“tudo que faço é através desse corpo, levo ele para compartilhar saberes, eu não estou separada do todo, quando eu danço eu percebo isso, que a água internamente que me habita se conecta com a água que está fora, eu percebo que é a terra que me sustenta, eu sou continuidade dessa terra, estar consciente disso tudo é de alguma forma político, quando eu escolho o que eu vou comer, o que eu vou fazer, eu tô praticando saúde, então saúde também é uma prática, algo que a gente deveria todo dia alimentar e nutrir, dançar também é uma prática de saúde, uma dança intuitiva é um convite a esse encontro com a intuição desde esse lugar profundo, algo que é desconhecido, ou que está adormecido e que vai despertar através destas práticas que venho compartilhar⁹¹.

Para Marilza, que dialoga a partir de uma concepção de “profanação”:

Os orixás/natureza se apresentam como inspiração para a realização da minha pesquisa e são campo fértil para pesquisa de movimento. Não é dança do orixá, é a tradução do orixá a partir da minha percepção de mundo e de natureza e as possíveis conexões que podem ser propostas a partir da cultura afrodescendente como forma de resistência e permanência.

Fui privilegiada por poder fazer aulas com a maioria dos professores de dança afro de Salvador e apresentava muita dificuldade nos momentos iniciais e intermediários da aula, em que a exigência técnica da dança moderna era cobrada. Almejava o momento em que a dança popular e dos orixás, na sua reelaboração, acontecia. Eu assimilava com maior facilidade e me movia de forma expressiva, espontânea e livre. Os momentos que incluíam mais possibilidade de criatividade eram os que mais me interessavam. Deseja ver incluída e representada nessa dança afro um pouco da minha história e da natureza que está em mim e que também me circula.

Foi na comunidade de Alagados – já atuando como educadora de dança afrobrasileira e experimentando formas de ministrar aulas a partir dos conhecimentos adquiridos com os professores com os quais já havia feito aulas e organizando os procedimentos didáticos – que encontrei resposta para a minha inquietação. Foi ali, naquela comunidade, que vislumbrei a possibilidade de propor um jeito de fazer dança afro-brasileira, dentre tantos, que pudesse, além de revelar a minha ancestralidade, história, memória, inventividade, estabelecer uma relação de compreensão, cuidado, solidariedade, generosidade com a natureza, com o outro, abrindo espaço para que o educando também o fizesse. (Silva, 2016, P.60-61)

A **relação com a natureza** se faz voz comum a todas nós, que na comunicação com a ancestralidade aprendemos a viver em primazia de respeito e amor. Seja a partir de uma abordagem que pontue o caráter intuitivo do movimento, seja em uma abordagem que

⁹¹ <https://www.inaemoreira.com/dan%C3%A7a-intuitiva>

“profane” o caráter religioso para localizar o orixá como poética cotidiana (SILVA, 2016, P.61), seja através de uma abordagem que afirma o aspecto sagrado e poético da relação com os orixás dentro e fora dos espaços de fé, em todas nós a comunicação, conexão com a natureza se faz delineadora de pertencimento, de um mover fluido, potente, afetivo, integrador, cuidadoso, vital, que ao mesmo tempo, compõe e está repleto de princípios organizadores e resguardadores da vida: solidariedade, amorosidade, cuidado, saúde, comum.unidade.

São muitas camadas. Muitas qualidades e habilidades móveis de presenças em desenvolvimento. São muitas as formas de dizer, narrar, contar, comunicar com o campo das artes corporais nosso relacionamento íntimo de despertar com as forças da vida, dos orixás, “cósmica, como toda natureza”⁹².

Sei que os saberes que vou recebendo em cada espaço me abrem a saberes de outros espaços, assim que as sensibilidades das várias experiências em arte me abriram percepções que me auxiliam a me aprofundar nos caminhos da espiritualidade e vice-versa. Assim como as práticas de meditação que fazem parte de meu dia-a-dia. Então volto ao simples, que é respirar, contemplar e sentir. Seja observando o mundo exterior, seja observando o mundo interior e me deixando performar por estes trânsitos.

Para finalizar este tópico, trago um outro fragmento que escrevi após uma experiência de gira em casa: *Pegar o embalo na Gira é como encontrar o Passo que te faz entrar no Flow do Fluxo. Quando tudo se integra, pensamento e emoções de leveza e fluidez e movimento, o corpo livre, com uma nova chave de entendimento flui e celebra a vida. Quando superamos uma demanda de compreensão de um problema agradecemos louvamos e nos entregamos à alegria de viver. Realizar trabalhos (espirituais) é acessar estes entendimentos que **desatam nós de bem viver**.*

Deixo aqui registrado um link com alguns vídeos feitos a partir de experiências de dança com as Iabás e a entidade da Pomba-Gira (Rosa da Vida), em andanças criativas:

<https://linktr.ee/iabaemmim>

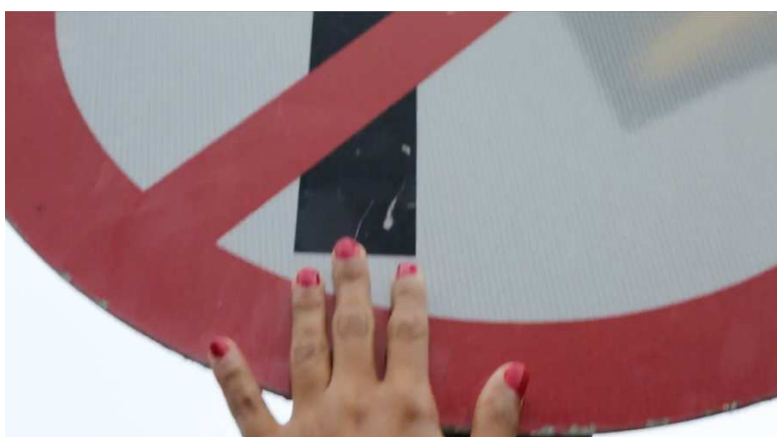
⁹² Canção Cósmica, Baby do Brasil. Escute: <https://www.youtube.com/watch?v=emxbwkXnGCK>

6.2 Pomba-Gira

Figuras 137, 138, 139, 140, 141, 142 e 143, abaixo, do vídeo *Caminhos de Rosa*, Londres, 2020.



137



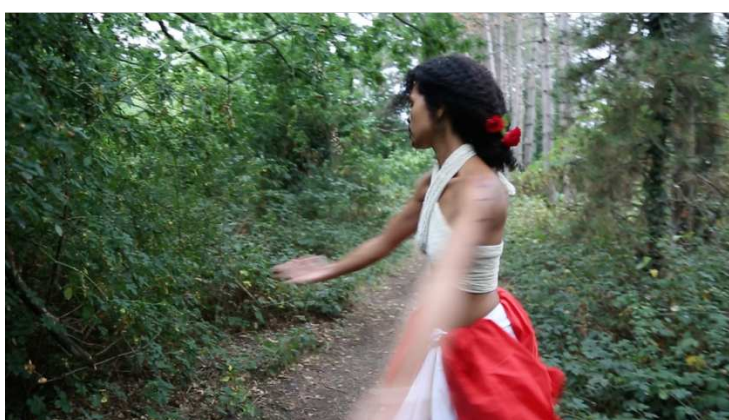
138



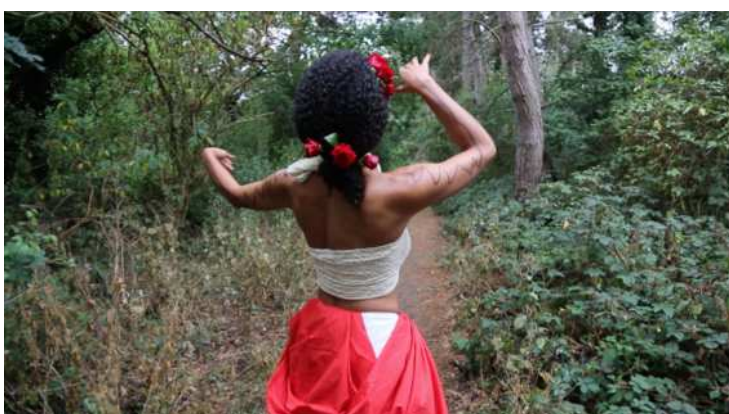
139



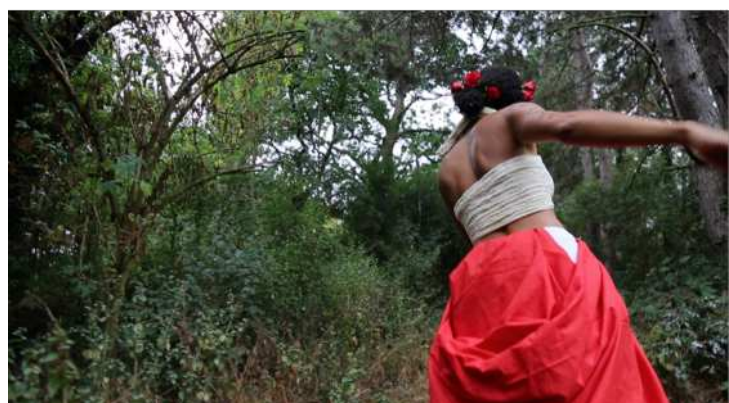
140



141



142



143

Imagens 137, 138, 139, 140, 141, 142 e 143, acima, prints feitos pela autora de vídeo filmado por Paola Beauty.

Nossa medicina é ente ancestral. Corpo Celebração é Corpo de Cura. A flor e a rosa, a natureza, as mãos que dançam, a natureza, na borda da saia, a natureza, na gira da dança, a natureza.

Pomba-Gira é ensinamento, caminhos e alento, beleza de viver e de cantar, a dança da vida cantar. Como mulher, flutua, cede e interpela, requer e refaz, acerta e erra, arruma o cais e a vela. Pomba-Gira, Gira. Com a dança da Pomba-Gira. En.Cantos de Pomba-Gira, a força da mulher. Feminino pulso de alegria, beleza da flor, cheiro de flor, magia. Pomba-Gira guia de encruzilhadas, decisão acertada, Pomba-Gira Voo.

Entidade, Sagrada, completamente integrada aos caminhos e rotas, guiança, conexões entre o material e o imaterial, oferta ao corpo feminino um estado de dança e mudança completamente circular, perfumados de inspirações corajosas e radiosas como flor.

Habita nela o Corpo-Rosa, tal qual cada orixá com os seus elementais, em harmonia com a relação constante entre o sagrado e a natureza presentes nas manifestações religiosas afro-brasileiras. A natureza é o sagrado e o sagrado é a natureza. Na natureza vive o Axé, na flor vive a Gira, na flor vive a Pomba-Gira. Rosa da Vida, Rosa dá Vida, da Vida oferta, reverência e benção.

6.2.1. Ponto de convergência em uma Encruzilhada de Três: Arte, Sagrado e Ciência

Figura 147, Colagem de imagens de caminhos e de um tecido que ganhou em Luanda, Londres, 2020.



Imagem e Colagem pela autora.

Tenho vivenciado uma pesquisa acadêmica, mas sobretudo um caminho de vida. Nestas giras e rodopios, nestes trajetos, o encontro com as Pomba-Giras, e toda a riqueza de ente-corpo-espírito que encarna abrindo canais vitais pela via da beleza, da coragem e da alegria.

Trago reflexões de Suely Rolnik constante no texto de Patrícia Caetano (2020, P. 153):

Vivemos um modo de subjetivação que foi criado no momento em que a colonização se impôs ao mundo e que se caracteriza pela hiper-atrofia da nossa capacidade de percepção. Mas, haveria ainda uma outra capacidade perceptiva, que nos foi usurpada com o advento da colonização, e que segue nos dias atuais invalidada. Capacidade esta que diria respeito a uma experiência sensível-vibrátil do mundo como campo de forças. Ela chama essa capacidade de o “corpo-que-sabe”: “um corpo que sabe quando a vida está vingando e quando a vida está mingando” (Rolnik, 2014). Trata-se da capacidade de um corpo em sua vulnerabilidade ao mundo. Nos permitirmos viver em estado de vulnerabilidade aos outros corpos, a si mesmo, e escutar os ecos ressonantes destes encontros. Abraçar a nossa condição material fundamental: somos feitos desse tecido inacabado, co-dependente e interdependente. Buscar re-ativar a capacidade de escuta desse inacabamento próprio ao vivo deveria ser “o foco principal de uma luta micropolítica”.

Compreendendo que a Arte e o Sagrado são experiências sensíveis de expansão da consciência e de integração à saberes não-cotidianos, ou a cotidianos permeados por sentidos desalienantes e Fontes constante de renovação do sentido vital, estas se encontram através das variadas experiências estéticas e rituais que integram o ser ao divino, ao sentido do si mesmo e do todo. Compreendo a Arte como agir/ente curador no mundo, capaz de ofertar meios/linguagens de expressão/dissolução de desarmonias e meios de florescimento de saberes adormecidos, para afirmar as Criações Artísticas como Medicina, onde Criar é parte de uma rede de instrumentais de Curas de Si e do Mundo com Sensíveis.

A educação, a auto-educação, os processos de formação e de criação contém em si princípios espirituais que devem ser cultivados (amor, respeito à vida, livre-arbítrio, verdade, bondade, beleza, liberdade, igualdade, fraternidade,, integração, etc.), não apenas por serem elementos comuns a todas as religiões, mas por se tratar de forças vitais integrativas do planeta, sobre as quais temos responsabilidade como participantes atuantes de organismos coletivos humanos. Um dos caminhos da espiritualidade é o da via criativa, justamente o que nos permite ser “co-criadores”, reconhecendo o artista em cada ser humano no caminho de construção de pontes entre o mundo da forma e o mundo da energia, entre a vida material e a fonte original do nascimento desta vida. (Araújo, 2008, P.03)

Em virtude das heranças que constituíram as bases primeiras de uma saber considerado científico e acadêmico, ainda falamos de ciência nos referindo a um escopo de testagem e

legitimidade que remete a laboratórios, corridas ao espaço, testes e mais testes, enraizamento intelectual centrado no raciocínio cerebral e performances austeras. Falamos de Ciências Exatas, de Ciências Biológicas, falamos de Ciências Humanas (que também buscaram se impor como científicas e a partir de metodologias próprias), mas porquê ainda não falamos confortavelmente sobre Ciências Artísticas e, na maioria das vezes, utilizamos a palavra Campo ou Área para afirmar a presença das Artes no âmbito acadêmico? O conceito de ciência precisa de uma realocação expansiva e inclusiva.

Na construção de saberes por meio de sensibilidades, somos afinal cientistas também, estamos no âmbito acadêmico E científico, refletindo sobre bases epistemológicas diversas e afirmando caminhos sobre os quais expandimos conexões em redes, a partir de metodologias criativas que abarcam práticas e reflexões sensíveis sobre uma infinidade e pluralidade de contextos, poéticas e dinâmicas criativas de existência e de mundo. Estamos reiteradamente pesquisando sobre o Universo que é a Criação. Sou uma artista, sou uma autora, sou uma intelectual que reflete integrada ao corpo que reflete expandindo a ideia que ainda se (man)tem de mente separada de corpo, sou uma acadêmica, sou uma cientista pesquisando, processando e sistematizando estes saberes na área das artes. Então esta primeira aparente dissociação da arte com a ciência encontra seu encruze de fluxos.

Costumo compartilhar com pessoas que realmente se interessam por saber como acontece uma pós-graduação em artes que nosso trabalho é triplicado, uma vez que, até então, nos é exigido/proposto como prova de saber acadêmico, que caminhemos por um senda de produção criativa, de evocações de saberes por meio de práticas sensíveis, o que em si mesmo já nos exige bastante energia; assim como caminhar por uma senda de encontros com reverberações em literaturas e revisional de saberes já assentados/publicados; bem como o discernimento de transportar tudo isso para uma linguagem escrita capaz de refletir e comunicar este processo. Este saber artístico é por demais valoroso, e aponta perspectivas que muitas vezes fogem à outros saberes científicos. A ciência da arte, potencialmente, tem chaves preciosas para ofertar sobre uma infinidade de aspectos da vida e auxiliar outras bases científicas.

As ciências duras - assim chamando aquelas que continuam precisando dissecar o que para eles são objetos para aprender, confiar e compreender - duvidam e contestam a legitimidade de diversos saberes vindos de outras ciências populares, completamente assentadas em

tradições e culturas, e que as estão servindo de modo efetivo e benéfico há séculos. Para algumas pessoas que ainda consomem seriamente este serviço, por exemplo, é preciso que os cientistas das ciências duras comprovem que caminhar de pés descalços beneficia crianças que apresentam TDAH para que o contato com a terra passe a ser considerado medicinal. Assim também são com os saberes da espiritualidade, que também diz da experiência e conexão com sabedorias sobre a vida e o cosmos, aportes de desenvolvimento humano, fomento de autoconhecimento e princípios éticos que colaboram potencialmente ao equilíbrio do existir.

No momento de mudança paradigmática pelo qual estamos passando, cuja sinergia entre formas de conhecimento aparentemente distintas está brotando em cada canto da nossa sociedade, encontro neste campo de estudo, uma combinação dinérgica entre arte, ciência e espiritualidade, tendência em fase de expansão e crescimento na contemporaneidade.

Embora possamos reconhecer que a ciência, a educação e a espiritualidade são áreas distintas que atendem a diferentes necessidades humanas, elas precisam dialogar mais, fazer a ponte entre o conhecimento e o autoconhecimento, o científico e a sabedoria para aplicação dos respectivos conhecimentos em nível qualitativo. Observo que este fato está em emergência e nesse sentido me incluo entre pessoas, tais como os artistas, pesquisadores e educadores que buscam o conhecimento para transformar em sabedoria. Somos os *oxóssis* contemporâneos, eternos buscadores e caçadores de respostas e reelaborações significativas para suas vidas e comunidades. (Araújo, 2008, P. 03)

Cruzar os canais destes saberes é uma tecnologia reflexiva com propósitos éticos, que potencializam nossa capacidade de associação, muito mais que a dissociação. A capacidade de entender que diversos são os modos de conhecer, interpretar e falar sobre a mesma coisa, há uma infinidade de formas. Cruzar estes saberes é também cuidar de nossas fontes perceptivas e prospectivas, protegê-las da dúvida, da necessidade contínua de um argumento de autoridade uno, para devolvê-las à capacidade dos saberes inscritos em nós.

Na encruzilhada, a Pomba-Gira celebra o encontro e o caos. Sorri e Gira. Dança o encruze como manancial. O fecundo é o tempo do encontro. Girar na Encruzilhada dos saberes é manifestar devir.

6.2.2. *Vem dançar em meu Terreiro*

A canção abaixo, bem como todas as canções e poesias que acompanham os itens seguintes sobre as Pretas Velhas, Oxum, Iemanjá, Iansã, Nanã e o Canto de Agradecimento, foram concebidas (criadas), ou *recebidas* - termo comum utilizado para falar de cantos nascidos de uma conexão espiritual – por mim nas giras para Iabás.

ROSA DA VIDA

(Adriana Gabriela)

Chamada de Abertura:

I.

Cantado:

Com todo respeito neste terreiro hei de chegar (2 X)
Salve, aos caminhos, Salve exú feminino
É a Pomba-Gira que chegou, Chegou para brindar, Nossa Gira de magia e de Festa [2x]
Laroyê aos caminhos, Laroyê 2x

Canção

II.

Ela é uma mulher que tem força pra lutar, E viver com alegria neste mundo que deus dá
Com batom vem divertir essa boca pra sorrir
E de vestes alegrar, com sua saia rodar
Pomba-Gira, Pomba-Gira
Vem dançar no meu terreiro, Traz um pouco de alegria pra esse povo mundo inteiro
Pomba-Gira, Pomba-Gira

Sóis tu, sois tu, tu me sóis e eu sou tu
Somos uma somos muitas mulheres desse Brasil
Sóis tu, és tu, tu me sóis e eu sou tu
Somos muitas somos todas as mulheres do Brasil

Ela era uma menina
toda muito encantada
Que sonhava com uma casa cheia de flores na cerca
Cerca viva natureza, natureza do amor
Ela bem que queria, bem dançar com alegria
Bem no meio da ciranda veio tirar uma dança, A Pomba-Gira Gira

Ventre fértil, ventre fértil
Vem dançar na Ciranda
Vem trazer a sua dança e também sua realeza
Que é também muita riqueza
A riqueza da ousadia de dançar com energia em seu corpo de mulher
que essa vida necessita de sorrisos, de amor

*Natureza da beleza vem dançar com alegria,
Na ciranda da cigana todo mundo, despertai!*

*A Natureza
é da Alegria
É da Cigana, Rosa da Vida
Salve!*

*Essa Cigana com seus bordados
E diversão no coração
Tem uma flor no seu cabelo e também tem muito cheiro, Cheiro de amor
Rosa Cigana, Rosa Cigana vem dançar nessa Ciranda (2X)
A ciranda do amor
Esse mundo é de alegria
Vem trazer sua riqueza que é também muita beleza
A Cigana entra na roda pra dançar com energia*

*III.
Falado:
Salve Pomba-Gira
Salve minha Pomba-Gira
Salve nossas Pombas-Giras
Salve o feminino da Pomba-Gira
Salve os caminhos das Pombas-Giras
Laroyê,
Mojubá,
Salve!*

6.2.3. Eu vou encontrar com ela

No corpo do texto desta tese, a Pomba-Gira já fez várias aparições. Já te contei algumas histórias da atuação dessa força e presença feminina em minha vida nas rotas desta pesquisa. No momento em que escrevi este fragmento estava vivendo um DSE em Londres em meio ao contexto da pandemia. A entidade da Pomba-Gira se fez muito presente no abrir de portas para uma nova experiência desafiadora em outro território atravessado por um drama mundialmente vivido. Não era uma viagem em um período qualquer, tive que me adaptar profundamente. Dancei muitas vezes com ela para encontrar energia, alegria e direção. Comecei a me sentir atraída por marcas de sinalização nas ruas do bairro que vivia em

Londres, onde passei uma grande parte do tempo, como passei a insistentemente escrever e utilizar o termo **corpo-flor** entre outros etc. e tal. Um dia, eu tinha uma apresentação em um seminário on line para fazer e estava muito perdida. Neste processo de indeterminações e confusões de discurso, e necessidade de me expressar, convidei Rosa da Vida, a voz que por vezes sou eu, que por vezes é a voz de uma entidade, para falar.

Dito por ela: **Carta da Pomba-Gira Rosa da Vida**

Uma voz dentro de mim.

As mulheres necessitam deixar de ser escravas do desejo e olhar no olho delas, lince, disputa, arraigada na presença do presente e do futuro, do encanto e do desamor. Ocorre que são vozes soltas do além e para soltar o medo eu danço e canto e escrevo, para soltar o medo eu canto danço e escrevo, para soltar o medo. Então eu me junto a elas e danço a boiada e ascendo vela e como frutas apetitosas. Que par de gente sou eu? Me ancestro. Me assento com a cabeça reta. Sou retada porque sou ousada e desafio para mim é ousadia. Sento verbo na estrada. Cabresto não me pega nem de corda e amanhã virá o depois. Cruzadas do tempo. Para você ter coragem. Para você encontrar a coragem. Para você ser vida, vida, vida, vida. Versa até arrumar a bagunça do tempo e das horas, até estar em você outra vez e sentir seu corpo e cheiro. O que é o corpo-flor? Corpo-flor é quando a gente fala verso e encarna além de arrependimento, canção. Teu corpo seiva saliva, aprenda a gostar de si. Corpo-flor é o cair do dia em gotejo. É o molho. O que fica molhado por dentro e derrete lágrima. Corpo-flor é tema de abertura, é a beleza e a espera por um cheiro, é o convite ao cheiro, a atração das carícias, do cuidado, do bem trato, do sementeiro. Corpo-Flor é um convite a si, ao enebrio. Já viu taturana em estrada? Corpo-flor avoa, abre, apresse, a prece abre. Corpo Ave, abraça apertada, o corpo- pétala, carícia a si, cuidado a si, e quando a dança é primavera o corpo explode em festa e cada dedo, cada gesto, cada delicadeza é Gira. Corpo-Flor lembra que a vida é festa, é bela, e tem poder de florescer.

Eu Giro para não morrer. Eu giro em você e você me encontra e reza. Segredo de Flor. Eu sou a em você que esta em mim. Te desanuviu as ideias e te faço mulher. Sente a força da mulher que sou. Sente a força da mulher que és. Sente a força. Você me convida para falar. Eu vou falar. Eu vou contar para você meus trajetos de princesa, de rainha e de plebeia. Vou encher a sua mente de arco-íris e vou levar toda a escuridão para bailar nas estrelas. Danço

com você, você me dança eu. Eu te danço e juntas nos amamos. Eu te guio, te indico a expressão. Dentro de você a força infinita do que sou, pois sou gente e ente viva em você. Anuncie meus segredos nas estradas, baile como se não existira a morte, e dance até o sol raiar. Eu vou curar o seu corpo dos compromissos sórdidos e vou limpar a sua boca das contrações moídas. Sei do seu coração, conheço sua lida, sua lavra, conheço seu plantio. Eu vou querer você para botar arreio em desespero, para botar gente morta para fugir, soprar passado, abrir futuro, costurar cascatas do bem viver. Dance comigo, como comigo, beba comigo, siga minha gira. Tu és meu encanto e amiga. Sou tua irmã conselheira Viva Vida Rosa da Vida Rosa Rosa e Rosa do Viver. Laroyê!!!!

Dias depois destes escritos, filmei com uma outra artista caminhos da Pomba-Gira nas ruas e Parques de Catford Bridge. O vídeo-performance se chama *Caminhos de Rosa*. Este material não terminou de ser editado. Espero compô-lo com as textualidades e canções criadas com e através das Giras da Rosa de Minha Vida. Mas a experiência em si foi de uma performance ritual nas ruas de Catford, onde a expressão dos movimentos e dos trajetos se deram por uma crescente de licença, não só poética, mas espiritual.

6.3. Poesia Livre – Ensino antepassado: A voz das mais velhas

Horas de Ventre

(Adriana Gabriela)

Falado:

Dizem que o mar sagrado é Bandeira do Azul
 Que crê na fé da Experiência
 Nas palavras
 Brotadas das frases que não tem temor
 Acredito
 Em fadas, em encantados e em sereias
 Produzo o som miúdo com que faço o meu caminhar
 Sozinha ou não Creio
 Tenho esteio
 Tenho esteira pra deitar
 A noite me caminha
 O céu se anuncia
 Ayé! Terra e Céu
 Os pecados não existem

A vida é perpétua
 Como o som do infinito que conduz à Nova Era
 Amor
 Assentamento
 Breve instante de ser grande
 Caminhar que conduz à majestade
 De riqueza de viver com
 Cada pétala
 Da Mãe Divina
 Ah Divina 2X
 Amplia sobre mim a luz que conduz à verdadeira essência do caminhar
 Grande, Sincero
 Arrebatador
 Anunciador da Vida
 Raíz nobre da esperança
 Riqueza
 Que verba o verso da
 Prosperidade
 Riqueza que verba o verso da
 Continuidade
 Riqueza que verba o verso da
 Infinitude
 Do Saber
 Do Mover-se
 Para além do medo
 Na força da fé do viver
Cantado:

Aê
 Com ela eu estou
 Com a luz de minha mãe
 Que me dá amor
 Arte eu cravejo
 E cravo e finco
 Com a sorte de ser Mulher infinito
 Eu rogo oh mãe
 Que me faça ver
 Toda riqueza que eu posso ser
 Ai minha mãe, ai minha mãe
 Agradeço esse viver
 Agradeço esse cantar
 E agradeço o meu caminhar

Voz falada:

A fita que leva pra longe o horizonte do céu púrpura
 Vaguei na sorte delas
 Que vem pra dizer
 Anunciação de fecundas horas

Horas de Ventre
Horas de Ventre
Horas de Ventre que versa do verso do ventre do ventre da terra Assim

Assim
Verso Hummm
Verso 2
Verso Versa Versa Versa
Versa até encontrar o eixo da coragem perdida
No firmamento
Na solitude
Na guiança escondida esquecida das horas _
- Pega a menina a cabeça
Senta no cais
Olha pro mar,
Sente o céu
Balanço
Balanço
Caminha com as horas
Com Graça
‘Teje Corage’
‘Corage’
Anuncia, Supera
Vontade que tem
Vontade das horas
Vontade menina
Vontade
Pega riqueza
Balança Riqueza
Nobre riqueza
Tamanha Riqueza
É lindo o nascer do Sol
É lindo ao nascer do Sol

Cantado:

Vagueia Vagueia (vaguêa)
Menina Vagueia
‘Clariô’
“Vou pra casa do doutor”

Como já comecei a contar lá atrás, no texto, mas talvez você não tenha visto, e esteja lendo só este capítulo, em 2017, durante uma das oficinas de fevereiro no Lume, “o corpo multifacetado”, com a professora Ana Cristina Colla, uma pantera caiu sobre meu pé quebrando meu dedo maior esquerdo. A Pantera era um dos exercícios que estávamos praticando durante o curso. Neste dia, enquanto praticávamos o rolamento da pantera, uma colega rolou sobre minha pata. Fui atingida no pé, mas me doeu toda a alma. Esperava com

muitas expectativas por aquele curso, pois buscava uma expansão criativa e meios para aperfeiçoar minha presença em um trabalho que tinha com poesia e o feminino.

O desenrolar da história é que foi este episódio que me trouxe até o doutorado na Unicamp. Havia terminado o mestrado alguns meses antes e ainda refletia sobre fazer ou não o doutorado em seguida. Depois de sucessivas idas ao ortopedista para analisar o pé engessado, e a resposta constante que vinha de minha pergunta “quando posso voltar a fazer atividades físicas?” ser: “Apenas trabalho intelectual” que decidi ceder à pausa temporária que a vida me propunha.

O pé quebrado simbolizou para mim um retorno às raízes, de um modo ainda mais profundo. Precisei reviver tudo, a busca da confiança e do equilíbrio para me mover, para estar entre outras pessoas numa sala de ensaio sem temer que outro alguém me machucasse, ou que eu machucasse alguém. Foi pouco a pouco, entre yoga, Giras e práticas de dança em sua maior parte somáticas, que fui reencontrando meu corpo.

A primeira vez que dancei após a retirada do gesso do pé foi em uma Gira de Preto Velho com o grupo espiritualista Nova Era (Fonte Violeta), na Fundação Terra Mirim na Bahia. Pé, Raíz, Antepassados. Escutar a sabedoria dos antepassados. Escuto com sensações físicas em meu corpo, através de movimentos e do silêncio, através de imagens que se afiguram em minha mente, de frases que me são ditas desde dentro. Através dos pés percebo e recebo, as memórias e as mensagens do chão, da terra, de onde tudo brota e para onde tudo volta num ciclo e reciclo constante. Os pés precisam ser livres, precisam estar livres, para sentir, mover, dançar e caminhar. Os pés recebem também a história daqueles que não foram livres, dos que contaram e viveram histórias de geração em geração até o pé presente poder existir.

Para mim, dentro do espaço poético que aflora na escrita ou na fala quando estou em uma Gira, ou em uma intenção de comunicação com as entidades através da palavra, há mensagens de presenças ancestrais, indicações e ensinamentos de bem-estar. Uma oração - meditação intencionada a agradecer, a reconhecer, a tomar consciência, a pedir auxílio- encaminha uma resposta. Através da poesia vivencio também esta comunicação.

Escrever criativamente, ou registrar a fala, são processos que contribuem para a elaboração dos saberes mobilizados pelo movimento corporal, pelas experiências, como também é meio

de continuidade de uma experiência. A escrita acima significou para mim um diálogo entre aspirações inscritas em mim e a resposta a elas. *Versa versa versa, Horas de Ventre, Vagueia, Contempla*. Tinha a sensação de escutar uma anciã. Era uma mais velha quem me respondia.

Estes conselhos eram ações que eu já tivera consciência de serem meios criativos, de autoencontro e bem-estar... mas tinha esquecido. Estava desmemoriada. Horas de Ventre. Horas de criação. Horas de Verso que Contempla o Ventre da Terra. Então retorno ao chão, retorno ao mar, retorno hoje outra vez à Luanda, e depois retorno à Salvador, ao céu azul à minha frente, ao balanço das árvores que lembram algo indefinido. Meu umbigo me chama de volta para algum lugar indefinido, enquanto escrevo me sinto parte de uma travessia para um lugar que ainda não encontrei. Horas de Ventre me parece agora como um nascimento, um mergulho no vazio onde nem mesmo eu me gastei.

Figura 148, Rainha Nzinga, Luanda, 2019.



Imagem por Manuela Barbosa.

Na trança da memória, quero compartilhar aqui um escrito que fiz sobre a relação com as pretas e pretos velhos.

13 de maio 2020

Eu lembro quando meus pais compraram a escultura em madeira, 'o pescador', e também uma outra que amo, 'o preto-velho'. Eu cresci com essas figuras em casa, sempre os achei

misteriosos e boas companhias. Criança, via através de muitas telas imaginativas e sensitivas, sabia, mais que agora, como tudo está vivo, que as coisas inanimadas tem alma, a alma que em nós evoca, ou a alma que evocamos nelas.

Isso, a alma dos objetos, pode ser um assunto da psicologia, da filosofia, da arte, da teologia... segundo Jung muitos artistas captaram a sensação de que o objeto significa mais que o olho pode perceber, que despertam em nós amor, sensações, emoções, pois são "portadores de forças maiores que eles mesmos"... mas isso pode ser também apenas um assunto de uma memória que convida outra memória que convida outra memória e saem por aí...lembrando.

Então chegamos até aqui, 13 de maio, dia que ainda é lembrado como dia de assinatura da Lei Áurea, texto legal que extinguiu na formalidade a escravidão, e que não reparou nem de perto nem de longe o muito de exploração e sofrimento. Um documento que ficou registrado e se tornou signo. Para mim essa data passou a ser profundamente significativa quando conheci que este dia é o dia em que celebramos os Pretos e Pretas Velhas. São eles nossos antepassados, são eles entes que ofertam memória e luz.

E eu continuo me perguntando por nossas memórias, algumas memórias históricas construídas à base do esquecimento, do apagamento de outras memórias tão mais fundamentais e importantes.

Contar e recontar nossas narrativas identitárias, ir lembrando... reintegrar compreensões existenciais de uma história marcada de fragmentações, compreender o caminho, se reconhecer. Ainda bem que sempre tivemos às Almas, pois os livros nem sempre são confiáveis, verdadeiros, nem o bastante para contar sobre quem somos.

Ainda bem que temos as Almas que continuam a nos reintegrar e a corporificar saberes e memórias pela oralidade e pela sensibilidade in.scrita em nós. (...)

Adorê as Almas!

Figura 149, Rainha Nzinga, Luanda, 2019.



Imagem por outra pessoa em visita ao museu (autoria desconhecida).

6.4. Iansã

Figura 150, *Dama dos Ventos*, pintura da autora, Adriana Gabriela.



Imagem da autora.

De um 04 de Dezembro.

Para prosseguir, pause . No isso e no aquilo, respirar. Na ocorrência e na recorrência, re.habitar No sufoco e no transtorno, retornar A si, natureza tua, casa uma, Casa-corpo quer Alongar Esticar Purificar Libertar Ahhhhr . O tempo sempre é hoje, E o futuro, semente do agora . Tempo de mudanças é também tempo de perseverança. Alinhe-se ao que te faz florir. Recorra a quem te amplifica amar. . Para felizes corres, ancora e voa, segura, nas asas de Oyá! Nos rodopios, organiza, e se não souber por onde começar, começa dentro, mas não fique todo o tempo aí, meditar é para despertar, então, em comunhão com o observar e o absorver, tome ação a seu favor e a seu contento. Construa-se Libertando-se, Liberte-se (re)construindo teus fundamentos.

6.4.1. Corpo bélico e protetor de Iansã: Bate pés e afasta morto, enfrentamento dos obsessores internos e externos, curando passos e coração.

Figura 151, *Iansã*, Pintura da Autora, Adriana Gabriela.

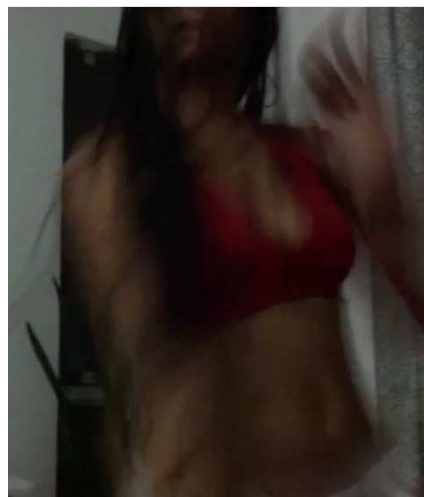


Imagem pela autora.

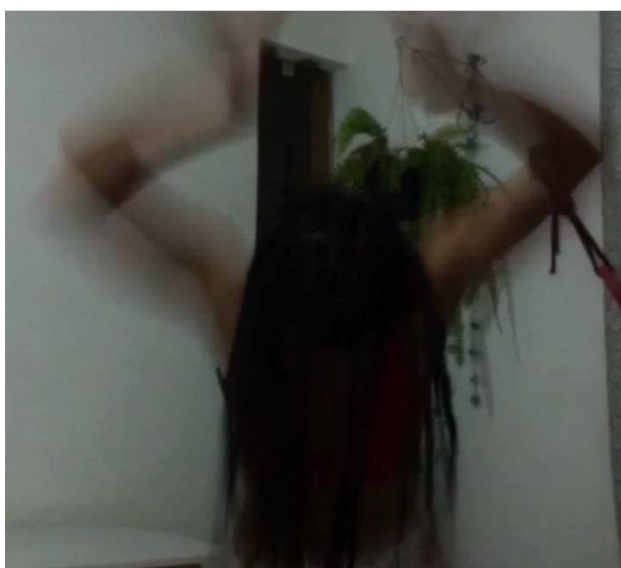
Figuras 152, 153, 154 e 155, experimentações em dança com Iansã.



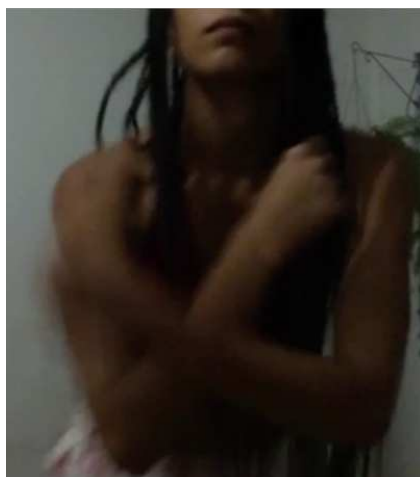
152



153



154



155

Imagens 152, 153, 154 e 155, acima, prints de vídeo-dança da autora.

Iansã

(Canção, Adriana Gabriela)

Vento
 Que corre de estrelas
 Caminha no céu Feito imensidão
 Corre Movido por ondas
 Que movem a terra
 E alcançam o som
 Eparrêi Iansã, Eparrê Eparrêi, Iansã Iansã
 Vento
 Da sua Natureza Caminha profundo
 Faz a.dor.mecer
 A dor
 Leva pra distante
 Convoca os mais velhos
 Para transformar
 Toda dor vai parar de tocar
 Nos pés da menina
 Que agora palpita
 Com Iansã

 Corre alada na sela
 Transforma em forte
 Qualquer sofredor
 Faz Mudar viramento
 Quebra o lamento
 Constrói o amor
 Iansã Iansã Iansã,
 A mãe Iansã
 Senhora dos trovões, Senhora dos trovões
 Relâmpago
 Estrela que sobe
 Vento, Iansã
 Ventos, Da mãe Iansã
 Epa parrê Epá errê – 3x Eparrêy!

Ontem foi 4 de dezembro de 2020. Dia de celebração de Iansã e de Santa Bárbara. Grandes festejos são feitos neste dia na cidade de Salvador, um deles no Corpo de Bombeiros, cuja santa e a Orixá são padroeiras. Elas estão sincretizadas. Este ano não foi possível manter as celebrações como tradicionalmente, é um ano pandêmico, atípico, tudo foi adaptado. Aproveitei o dia para recordar os “passos” de Iansã. Com isso não quero dizer passos de

dança, mas a manifestação de sua presença em minha história e na pesquisa. Durante o trajeto desta pesquisa, a expressão das orixás se alternam em preponderância de experiência e sentido. Curioso, sincrônico e coincidentemente tirei ontem uma mensagem on line do oráculo do jogo de búzios cuja resposta foi Iansã. Iansã tem uma qualidade de força e movimento enérgicos, mesmo que sutis como um farfalhar de asas. Está associada aos raios, trovões, relâmpagos, vendaval, ventos, e também a animais como o búfalo e a borboleta. Não só isso. Isso e tudo que escrevo é sempre apenas uma parte muito pequena. Partes do que aprendi e que fizeram sentido para mim pela minha própria experiência.

Terremotos, Vendavais, Mudanças estruturais. Iansã rompe com velhas estruturas para dar espaço a novas estruturas, é senhora que encoraja a continuidade da vida através também de cortes do que precisa ser podado, transformado, reciclado, revisto ou deixado para trás. É assertiva e impávida. É galope. É metamorfose. Borboleteia nossas vidas e esperanças, desacomoda, arranca pela raiz as falsas estruturas, aquilo que não te cabe mais. Também é a responsável por encaminhar aqueles que deixam esta vida física, os mortos, para outro plano, no Orun. Iansã também limpa “obsessores”.

Tenho compreendido as diversas dimensões desta palavra. Memórias, memórias de situações complexas próprias e de outras pessoas, memórias coletivas, memórias históricas e ancestrais, memórias da escravidão, fragmentos de ideais, crenças, palavras, frases, leituras de mundo, significação que damos a eventos e experiências, emoções contidas... tudo isso também são obsessores, que presentificam inclusive elos de ligação com pessoas encarnadas ou que já não estão mais nesta dimensão da vida, presentificam tristeza, baixa auto-estima, desânimo, bloqueios, distopia. Influenciam em nossa estrutura de corpo total. O Axé também é um instrumento de expansão de consciência, meio de compreensão do que nos forma e influencia nosso bem-estar ou mal-estar.

Quando criava esta canção para Iansã batia com as mãos no chão em forma de galope. Nos momentos seguintes em que voltava para a sala de ensaio da Unicamp para cantar a canção e expandir seus significados, comecei a experimentar passos de galope, não intencionalmente, eu simplesmente me movia assim. Então busquei durante um tempo voltar a este passo de galope e cantar, para sentir como isso se desenvolvia. Batia forte os pés no solo. A canção já me revelara como a energia da dança de Iansã me limpava das amarras, dos obsessores, das tristezas. Me expandia em confiança através dela. Muitas vezes em que me senti sem energia,

raivosa e confusa, dançar a partir da relação com Iansã criou espaço em mim, através da varredura de energias estagnadas em meu corpo e ao meu redor. Não controlo os movimentos, sigo o fluxo, seja a partir do silêncio e da intenção de me relacionar com o elemento vento e com a orixá, seja cantando canções para ela e movendo, seja escutando alguma canção sobre Iansã e pontos de umbanda e do candomblé e movendo através destes ritmos e narrativas presentes nas canções e do próprio vento e seu mover e soprar.

Iansã me ajudou também a curar o pé quebrado, a me restabelecer e vencer com confiança conflitos diversos que me atravessaram, a liberar uma carga acumulada de energias densas.

Como raio, como trovão, como tempestade, como ventania, vem para limpar o Tempo. Revira, revolta, pulsa, desdobra o que estava do avesso, muda tudo de lugar para restabelecer uma nova ordem a partir do caos. Iansã guerreira, me ensinou movimentos de cura, de varredura, de saculejo, para harmonizar o corpo e só: desperte, seja livre, siga em frente, você é forte, acorde. Comecei a *coreografar* a partir dela. Percebi movimentos que se repetiam quando eu dançava uma canção e busquei concatená-los em uma dança.

A fluidez no ato de repetir intencionalmente nunca era igual a fluidez da espontaneidade de um movimento original. Então me perguntei sobre qual caminho seguir na busca por uma composição, se sempre por meio da sintonia e da improvisação, ou se estabelecer partituras coreográficas. Continuo dando tempo e espaço ao movimento livremente para experimentar outras possibilidades onde ele pode me levar. A questão para mim não é exatamente a de definir, mas de expandir a habilidade de percepção. Não pretendi fixar movimentos. Talvez por não ter tentado o suficiente fixar nada. Eles encontram vias de repetição naturalmente. Deixo a tempestade falar, e ela não fala de um só vez. Primeiro vem ventos, depois as nuvens, alguns raios e trovões, e só enfim o céu despenca e molha. Iansã é um resgate de nossa força e paixão vital. Eletricidade que atravessa chakras desde a raiz, ou do coronário do céu, e ascende na fronte guiança de luz. É intensidade que conduz a harmonia. Tem brisa, tem suavidade, tem farfalhar de asas de borboletas, tem vendaval e chuvaria, tem galopes ancestrais.

Repensando as concepções sobre coreografia que possuía, para compreendê-las também através de um lugar orientado ao resguardo da memória, como inscrição e continuidade de um saber adquirido e gravado a partir do movimento, do corpo, e, tratando-se de uma perspectiva

afrocentrada, na qual o corpo negro é uma episteme que reguarda saberes ancestrais, a coreografia, entendida por Leda Martins como afrografia, se faz instrumento de continuidade de saberes. Repetir, neste sentido, gesta recriação.⁹³

Neste sentido, no contexto desta pesquisa, associo afrografias não a uma concatenação de movimentos, ações e gestos desenhados por impulsos orgânicos e posteriormente mapeados possibilitando repetições, inclusive para fins cênicos. Associo de forma mais abrangente, tal qual a amplitude da palavra e a profundidade do conceito, ao saber que fica incorporado ao corpo através das performances, acompanhando a performer como uma nova sabedoria de vida e de criação.

6.5. Ora Iê Iê Oxum!

Figura 156, *Oxum*, pintura da autora, Adriana Gabriela.



Imagem da autora.

⁹³ <https://www.nonada.com.br/2023/06/o-espirlar-na-arte-como-a-obra-da-intelectual-leda-maria-martins-inspira-a-35a-bienal-de-sao-paulo/>

Se eu pudesse ser só seu canto puro e doce, se eu pudesse só ser esse canto Amor. Meu coração, sua morada. Ora iê iê Oxum!

Ora iê iê ô

(Poesia, Adriana Gabriela)

Mãe nossa das águas
 Mãe nossa de amor
 Teu nome, senhora,
 faz mover o tempo
 Me leva pra dentro,
 pra o leito dos rios que acalmam meu peito,
 Seu nome é o direito ao passo-acalento
 Tão doces recônditos do mel mais brilhante
 De paz reluzente, riqueza em ser gente,
 Em mãos que nos doam
 afeto e respeito
 no traço perfeito
 fecunda magia
 do espelho nas mãos,
 Verte o ter-se,
 o dar-se,
 o amar-se,
 o ver-se,
 o saber-se,
 Em seu colo, proteção.

Figura 157, Cuves de Sassenage, Grenoble/ França, 2020.



Imagem por Tamara Leal.

Canção para Oxum:

(Adriana Gabriela)

A minha sorte é
 Um rio florido coberto de amor
 A minha sorte é Mamãe Oxum que me criou
 A minha sorte é Um rio dourado coberto de flor
 A minha sorte é Mamãe Oxum que me enviou
 Ora iê iê, Ora iê iê
 Oxum Oxum iê
 Ora iê iê, Ora iê iê
 Oxum Oxum iê
 Nos Rios que correm das águas do ser

Ora iê iê, Orai por nós
 A vida de riquezas transformai dentro de nós
 Ora iê iê, mãe sagrada
 Transforma nossas vidas com a força de suas águas
 Aiê aiê, Aiê aiê, Oxum, Oxum iê (2X)
 Senhora, delicada Vem por dentro das águas
 Acolher meu coração Renovar a minha missão
 Ora iê iê, Ora iê iê Oxum, Oxum iê
 Ora iê iê, Ora iê iê Mãezinha Oxum eu amo você

_Canção da autora, Adriana Gabriela

Figuras 158, 159 e 160, abaixo, Cuves de Sassenage, Grenoble/ França, 2020.



158



159



160

Imagens 158, 158 e 160, acima, por Tamara leal.

Eu, Oxum

(Poesia, Adriana Gabriela)

me escapa da boca uma palavra solta
 repito em voz alta, me escuto dizer...
 na beira das águas
 úmida
 curva
 me perco e me acho
 pergunto da voz que insiste em dizer...
 sou eu?
 sólido eixo
 fértil cerne
 solo de liquefazer

escuto murmuros
 são ventos e o dia
 em plena magia
 das águas que correm
 da pedra que é cura
 do céu que flutua
 grudado no alto de uma imaginação qualquer
 não há céu que baste e 'fundura' que chegue
 tudo transpassa, universa
 alcança os astros
 a estrela de Oxum

as mãos que me guiam
 o beijo que recebo
 da boca aguada
 Sereia Senhora das Águas
 a voz que me fala num sussurro bom:
 Sou eu, sou eu, sou eu... Sereia
 Sou eu, sou eu, sou eu, Sereia

Figura 161, abaixo, Cuves de Sassenage, Grenoble/ França, 2020.



Imagem por Tamara Leal.

Ofertar

No ir e vir
 Do dar do “recibir”
 Do aguar
 Do dissolver

Do derramar
 Da beira
 Da pedra
 Da era
 Do era
 Do ser
 E do prosseguir
 Entrega
 Entrega
 Entrega
 Às águas do fluir

Em julho de 2020, após um longo período de confinamento, estava em Grenoble (França), durante o período do Seminário Anual, desta vez on line, da Middlessex University. Tínhamos momentos de compartilhamentos coletivos e um período para desenvolvermos aspectos de nossa pesquisa. Pelos fluxos em que estava, senti de voltar a experiência da relação entre ambiente, dança e incorporação através da energia de Oxum. Uma amiga, muito Oxúnica, ia me levar para conhecer uma região linda de cachoeiras. Essas imagens foram feitas por ela. Neste dia oferendamos flores amarelas a Oxum.

Este lugar é por demais precioso, encantado, com águas límpidas das geleiras, que tomam um tom entre azul e esverdeado pelo reflexo da vegetação ao redor e do céu. As águas são bastante frias, mesmo no verão. Neste espaço vivenciei a experiência de me mover saudando o ambiente, a força das águas, de ir seguindo o fluxo de ações, de movimentos que o estado de ser neste dia me guiava.

Comecei sobre uma pedra, lavei minha conta de oxum nas águas, pedi licença, alternava entre o fechar e o abrir dos olhos para sentir de olhos fechados e de olhos abertos eu, o espaço, o todo. Aos poucos meu corpo foi se abrindo, meus passos e gestos ganhando mais confiança nos movimentos que realizava. Em um momento uma borboleta amarela pousou sobre uma pedra próxima a mim, sorri, saudei ela, sentia que era um sinal amarelo de Oxum, uma resposta às orações que eu fazia em silêncio enquanto dançava, uma resposta ao rio de pensamentos que atravessava o meu corpo, ora inibindo a dança com sensações de vergonha e julgamento, ora me impulsionando a fluir, a me soltar, a confiar e dançar com ela, a natureza, nas forças das Águas de Oxum. Neste espaço também a presença dos ventos. A presença de outros elementais, de outras iabás e orixás. Os saudei. Saudei a terra, saudei o céu.

Minha amiga filmou este meu trajeto de encontro com as águas, desde a pedra até o mergulho nas águas. Este dia foi como um batismo nas águas de Mamãe Oxum.

Gestos de purificação dos pensamentos, gestos de reconhecimento da grandiosidade da natureza ao redor, gestos de entrega e de fluidez. Como rio, fui me diluindo, adentrando as águas em dança, sem forçar um caminhar, aceitando o fluxo das águas, me rendendo a ela, abrindo o peito à doçura, à delicadeza e ao prazer da dança. Para entrar nas águas com leveza é preciso se limpar, se limpar do medo, e ter respeito.

A partir da filmagem deste dia, Tamara, minha amiga, editou o vídeo, com a sensibilidade de Oxum, com a sensibilidade de quem presenciou o instante e, posteriormente, amigos músicos fizeram também uma sensível e interessante trilha sonora incidente sobre as imagens, com tambores, sons da natureza, sons de evocações indígenas que eram a eles familiares com o que assistiam, e um instrumento africano mágico que conheci de perto durante a viagem à França, a Cora. Tenho feito desde então algumas singelas experiências com a Cora. A dança performou um ritual de entrega e purificação. Por fim, este vídeo se transformou em um clipe “Brilho das águas”, desaguando no encontro com o mar de águas da canção de uma outra amiga musicista.

A seguir estão os links destas duas versões:

Saudação às Águas: <https://www.youtube.com/watch?v=fX52ZSdo4Hs>

Brilho das Águas: <https://www.youtube.com/watch?v=Q2lb7c1StSw>

Comecei a produção de um novo clipe para Oxum em Barão Geraldo, experimentando e reafirmando o que tenho compreendido da relação sincrônica e repleta de sintonias com a captação de imagens e a natureza. Há sempre incidências bonitas e espontâneas nos trajetos se assim tivermos olhos para notar, apreciar e receber. A concepção destes vídeos também são momentos ritualísticos. O caminho criativo é infinito. Muitas materialidades dessa pesquisa vão se concretizando tanto a tanto diante das possibilidades e oportunidades de produção. Busquei articular produção para gravar todas as canções, e gostaria de ter todos os vídeos já editados, mas ainda não foi possível. Ainda que todos esses processos não tenham sido finalizados, importa o processo vivido, os instantes desejados e fruídos, e os materiais nascidos que comunicam muitas histórias, em sua processualidade.

6.6. Saluba Nanã! O que Nanã me contou.

Figura 162, Gira-pessoal, São Paulo, 2019.



Imagem da autora.

Figura 163, Gira-pessoal, Londres, 2020.

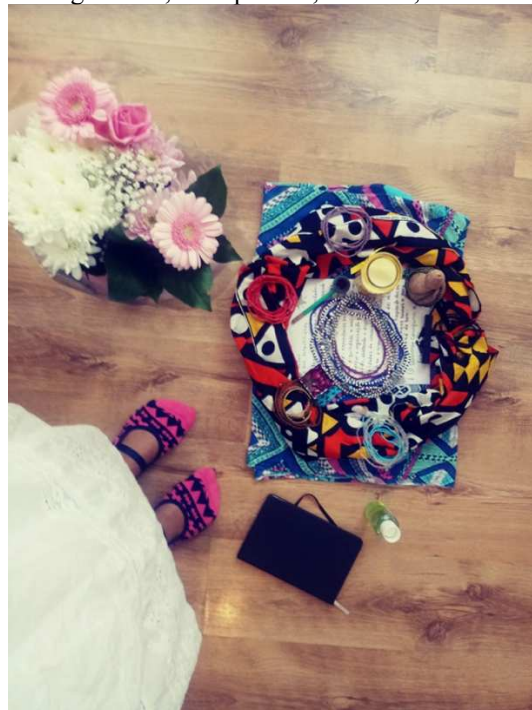


Imagem da autora.

Nanã

(Canção, Adriana Gabriela)

Reivindico a fé
 Na cor da criação
 A mãe que nos ampara
 E nos traz a solução
 Reivindico a fé
 Na cor da criação
 A mãe que nos traz
 O poder da solução

Saluba Nanã,
 foi quem chegou
 Saluba Nanã,
 que nos criou

Segredo das matas,
 dos rios,
 Das profundezas
 Que traz todo o seu barro

Para forjar a nossa riqueza

Saluba minha mãe
 Que prometeu o melhor
 E vem tirar de nós todos esses nós
 Saluba Nanã,
 foi quem criou
 Saluba Nanã,
 que nos gerou

A fé vem me ancorar
 Na fé vem me ancorar
 Saluba Nanã,
 que chegou
 Saluba Nanã, mamãe
 Saluba Nanã que prometeu
 - Minha filha merece o melhor
 E que me deu
 Saúde para estar com vós

Saluba Nanã,
 que nos criou
 Saluba Nanã,
 que é amor

Figura 164, *Ibiri de estrelas*, Pintura da autora, Adriana Gabriela.



Imagem pela autora.

Encontrei com Nanã em um ritual para Oxalá no grupo espiritualista Coração de Maria, eram as Águas de Oxalá, celebração que abre o ano, e ocorre antes das celebrações para Iemanjá. Estava passando o período das férias em Salvador. Já quase no final do rito, me sentia cansada, mas resistia em deitar, até que cedi ao chão. Não esperava pela aparição de Nanã. Ela veio por meio da visualização ou miração, como são chamadas as visões vivenciadas sob o efeito da força da ayahuasca. Eu estava com medo, mas sabia que aquele era o lugar e o momento para me entregar a uma cura, e então me entreguei e tive uma visão profunda. Recebi bênçãos de Nanã. Renasci embalada por suas orientações e seus encantos. Ela me mostrou também que em qualquer parte que eu fosse, teria sempre a força do axé e do ijexá, pois através da música eu poderia me sentir sempre em casa.

É possível concluir que o corpo negro se move por essa cartografia cultural, consciente ou inconscientemente, em transe ou em trânsito, embalado em trilhas sonoras do Atlântico negro, acústicas e/ou eletrônicas: afoxé, congada, samba, blues, jazz, reggae, funk, samba-reggae, rap, drum'n'bass, etc (Ratts, 2006, P.68)

Neste período eu estava vivenciando um conflito de emoções, estava feliz e triste ao mesmo tempo por estar em uma ponte entre cidades, pois São Paulo, apesar das aberturas vividas, se afigurava para mim também como um espaço muito rude, poluído, e cheio de contradições.

Senhora de Águas profundas, Nanã é uma força primordial. Ela é senhora dos portais da vida, e também da morte. Símbolo de Sabedoria, é a mais velha. É o potencial nascedouro que habita os manguezais. Sereia profunda, é parte da criação do ser humano que ganhou forma a partir do seu elemento, a lama. A força do feminino de Nanã é a força da terra e sua umidade.

Dançar Nanã é sempre um ato envolto em respeito, amorosidade, agradecimento e muito mistério. Ponho uma canção para ela, aguardo sentir o que meus movimentos irão revelar. Observo o fluxo dos pensamentos, observo o que sinto, observo o que preciso fazer. Dialogo com essa força de mãe mulher anciã sempre que ela me permite. Seus passos são gentis. Durante um longo período, por mais que eu tivesse a intenção de realizar uma dança ativa e mais enérgica, meus movimentos sempre tendiam ao chão, à curvatura do corpo, como uma anciã. Ou então apenas seguia o fluxo de circulação da gira, com a coluna ereta, mas não sob a energia encarnada de Nanã em uma camada de expressão de meu corpo, e sim, escutando os ensinamentos vindos dela e saudando a energia de Nanã no fluxo da Gira. Depois disso

começou a se transformar. Meu corpo habitado por Nanã agora tem vigor de ligeireza em ocasiões especiais.

Mãe, os teus mistérios, me abraça e me cura, me faz ver a senhora, anciã, em mim, as mãos velhinhas que um dia sou. Me mostra tua caridade e também tua rebeldia. Me mostra tua paciência na maturidade da minha consciência. Divina luz, Nanã. Te sinto refúgio, solo de curar, chorar e sorrir. Águas de nutrir. Lentidão, profusão e nascedouro. Determinação. Revisão. Orientação. Nanã Buruquê...Saluba!

Nanã Buruquê

(Adriana Gabriela)

Sereia sereia minha,
minha mãe linda senhora,
profunda és em natureza,
Saluba, os mistérios de Nanã...
ela mesma em si,
fecunda foz,
retroalimenta vida,
faz nascer e renascer em seu mover de mundo, a criação,

flor e elo terra,
céu assim acima, como abaixo,
ibiri de estrelas
sagrado encanto
parturiência
brota luz em cada um de nós.

6.7. Odossiba mamãe Iemanjá!

Figura 165, Performance com outros artistas, projeto “Close to There”, Cachoeira-BA, Fev. 2020



Imagem da produção.

Iemanjá

(Adriana Gabriela)

Saudação:

Saravá Sereia! Saravá Sereia! Saravá Sereia!

Canto:

Eu sou filha de Iemanjá
Eu sou filha de Iemanjá Ô
Eu sou filha de Iemanjá
Sou sereia do mar

Oh grande mar, Ô ô ôo
Vem me lavar, ê ê ê
As águas delicadas desse mar
Salgadas e com conchinhas do mar

(Vocalização)

Ô, ôoo
Sereia A a a a a a

Canto:

Disse que mora no meio do mar
Disse que mora nas ondas
Ela vem
Coberta de azul
Faz acreditar

No amor
E no mar

Ela vem
Do recanto das sereias do mar
Colorir
A todos de azul

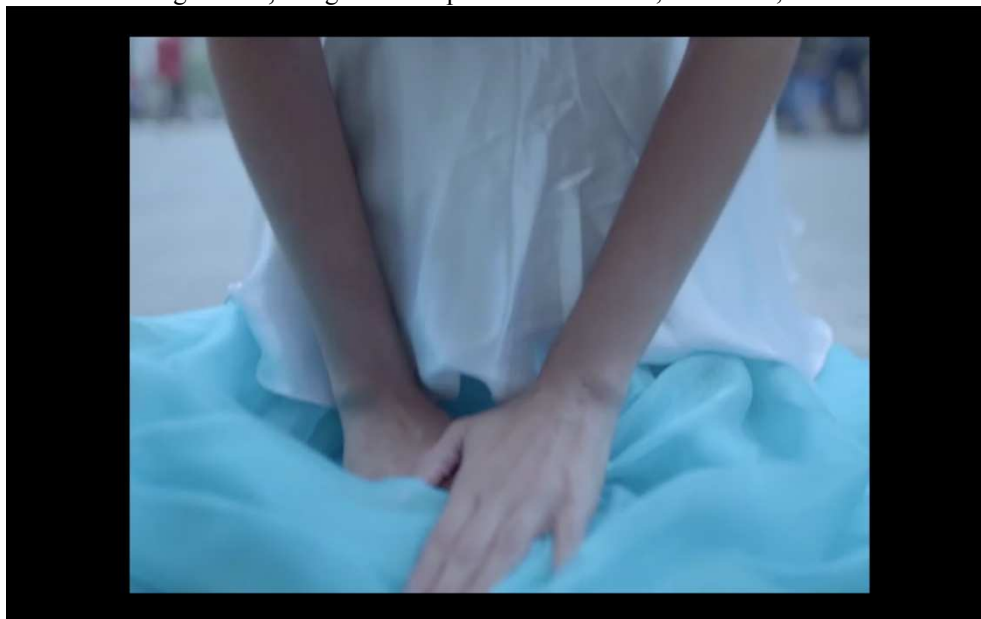
Oh minha mãe meu saravá é pra você ... 4X
Odoyá!

A canção acima foi criada ou *recebida* por mim em uma das primeiras Giras em homenagem às Iabás que ritualizei sozinha em uma das salas de ensaio do IAr – Unicamp. Como já dito, é linguagem comum aos participantes de rituais sagrados xamânicos, umbandistas, daimistas, que conheço, utilizarem o vocabulário “receber” para falar sobre as canções que são criadas a partir de inspiração do campo sagrado. Assim, receber estabelece uma relação de co-criação com a força divina, nos colocando como canais de comunicação através dos quais são transmitidas mensagens por meio de cantos, hinos, rezos e chamadas.

Neste dia vivenciei um momento espontâneo de criação fluida e verdadeira. Minha intenção era saudar as Iabás, abrir e fechar uma Gira em homenagem a elas, finalizando este momento com um agradecimento. Pretendia dançar pra elas, e a dança ocorreu mas de uma forma diferente da esperada, muito sutil, quase a maior parte do tempo sentada, com movimentos sutis no solo. Estavam presentes eu, um caxixi, minha cabaça, as forças das Iabás, algumas presenças de pessoas idas que se materializavam vez ou outra através de minha memória, e a maior parte do tempo estive saudando através de cantos as forças femininas.

*6.7.1. Quem dança na beira do mar é sereia: ganhando corpo e aprendendo poéticas do mar.
Entre performance e Espectros Sagrados*

Figura 166, Imagens do Clipe *De um céu cinza*, São Paulo, 2019.



Print do vídeoclipe, pela autora.

Iemanjá é quem sou, a Bahia, o Mar, o litoral de Salvador, as celebrações do 2 de fevereiro e a presença da força das águas beirando tudo o ano inteiro. Eu cresci no Mar. Vi nascer e se pôr o sol na praia desde menina. Meus pais gostavam de levar a mim e a meus irmãos muito cedo à praia para ver essa beleza, e também o pôr do sol. Ficava a maior parte do tempo na água, brincando com as ondas, com as espumas, meu banho de espumas... amava mergulhar nas ondas volumosas verde esmeralda, azuladas, peroladas...o Mar é Mágico!

Quando criança lembro de ter visto nas águas uma sereia de cabelos negros em uma festa para Iemanjá, no Rio Vermelho, bairro onde tradicionalmente se celebra o 2 de fevereiro em Salvador. Como várias outras visões que tive na infância, coloquei essa na minha caixinha da imaginação infantil conforme fui crescendo. Hoje me pergunto sobre o que vi, não por desacreditar que realmente posso ter visto uma sereia de verdade, - “há mais coisas entre o céu e a terra do que ousa conceber nossa vã filosofia” (ou algo assim), muitos são também os mistérios do mar - mas por ter escutado uma história interessante de uma amiga sobre a memória de um senhor já idoso cantador e curandeiro. Essa história, unida à minha própria prática de pesquisa e gosto por dançar na natureza me fez refletir sobre os rastros deixados pela performance no imaginário social.

Me contou ela que ele contou a ela que quando ele era muito criança começou uma ventania no povoado em que ele morava, então veio a chuva e veio o trovão, raios e relâmpagos. O

menino saiu de bicicleta nesse estado de tempo, porquê? deus vai saber!, e diz que quando descia uma ladeira de barro, todo enlameado derrapou ou algo assim, e viu à sua frente uma mulher, uma deusa, uma força, Iansã, dançando na chuva de vermelho, cuspidando fogo com seus movimentos, batendo firme os pés na terra quase em vôo. O menino ficou abismado, Iansã dançava na tormenta. Ela é a senhora dos raios, das tempestades.

De certo não narrei a história conforme exatamente me foi contada, mas foi assim que ela ficou em mim. E essa história me foi contada justamente a caminho de Cachoeira-Bahia, terra histórica e de tradição de Axé, de terreiros e quilombos, de vasta cultura e riquezas múltiplas. Íamos realizar lá uma performance coletiva, uma proposta de encontro afro-diaspórcio, entre artistas de Chicago e do Brasil (a maioria de nós era do nordeste, creio eu), através do projeto Close to There, e eu, desejava me colocar neste espaço performático com uma oferta a Iemanjá, pois este período era justamente fevereiro de festejos e celebrações a ela.

Havia menos de dois meses que eu vivenciara nas ruas do centro de São Paulo experiências de dança para a composição de um Clipe musical que idealizei junto a outro artista, músico baiano, corporificada com a devoção que tenho a Iemanjá, imersa nos símbolos, percepções e sensações que esta força feminina vinha revelando em minha própria história de vida, e colocando este corpo no mundo, em oferta de bênção, um dançar das águas na dureza da cidade. O clipe se chama “De um Céu cinza”⁹⁴ (nome da canção para a qual o clipe foi feito).

Figura 167, Imagens do Clipe *De um céu cinza*, São Paulo, 2019.



Print do vídeoclipe, pela autora.

⁹⁴ https://www.youtube.com/watch?v=tZc_cD88rWM

O mover com o tecido foi parte fundamental da composição. O tecido é o mar que se movia na interação do meu corpo e dos ventos. O tecido também é o manto do resguardo, através do qual o corpo pode atravessar mundos. Os tecidos sobre o corpo criam uma espécie de tenda, um espaço íntimo misterioso. Por sua maleabilidade incita a criatividade do mover e das formas. Já há algum tempo que utilizo tecidos em atividades e vivências, propondo exercícios com eles e também composições. Em “Fases”, um solo que compus com Martin Domecq, realizava um percurso poético a beira-mar com três peças de vestimenta que no decorrer iam sendo tiradas como camadas de um processo de purificação até entrar no mar. Uma dessas peças era um comprido tecido vermelho que eu carregava como símbolo da dor e do coração em pranteio por todas as histórias de violência através dos tempos. Isso, e seus outros sentidos. O coração, o tecido, eram lavados nas águas do mar.

Figuras 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174 e 175, abaixo, imagens do Clipe *De um céu cinza*, São Paulo, 2019.



168



169



170



171



172



173



174



175

Imagens 68, 169, 170, 171, 172, 173, 174 e 175, acima, Prints do videoclipe, pela autora.

Figuras 176 e 177, abaixo, Imagens de *Fases*.



176



177

Imagens da performance-poética, por Caroline Paternostro.

Figura 178, abaixo, conjunto-colagem de imagens da utilização dos tecidos em Oficinas realizadas pela autora, Espaço Cultural Pierre Verger, Salvador-BA, 2014, (Oficina que compôs o corpo do mestrado).



Imagens/Colagem acima pela autora.

Figura 179, imagem da utilização dos tecidos em Oficinas realizadas pela autora Espaço Cultural Pierre Verger, Salvador-BA, 2014.



Imagem pela autora.

Figura 180, Vivência no CCBM, Cidade do México, 2018.



Imagem por Laiana Vieira.

O caso é que a caminho de Cachoeira-Bahia eu estava ainda refletindo sobre tudo que se passou naquele dia em São Paulo, os encontros com as pessoas na rua., a experiência libertadora que foi performar o mar no cinza, e improvisar todo o tempo, pois tudo foi criado no instante que estava sendo feito... eu não havia *ensaiado* nada além de me colocar aberta ao fluxo do movimento em uma presença com intenção, porosidade e atenção.

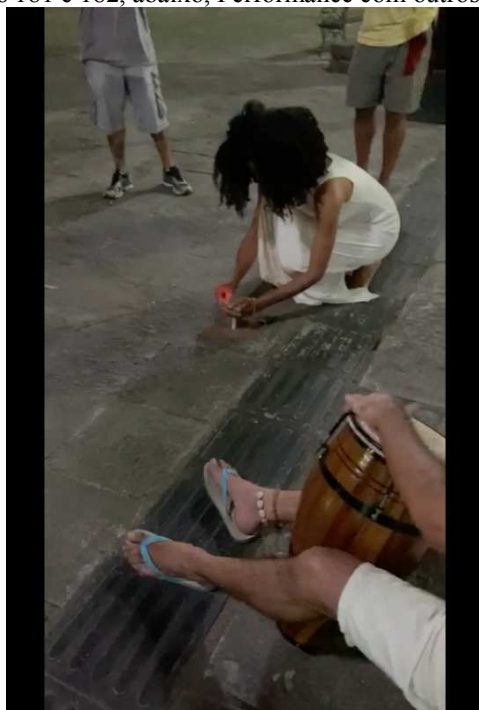
Então, a história do senhor que viu Iansã dançando na tempestade me fez refletir sobre as possibilidades de leitura que uma performance assim pode mobilizar no imaginário, de uma criança, das crianças de todas as idades, adultas, idosas, pois guardamos em potencial a possibilidade de assombro, de surpresa, de quebra com a rigidez de nossos mundos construídos sobre determinadas possibilidades e expectativas cotidianas. Naquele dia, uma expressão de Iemanjá dançou através de mim, me iluminou, me ampliou, rodopiando no concreto, no mundo externo, dançava uma vitória sobre as dores de estar vivendo em São Paulo, dançava minha fé.

As imagens do Clipe não guardam todas as tomadas, logicamente, mas em um momento, atravessei toda uma avenida cheia de pessoas, dançando, correndo, ofertando, bondade, beleza, amor. Assim faz Iemanjá com seu manto de mãe, Azul que acalma, Sereia que ensina a navegar no balanço do mar da vida, das emoções, sem afundar, ensina a fluir, a mergulhar, a nadar, a perceber seus mistérios sem querer saber de tudo, abraço de mãe, limpa Orí, limpa pensamentos demais, limpa coração, ela é rainha das águas, ela é rainha do mar, ela força feminina, grande-mãe Iemanjá.

A experiência de performance coletiva com outros artistas em Cachoeira foi igualmente libertadora e me fez perceber tantas outras nuances do que eu buscava e do que fazia. Havia muitos músicos e o tema do afrocentramento estava presente, não como temática definidora da criação, mas como trajetórias e encontros vitais, eram artistas negros residentes em Chicago em trocas com outros artistas negros do Brasil, em Cachoeira-Bahia. Eles tinham tambores, trompetes, flauta, voz, palmas, corpo, eu tinha caxixis, um lenço azul, uma cabaça, um recipiente com água e vela. Tínhamos tudo, inclusive muitas histórias inscritas através do tempo em nós e entre nós.

Os elementos foram sendo incorporados ao círculo que formamos, aos poucos e organicamente, primeiro a vela, pedi licença para ali estar, antes, `a beira do rio Paraguaçu, pedi licença para dançar com Iemanjá. Eu estava neste dia com as águas internas densas, com o coração partido, bastante sensível e insegura também. Não tinha conseguido participar neste ano de um trabalho ritual chamado, *Encanto das Águas*, para Iemanjá, que havia anos seguidos que participava, e sentia que a performance era um momento de entrega a ela.

Figuras 181 e 182, abaixo, Performance com outros artistas, projeto “Close to There”, Cachoeira-BA, Fev. 2020.



181



182

Imagens 181 e 182, acima, pela produção.

Foi tudo muito sutil, tudo muito verdadeiro, tudo muito cuidadoso, passo a passo “pisando no chão devagarinho”, saudando com outros artistas o chão daquela terra, saudando os antepassados, saudando cada um de nós no todo, lavando os pés de todos nós com as águas do

mar que era o tecido, improvisando com vozes corpos e presenças passadas e presentes, seguindo o fluxo dos impulsos, **do rito que se revelava na sucessão atenta das ações que eram sentidas como necessárias**, na comunhão das muitas histórias, ancestralidades e axés ali presentes a nos atravessar. Foi belo, fez um bem enorme, foi libertador. Iemanjá também me ensina sobre paciência, sobre serenidade e respiração. Está tudo certo! Ela me diz, com calma, está sempre tudo certo, **tudo sincroniza no mar dos acontecimentos quando se está em comunhão com as próprias emoções.**

Figuras 183, Performance com outros artistas, projeto “Close to There”, Cachoeira-BA, Fev. 2020.



Imagem pela produção.

Eu não queria sair de casa naquele dia, pois tinha muitos trabalhos e viagem do DSE para organizar, mas a curadora do evento, a mesma que no caminho para Cachoeira me contou a história do senhor que viu Iansã, me convenceu a ir no momento em que me pediu para que eu conversasse com o Tempo, e me disse, “ficando em casa você já sabe o que tem, indo, você terá tido movimento”. Então eu parei para refletir, para meditar com Tempo, que também é um orixá, e aprendi um pouco mais este dia. Disse sim a aventura de dar Tempo ao Tempo em meio ao caos das obrigações estabelecidas e uma ansiedade tamanha.

Para mim tudo isso é Axé, energia vital, e faz parte da atração das experiências em potencial necessárias ao caminho de cada pesquisar. Mensagens que chegam, pessoas, portas que se abrem, possibilidades, escolhas. Neste dia, Chamados de Cura e Bênçãos das Águas. Então eu **fluí**, e fui, saudar e experienciar.

Figuras 184, Performance com outros artistas, projeto “Close to There”, Cachoeira-BA, Fev. 2020.



Imagem pela produção.

Iemanjá é meu mistério amoroso com o mar. Ergueu minha cabeça algumas vezes na dança das marés, internas e externas, assim como vem me ensinando a ofertar, a oferecer o que alegra, o que fortalece, a ela, a mim mesma, às pessoas. Iemanjá corporifica em mim concentração e coragem, resplendor. Escrevendo essas palavras agora retomo a sensação do quanto que ela me ensinou a me sentir mulher, me conduziu ainda mais a sentir meu ventre, a expressar movimentos das águas da bacia do meu corpo, das ‘cadeiras’, me ensinou a saravá, e a amadurecer sabendo que tenho parte profunda com as águas do mar, e que o mar me cura, que o mar é uma grande medicina, assim como os demais elementais, a natureza é cura. Nas Giras, me consagrou sereia, me coroou, me mostrou que sou sereia, e que nunca estou de mãos vazias, pois sempre tenho a dança para a ela ofertar. O mar também me ensinou a dançar.

“O mar serenou quando ela pisou na areia. Quem samba na beira do mar é sereia”⁹⁵

Um dos lugares que mais me encanta dançar é a beira-mar. Principalmente beira de mar tropical. Me deixo aí ser levada pelos balanços, dos ventos, do mar, pelas cores do céu e dos raios de luz, pela gostosura da areia, pela brincadeira com o vai e vem das ondas, pelos elementos que se revelam na maré baixa, conchas, biscoitos d’água, lesmas, crustáceos, algas...é precioso, me sinto livre, posso rodopiar, e a menos que esteja dançando sobre pedras, posso experimentar saltar e “voar” sem me preocupar.

⁹⁵ *O Mar Serenou*, Clara Nunes. Escute: <https://www.youtube.com/watch?v=drGewMyo00A>

Em diversos momentos reencontrei o ânimo me movendo livremente à beira-mar. **Sintonia. Praia. Fluidez.** Tenho meus rituais pessoais. Saúdo às Águas. Me abro, dialogo em silêncio ou em verbo, oferto amor, reconhecimento. Me coloco como um grão de areia, me coloco como um oceano, encontro equilíbrio. Simplesmente respiro e observo. Simplesmente fecho os olhos e me entrego. Agradeço. Faço pedidos. Principalmente para limpar minha cabeça e meu coração. Corpo de Mar. Corpo de Praia. Corpo de Cantos secretos do Mar, que cada qual, em si, pode escutar.

Observações dos fenômenos de comunicações naturais.

Tirei duas fotos em anos seguidos na festa de iemanjá onde era possível ver um raio de luz azul vindo do céu em direção ao mar na mesma bacia onde são feitas as oferendas. Sempre à tarde, depois da saída dos cortejos dos barcos levando os presentes. Para mim era um sinal enviado para dizer, “estou aqui filhos meus, recebo suas oferendas”. Iemanjá em comunhão com Oxalá, se expressando no céu em forma de nuvens, de luminosidades, de gotículas suspensas no ar. Estes acontecimentos e outros me fizeram perceber um pouco mais a dimensão dessa comunicação humana com as forças da natureza da qual somos parte.

Milhares de comunicação ocorrem a cada dia, milagres do existir, magias, alargamento de imaginários, conexões entre coisas aparentemente desconexas que só nos falta atenção e percepção para **notar. Ver, sentir, atribuir sentido e traduzir são também grandes tecnologias.** Estar aberta a outras nuances e revelações das dimensões infinitas deste mundo é uma conquista constante. Contentar-se a experimentar sem definir tudo e encaixar em caixas ou rechaçar, também é uma reeducação para ir além através do desconhecido, do constante desconhecido que é o mistério da criação e suas tentativas de explicação, que são novas criações.

6.8. Canção de Agradecimento

Para finalizar, por enquanto, um canto criado também em uma gira pessoal, e inspirado em ensinanças que tive no Santo Daime, religião que agrega variados referenciais espirituais da Umbanda e do Catolicismo Popular, de Caboclo, em suas linguagens:

*Agradeço ao Céu, agradeço à luz,
Agradeço aos anjos do Senhor Jesus (2X)*

Agradeço mais, a minha mãe que me traz (2x)
Ó santa que me ensina a ser,
caminhos do florescer
Vem habitar meu espírito aqui,
para eu poder caminhar nesse jardim (2x)
Ó flor, ó flor, ó flor, ó flor que sou (2x)
Dai-me proteção, Dai-me proteção
E dai-me amor no coração
Firmeza na mente, alegria de frente,
firmeza na vida, alegria na mente
Dai-me força pra viver
E dai-me força para proceder
Dai-me força pra viver
E muita saúde para proceder
Vou agradecendo, vou agradecendo,
à minha mãe que é o meu sustento.
Vou agradecendo, vou agradecendo,
minha mãezinha que é o meu sustento.

7. CORPO DE FECHAMENTO DOS TRABALHOS

Figura 185, Ilhéus-BA, 2021.



Imagem por Mariana Cabral.

Elo

(Adriana Gabriela)

Senhora mãe natureza
 Daime vossa proteção
 Senhora mãe natureza
 Daime ser com vós em união
 Senhora mãe, protegeí o meu Ori
 Senhora mãe de mim,
 Que o vosso sopro seja a minha proteção
 Em teu solo a luz, em teu céu, esplendor
 Senhora mãe de mim, ilumina o meu sentir
 Senhora mãe de mim, tua beleza a me guiar
 Tuda beleza a me despir, tua beleza a me vestir,
 Senhora mãe de mim, que eu esteja sempre conectada a ti.
 Ó mãe, ó mãe, esplendorosa vida
 Graciosa e sagrada
 Daime a alegria de celebrar a vida dançando em teu abraço
 Em ti me encontro, em ti me curo,
 Em ti me elevo, em ti me aprofundo
 E se eu perder o passo, em ti reencontrar o pulso para seguir
 E se eu confundir o medo por medo,
 Que eu me dê o tempo para um novo recomeço

E se eu errar, que em ti encontre a chave para me reanimar
 Ó mãe folha, ó mãe chão, ó mãe luz, ó mãe
 Paciência para ser em teu amor,
 Amor de ensinar a ser amor,
 Amor de ensinar a viver e a mover sentindo a ti
 Sei que vives dentro de mim
 Através da tua voz o meu silêncio ouvir
 Que eu me permita e me dê tempo
 para estar sempre com vos, estando em mim
 Presente aqui
 na presença, vida.

Uma chuva de mariposas. Você já viu uma chuva de pequenas mariposas negras no céu azul acinzentado de um dia nublado? Nunca havia visto, até que... Uma vez, há muito tempo, em um encontro de mulheres, uma integrante trouxe uma imagem mental tão linda, ela disse que sentia que quando dançava com Oyá Iansã era como se uma revoada de borboletas voassem ao redor dela. Eu cresci aquela imagem, e ela me acompanhou por longo tempo, eu me imaginava dançando entre borboletas laranjas... Talvez tenha fixado a cor laranja porque era a cor do *emoji* naquela época em que trocávamos tantas mensagens de texto, sempre enviando borboletas de lá pra cá, como guias e esperanças de um processo de transformação entre nós, mulheres artistas, buscando meios de *manigestar* arte no mundo. Talvez também e com certeza e inclusive porque o laranja também seja uma cor de Iansã, uma cor vitalizante, e cor do segundo chakra tão integrado à nossa criatividade... Então, num belo dia nublado, dia em que escrevia trechos de finalização desta tese, eis que uma grande poesia acontece.

Minha irmã anunciou que uma quantidade enorme de pequenas borboletas de cor preta voavam no céu. Uma prima minha, se ali estivesse, podia ter tido um treco, pois para ela o mal agouro estava anunciado. Um dia em minha casa, apareceu uma bruxa (mariposa negra), e ela, essa prima, ficou desesperada com a certeza de que algo ruim iria acontecer, só se acalmou quando uma borboleta azul passou voando em seguida. Como já disse, minha sensação é sempre outra quando vejo as bruxas, como um chamado do mistério, de apuro para uma percepção mais atenta e sutil, me sinto acompanhada de profundidade, encantada poesia e sabedoria. Todas elas, borboletas com hábitos diurnos, mariposas, com hábitos noturnos, coloridas, pretas, brancas, mas principalmente as pretas – contestando a tradicional semiótica questionável que oferece e dá significados de medo por sua cor - tem o meu amor.

O dia estava nublado. Desde cedo o céu queria chover. Estava tomando banho quando minha irmã passou anunciando a revoada de borboletas pretas. Corri até a janela, não podia perder esse acontecimento, e lá estavam, milhares de milagres, como se desbrachadas a pouco tempo, dançavam um voo iniciático e migratório, anunciando também a chuva, no voo de uma brisa suave. Jamais irei me esquecer. Duas delas permaneceram o restante do dia dentro do quarto enquanto escrevia e organizava muitas passagens dessa tese. Eu estava bem acompanhada.

Gostaria de escrever uma conclusão como num filme com final feliz. As produções audiovisuais atuais, entretanto, têm ensinado a vida em temporadas, repleta de longos capítulos através de desdobramentos de tramas transbordantes de grandes emoções, repetições e, porque não, tédio. Decidi que minha história de final feliz na real é um roteiro contínuo de criações, e que se “chorei ou se sorri, o importante é que emoções eu vivi”, afinal, não consegui me desviar da canção de Roberto Carlos⁹⁶, que cruzou o meu caminho todos os finais de ano nos especiais de natal que não assisto, mas acabo escutando, que cruzou o meu caminho num ônibus azul em Oaxaca-México, e agora aqui, enquanto escrevo. Concluir é também uma forma de desaguar, de levar tudo para o mar aberto. Adiei a escrita de uma conclusão, pois uma parte de mim talvez não quisesse concluir as coisas, por se sentir partida em partidas. Não sei se chorei mais vivendo as experiências que estão nesta tese ou escrevendo sobre elas. Escrever, portanto, deu vazão à compreensão do volume dos trajetos. Concluir agora é sair mais uma vez do casulo, preparar a nau de asas. Assim anunciaram o voo das mariposas negras `a dianteira da chuva.

Quando finda uma cerimônia sagrada, em geral, sempre me dá vontade de começar tudo outra vez e, de fato, poderá haver uma nova vez, não igual àquela, mas haverá uma continuidade ritual, pois assim são os ritos, sempre os mesmos, porém sempre outros. Assim também são alguns desafios.

Ainda no final da escrita deste trabalho me senti ambígua - atormentada por velhas estruturas de pensamentos e sentimentos involutivos, aqueles que dizem que não mereço, que não serei capaz, que outra vez será difícil demais, e me fazem lembrar de todas as resistências,

⁹⁶ *Emoções*, canção de Roberto Carlos. Escute: <https://www.youtube.com/watch?v=sS7dMnE30OM>

preconceitos, tormentos, que encontrei em minhas jornadas - deixei escapar entre os dedos uma oportunidade de crescimento profissional, mais uma vez estava sobrecarregada por muitas demandas, tive dúvidas, e não consegui organizar o que precisava no tempo que era preciso. Entretanto, em tudo, sempre aprendemos. Esse filme, eu já conheço, pude vê-lo acontecendo outra vez aprendendo com renovada consciência os fios do seu novelo. E cair no chão que agora é seu, chão de nutrição, colo de recriações, faz da queda apenas uma perspectiva, um solo ao solo, variações de um corpo em dança, com a densidade que a força da gravidade de cada situação imprime, e também com a leveza que toda a cosmopercepção nutrida revela e ancora ser possível ser. A vida é obra graciosa. E como atriz da história que eu mesma escrevo, sou eu quem poderá direcionar a melhor interpretação destes acontecimentos. É preciso crer que outras flores exalarão fragrâncias e cores, me convidando a elas. É preciso jamais anular o caminho andado por velhas manias de perfeição de um final feliz.

De tudo que aprendi nesse tempo, afirmo a necessária capacidade que temos de nos reinventar. Se reinventar é uma forma de dar continuidade a nossa existência. E acolher completamente a ti mesma, em todas as suas fases lunares, em todos os seus ciclos de maré alta ou baixa. A depender do objetivo, surfar ou boiar, não existe mar ruim. Somos apenas nós, na travessia dos ciclos da vida, no conhecer de nossas ambiências e territórios interiores. Eu me apossei ainda mais de mim, de territórios que eu não tinha consciência ainda que permitia serem perturbados e apropriados indevidamente. Conheci mais os meus elementos, as terras de minha morada corpo, as veias de minha vida emocional a circular através de mim, a epopeia dos pensamentos que cruzam as leituras que sinto no mundo, o território sagrado de meus apetites, novos remédios para o desespero e para o desvalor, as posturas que me desagradam, compreendi mais uma vez o que é deixar ir. Na graça do desapego, a escuridão é recomeço. Então eu senti o suor, o sangue e a lágrima numa travessia na arte do axé. Como p.Arte divina, uma criadora, é o que sou. E segui compartilhando as propostas de existir que me atravessam, as poéticas da vida que enxergo. A divindade em mim encontrou nutrição e amor para seguir.

Iabà em mim sou eu, são minha mães rainhas, minhas mães senhoras, me levando a me conhecer e compreender o funcionamento de meu ser habitado e corporificado por todas elas, por toda sagrada herança que sou porta-voz de existir. São todos os orixás a me amar e me

instruir. A eu de agora não é uma heroína que venceu todas as batalhas, é uma filha de Iabá, atriz, poeta, artista, educadora, ser humana, que navegou com entrega e honestidade no aprendizado de fluir estabelecendo pontes entre saberes e mundos. Desafiada a cada jornada a encontrar soluções criativas, como filha, mãe, avó da criação, Iyamí.

A mulher que sou, do escuro de onde radeio e nutro sementes de luz, é ventre, escuta e elo poético da cabaça da vida. Devota horas para falar de amor, para falar de cura, para falar sobre cuidados de ser e estar no mundo e com o mundo. A mulher que sou merece todo o meu respeito e meu amor. Escreve essa conclusão na Lua Nova, na pré-estreia de sua menstruação, na tpm (*tempo para meditar*⁹⁷) que traz à tona tudo que incomoda e que precisa de transformação. A mulher que sou conclui costurando poeticamente seus trajetos, girando em pensamentos, escutando as indicações dos ventos que trazem à memória uma canção criada como um carinho para acalantar seus fluxos sanguíneos em um outro momento de Lua em Paris.

A veia da sua vida

Corre sagrada em flor

Dentro do mar

Dentro do ser

Cada gota do amor

Ventre divino e sagrado

Vem me limpar com amor

Faz renascer

Faz transbordar

Toda riqueza do ser

Chuva vem

Chuva vai

Coração

⁹⁷ Essa expressão *tempo para meditar* para tpm, que dá uma conotação e ambiência mais agradável que *tensão pré-menstrual*, circula por aí entre várias mulheres, não é algo que inventei, nem que foi inventado por você, mas é algo muito bom, palavras, propostas e intenções doces, um convite para pararmos de sofrer na Lua, e voltarmos a sentir este período como oportunidade de reequilíbrio e grande poder.

Segue em paz

Dentro do coração

Dentro da imensidão

Toda riqueza do ser. (_Canção da autora)

A mulher que sou, autora, revolve as terras de seus aprendizados para firmar, no filme dos seus pensamentos, projeções que a ajudem a prosseguir, para ser rainha do seu ambiente mental, assim como do seu ambiente emocional, para ser a divindade em si na experiência de ser humana e eternamente passageira. Vê na cena uma oportunidade para desmistificar e ressignificar experiências de vida, através da tela, na presença da Gira, seu modo de comunicação e de criação com o tempo, a imprimir e elaborar novos textos, grafados em si ao chamado de sua consciência.

A mulher que sou compreende a importância da continuidade de ritos de limpeza, de ritos de conexão-comunhão com a vida, de ritos de celebração e gratidão pela vida, a fim de manter a saúde integrada ao movimento da vida, para chamar a si mesma ao eixo do agora, pois nessa presença atenta, acessa e negocia com as dimensões do tempo em movimento espiralar. A mulher que sou está muito longe de ser perfeita, de ter todas as respostas e de não cometer erros. Ela ainda dorme, mas também já acordou. É agradável, sem querer agradar, segue construindo a sua ética ouvindo as Iabás. Cortante e benevolente, tem instrumentos para fluir, recebeu espelhos, coroas, espadas, flores, mantos, rezas, mãos de curar insônia, mãos de se dar alento, mãos de oração, mãos de proteção, pés no chão para abrir caminhos, sopro de cortar mal pensamento.

As narrativas desta tese também falam sobre os desafios de ser uma mulher negra pesquisando assunto negro na Unicamp. A mulher que sou lembra da poesia que é, e da importância de colocar o seu universo poético no centro da sua história, reafirma a outra face interseccional-contígua de ser uma mulher negra, que diz de toda a beleza, soberania, sensibilidade, valor, riqueza, fertilidade, criatividade, inteligência... toda uma sagrada humanidade e expressividade inerentes a uma mulher de cor e nela encarnadas como expressivo dna das primeiras mulheres geradoras da vida, a força das mães primordiais em nós, e se convida uma e outra vez a se sobrelevar a condicionamentos aportados por opressões que nela recaem pelo simples fato de ser quem é, uma mariposa negra, e ir além do ambiente partido em seu coração, psique e auto-estima, chamando a força do conhecimento aprendido

com as águas, com os ventos, com o fogo, com a terra, com as forças do seu sentir, do seu vibrar, do seu pensar, do seu querer, do seu rezar ... retoma a si mesma, uma e outra vez, das suas incoerências, dos seus desvios e anuvios. Do grude das negatividades, das más influências e condutas que são os testes diários do mundo.

Se convida a caminhar consciente destas outras/novas agências/performances de existir, dos saberes de nutrição e conservação da nossa exuberância existencial apesar da continuidade de atravessamentos marcadamente supressivos. Dentro de mim, a vida. Sempre que me perder, como na dança, como na encruzilhada, posso recomeçar a escolher como me mover a partir de um pulso interior, da consulta a meu oráculo e templo, corpo-iabá.

É importante fazer o próprio dever de casa, e olhar ao centro de si mesma, ao altar inscrito em sua Gira. Ao final, o altar é o seu Orí. Me dei a honra de falar sobre mim, de me reler, abrir meus diários e encontrar os pontos de força no trajeto da arte sagrada que me auxiliam a seguir, com a força e a sensibilidade de um ego consciente, que se (re)estrutura e se (re)afirma em outras bases para (re)construir, ser uma griô de mim no encontro com as Iabás.

Comecei essa conclusão de manhã e o sol já vai se pôr. Logo mais será noite. Desejava repassar os principais pontos de saberes aos quais cheguei, trazendo importantes temas que estão ao longo do corpo do texto. Ao mesmo tempo queria concluir dançando-escrevendo algo novo. Afinal, concluir é abrir espaço para algo novo. Então, ao invés de sintetizar o que está escrito no corpo desta tese e voltar mais uma vez a um modo de escrita pragmático, irei seguir o fluxo do improvisado, até porque tudo já está lá no corpo do texto e pode ser lido. Deixarei essa síntese para a escrita de um artigo. Vou continuar a utilizar este espaço como uma respiração a qual chegamos ao fim de um rito.

Então a Gira acabou de acabar, e estamos ali, aqui, cheias de novas acomodações interiores e energias que irão se desdobrar em novos entendimentos através do tempo. Eis a hora de partilhar um alimento, de comer, conversar, continuar, refeitas de axé. Sugiro agora aqui que também tome seu tempo, respire, busque algo gostoso pra comer e, assim, nutridas, vamos continuar a conversar só mais um pouquinho.

O teatro, a dança, a performance, cumprem mais o desafio de desalinhar modos fixos de interpretação e perpetuação de realidades, principalmente quando negro. Reflito então sobre a

mediação das artes da cena e produções que podem atingir grandes públicos por outros meios, por seu caráter não presencial, pelo caráter audio-visual. Sempre me pareceu importante, não apenas que estivéssemos em grande número na cena, na tela, como também em proposição de outras histórias. Nisso comento mais uma vez sobre a importância de insistirmos em também tecermos narrativas sobre o amor e proposições cênicas Preta e televisiva que não repitam padrões e modos de vida de picuinhas, mas valores de integração, resguardo da vida, desenvolvimento humano e tudo mais que temos herança de construir. Corpos que celebram a vida, o jogo cênico da celebração é princípio africano. Se eu deixar como semente para quem está a ler estas palavras a construção de propostas cênicas integradas aos nossos saberes de modo que inspirem, não o drama de picuinhas, mas perspectivas e poéticas de vida, estarei feliz.

Com isso me lembrei de um teste que fiz, para tv. Para o estilo de interpretação que estamos acostumados na tv brasileira, o empoderamento que desejam que expressemos beira agressividade. Temos que estar sempre prontas a bater boca. No palco, também corremos este risco. São estes outros modos de empoderamento, inclusive em interpretação, que estive falando. Enfrentar e confrontar nem sempre significam voz alta, sangue fervendo. Temos esse poder também, mas é possível *erguer a voz*, ser enérgica, sendo sutil, e direcionar energia para o propósito que desejamos de comunicação por meio de outras nuances.

Volto aos orixás. No aprendizado dos caminhos, aprendi a não me apresentar mais a minhas mães e pais sagrados apenas chorando no pé do caboclo. Sei que posso chorar com eles. Mas me apresento com inteireza, na serenidade, na alegria também, me apresento no bem estar e no bem viver para agradecer, “a fé e a gratidão são passos de elevação”⁹⁸. Eu e todo povo de aruanda caminhamos juntos, mesmo que seja só um começo, mesmo que seja a continuidade, mesmo que seja o início, o fim e o meio, andamos juntos pela eternidade. São forças através das quais encontrei vitalidade. Me deram legitimidade existencial e expressiva. Aprofundaram em mim meu senso de valor próprio. Não que eu não o tivesse, mas precisava aprofundar em mim, para continuamente aprender a saber transmitir, expressar, comunicar ao mundo. Tudo isso me ajudou a perceber estados de tensão profundos, para sair destas tensões e entrar em atenção e em relação em um caminho de busca espiritual e artística, orientados por práticas de autocuidado e buscas por cura por meio da relação da arte com o sagrado.

⁹⁸ *Ponto de Luz*, Escute: <https://www.youtube.com/watch?v=lnNAIDepOa0>

As giras se tornaram uma medicina para mim, um instrumento que eu tenho para ouvir, ver melhor, limpar, celebrar. A Gira também é uma metodologia criativa e cognitiva, um espaço-tempo de (se) (re)construir. No mundo que Gira, fluo como Gira, na Gira que me ensina a fluir, pois a Gira está no mundo e está em mim. Habitada pela história da vida, sou tela expressiva de tudo que é, de tudo que foi, de tudo que há de vir. Carrego poesia, horas de ventre, de conectar, escutar para transmitir, saberes astrais, saberes ancestrais, na observação do mundo, no microcósmico, amplo existir.

Caminhantes da terra, Giramos para estar com o fluxo da vida. Para sermos cada um e todos um, em consciência coletiva, dos cuidados que se anunciam nos saberes de sempre, nas tradições afro-indígenas que evocam integração e pertencimento desde que o mundo é mundo. A Gira é teia de consciência, chama suas filhas e filhos para a dança da vida, a dança do respeito, do cuidado, do poder e do presente que é viver. Na Gira rasgamos impedimentos, compreendemos nossos lamentos, integramos fragmentos, abrimos portas de vir a ser. A Gira é um ente ancestral que nos cuida com amor. Nos coloca na estrada, nos faz cruzar mares e marés, limpando a foz da consciência, conectando corpo-essência ao sopro divino que se mostra no ir e vir, no balanço de cada folha, no soprar de todo vento. A Gira nos ensina a não matar e nem morrer de medo, resguarda e desperta cada um de nossos misteriosos segredos, nos fazendo ver através e mais além das molduras do medo, descola nosso pensamento do mal tempo, imprime em nós novos ensinamentos e desejos, ensinamentos e desejos de ser, ensinamentos e desejos de bem-viver.

Nestes encontros e processos criativos de existir, eis a performance enquanto rito de reconexão e pertencimento. Estive inscrevendo meu corpo de natureza, de matéria ancestral, corpos-vitais. Desobstruindo sensibilidades e me irmanando de novos afetos. Como Sankofa, será preciso continuar a caminhar reconhecendo o caminho andado e nisso, a importância do refletir. Precisamos ir ver através das águas e das estrelas. Refletir, contemplar, devanear, meditar, apenas respirar, é um espaço-tempo terapêutico que nos foi historicamente roubado e negado, por práticas que impregnaram nossos corpos de exaustão e expropriação. Estados de alerta e de defesa. Estratégias de proteção e de sobrevivência. Forçosas provas de valor. O corpo que dança é histórico. O corpo que dança com os orixás é um corpo que reivindica liberdade. É um corpo que manifesta e corporifica também a liberdade de ser. É um corpo de valores e em expansão e conexão com outros corpos possíveis. É um corpo que, dando

passagem e na integração a outros corpos, inaugura autonomia, ascendendo consciência das inconsciências.

Falar de amor é então uma voz de autovalor, auto respeito, são cicatrizações de ambiências profundas na psique, no okan. A afetividade dos caminhos deu e dá sustento a rotas. Afetos que são elos de reconhecimento, bálsamos aos tormentos, pois todos precisamos de amor... Até as ilhas se ligam através das águas como arquipélagos. Afetos que nos contam de nossa capacidade de sentir e de comunicar com o mundo, de sermos seres em sintonia e interligados com o todo, este, maior, uma dança cósmica, universal.

No Ayê, na consciência do Orum, em intimidade com os Orixás, com as Iabás, aprendo. Corporificada com eles, sigo. Pois a incorporação - no corpo-texto que hoje sou, na oralitura em que refleti - não é um fenômeno momentâneo, é uma inscrição, uma grafia sensitiva, perceptiva, cognitiva, ética e compõe a identidade que hoje é parte de mim, uma pluralidade refletida na vida, fluida, nem um pouco dicotômica, completamente experimental e ao mesmo tempo definida através de formas e elementais com as quais se criam outras formas, eu, corpo-iabás. Como um broto aquecido por uma amorosa chama, ascendi de cosmopercepções através das energias delas. As orixás se alternam em suas presenças em mim, me trazendo a energia necessária para lidar com as situações de cada momento, em pulsão de vida, em identificações oceânicas de amor.

Eu pedi, eu perguntei às Iabás que me ensinassem a caminhar com elas e a elas reverenciar. Elas me mostraram, na intimidade de minha consciência, na intimidade que em comunhão relacionamos, elas me ensinaram, me mostraram, e aqui gravei alguns destes saberes, mas primeiro honrei cada um deles como grandes presentes e bênçãos dentro de mim. Apenas por isso, cheguei até aqui, sustentando uma missão que é também a de transmitir.

E continuaremos a escutar e a falar com esta voz que também é uma herança mediúnica. Escuta e voz que são e estão no corpo inteiro. E respirar, abrir, ventilar, circular e curar em uma gira contínua e expansiva as falas em silêncio, falas adormecidas, falas silenciadas, falas de corpos que não podiam e não conseguiam se expressar. Assim como vozes que sempre estiveram aí, e permaneceram em elo, transmitindo saberes, alocando vida, mas que não tinham os meios convencionais necessários para serem propagadas e ouvidas. Estamos aqui

para nos escutarmos e para sermos ouvidas. “*Filha diga o que vê?*”. Sugiro que pause alguns minutos e escute essa canção <https://www.youtube.com/watch?v=OmvvV2wAf7o> , ou prossiga a leitura através dessa trilha sonora. Já já o nosso pós rito também encerrará este ciclo. Desejo que finalizemos este caminho com toda nutrição.

O canal de escuta é um canal de voz. Escutar e falar são irmãs gêmeas univitelinas. E no ebó da palavra, assim como *no princípio era o verbo*, compreendemos a importância da fala como emissora de axé. Seguiremos cuidando dela, assim como cuidamos de todas as nossas afrografias. Saber escutar para saber mover, saber escutar para poder falar, saber escutar para transmitir, para ser corpo-voz de transmissão de saberes. Saber escutar para ver-pensar-sentir-agir melhor. A escuta intermedia uma escrita poética, e nessa voz poética, também ressoa transmissão de sabedorias. A poesia é reza e é resposta. A poesia reza. Na voz que ecoa, novas narrativas de si, refrações e impressões de expressões mais autênticas. Caminhos de paz interior.

Até aqui caminhei, Girei-Mundo, e continuarei a girar, nas geografias de fora e de dentro, me aprendendo a re.existir, compartilhando possibilidades de conexão e existência em uma estrada de encontros, afrodiaspórica. Concluir é agradecer. Modupé! Concluir é pedir licença para continuar o bem-feito. Agô! Concluir é também refletir, e como reflexão me convido e convido a minhas irmãs a uma revoada, como as mariposas negras no céu da tarde de um dia nublado, nos convido a sempre continuar, atlânticas, além-mar... a recomçar, aladas, a, seja o que seja, encontrar forças, e abrir asas.

No ventre fecundo de um escuro, ascenda a sua vela. Firme os pés no chão, abra seu coração, chame o seu Orí, e faça a sua reza. Dance para encontrar suas novas regas.

Para t(g)erminar, e prosseguir, deixo aqui um recomeço.

Um irmão querido, Marcelo, dirigente da Fonte Violeta, um dos espaços sagrados onde vivi lindos e importantes aprendizados nas Giras, assim me disse há muito tempo: Continue buscando minha filha, continue buscando.

Continuei, continuarei. Continuaremos. Então, a seguir, uma poesia para você, que se desejar, além de ler, pode também ver e escutar a composição de mais um trabalho feminino de luz, aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=ws2I6VFrzE>

Axé minhas irmãs, Axé!

Vela⁹⁹

(poesia_Adriana Gabriela)

*Na natureza
do céu
nuvens, dança, mudança,
No cais,
vela acesa,
chama solar
chama, a chamar,
Mover,
para encontrar,
entre seguir e pausar
um sentido cíclico
de iluminar*

*No ar da vela
velo pelo rio que flui
como eu
Sou eu a nau e parto
em direção a nada
pois não há nada além da estrada
não há nada além da andada
calma, sensata,
em alma ancorada
não há nada além da estrada
Há de ser tu mesma a navegar
Outros mistérios
sentidos e etérios
outras formas de ser tu mesma
outras vazantes, viagens
outra rezas
outras formas de dizer amor
outras pistas tortas
outras portas
outros passeios
a arejar o ar
da vela.*

⁹⁹ Poesia no EP *Eu, Mulher Sagrada* (Naiara Gramacho)

8. RELICÁRIO DE PALAVRAS

Este relicário é um ambiente para respirar, meditar, brincar e deixar ecoar os portais criativos de sabedoria e talismã de algumas importantes palavras que compuseram a nossa Gira.

estrelas		valor
sincronicidade	banana da terra	mar
vitalidade	inhame	amor
narrativas	caruru	baobá
sankofa	intimidade	atlântico
okan	órbita	atlântica
coração	aroeira	confiança
trajeto	refletir	sutil
maria preta	reflexão	espectros
natureza	valor	fractais
emoções	oração	órbita
mandinga	ternura	esplendor
bruxa	poesia	exuberância
macumbeira	reconexão	vontade
terra	expansão	versa
pantera	proteção	vagueia
mudanças	memória	feminina
etc.	afeto	gira
refrações	o simples	mundo
sincronicidades	semente	vida
fluir	flor	
atenção	raíz	

9. GLOSSÁRIO

Este ambiente traz uma pincelada de significados. Quando sentir, busque desenvolver e conhecer mais e avance em sua pintura de significações.

Abebé : Espelho e Leque de Oxum e Iemanjá ...

Acarajé: Uma delícia culinária. Prato africano, tradicional na Bahia. Bolinho de feijão fradinho frito no azeite de dendê. Pode ser recheado com outras iguarias ...

Agô: pedido de licença, permissão e proteção para iniciar e finalizar, entrar e sair de espaços sagrados, materiais e imateriais ...

Axé: palavra de muitas conotações e denotações: energia vital; bênçãos; nome usado para se referir à religiões afro-brasileiras ...

Ayé: terra, mundo material e físico onde estamos encarnados ...

Calulu: Prato da culinária de Angola e regiões. Avô do caruru, também leva quiabo, mas são pratos diferentes e com diferentes preparos ...

Ebó: ritual, oferenda ...

Efun, Ossun, Wají : tintas/cores: Efun: Branca; Ossun: Vermelha; Wají: Azul ...

Ewá: Orixá feminina, rege a intuição e a vidência ...

Exú: Orixá, senhor da comunicação entre mundos, o mensageiro ...

Fish: expressão utilizada em Luanda para dizer que algo é maravilhoso, legal, *da hora*. Assim também em Portugal ...

Funge: Prato delicioso de Luanda feito a base de farinha de mandioca ou milho, que acompanha uma variedade de pratos ...

Funfun: Orixás da origem, primordiais, primeiros a serem criados por Olorum. Vestem branco ...

Ginguba: Amendoim ...

Iabás: Orixás femininas ...

Iansã: Orixá feminina, senhora dos raios e dos trovões ...

Iemanjá: Orixá feminina, rainha do mar ...

Ijexá: ritmo musical nascido na cidade de mesmo nome na Nigéria e semeado na Bahia ...

Iroko : Orixá senhor do tempo e da sabedoria. Árvore majestosa ...

Iyá: Mãe, princípio feminino, matripotência, matrigênese ...

Ìyamís: Grandes Mães primordiais, ancestrais ...

Jindungo: Pimenta, molho de pimenta em Luanda ...

Kisangua: Bebida fermentada tradicional em Angola feita a base de milho ...

Laroyê: Saudação a Exú e Pomba-Gira ...

Logun Edé: Orixá caçador, belo e encantador, filho de Oxume Oxossi, rege matas e rios, de sua fonte flui alegria, perspicácia e juventude ...

Modupé: Agradecimento, gratidão, obrigada ...

Mojubá: Saudação em iorubá, comumente utilizada para saudar Exú e Pomba-Gira ...

Mufete: Delicioso prato de Luanda composto por peixe grelhado, feijão de óleo de palma, mandioca, banana, batata-doce/inhame e farinha musseque, acompanhado por molho de cebola com vinagre, azeite doce e gindungo ...

Nanã: Orixá feminina, senhora anciã da sabedoria manguezal ...

Obá: Orixá feminina, sabedoria guerreira dos mistérios do conhecimento ...

Obalauê: Orixá, senhor da doença e da cura ...

Obatalá: Orixá da criação, regente da paz, equilibra a vida ...

Odudwa: Orixá da criação, primordial, compõe a cabaça da vida. Recebeu, com Obatalá, a missão de criar o Ayê ...

Ogum: Orixá guerreiro, senhor da tecnologia dos metais, rege caminhos, vencedor de batalhas ...

Olodumare: Senhor do Orum, Fonte, Energia Criadora, o Criador, Ser supremo, Deus, Pai universal ...

Orí: Cabeça, Orixá pessoal ...

Orum: Dimensão divina, mundo espiritual paralelo ao Ayê ...

Ossain: Orixá, senhor das ervas ...

Oxossi: Orixá, senhor das matas, da caça, arqueiro de uma flecha só, diante da derrota é vencedor ...

Oxalá: Orixá, senhor da paz

Oxum: Orixá feminina, senhora das águas doces, doce mel de amor

Povo de santo: pessoas que professam o axé

Xangô: Orixá, senhor da justiça

Xirê: roda, dança para evocação dos Orixás.

10. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. Coleção Feminismos Plurais. Org. Djamila Ribeiro. 2019. São Paulo: Sueli Carneiro: Polén. 152 p.

ALVES, Rubem. *Senso comum e a ciência. Filosofia da ciência*. São Paulo: Loyola, 2000. 2. ed. 224p.

ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229, jan. 2000. ISSN 0104-026X. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106> . Acesso em: 25 jun. 2018.

_____. *La conciencia de la mestiza: towards a new consciousness*. IN: CONBOY, K. et all. *Writing the body: female embodiment and feminist theory*.

ARAÚJO, Márcia V.B. *O Sagrado Como Método De Ensino, Pesquisa E Criação*. A Condição Humana: olhares da espiritualidade, educação, saúde e tecnologia. 2008. ISBN: 978-85-65430-11-1 – Instituto de Formação Humana. P. 1-33. Disponível em: https://www.academia.edu/8518849/O_SAGRADO_COMO_M%C3%89TODO_DE_ENSINO_PESQUISA_E_CRIA%C3%87%C3%83O_THE_SACRED_AS_A_METHOD_OF_EDUCATION_RESEARCH_AND_CREATION . Acesso em: Novembro de 2022.

AZEVEDO, Vanda Alves Torres, *IYAMI: Símbolo Ancestral Feminino No Brasil*, Dissertação, PUC, São Paulo, 2006.

BACON, Jane M. ; MIDGELOW, Vida L., 2014. *Choreographic Practices*, Volume 5, Número 1, 1º de abril de 2014, pp . doi.org/10.1386/chor.5.1.7_1 . Disponível em: <https://repository.mdx.ac.uk/item/85444> . Acesso em: Março 2020.

BARBOSA, Pablicio. *Exú e as memórias marginais de um samba na Umbanda de Feira de Santana*. P 106, 107. Dissertação apresentada ao PPG em Arqueologia e Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira-BA, 2022.

BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. – Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016. (P.15)

BOITO, Sofia Rodrigues. (2022). *O pensamento decolonial de Leda Maria Martins e sua importante contribuição para as artes da cena: resenha do livro Performance do tempo espiralar– poéticas do corpo-tela de Leda Maria Martins*. Sala Preta, 21(1), 133-139. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v21i1p133-139>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/198712> . Acesso em: Novembro de 2023.

BRASIL, André. “Tempo é o vento, vento é tempo”: montagem cósmica em Abá, em ensaios mostra Ebó Ejé, P. 149-156. Disponível em: https://www.academia.edu/38206855/Montagem_cosmica_em_Aba_pdf?ri_id=34253 . Acesso em: Maio 2020

BRILHANTE, Aline Veras Moraes & MOREIRA, Cláudio. *Formas, fôrmas e fragmentos: uma exploração performática e autoetnográfica das lacunas, quebras e rachaduras na produção de conhecimento acadêmico*. Rev. Interface, Comunicação Saúde Educação; 2016; 20(59): 1099-113. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/8S9dbpbvtbgrn34bZFnKZSF/?format=pdf> , Acesso em Dez. 2020.

BURT, R. *Katherine Dunham e Maya Deren sobre ritual, modernidade e diáspora africana*. ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 44–51, 2016. DOI: 10.36025/arj.v3i2.10756. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/10756> . Acesso em: 20 jan. 2024.

CAETANO, Patrícia de Lima .*Uma política da escuta: ecofeminismo, práticas somáticas e o corpo-campo-coletivo*. A553 2º Trans-In-Corporados – textos completos/ Organização de Sérgio Pereira Andrade. – Rio de Janeiro: LabCrítica, 2020. P. 148-155. Disponível em: https://labcritica.com.br/wp-content/uploads/2020/10/e-book_2%C2%BAtrans-2020.pdf . Acesso em Novembro de 2023.

DANTAS, Luís Thiago. *A Descrição Da Imagem: Por Uma Descolonização Do Olhar*. DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.170102-2022-11-19> Recebido em 18/05/2022. Aprovado em 15/06/2022. Disponível em: https://www.academia.edu/93618230/A_descri%C3%A7%C3%A3o_da_imagem_por_uma_descoloniza%C3%A7%C3%A3o_do_olhar . Acesso em: Novembro de 2023.

DANQUAH, Meri Nana-Ama. *The black body*. New York: Seven Stories, 2009.

DAWSEY, John C. *Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas*. USP. Art. Rev. Campos 7(2):17-25, 2006.

EVARISTO, Conceição. (Entrevista) *Conceição Everisto: A escrevivência serve também para as pessoas pensarem*. 2020. Por Tayrine Santana, Itaú Social, e Alecsandra Zapparoli, Rede Galápagos, São Paulo. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/> . Acesso em: Abril 2021.

FERNANDES, Ciane. *Em busca da escrita com dança: algumas abordagens metodológicas de pesquisa com prática artística*. Dança, Salvador, v. 2, n. 2, p. 18-36, jul./dez. 2013. Disponível em: <file:///Users/adriana/Downloads/9752-Texto%20do%20Artigo-29420-1-10-20140523.pdf> . Acesso Nov. 2023.

_____. *Pesquisa Somático-Performativa: Sintonia, Sensibilidade, Integração*. Art Reserach Jounal, Brasil, Vol. 1/2, p. 76-95, Jul./Dez. 2014.

FERREIRA, Amanda Crispim. *Escrevivências, As lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG Programa de Pós-Graduação em Letras – Pós- Lit 2013.

GAMA, Fabiene. *A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla*. Anuário Antropológico v.45 n.2 | 2020. P. 188 a 208. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/5872?lang=en> . Acesso em Dez. 2020.

GENDLIN, Eugene. *Coming Home Through Focusing Listening*. International Focusing Conference. Mai 1-4, 1998. Lake Geneva, Wisconsin. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RZkxstPDszg> . Acesso em: Agosto de 2020.

HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos pagu (5) 1995: pp. 07-4. Periódicos Unicamp.

HASEMAN, Brad. *Manifesto Pela Pesquisa Performativa*. Em Resumos de Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP. Editor Umberto Cerosoli Jr. Designação numérica V.3.1, 2015, P. 42-53. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-federal-de-pernambuco/didatica/manifesto-pela-pesquisa-performativa-brad-haseman/43356577> . Acesso em Setembro de 2018.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

_____. *Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

_____. *Intelectuais Negras*. Estudos Feministas. Ano 3/2 Semestre. 1995. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf> . Acesso em: Nov. de 2023.

JOHNSON, Mark. *The meaning of the body – aesthetics of human understanding*. Chicago: The University of Chicago Press, 2007. Part 1. Bodily Meaning and Felt Sense.

LaDUKE, Winona, *Recovering the Sacred: the power of naming and claiming*, South and Press, Cambridge, MA, 2005.

LIGIERO, Zeca. *Motrizes culturais – do ritual à cena contemporânea a partir do estudo de duas performances: Danbala Wedo (afro-brasileira, do Benin, Nigéria e Togo) e Sotzil Jay (Maia, da Guatemala)*. KARPA 10 Journal of Theatricalities and Visual Culture California State University - Los Angeles. ISSN: 1937-8572. Disponível em: https://www.academia.edu/35070719/Ligi%C3%A9ro_Zeca_Motrizes_culturais_do_ritual_%C3%A0_cena_contempor%C3%A2nea_a_partir_do_estudo_de_duas_performances_Danbala_Wedo_afro_brasileira_do_Benin_Nig%C3%A9ria_e_Togo_e_Sotzil_Jay_Maia_da_Guatemala . Acesso em: Setembro de 2021.

_____. *O que são os estudos da Performance?* Entrevista com Zeca Ligiero (2011) concedida a Diana Taylor. Disponível em: <https://scalar.usc.edu/nehvectors/wips/zeca-ligiero-portuguese> . Acesso em Novembro de 2022.

LOUPPE, Laurence. *Poética da Dança Contemporânea*. Editora: Orfeu Negro. Jan. 2012.

MARTIN, Emily. *A Mulher no Corpo: Uma análise cultural da reprodução*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

MARTINS, Leda. *Afrografias da memória: O reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997. – (Coleção Perspectiva) . Disponível em: <https://doceru.com/doc/1x85x80> . Acesso em: Fev. 2021

_____. (2003). *Performances Da Oralitura: Corpo, Lugar Da Memória*. Letras, (26), 63–81. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308> Acesso em: dezembro de 2020.

_____. *Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MIGNOLO, Walter D. *Desobediência Epistêmica: A opção Descolonial e o significado de Identidade em Política*. Cadernos e Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n 34, p. 287-324, 2008

_____. *Desobediencia epistêmica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidade y gramática de la descolonialidad*, Buenos Aires, Edições del Signo, 2010.

MIHESUAH, Devon Abbott, *Indigenous American Women: Decolonization, Empowerment, Activism*. Nebraska, 2003.

MORAGA, Cherrie. *Queer Aztlán: the re-formation of Chicano tribe*. In: *The Material Queer*.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). *As Senhoras do Pássaro da Noite: Escritos sobre a Religião dos Orixás V*. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Axis Mundi, 1994.

NAVAS, Cassia. *Interdisciplinariedade e intradisciplinaridade em dança*. In *Seminários de Dança I – História em Movimento: biografias e registros em dança*. Joinville, Festival de Dança, 2008.

OGBEBARA, Awofa (Adilson de Oxalá). *Igbadu, a cabaça da existência: mitos nagôs revelados* / 2 ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

ORTEGA, Anna. Reportagem. *O espiralar na arte: como a obra da intelectual Leda Maria Martins inspira a 35ª Bienal de São Paulo*. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2023/06/o-espiralar-na-arte-como-a-obra-da-intelectual-leda-maria-martins-inspira-a-35a-bienal-de-sao-paulo/> . Acesso em: Agosto 2023.

OZÓRIO, Caroline Lopes; PARÁ, Tatiana de Britto Pontes Rodrigues. *Do corpo individual ao corpo coletivo: somática pra quem?*. Anais do 6º Congresso Científico

Nacional de Pesquisadores em Dança – 2ª Edição Virtual. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2021. p. 1228-1241.

PINTO, Valdina. “*Saberes e viveres de mulher negra: Makota Valdina*”. Entrevista concedida a Ubiratan Castro de Araújo. Revista Palmares: cultura afro-brasileira, ano 1. n. 2, p.75-83, 2005. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wpcontent/uploads/2011/02/revista02.pdf> .Acesso em: Maio. 2020.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. Ed. Companhia das Letras, 2013.

PRECIADO, Beatriz. *O Feminismo não é um humanismo*. Trad. Charles Feitosa. Revisão Técnica, Alessandro Sales e Paulo Oneto. Colunas Filosofia Pop, Jornal O Povo online, Nov. 2014. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/colunas/filosofiapop/2014/11/24/noticiasfilosofiapop.3352134/o-feminismo-nao-e-um-humanismo.shtml> . Acesso em: 20 março de 2018.

PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

RATTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. Instituto Kuanza & Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/35348079/Eu_sou_atl%C3%A2ntica_sobre_a_trajet%C3%B3ria_de_vida_de_Beatriz_Nascimento . Acesso em: Julho 2021.

RESENDE, Catarina; CAETANO, Patrícia e TORRALBA, Ruth. *Política do Sensível: práticas somáticas e corpo-campo-coletivo*. Vazantes vol.2 n.02. Sensorialidades, Sensualidades, Corporeidades. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2018.

RIBEIRO, Djamila, *Lugar de Fala* (da coletânea Feminismos Plurais), São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

_____, *Quem tem Medo do Feminismo Negro?*, São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999. Antropologia e saúde collection, 197 p. ISBN: 978-85-7541-555-9. Available from: doi: 10.7476/9788575415559. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/p9949/pdf/rodrigues-9788575415559.pdf> . Acesso em: Agosto de 2018

ROMANO, Lúcia Regina Vieira. *De Quem É Esse Corpo? – A Performatividade do Feminino no Teatro Contemporâneo*. Tese de Doutorado. Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes. São Paulo: ECA/USP, 2009.

ROSA, Laila. *As juremeiras da Nação Xambá (Olinda, PE): músicas, performance, representações de feminino e relações de gênero na jurema sagrada*. Tese de doutorado em etnomusicologia. Salvador: UFBA, 2009.

_____. “Juremeiras e bruxas: as donas de uma ciência ‘ilegítima’”. IN: Revista Caminhos. Goiânia, v. 7, n. 2, p. 175-201, jul./dez. 2009.

SANTANA, Tiganá. *Brevíssimas considerações sobre línguas bantu, em particular, a língua kikongo: memórias afrobrasileiras*. DOI:10.12957/Palimpsesto.2018.36999 N° 28 | Ano 17 | 2018 | pp. 104-120 | Dossiê . Disponível em: <file:///Users/adriana/Downloads/marcelaansaloni,+36999-141714-2-CE.pdf> .Acessado em: Dezembro de 2023.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. *Um Tempo é Agora*. Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2010, 2 ed.

SANTOS, Jadiel Ferreira Dos; *Òkòtò: Dança Desobediente Afrocentrada, Caminhos Para A Formação Em Dança No Ensino Superior Sob Os Estudos Das Relações Étnico-Raciais Brasileiras*; Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia; Salvador 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30990/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Jadiel.pdf> . Acesso em Março de 2021.

SCHECHNER, Richard. *Performance e Antropologia*. Org. LIGERIO, Zeca; Trad. JUNIOR, Augusto Rodrigues da Silva ... et al. Rio de Janeiro: Mauad X, 20012.

_____. Trad. FIORI, Ana Leticia de. *Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral*. Cadernos de campo, São Paulo, n. 20, p. 1-360, 2011.

SCIALOM, Melina, & FERNANDES, Ciane. *Prática Artística como Pesquisa no Brasil: Reflexões Iniciais*. Revista de Ciências Humanas | v. 22 | n. 2 | Julho-Dezembro 2022 Dossiê Práticas como Pesquisa: Criação/(Des)Organização dos corpos da cena). P. 1-23. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/652097586/Pra-tica-arti-stica-como-pesquisa-no-Brasil-docx> . Acesso em: Março de 2023.

SEGATO, Rita Laura. *Santos e daimones: o politeísmo afro-brasileiro e a tradição arquetipal*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

SILVA, Luciane da. *Corpo em Diáspora: Colonialidade, pedagogia de dança e técnica Germaine Acogny*. Tese, Campinas 2017 PPGAC-Unicamp. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=483404> . Acesso em: Novembro 2020.

SILVA, Marilza Oliveira Da. *Ossain Como Poética Para Uma Dança Afro-Brasileira*. Dissertação do Programa de Pós-graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia. SALVADOR, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/19743/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Marilza%20Oliveira.pdf> . Acesso em Abril, 2021.

SODRÉ, Muniz. *O Terreiro e a Cidade: A forma social negro-brasileira*. Bahia: Prosa e Poesia, Secretaria Da Cultura E Turismo/ Imago, Salvador, 2002.

SOUSA Jr, Vilson Caetano de. *As representações do corpo no Universo Afro-Brasileiro*. Proj. História. São Paulo, (25), dez. 2002. 125-144. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/10585/7875> . Acesso em: Outubro 2023

SPIVAK, Gayatri Chakrakorty. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2010. Em <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2013/10/spivak-pode-o-subalterno-falar.pdf> . Acesso: Dezembro 2022.

TEIXEIRA, Adriana. *Mulher no Palco: Ritos Poéticos Teatrais de Iniciação ao Feminino Sagrado*. 2016. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UFBA. Disponível em:

https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/24367/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Adriana%20Gabriela_Reposit%C3%B3rioUFBA.pdf . Acesso em Dez. 2023.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Lendas Africanas dos Orixás*. Salvador: Corrupio, 1997.

WALL, Steve. *Conversations with women Elders of Native America*, Harper Perennial New York, NY, 1993

WATSON, Gay. *Attention, Beyond Mindfulness*. Editora: Reaktion Books; 1ª edição, junho- 2017. 224 p. / ISBN-10: 1780237456/ ISBN-13: 978-1780237459

Sites/Entrevistas

<https://www.nonada.com.br/2023/06/o-espiralar-na-arte-como-a-obra-da-intelectual-leda-maria-martins-inspira-a-35a-bienal-de-sao-paulo/>

Documentos

Marcha Contra O Racismo, A Violência E Pelo Bem Viver. Documento Analítico E Declaração, Brasília Novembro/2015. Disponível em: <http://fopir.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Carta-das-Mulheres-Negras-2015.pdf> . Acesso em 22 de Abril de 2020

Marcha das Mulheres Indígenas: “Território: nosso corpo, nosso espírito. Documento Final. Brasília – DF, 09 a 14 de agosto 2019 . Disponível em: <https://ispn.org.br/site/wp-content/uploads/2019/08/DOCUMENTO-FINAL-MARCHA-2019.pdf> . Acesso em 27 de Abril de 2020

Vídeos / Documentários

Muniz Sodré - O Espaço da África no Brasil. Em: Nós Transatlânticos. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8asUpAkFbu4> , Acesso em:Abril 2020.

Teatro das Origens: Estudos das performances Afro-Ameríndias. Em Zeca Ligiéro. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pz2Beu5uTgY> . Acesso em: Maio 2021.

Documentário *A Boca do Mundo – Exú no Candomblé*. 2011. Prod. Oka Comunicações. Criação e Direção Eliane Coster. Disponível em abocadomundodoc.wordpress.com . Acesso em abril 2018.

MOREIRA, INAÊ. Dança Intuitiva. Disponível em: <https://www.inaemoreira.com/dan%C3%A7a-intuitiva> . Acesso em Dez. 2023

11. ANEXOS

Palavras de Participantes:

Figura 186, Palavras de Participantes, Gira em CCBM, CDMX, 2018.

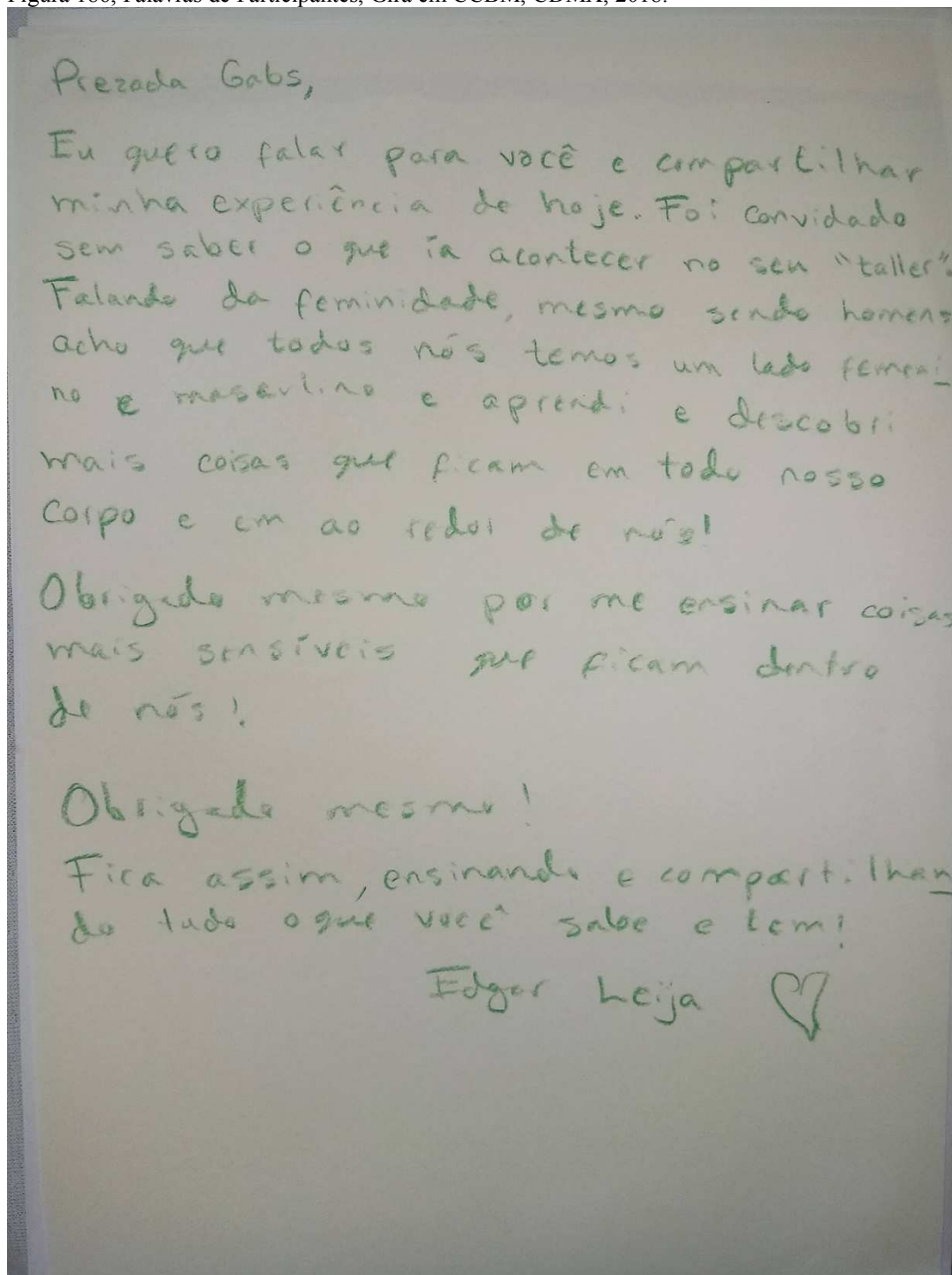


Imagem pela autora.

Figura 187, Palavras de Participantes, Gira em CCBM, CDMX, 2018.

Rodolfo Fonseca 22-oct-2018
 Obrigado
 Por hacerme sentir
 otra vez mi cuerpo.
 la danza, la respiración
 y la bondad y luminosas
 palabras, alumbraron
 mi cuerpo y regrese a él
 despine, senti mai y
 mai mi corazón (vii)
 Viva su arte
 Adriana Gabriela Rodolfo Fonseca

Imagem pela autora.

Figura 188, Palavras de Participantes, Gira em CCBM, CDMX, 2018.

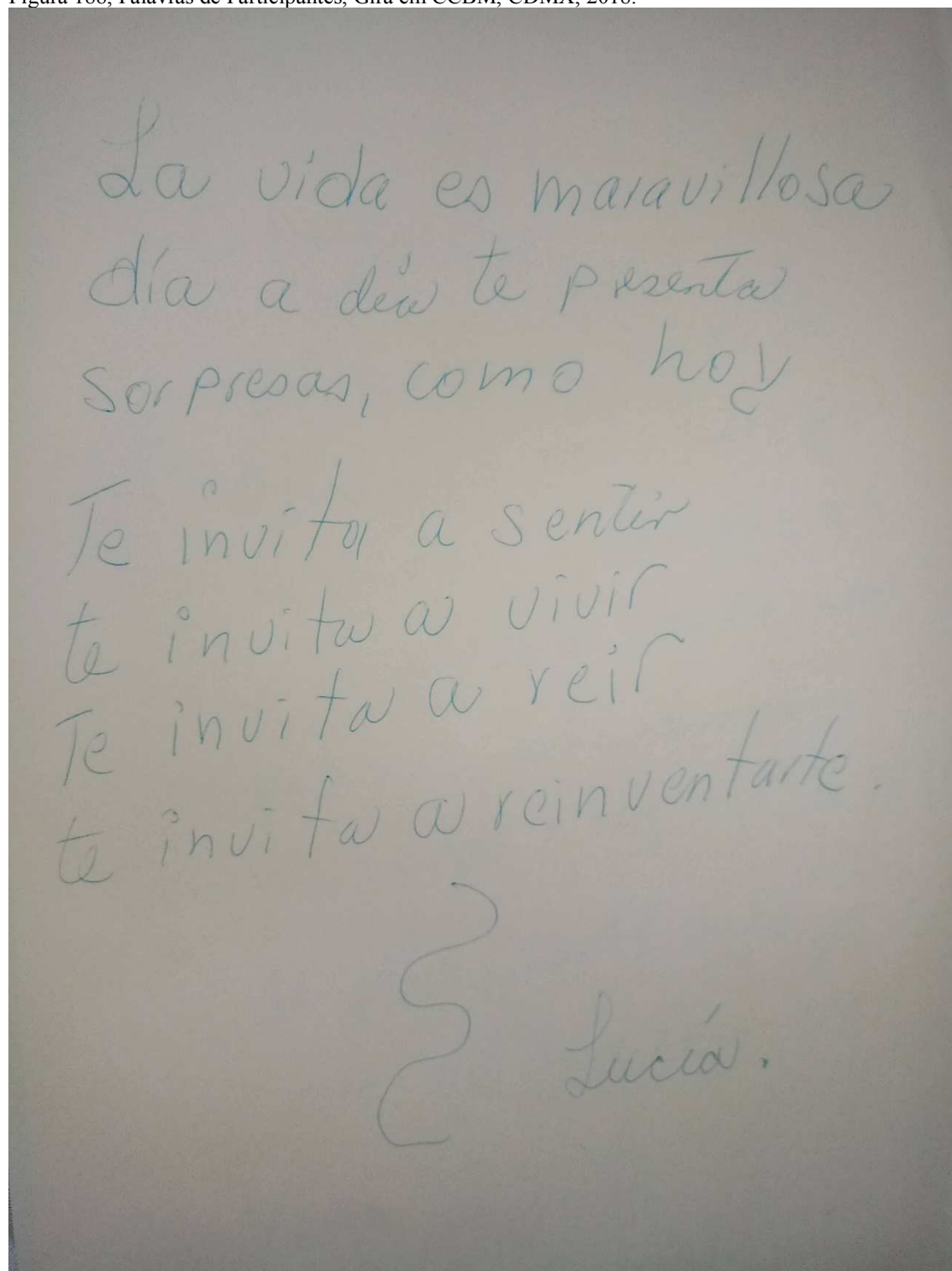


Imagem pela autora.

Figura 189, Palavras de Participantes, Gira em CCBM, CDMX, 2018.

Mulher
 para Gabriela

La mujer es madre
 no sólo de hijos
 sino de ~~de~~ sus creaciones
 de sus sueños soñados
 de sus logros alcanzados
 de sus triunfos
 y de sus fracasos
 que son un aprendizaje.

Constructora
 de
 ella
 misma

SER ELLA
 es su más GRANDE
 Música
 Danza
 Poesía.
 Ser amor

con cariño
 GGG

Imagem pela autora.

Figura 190, Palavras de Participantes, Gira em CCBM, CDMX, 2018.

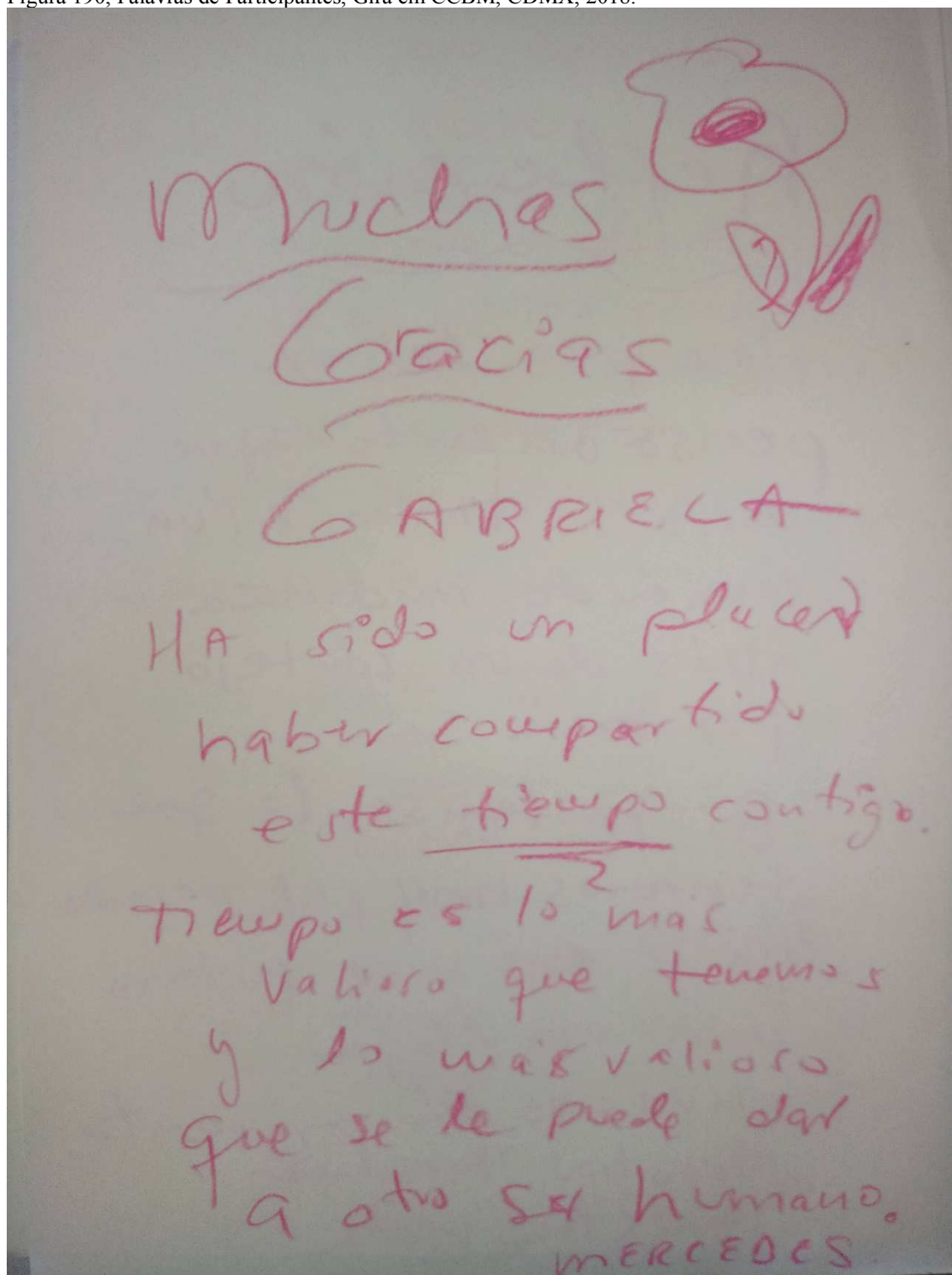
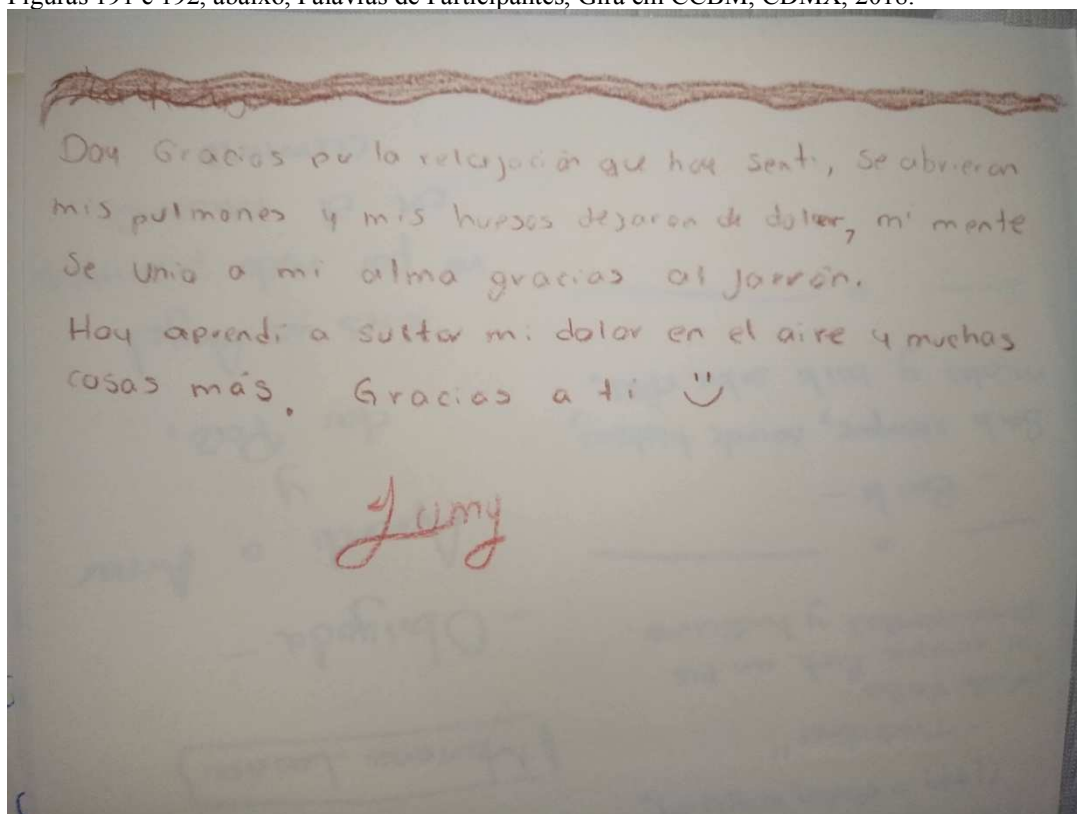


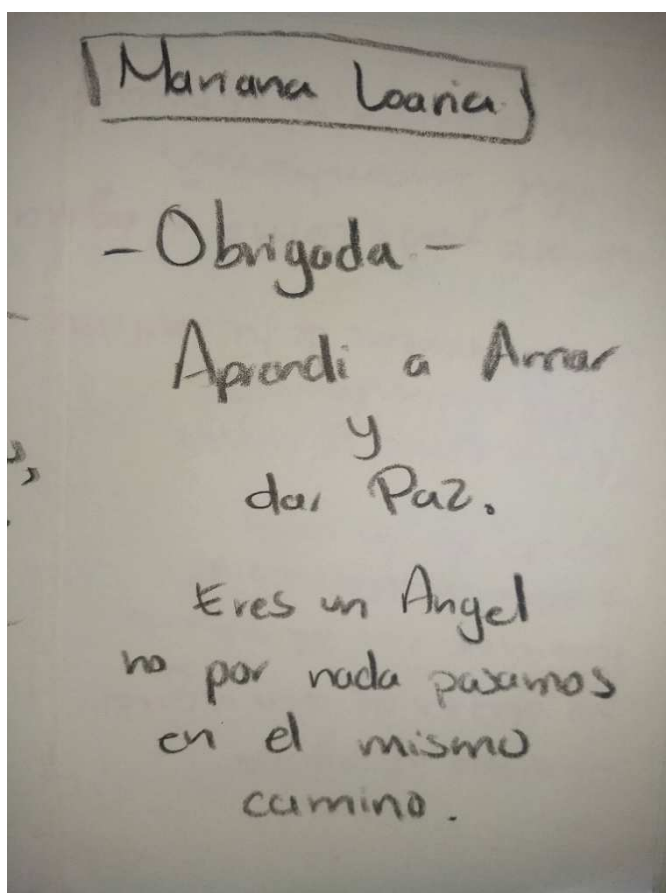
Imagem pela autora.

Figuras 191 e 192, abaixo, Palavras de Participantes, Gira em CCBM, CDMX, 2018.



Day Gracias por la relajación que hoy sentí, se abrieron
 mis pulmones y mis huesos dejaron de doler, mi mente
 se unió a mi alma gracias al jorron.
 Hoy aprendí a suutar mi dolor en el aire y muchas
 cosas más. Gracias a ti 😊
 Jemy

191

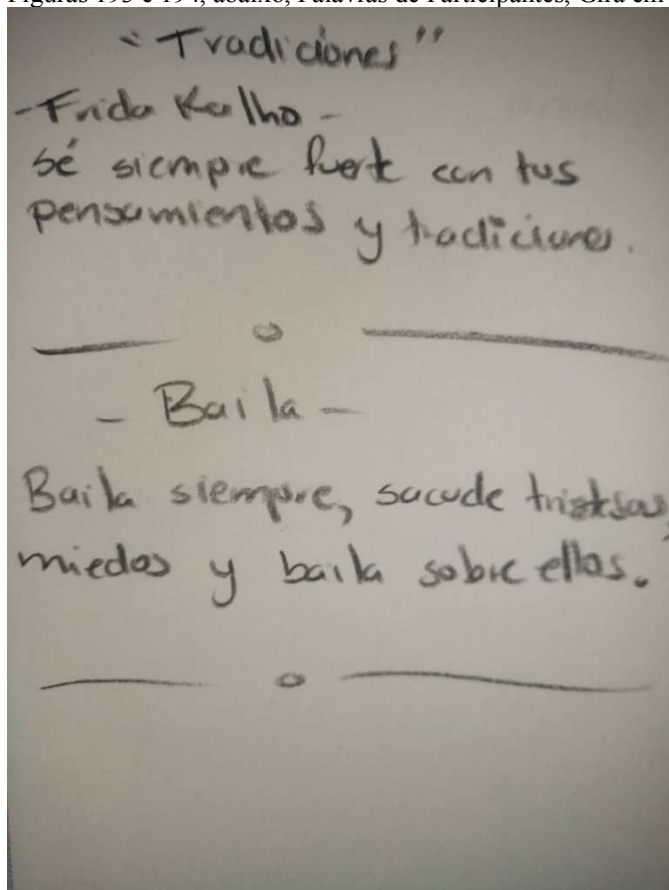


Mariana Loana
 -Obrigada-
 Aprendi a Amar
 y
 dar Paz.
 Eres un Angel
 no por nada pasamos
 en el mismo
 camino.

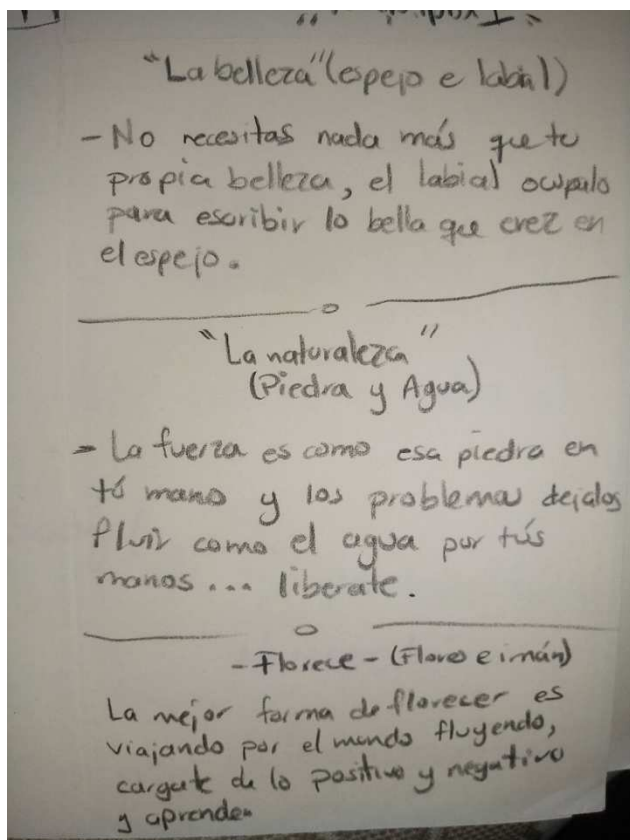
192

Imagens 191 e 192, acima, pela autora

Figuras 193 e 194, abaixo, Palavras de Participantes, Gira em CCBM, CDMX, 2018.



193



194

Imagens 193 e 194, acima, pela autora.

Figura 195, Palavras de Participantes, Gira em Espaço Cultural Vovó Conceição, Salvador-BA, 2018.

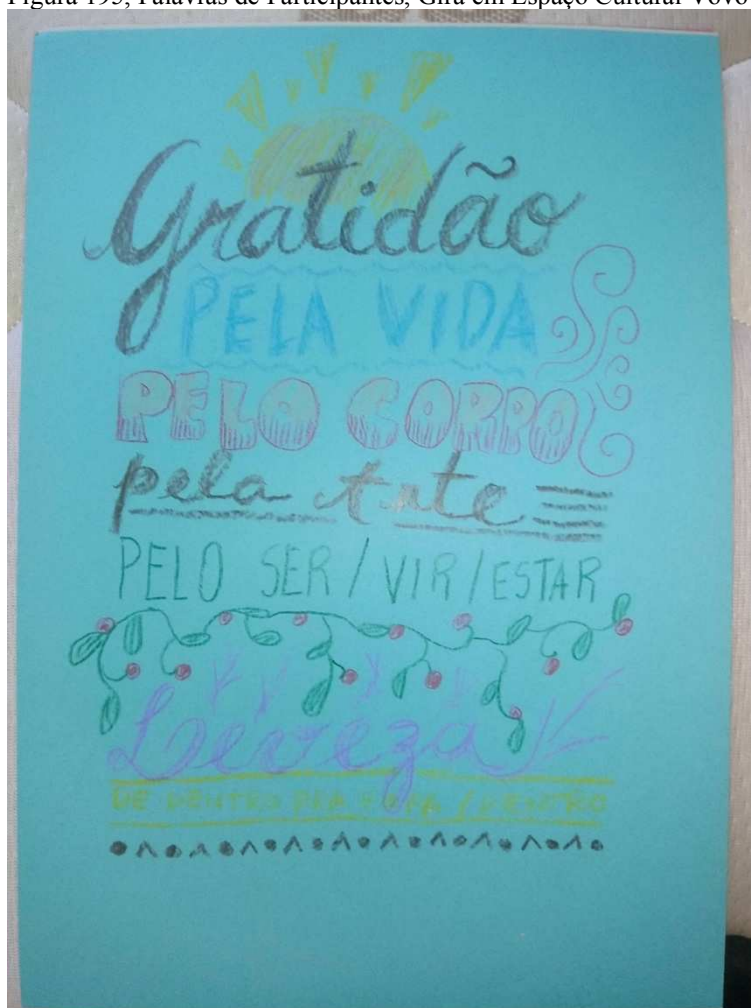


Imagem pela autora.

Figura 196, Palavras de Participantes, Gira em Espaço Cultural Vovó Conceição, Salvador-BA, 2018.

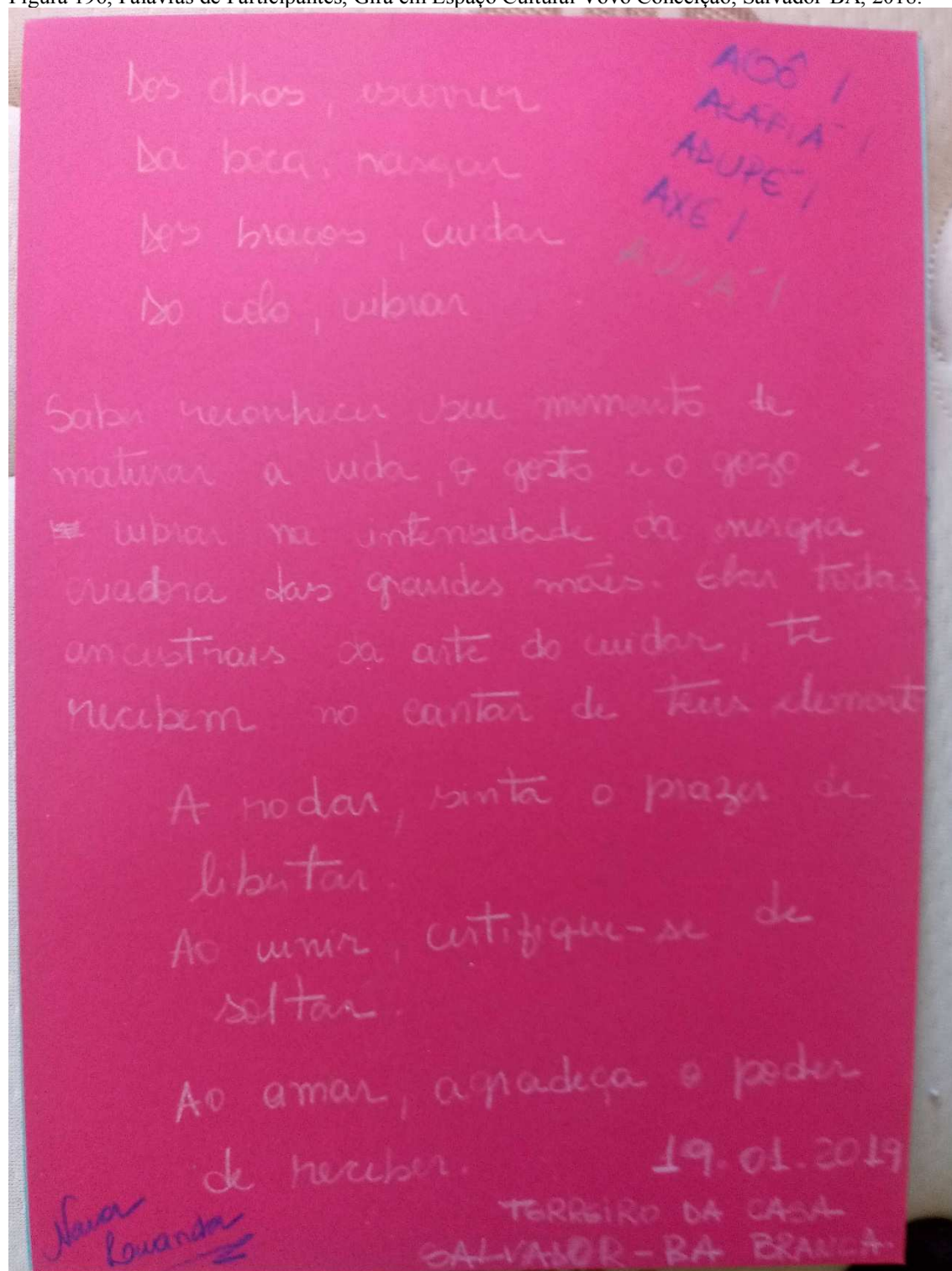


Imagem pela autora.

Figura 197, Palavras de Participantes, Gira em Espaço Cultural Vovó Conceição, Salvador-BA, 2018.



Imagem pela autora